

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FABIANA RODRIGUES SANTOS

**Práxis e ativismo formativos na divulgação científica:
a mediação como experiência formativa profissional**

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FABIANA RODRIGUES SANTOS

Práxis e ativismo formativos na divulgação científica: a mediação como experiência formativa profissional

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Doutora em Educação.

Área de Concentração: Educação Científica,
Matemática e Tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Luís Paulo Piassi

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FE/USP: Nicolly Soares Leite - CRB-8/8204

F118S Santos, Fabiana Rodrigues
antosp Práxis e ativismo formativos na divulgação científica: - a mediação como experiência formativa profissional / Fabiana Rodrigues Santos; orientador Luis Paulo de Carvalho Piassi. -- São Paulo, 2021.
400 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação Educação Científica, Matemática e Tecnológica) -- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2021.

1. ativismo científico. 2. pedagogia participativa. 3. análise semiótica. 4. divulgação científica. 5. ambiente democrático. I. Piassi, Luis Paulo de Carvalho, orient. II. Título.

FABIANA RODRIGUES SANTOS

**Práxis e ativismo formativos na divulgação científica: a mediação como
experiência formativa profissional**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título
de Doutora em Educação.

Aprovado em:

Tese Aprovada. São Paulo, SP, 12 de abril de 2021:

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr. (a): Amanda Cristina Teagno Lopes Marques

Instituição: Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

Julgamento: Aprovada

Prof.(a) Dr. (a): Delano Moody

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Julgamento: Aprovada

Prof.(a) Dr. (a): Germana Barata

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Julgamento: Aprovada

Prof.(a) Dr. (a): Luís Paulo de Carvalho Piassi

Instituição: Universidade de São Paulo (EACH)

Julgamento: Aprovada

Prof.(a) Dr. (a): Vânia Galindo Massabni

Instituição: Universidade de São Paulo (Esalq)

Julgamento: Aprovada

*Ao meu filho Pietro, dono do sorriso mais lindo.
Com você a minha história ganhou o melhor capítulo de todos.
Amo você!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus por me dar forças e por sempre me proteger.

Ao meu marido, Diogo, por todo apoio, companheirismo e amor.

Ao meu filho Pietro, que chegou a tão pouco tempo, mas já é minha maior motivação. Obrigada por ser paciente e compreensível, por não poder estar com a mamãe enquanto eu me dedicava aos estudos. Você é a minha alegria em sua forma máxima.

Ao meu irmão Fabio e aos meus pais, Cléo e Dilson, em especial à minha mãe, que mesmo sem o conhecimento profundo desse universo acadêmico, ensinou-me a ler o mundo de forma simples e honesta.

A minha sogra Marli pelo apoio, incentivo e compreensão, cuidando do Pietro sempre que precisei.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luís Paulo Piassi, por sua paciência, dedicação e ensinamentos, por trilhar comigo essa trajetória acadêmica desde a graduação.

Aos monitores Giovanna, Edmilson, Allan, Letícia, Yoko e Maria Geilsa, com quem criei um vínculo que foi além da pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Aos Profs. Drs. Maurício Pietrocola e Giuliano Reis, pelas contribuições durante a qualificação e aos Profs. Drs. Amanda Cristina Marques, Delano Moody, Germana Barata e Vânia Galindo Massabni pelos apontamentos valiosíssimos na minha defesa.

A todos do INTERFACES, Ricardo, Luís Finatti, Amandinha, Tuany, Dani, João, Francisco, Emerson, Rui e tantos outros que muito acrescentaram nas discussões, reflexões e momentos de descontração.

As amigas de profissão Carla Renata e Josi. Aos amigos Simone, Júlio, Kátia, Anderson, Vanessa, Rodrigo, Luciana, Fran, Marília, Neia, Edson, Luana, Eduardo, Flávia, Fernanda, Manuela, pela amizade sincera e por me proporcionarem momentos de distração nas ocasiões que mais precisei.

Agradeço a todas as pessoas do meu convívio que acreditaram e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a conclusão deste trabalho.

À CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

SANTOS, Fabiana Rodrigues. **Práxis e ativismo formativos na divulgação científica: a mediação como experiência formativa profissional**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Esta tese visa apresentar os resultados de um estudo que promoveu a formação profissional de estudantes, para a divulgação científica, utilizando como metodologia uma condução participativa. Tal estudo é realizado com uma equipe de estudantes de graduação de diferentes cursos que chegam até o projeto por meio de programas de extensão ou de maneira voluntária. Eles realizaram intervenções de divulgação científica no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), espaço não-formal de ensino. Entendemos ser importante uma formação focada no estudante, que leve em conta seus interesses e sua formação, podendo assim, gerar engajamento. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi construir um ambiente de estudos com caráter dialógico e colaborativo, que aproxime e possibilite o ativismo científico dos monitores por meio da pedagogia participativa. A partir disso objetiva-se que este ambiente consiga favorecer individualmente cada integrante por meio da orientação de seus projetos pessoais e ao mesmo tempo que seja conduzido com a ideia de unidade. Além disso, que o ambiente seja visto como um local de pesquisa e que promova o empoderamento de seus participantes. Para isso, a pedagogia em participação pela investigação praxeológica (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013) forneceu embasamento teórico metodológico para essa condução. Foi realizada a caracterização deste grupo de monitores, tendo em vista seu contexto sócio-histórico. O referencial de análise de dados foi a análise semiótica (FIORIN, 2007) e do discurso (MAINGUENEAU, 2004). Verificou-se que no contexto formativo criado, a utilização da metodologia participativa foi a competência ou instrumento de ação para a realização de um ambiente de pesquisa que se mostrou democrático, participativo e aberto ao protagonismo juvenil dos monitores. Ocorreu o estímulo às múltiplas conexões da ciência com os mais diversos âmbitos da cultura e das práticas sociais, além de gerar no estudante a ideia de unidade, em que ele se vê parte do processo, gerando engajamento e empoderamento, com reflexos positivos no âmbito acadêmico, profissional e pessoal. Tendo em vista a importância dos programas de extensão para a pesquisa foi proposta a realização de uma reflexão mais ampla sobre sua finalidade e sobre o papel do aluno pesquisador.

Palavras-chave: engajamento, ambiente democrático, ativismo científico, pedagogia participativa, empoderamento, análise semiótica, programas de extensão.

ABSTRACT

SANTOS, Fabiana Rodrigues. **Formative praxis and activism in science communication: mediation as a professional training experience.** 2021. Thesis (Doctorate in Education) - Faculty of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

This thesis aims to present the results of a study that promoted the professional training of students for scientific dissemination, using a participatory approach as a methodology. This study is carried out with a team of undergraduate students from different courses who come to the project through extension programs or on a voluntary basis. They carried out scientific dissemination interventions at the Center for Children and Adolescents (CCA), a non-formal educational space. We believe that training focused on the student is important, taking into account their interests and their training, thus generating engagement. Therefore, the objective of this research was to build a study environment with a dialogic and collaborative character, which brings together and enables the scientific activism of the monitors through participatory pedagogy. From this, the objective is that this environment can individually favor each member through the guidance of their personal projects and at the same time that it is conducted with the idea of unity. In addition, that the environment is seen as a place for research and that promotes the empowerment of its participants. For this, the pedagogy in participation through praxeological investigation (OLIVEIRA-FORMOSINHO and FORMOSINHO, 2013) provided a theoretical and methodological basis for this conduct. The characterization of this group of monitors was carried out, considering its socio-historical context. The data analysis framework was semiotic (FIORIN, 2007) and discourse (MAINGUENEAU, 2004) analysis. It was found that in the training context created, the use of participatory methodology was the competence or instrument of action to carry out a research environment that proved to be democratic, participatory and open to the youth protagonism of the monitors. Multiple connections between science and the most diverse spheres of culture and social practices were stimulated, in addition to generating in the student the idea of unity, in which he sees himself as part of the process, generating engagement and empowerment, with positive consequences in the academic sphere, professional and personal. Bearing in mind the importance of extension programs for research, it was proposed to carry out a broader reflection on their purpose and on the role of the student researcher.

Keywords: engagement, democratic environment, scientific activism, participatory pedagogy, empowerment, semiotic analysis, outreach programs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logotipos da Banca da Ciência e das Linhas de Investigação-Ação, produzido por estudantes integrantes do projeto.	63
Figura 2: Piquenique com os jovens do CCA.	66
Figura 4: Jogo na quadra da EACH-USP.	67
Figura 5: Visita monitorada na biblioteca da EACH-USP	67
Figura 6: Observação da exposição na biblioteca da EACJH-USP.	68
Figura 7: Tirinha sobre robôs.	71
Figura 8: Tirinha sobre Inteligência Artificial.	71
Figura 9: Batalha Naval no CCA.	111
Figura 10: Estações de atividades na banca da Ciência.	112
Figura 11: Alunos realizando atividade em uma das estações.	112
Figura 12: Alunas realizando atividade no campo.	113
Figura 14: Alunos desenhando na lixa com giz de cera.	113
Figura 15: Transposição da imagem para o tecido.	114
Figura 16: Atividade circense com os jovens do CCA.	114
Figura 17: Alongamento com os jovens do CCA.	115
Figura 18: Atividade circense com o grupo de monitores.	115
Figura 19: Atividade circense de relaxamento antes das reuniões.	116
Figura 20: Feedback da Monitora A sobre uma aplicação.	154
Figura 21: Sugestão de melhoria feito pela Monitora A.	156

Figura 22: Quadrado semiótico da monitora A.	160
Figura 23: Quadrado semiótico do monitor B.	164
Figura 24: Quadrado semiótico do monitor C.	168
Figura 25: Quadrado semiótico da monitora D.	172
Figura 26: Quadrado semiótico da monitora E.	176
Figura 27: Quadrado semiótico da monitora F.	179

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Questões orientadoras das entrevistas.....	103
Quadro 2: Cronograma CCA do 1º semestre de 2018.	106
Quadro 3: Cronograma atividades M.A.R.I.A. do 1º semestre de 2018.....	108
Quadro 4: Sequência canônica de quatro fases.	184

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de integrantes por curso.	119
Gráfico 2: Faixa etária dos integrantes.....	119
Gráfico 3: Classe social.	120
Gráfico 4: Cor ou raça dos integrantes do M.A.R.I.A.	120
Gráfico 5: Com quem residem os integrantes do M.A.R.I.A.	121
Gráfico 6: Ensino Médio dos integrantes do M.A.R.I.A.	121
Gráfico 7: Escolaridade dos pais dos integrantes do M.A.R.I.A.	122

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1. INTRODUÇÃO.....	18
2. FUNDAMENTAÇÃO E PROBLEMA.....	21
2.1. CIÊNCIAS: ALFABETIZAÇÃO, ATIVISMO OU DIVULGAÇÃO?.....	21
2.1.1. <i>Divulgação científica</i>	22
2.1.2. <i>Ativismo</i>	23
2.1.3. <i>Alfabetização científica</i>	25
2.2. REFLETINDO SOBRE O ATIVISMO JUVENIL	28
2.2.1. <i>Gerações</i>	29
2.2.2. <i>O conceito sociológico de geração</i>	30
2.3. JUVENTUDE: SIGNIFICADO, CLASSIFICAÇÃO E ESTUDOS	34
2.3.1. <i>Manifestações juvenis de junho de 2013</i>	37
2.3.2. <i>Legado deixado aos jovens pós junho de 2013</i>	41
2.3.3. <i>Empoderamento</i>	43
2.4. TRAJETOS FORMATIVOS: PRÁXIS, AÇÃO E REFLEXÃO	49
2.4.1. <i>Pedagogia em participação</i>	49
2.4.2. <i>Investigação praxeológica</i>	54
2.4.3. <i>A investigação praxeológica: um caminho para estudar as transições na pedagogia em participação</i>	57
3. A PESQUISA.....	62
3.1. BANCA DA CIÊNCIA NO CENTRO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	62
3.1.1. <i>Banca da Ciência</i>	62
3.1.2. <i>O M.A.R.I.A.</i>	63
3.1.3. <i>Práxis - relação teoria e prática na atividade em grupo</i>	65
3.1.4. <i>Trajetória do M.A.R.I.A.</i>	69
3.1.5. <i>Lúdico, o brincar e os jogos</i>	73
3.1.6. <i>O Brincar</i>	75
3.1.7. <i>Jogos</i>	76

3.1.8. <i>Recreação</i>	78
3.1.9. <i>O Centro para Crianças e Adolescentes</i>	80
3.1.10. <i>Programas estudantis</i>	81
3.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA COLETA E ANÁLISE DE DADOS	86
3.2.1. <i>Análise semiótica e do discurso</i>	86
3.2.2. <i>Percurso gerativo de sentido</i>	88
3.2.3. <i>Nível fundamental</i>	89
3.2.4. <i>Nível narrativo</i>	90
3.2.5. <i>Nível discursivo</i>	93
3.2.6. <i>A cena de enunciação</i>	96
3.3. METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS	101
3.4. ANÁLISE DOS DADOS	111
3.4.1. <i>Caracterização dos monitores</i>	116
3.4.2. <i>Reflexões sobre as entrevistas</i>	147
3.4.3. <i>Análise dos relatos</i>	158
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
ANEXOS	206
ANEXO 1 - FICHA DE ATIVIDADES	206
ANEXO 2 - GRAVAÇÕES DE ÁUDIOS DAS REUNIÕES.....	212
ANEXO 3 - ATAS DAS REUNIÕES.....	285
ANEXO 4 - IMAGENS DOS DIÁRIOS DE BORDO	290
ANEXO 5 - RELATOS DOS MONITORES	294
ANEXO 6 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	302

APRESENTAÇÃO

Entender minha trajetória acadêmica é fundamental para a compreensão dos meus objetivos enquanto doutoranda, pois ela me marcou e me fez trilhar um caminho de pesquisadora diferente. Todas as experiências e vivências que tive durante a realização e a participação em projetos de pesquisas, moldaram e modificaram meu olhar sobre a figura do aluno pesquisador, sobre sua participação, liberdade e importância. Atuar na pesquisa científica na posição de aluna de graduação, mestranda e por fim doutoranda, me fez refletir sobre as metodologias empregadas e sobre o quanto tais experiências podem acrescentar mais ou menos na carreira acadêmica de um estudante. Então, irei contar um pouco sobre a minha história acadêmica.

Me graduei em Licenciatura em Ciências da Natureza pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) no período de 2006 a 2009. Neste período realizei duas iniciações científicas como aluna bolsista pela Pró-Reitoria de Graduação da USP na área de matemática, realizando inclusive, a produção de conteúdo para a criação de um software educacional sobre a orientação da Prof. Dra. Rosana R. Signorelli Vargas. Tratava-se de um projeto desenvolvido junto ao grupo de Desenvolvimento de Softwares Educacionais para Ciências (DESSEC) da EACH-USP, portanto, acontecia junto com outras áreas de conhecimento, como a de Tecnologia da Informação. Esse projeto era realizado em parceria com a escola pública EMEF Dr. José Pedro Leite Cordeiro, onde eram realizados os testes dos jogos e das atividades elaboradas pelo grupo.

No ano de 2009 passei a trabalhar como estagiária bolsista (PIBIC/CNPq) na Estação Ciências da USP e foi quando conheci os professores Emerson Izidoro dos Santos, Rui Manoel de Bastos Vieira e Luís Paulo de Carvalho Piassi. Neste estágio eu

particpei da produção de um portal de ensino de ciências chamado CiênciaMão¹, no projeto “Central Interativa de Ensino por Investigação - CIENCIA”. Esse portal era voltado para o professor de ensino fundamental e médio, contendo recursos didáticos, materiais, links e informações. Após essa experiência, comecei a fazer parte do projeto Banca da Ciência² e decidi parar com as pesquisas na área de matemática e conhecer mais sobre o uso da ficção científica no ensino de ciências. No final do ano de 2009 defendi meu trabalho de conclusão de curso intitulado: “Ficção Científica como recurso didático no ensino de conteúdos de Educação Ambiental”, sobre a orientação do Prof. Dr. Luís Paulo de Carvalho Piassi. Para este trabalho foi feita uma pesquisa de campo na escola pública onde eu realizava estágio. Exibi o filme “Wall-E” para uma turma do Ensino Fundamental II para debater como ações antrópicas afetam o meio ambiente.

No primeiro semestre de 2010 eu passei no processo seletivo para o mestrado e ingressei no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências, tendo como área de concentração o Ensino de Física, ministrado na Universidade de São Paulo e nesse mesmo ano me casei. Fui aluna bolsista pela Capes nos anos de 2010 e 2011 e meu trabalho buscou verificar se é possível estabelecer relação entre a investigação científica e o gênero literário de romance policial, e a partir disso, criar uma forma diferenciada de ensino de investigação científica. Além disso, realizei a análise de uma obra de literatura infanto-juvenil em função dos conceitos científicos nela presente e da associação dos procedimentos de investigação que constam na história com a investigação científica. A partir de fevereiro de 2012 eu passei a lecionar no Ensino Fundamental II na rede estadual de ensino e muitos aprendizados e estudos do mestrado foram aplicados com meus alunos. Em setembro de 2013 defendi minha dissertação intitulada “Detetive ou cientista? A literatura policial infanto-juvenil como recurso didático na educação em ciências”.

¹ CiênciaMão - Produção de um repositório de recursos para a educação científica voltado para o professor de ensino fundamental e médio, contendo recursos didáticos, materiais, links e informações, além de sugestões de atividades. Endereço: <http://www.cienciamao.usp.br>

² Banca da Ciência: difusão dialógica da ciência na primeira infância e pré-adolescência - O projeto de pesquisa pretende investigar e realizar desenvolvimentos teóricos em torno da modalidade de divulgação científica que denominamos difusão dialógica da ciência (DDC) que se caracteriza por dar voz e mobilizar atores diversos em torno de práticas de comunicação da ciência, tendo como foco dois públicos: primeira infância (até 6 anos de idade), denominada vertente JOANINHA e pré-adolescência (10 a 14 anos), denominada vertente ALICE.

Mesmo com o término do mestrado, eu continuei participando do grupo de pesquisa Interfaces. No ano de 2014 eu estava como coordenadora no projeto JOANINHA, orientando graduandos na utilização de jogos no ensino. Esses graduandos eram monitores bolsistas de programas como o PIBID³, Ensinar com Pesquisa⁴ e Aprender com cultura⁵.

Eu realizava reuniões com os monitores na Biblioteca da Faculdade de Educação da USP. Nosso projeto nesse período era o JOANINHA e fiquei responsável pela escolha e compra de materiais de cunho didático, como jogos, brinquedos e artefatos que seriam utilizados nas atividades de divulgação científica voltadas para a temática lógica. Os jogos foram escolhidos como materiais facilitadores da aprendizagem da temática lógica, com alunos da primeira infância, devido a sua ludicidade. A proposta era utilizar jogos no ensino de temáticas científicas para alunos de escola pública da primeira infância, mais especificamente, jogos que estimulassem o raciocínio lógico. Juntamente com minha equipe, fizemos a pesquisa on-line e nas lojas físicas e avaliamos quais seriam apropriados. Esses jogos foram adquiridos com as verbas provenientes dos projetos e formulamos um curso de formação de professores.

Nesse curso de formação de professores, os monitores participaram ativamente. Cada um teve um momento de fala. Os temas foram divididos e cada um montou sua apresentação para os professores e eu fiquei só auxiliando na logística. O curso contou com uma parte teórica e outra prática. Na parte prática os monitores apresentaram os jogos e explicaram como eles poderiam ser utilizados em sala de aula. Tenho relatos de alguns monitores e um deles conta que esse momento foi muito enriquecedor pois houve troca de ideias sobre diferentes atividades que poderiam ser feitas com uso dos jogos.

Após essa formação de professores, houve aplicação prática com turmas de educação infantil. As discussões em grupo eram para definir os parâmetros a serem observados e a logística das aplicações. Eu tentava proporcionar um ambiente aberto

³ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Capes.

⁴ Programa que faz parte da política de valorização do ensino de graduação destinado ao apoio à permanência e à formação estudantil na Universidade de São Paulo.

⁵ Programa voltado para graduandos em projetos na área de cultura e extensão da Universidade de São Paulo

para as colocações dos graduandos e estimulador. Os resultados dessas atividades findaram em apresentações em eventos científicos.

Tive a experiência e a oportunidade de trabalhar na elaboração de orientações de conteúdos interdisciplinares do projeto Buriti voltada para o professor do Ensino Fundamental I, organizado pela da Editora Moderna no ano de 2014.

No início do ano de 2015 eu fiquei grávida, entretanto, continuei a fazer parte do grupo Interfaces. Como eu estava à frente das atividades com o uso de jogos voltados para a lógica, passei a coordenar na linha de pesquisa L.I.R.A.⁶ Nesse período começamos a estudar e aprender sobre investigação em astronáutica e robótica. A linha recebeu novos integrantes de cursos diversos e os monitores que já estavam ali foram realocadas conforme seus interesses de pesquisa. Nessa época tinha no grupo graduandos de cursos diversos, como Licenciatura em Ciências da Natureza, Gestão Ambiental e era composto em sua grande maioria de graduandos em Sistemas de Informação. O grupo como um todo passou a receber formação dos professores doutores e dos pares, cada um com seu conhecimento, seja em ensino ou em programação, para a elaboração das atividades de robótica que iríamos aplicar nas escolas de Ensino Fundamental II da região. Sempre foi muito enriquecedor as discussões em grupo e sempre achei necessária a abertura para que os alunos de graduação manifestassem suas opiniões sobre as ações que realizávamos.

Nesse período, participei do processo seletivo para ingresso no doutorado e no ano de 2016 ingressei no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação, com concentração em Educação Científica, Matemática e Tecnológica. Pouco tempo depois estive em licença maternidade. A princípio continuei na linha L.I.R.A., porém, no final do primeiro semestre de 2017, após uma reflexão a respeito do meu projeto de pesquisa, mudei de foco e estar na linha de pesquisa L.I.R.A. não parecia mais adequado aos meus objetivos e passei a coordenar a linha M.A.R.I.A.

No contexto do M.A.R.I.A. onde eu coloquei em prática meu projeto, passei a atuar na coordenação dos monitores juntamente com outros coordenadores, tanto

⁶ L.I.R.A.- Laboratórios de Inclusão em Robótica e Astronautica - realiza atividades em parceria com escola pública e a universidade no ensino da robótica. O nome faz referência a Jaqueline Lyra, engenheira mecânica carioca que trabalha na Nasa há mais de duas décadas

na vertente A.L.I.C.E.⁷, que realiza atividades com o público jovem do Ensino Fundamental II, como na vertente J.O.A.N.I.N.H.A.⁸, com crianças de até seis anos, atendendo à primeira infância. No início do primeiro semestre de 2018 os outros coordenadores saíram da linha e somente eu fiquei na posição de coordenadora. A composição do grupo mudou e passamos a trabalhar com seis monitores. No meio do semestre, uma das monitoras, que já estava na linha a cerca de dois anos, passou a coordenar comigo. Neste período do primeiro semestre de 2018 se deu parte da coleta de dados e dois anos depois, em 2020 solicitei aos monitores a escrita de um relato que foi crucial para essa pesquisa e sobre isso falaremos mais adiante.

Minha carreira profissional predomina na licenciatura, atuando nos níveis Fundamental I, II e Ensino Médio. Lecionei as disciplinas de Laboratório de ciências, Ciências, Matemática, Química e Biologia em escola pública e privada. Sou professora concursada de Ciências na prefeitura Municipal de Barueri e atuei como professora de ciências até o ano de 2019 e no ano de 2020 passei a integrar o grupo de apoio pedagógico da Secretaria de Educação de Barueri. Nesse setor eu sou responsável pela escrita do Conteúdo Curricular de Ciências, realizo as avaliações da rede, organizo a compra e distribuição de materiais de laboratório para as escolas, elaboro atividades complementares, entre outras atividades de cunho pedagógico.

⁷ A.L.I.C.E. - Arte e Lúdico na Investigação em Ciências na Escola, voltado para adolescentes de ambos os sexos.

⁸ J.O.A.N.I.N.H.A. - Jogar, Observar, Aprender, Narrar: investigando natureza, humanidades e arte na pré-escola.

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa utilizou o espaço do M.A.R.I.A. como contexto, que realiza a divulgação da ciência por meio da investigação das manifestações da alegria e do riso e de tudo que se relaciona com o brincar. Neste ambiente busca-se promover discussões éticas sobre sustentabilidade, inclusão, direitos dos animais, igualdade de gênero no contexto dos saberes das ciências naturais em suas diversas manifestações, com um público bem diverso. Essa divulgação é feita por alunos de graduação de cursos diversos, que atuam como monitores e que chegam até o projeto por diferentes motivos, como o interesse em trabalhos voltados para o social, experiência com projetos de extensão ou até mesmo por interesse em bolsas de estudo.

Tendo em vista esses monitores e o público atendido por eles nas ações de divulgação científica, surgem alguns desafios. Como articular e promover a difusão dialógica da ciência? Qual a importância das ações de divulgação científica e qual a visão dos jovens a respeito disso? De que forma o espaço de estudo e pesquisa do projeto deve ser para que haja a formação efetiva desse monitor? Quem é esse monitor que chega no projeto? Ele já vem com um olhar voltado para o social ou isso é construído ao longo do tempo? As ações realizadas no projeto podem interferir na prática com o público atendido pelo grupo? As experiências vivenciadas no projeto geram algum efeito no âmbito acadêmico, pessoal ou profissional desses monitores?

Estas questões serviram para direcionar nossa pesquisa tendo como objeto de estudo, o monitor. Entender quem ele é, seu contexto histórico social, a forma como eles são marcados durante sua passagem pelo grupo e como realizar o direcionamento deles no grupo é importantíssimo. Portanto, nosso problema de pesquisa é como deve se dar o trabalho com o aluno pesquisador, que busca projetos de extensão para a promoção de uma ampliação de seus aprendizados.

O objetivo geral desse trabalho é a promoção de um ambiente de pesquisa que seja dialógico e democrático e que contemple as demandas de cada monitor pautado na pedagogia participativa. A partir disso objetiva-se que esse ambiente consiga favorecer individualmente cada integrante por meio da orientação de seus projetos individuais e ao mesmo tempo que seja conduzido com a ideia de unidade. Além disso, é objetivo que este ambiente seja visto como um local de pesquisa e que promova o empoderamento de seus participantes.

Buscando a ampliação de visão de mundo e de conhecimento e a proximidade com temas relacionados às ciências, se faz necessária a ampliação e a democratização da divulgação da ciência, haja vista que isso pode influenciar nas escolhas de carreiras. Debater sobre a democratização da ciência pressupõe minimizar discrepâncias sociais e de gênero. Aschbacher, Li e Roth (2010) ressaltam o papel fundamental que as comunidades de prática desempenham na escolha da carreira e da identidade dos jovens. Mostram a necessidade de intervenções para ajudar os socializadores a entender melhor o valor e o propósito da alfabetização científica, de modo a encorajar os alunos a apreciar a ciência e estar atento às possíveis opções de carreira na ciência. Nesse sentido faz-se necessária a formação de socializadores da ciência que suscitem o engajamento pelo estímulo às múltiplas conexões da ciência com os mais diversos âmbitos da cultura e das práticas sociais.

Isso pressupõe entendermos o que é essa forma de difusão da ciência praticada pelos monitores do projeto. É alfabetização científica, ativismo científico, divulgação científica ou alguma outra coisa? Portanto, no primeiro capítulo nos debruçamos sobre essa discussão, com o intuito de apresentarmos as diferentes visões sobre a forma como a ciência é divulgada abordando as diferentes propostas e os diferentes focos utilizados em cada uma dessas vertentes no campo da ciência. Além disso, falamos sobre sua importância, afinal, por meio dela diferentes públicos tem acesso aos resultados provenientes da ciência em uma linguagem diferenciada e acessível.

No capítulo seguinte, voltamos à questão levantada anteriormente de buscar entender melhor quem é esse estudante de graduação que chega ao grupo, o monitor. Entendemos que caracterizá-los em relação ao seu contexto, seus posicionamentos, seus anseios culturais e interesses é importante para entendermos

suas formas de atuação dentro do projeto e a partir disso, pensar em estratégias de formação. A ideia desse capítulo é refletir sobre o ativismo juvenil dos jovens das gerações que precedem os monitores e refletir se de alguma forma, movimentos ativistas marcaram essa atual geração e se isso é constatado nos monitores. Fazemos uma apresentação do que é o ativismo juvenil e iniciamos uma reflexão sobre a possibilidade de se estabelecer relações entre ativismo, a divulgação, a alfabetização e o ativismo científico.

Em seguida, no capítulo quatro apresentamos o contexto no qual realizamos nosso projeto. O grupo de pesquisa é composto por seis alunos de graduação de cursos variados da EACH-USP que atuam na divulgação da ciência por meio do lúdico. As atividades de divulgação científica por eles realizadas ocorrem no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) localizado em um bairro vulnerável, e de difícil acesso, o Jardim Keralux, na zona leste da cidade de São Paulo a poucos metros da EACHUSP. Ao contextualizarmos nossa pesquisa falamos sobre sua história e as mudanças em sua composição até chegar no nosso modelo de pesquisa.

Por meio do projeto propomos uma forma de condução do grupo fundamentada teoricamente no capítulo cinco, por meio de uma dinâmica em que os saberes se desdobram em práticas sociais, de forma investigativa, interativa e instigante, possibilitando um diálogo sobre as possibilidades de ações de forma democrática. Tal proposta foi utilizada durante todo o processo e formulamos um método de coleta e análise de dados apresentado no capítulo seguinte. A partir da análise dos discursos, ou seja, das falas e das escritas dos monitores do grupo, teremos mais clareza de seus valores, práticas e ideais e isso é de suma importância.

Os monitores percebem o contexto do grupo de pesquisa como um ambiente de formação acadêmica e profissional tendo em vista as especificidades das escolhas profissionais de cada integrante? O que os motiva a participarem da linha de pesquisa? O ambiente ali criado gera a ideia de pertencimento tendo como consequência o engajamento nas atividades sociais ali propostas? O ambiente de pesquisa os marca de alguma forma, trazendo ganhos, benefícios ou prejuízos para sua vida profissional, acadêmica ou pessoal? Tais questionamentos permeiam nosso estudo e buscamos elucidá-los no decorrer deste trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO E PROBLEMA

2.1. Ciências: alfabetização, ativismo ou divulgação?

As propostas de divulgação da ciência são práticas que tem crescido muito nos últimos anos, por meio do acesso a conhecimentos e a produtos provenientes da ciência, porém, a realização de reflexões acerca das relações da ciência com a sociedade é pouco praticada. O fomento dessa prática muitas vezes esteve restrito aos poucos museus e centros de ciências do país, mas vemos que isso tem se ampliado, como por exemplo, por meio do papel determinante que a mídia desempenha nos dias de hoje na divulgação e construção social da ciência (VAN DIJCK, 2003; BELL et al., 2009).

A ação de aproximar a ciência da população vem sendo nomeada de diversas formas: popularização da ciência (GERMANO, 2005), alfabetização científica (SASSERON, 2015; CHASSOT, 2003), letramento científico (SANTOS, 2007), divulgação científica (BUENO, 1985; ALBAGLI, 1996; MASSARANI, 1998; LOUREIRO, 2003; CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003), comunicação científica (DUARTE, 2003; MUELLER, 2006) ativismo (MARQUES e REIS, 2015) e cultura científica (VOGT, 2003). Há também a ideia de “difusão dialógica da ciência” proposta por Alves, Silva e Piassi (2017) que não carrega a concepção do modelo de déficit em que a informação percorre um caminho unidirecional, em contraposição ao que propomos, isto é, um debate ou um questionamento crítico, tendo em vista uma perspectiva problematizadora.

Será apresentado aqui um pouco dessas diferentes visões a respeito da aproximação da ciência com o público no geral, seja ele, o escolar ou o não escolar, no ambiente formal e não formal de ensino.

2.1.1. Divulgação científica

Segundo Cazelli, Marandino e Studart (2003), a implementação de museus no Brasil ampliou a divulgação científica e o ensino de ciências no país. Elas apresentam as mudanças tanto na criação de museus como no enfoque dado a esses locais, que promovem a divulgação científica, tendo em vista o contexto histórico. A princípio, os museus realizavam uma organização taxonômica dos objetos para a exploração dos conceitos científicos e com o passar do tempo, passou-se a ter um enfoque mais interativo, se adaptando às estratégias dos museus da terceira geração (CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003).

Gaspar (1993) relata que a criação do IBECC⁹, vinculado à USP e a UNESCO¹⁰, foi o ponto de partida para as ações de educação científica formal e não formal no país na década de 1950. As ações foram voltadas para a reformulação do currículo, atualização de conteúdo, cursos, entre outros, por meio de produção de kits portáteis, equipamentos industriais e aparatos de baixo custo, com o objetivo de estimular o interesse pela ciência.

Na década de 1960, a comunidade científica brasileira se mobilizou na resolução de problemas no ensino. As tradicionais disciplinas queriam garantir um ensino “realmente científico” e para isso, exigiram laboratórios didáticos com aparelhagens específicas. Foram formados grupos de cientistas e professores secundários para a elaboração de materiais e projetos curriculares, porém, eles não conseguiram atender a demanda de professores na utilização desses materiais, culminando na criação do CECI¹¹, uma organização permanente de produção, aplicação e revisão dos materiais, tanto os impressos como os experimentais (CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003).

Na década de 1970, com o desenvolvimento industrial, aumenta a consciência ecológica e com isso, intensifica-se o interesse pela educação ambiental, trazendo para o currículo de ciências a importância das discussões, das implicações sociais no desenvolvimento da ciência (KRASILCHIK, 1987). A década de 1980 foi marcante, pois

⁹ Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura.

¹⁰ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

¹¹ Centro de Ciências

as instituições museológicas criadas na época introduziram atividades interativas e/ou ações educativas em níveis diversos, voltadas para o público, em especial, o escolar (CAZELLI, MARANDINO e STUART, 2003).

Já na década de 1990, ampliam-se as ações e experiências de divulgação científica em espaços não formais e outros, através da criação de novos museus de ciências com financiamentos públicos, entretanto, também houve iniciativas privadas de incentivo à educação científica.

2.1.2. Ativismo

Para Marques e Reis (2015), a ação e desenvolvimento de competências de ativismo é aumentada quando os alunos ainda no contexto escolar são encarados “como cidadãos capazes de contribuir para a solução dos problemas atuais”, ou seja, serem encorajados e sensibilizados a refletir e agir sobre problemas do presente, para aumentar as chances de exercerem uma cidadania ativa no futuro. A educação é o meio pela qual o “indivíduo é preparado para assumir um lugar ativo na sociedade”, gerando o empoderamento (do inglês *empowering*) dos cidadãos (MARQUES e REIS, 2015).

É necessário que os cidadãos estejam preparados para lidar com problemas que afetam a sociedade como um todo, se colocando como atuantes na tomada de decisões, haja vista que esse não é um papel só adulto. Portanto, para Reis (2013) não se pode desperdiçar a oportunidade de formar cidadãos conscientes no contexto escolar, participantes da vida cívica. Tendo isso em vista, para Shor (1992) a educação empodera quando permite e transforma os cidadãos em agentes pensantes, críticos sociais e promotores de mudança. Para ele uma educação capacitadora é definida como uma pedagogia crítico-democrática para a mudança social. Jensen (2002) ressalta a importância de se encarar os alunos como parte da solução para os problemas atuais, utilizando a Educação em Ciências como suporte para essa visão, promovendo um comportamento ‘pró-ambiental’, que é o objetivo da educação ambiental.

Pensando nisso, o currículo deve ser voltado para a ação sociopolítica (Hodson, 2018), contrapondo um currículo baseado simplesmente na apreensão de conteúdos e conceitos científicos. Para ele,

Uma vez que os estudantes reconheceram que a investigação científica é influenciada pelo contexto sociocultural em que ela está situada, o próximo e óbvio passo é direcionar a atenção dos estudantes para as formas nas quais a ciência e a tecnologia são influenciadas por determinados interesses setoriais e as maneiras pelas quais as normas e os valores da prática científica são, por vezes, subordinados aos interesses comerciais ou mesmo violados em busca deles. A intenção é ajudar os estudantes a olhar criticamente para o tipo de ciência e tecnologia em que nos envolvemos e os valores sociais, políticos, econômicos e ético-morais que orientam o desenvolvimento, e perguntar o que pode e deve ser alterado, a fim de alcançar democracias socialmente mais justas e assegurar estilos de vida ambientalmente mais sustentáveis (HODSON, 2018, p.34).

Sobre o currículo, Hodson (2018) diz:

Os estudantes que estão acostumados com um currículo de ciências tradicional estarão familiarizados com a ciência sendo apresentada como inteiramente racional, sistemática, analítica, despersonalizada e sem emoção, com poucas oportunidades para explorar sentimentos, sensibilidades e emoções. Quando confrontados com uma abordagem orientada a QSC, tais estudantes poderão ser surpreendidos por suas respostas emocionais para QSC e questões ambientais controversas pelo debate vívido e excitante em sala de aula. Se os aprendizes não têm capacidade para lidar com seus distúrbios emocionais ou para lidar com seus impulsos, torna-se difícil para eles se envolverem em atividades de aprendizagem, avaliar diferentes opções, aplicar julgamentos maduros e fundamentados e assumir a responsabilidade para sintetizarem seus pontos de vista. O contexto social em que o estudante está localizado fora da escola, pode ser um importante fator de impacto sobre a aprendizagem (HODSON, 2018, p.51).

É importante que os cidadãos jovens observem criticamente a sociedade que temos, os valores que a sustentam, e se questionem sobre as possíveis mudanças que podem ser feitas a fim de alcançar uma democracia socialmente mais justa e proporcionar estilos de vida ambientalmente mais sustentáveis (HODSON, 2018). Pensando nisso, o aluno precisa de conhecimento científico para que o envolvimento não seja meramente superficial, conhecimento orientado para a ação, por meio do qual o aluno é ativo na avaliação das situações problemas, com informação suficiente para argumentar, refletir e propor ações (MARQUES e REIS, 2015). Para Hodson (2018) isso se dá por meio da investigação, ou seja, do ativismo coletivo dos alunos, contrapondo com o senso-comum.

Para Marques e Reis (2015) o aprendizado deve ser focado na ação, por meio de exemplos bem sucedidos, pautado no envolvimento dos alunos em projetos

atitudinais, que busca a mudança, resultados tangíveis e consequências. Aprender a partir da ação ocorre quando os alunos refletem sobre a ação na tentativa de explicar para si e para a comunidade.

Para que os alunos estejam verdadeiramente envolvidos na ação e na resolução de problemas, Littledyke (2008 apud MARQUES e REIS, 2015) e Hodson (2018) acreditam que isso se dê a partir do seu envolvimento emocional. Isso significa dizer que o aluno se mobiliza no momento que ele percebe a ação próxima, ou seja, os impactos causados em sua vida, aumentando seu envolvimento emocional. Para isso, Hodson (2018) destaca que o papel do professor é fundamental, quando ele consegue captar a atenção do aluno e estreitar essa ligação, conectando-os a sentimentos positivos e empoderamento.

2.1.3. Alfabetização científica

Os estudos realizados por Sasseron evidenciam que a Alfabetização Científica se desenvolve e se relaciona com a argumentação e com o ensino por investigação. A Alfabetização Científica propõe o contato com resultados advindos de pesquisas científicas e seus condicionantes, tendo em vista a história e a cultura. Já a argumentação e o ensino por investigação, auxiliam nos trabalhos desenvolvidos por Sasseron e de outros, no estudo e na análise dos dados, bem como, nas formas de interação para o trabalho da Alfabetização Científica (SASSERON, 2015).

Diversos são os termos atribuídos a Alfabetização Científica, como, enculturação ou letramento científico, porém, o objetivo dela no ensino de ciências é que os conhecimentos científicos próprios do fazer científico sejam utilizados como suporte na análise de situações que envolvam ciências, possibilitando a tomada de decisão e o posicionamento (SASSERON, 2015, p. 56).

Trata-se de um processo contínuo, portanto, a Alfabetização Científica está em constante construção, conforme surjam novas demandas e situações, abarcando novos conhecimentos, sofrendo modificações e modificando conforme o contexto social, bem como, as contribuições e impactos gerados a outras áreas de conhecimento. Souza e Sasseron (2012) e Carvalho e Sasseron (2008) já propuseram em outros trabalhos que a Alfabetização Científica esteja presente no planejamento da aula e faça parte do processo de ensino. Para isso, foram estabelecidos três eixos estruturantes da Alfabetização Científica, que são:

(a) a compreensão básica de termos e conceitos científicos, retratando a importância de que os conteúdos curriculares próprios das ciências sejam debatidos na perspectiva de possibilitar o entendimento conceitual; (b) a compreensão da natureza da ciência e dos fatores que influenciam sua prática, [...] passando pela apresentação e pela discussão de episódios da história das ciências que ilustrem as diferentes influências presentes no momento de proposição de um novo conhecimento; e (c) o entendimento das relações entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente, permitindo uma visão mais completa e atualizada da ciência, vislumbrando relações que impactam a produção de conhecimento e são por ela impactadas (SASSERON, 2015, p. 57).

A grande questão que surge é: quais práticas em sala de aula possibilitam ao aluno, o desenvolvimento de atitudes críticas, propositivas e analíticas sobre as questões científicas que permeiam a sociedade? Sasseron (2015) traz estudos que mostram como o ensino por investigação tem sido utilizado nesse sentido e está cada vez mais presente no currículo. O intuito é que o ensino por investigação ofereça subsídios para que os alunos consigam resolver problemas, avaliar variáveis, além de possibilitar mudanças conceituais e por fim, desenvolver teorias, leis, modelos e ideias (SASSERON, 2015).

O ensino por investigação não é exclusivo ou restrito à disciplina de ciências, se mostrando adequado e apropriado à outras áreas do conhecimento. Na abordagem por investigação, o aluno tem papel ativo na construção do conhecimento científico, sendo assim, trata-se de uma estratégia didática, por meio da qual o professor atrai a atenção do aluno, pois “ao mesmo tempo em que travam contato com fenômenos naturais, pela busca de resolução de um problema, exercitam práticas e raciocínio de comparação, análise e avaliação bastante utilizado na prática científica” (SASSERON, 2015, p. 57).

(a) ao trabalho com dados na seriação, classificação e organização de informações; (b) ao levantamento e teste de hipóteses; (c) à construção de explicações, uso de justificativas e estabelecimento de previsões; e (d) ao uso do raciocínio lógico e raciocínio proporcional como forma de tornar uma ideia mais coerente (SOUZA e SASSERON, 2012, p. 58).

Focando mais na figura do aluno, no ensino por investigação, percebe-se que a argumentação é uma forma de comunicar ideias e conhecimentos. Sendo assim, partindo do pressuposto de que a argumentação é uma forma básica de pensamento e que ela está presente em momentos diversos, Sasseron (2015) ressalta que “as interações discursivas são promotoras do processo argumentativo, mas, ao mesmo tempo, fomentam as argumentações e colaboram para que elas sejam mais extensas e ricas em dimensões e em análise” (SASSERON, 2015, p.59 e 60).

Em aulas de ciências é bastante comum adotar a argumentação no debate de pontos de vista distintos, colocando opiniões pessoais em confronto. Mas a apropriação da argumentação como estratégia de ensino vai além: a avaliação de problemas, os processos engendrados para sua resolução e a comunicação de ideias resultam em um trabalho argumentativo de envolvimento com a linguagem científica (SASSERON, 2015, p.60).

Momentos discursivos enriquecem o pensamento e o intelectual. Sobre isso Leitão (2011, p. 15) ressalta que realizar movimentos cognitivo-discursivos ao fundamentar pontos de vista, levar em consideração contra-argumentos e os responder, conferem à argumentação uma dimensão epistêmica - “um mecanismo de produção/apropriação reflexiva do conhecimento, que toma a argumentação um recurso privilegiado em situações de ensino-aprendizagem”. No contexto do ensino, Leitão (2001, p. 39,40) fala sobre a importância do papel do professor na construção da argumentação e sobre as especificidades dela nos diferentes campos:

A construção de argumentos nos variados campos do conhecimento depende não só da mobilização de conteúdos específicos aos respectivos campos, mas, também, do apelo a tipos de raciocínio (razões/justificativas, objeções) de diferentes naturezas. Como brevemente referido, argumentar no campo das ciências requer o uso de experimentação e provas empíricas de uma forma bastante diversa da forma como justificativas são construídas, por exemplo) no campo da história, no qual fontes documentais podem ser vistas como elementos aceitáveis para fundamentar afirmações (pontos de vista) feitas. Em vista disso, assume lugar central o papel do professor na mobilização e legitimação de conhecimentos e raciocínios específicos, no curso mesmo da argumentação (LEITÃO, 2011, p. 39,40).

2.2. Refletindo sobre o Ativismo Juvenil

Vivemos ainda um momento em que a reconstrução das trajetórias sociais das gerações anteriores torna-se imprescindível para a análise e compreensão das ações coletivas empreendidas pelas novas gerações, bem como dos desafios que as mesmas enfrentam (MOTTA e WELLER, 2010, p.175).

Neste capítulo apresentaremos o contexto sócio histórico cultural que caracterizam os jovens estudantes de graduação que fazem parte da pesquisa. A importância de se fazer tal caracterização surgiu a partir da realização da disciplina ESC 5719-2/1 - Ficção Científica: História, Crítica e Relações Socioculturais com o Saber Científico, realizada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2017, ministrada pelo Prof. Dr. Luís Paulo Piassi. A partir da disciplina percebemos que caracterizá-los em relação ao seu contexto, seus posicionamentos, seus anseios culturais e interesses será importante para entendermos suas formas de atuação dentro do projeto e a partir disso, pensar em estratégias de formação. Os discursos, as falas e as escritas dos jovens do grupo serão investigadas para termos maior clareza sobre seus valores, práticas e ideais, haja vista que nas intervenções realizadas por esses jovens, com crianças e adolescentes, o discurso é importante e deve ser preparado a partir de suas especificidades.

Sendo assim, iremos aqui analisar as configurações de unidades geracionais que se constituem no contexto da cultura juvenil atual, tendo em vista a expansão global, ou seja, o contexto social que os cerca e os caracteriza, mas, ao mesmo tempo local, pois iremos focar e finalizar na análise do comportamento de alguns jovens universitários¹² da Universidade de São Paulo, tendo em vista o quanto tais movimentos influenciaram suas gerações e na constituição de suas identidades. A ideia é entender o contexto e os acontecimentos que marcaram essas unidades geracionais, as caracterizaram como tal e as unem em uma conexão geracional. Portanto, começaremos com um breve histórico do conceito de geração, faremos a

¹² Os jovens fazem parte do projeto Banca da Ciência, mais especificamente, das linhas de pesquisa M.A.R.I.A.

caracterização da juventude, posteriormente haverá um recorte temporal voltado para a participação de jovens nas manifestações de 2013. Iremos investigar para afirmar com maior segurança, se tal período pode ter sido um marco na constituição da atual juventude e por fim, faremos a análise dos jovens que fazem parte do nosso projeto.

2.2.1. Gerações

O termo gerações atualmente é utilizado de maneira exagerada e indiscriminada. Popularmente utilizado para denominar diferentes tipos de manifestações culturais, políticas ou de desenvolvimento tecnológico (geração hip-hop, geração caras pintadas e geração Y) tendo os meios contemporâneos de comunicação como seu importante difusor. Em contrapartida, ao mesmo tempo que é amplo também é restrito, ao ser tratado em muitos estudos sobre um viés isolado, em uma perspectiva que contempla uma determinada geração isolada de outras gerações e de seu tempo histórico. Por vezes ocorre a destruição de seu sentido teórico, ao servir para a nomeação de uma determinada faixa etária por exemplo (CORSTEN, 2010 apud MOTTA e WELLER, 2010, p.175).

Os estudos sobre gerações buscam resolver essa questão recorrendo a tradição antropológica no sentido genealógico ou de filiação do termo, mantendo uma função classificatória que abarca as posições da família e mais amplamente, sua organização social. Também se debruçam sobre a dimensão sociológica e política do termo, abordando as relações entre as gerações como relações de poder, tanto no âmbito familiar como no cenário macrossocial (MOTTA e WELLER, 2010, p.176).

Iremos aqui fazer uma abordagem da construção sociológica do termo geração com o intuito de ter um embasamento para a compreensão da atual configuração que permeia as novas gerações. O conceito sociológico de geração é embasado no contexto europeu que compreende o período entre a Grande Guerra e a Segunda Guerra Mundial, porém, ele está presente nos debates de cunho ideológico e político de outras regiões. É importante que tomemos conhecimento do conceito sociológico de geração a partir de uma perspectiva histórica para finalmente entender sua importância no contexto dos debates contemporâneos sobre juventude (FEIXA e LECCARDI, 2010).

De acordo com o estudo de alguns autores, Feixa e Leccardi (2010) concordam que o conceito de geração contemporâneo é marcado por três momentos sociopolíticos. O primeiro foi em 1920, que compreende o período entre guerras, em que surge a noção de ‘revezamento geracional’ devido a reformulação das bases filosóficas. O segundo foi por volta dos anos de 1960, no período de protestos, em que surge uma teoria baseada no conflito geracional, portanto, fundamentada na teoria de conflito (FEUER, 1968; MENDEL, 1969). Já o terceiro momento foi por volta dos anos de 1990, período de crescimento tecnológico digital, originando a ideia de sobreposição geracional pois nesse momento a habilidade dos jovens se sobressai perante as habilidades das gerações anteriores (TAPSCOTT 1998; CHISHOLM, 2005).

2.2.2. O conceito sociológico de geração

O conceito sociológico de geração tem como base as abordagens teóricas dos autores do século XIX, Augusto Comte (1998) e Dilthey (1989), que apesar de possuírem diferenças são a alicerce para as reflexões do século XX. Comte (1998) tinha uma concepção mecânica do tempo das gerações no sentido de identificar um tempo quantitativo para o progresso linear, uma visão matemática. Ele acredita que há uma relação entre progresso e sucessão das gerações e que progresso seria o resultado do “entrelaçamento equilibrado entre as mudanças produzidas pela nova geração e a estabilidade mantida pelas gerações mais velhas”. Nessa visão de continuidade, o progresso é identificado com as novas gerações, mas, não significa desvalorização do passado, ou seja, das gerações mais velhas. Comte (1998) mostra que “o tempo social é ‘biologizado’, que assim como o organismo, sofre a ação do tempo levando ao desgaste. Como consequência disso, com algumas ressalvas, as novas gerações substituem as antigas e o conflito só existiria caso fosse ampliado ou reduzido o tempo de vida humana, tendo como consequência, no primeiro caso, a frustração da nova geração por não ter espaço para se expressar. Se a busca por inovação fosse predominante, haveria um “desequilíbrio social que inevitavelmente romperia o ritmo do progresso” no segundo caso (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 187).

Já Dilthey (1989) tem uma visão historicista qualitativa dos vínculos estabelecidos entre os indivíduos das diferentes gerações. Ele entende que a

sucessão de gerações não é importante e sim que as gerações são definidas a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos. Nesse sentido, Feixa e Leccardi (2010) diz:

[...] consiste de pessoas que partilham o mesmo conjunto de experiências, o mesmo 'tempo qualitativo'. A formação das gerações foi conseqüentemente baseada em uma temporalidade concreta, constituída de acontecimentos e experiências compartilhadas. [...] as experiências históricas delimitam o pertencimento a uma geração, porque se fundam na existência humana. (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 188).

A teoria positivista de Comte e a teoria histórico-romântica de Dilthey são as bases utilizadas por Mannheim (1952) em suas reflexões sobre gerações. Ele é considerado “o fundador da abordagem moderna do tema gerações”. Segundo Feixa e Leccardi, (2010), sua análise foi “um divisor de águas na história sociológica do conceito” ao desenvolver sua teoria das gerações. Ele buscou se afastar do positivismo e da visão romântico-histórica e teve como objetivo “incluir as gerações em sua pesquisa sobre as bases sociais e existenciais do conhecimento em relação ao processo histórico-social”.

Surge assim um “laço geracional” devido a dois fatores, o desenrolar de acontecimentos que geram quebras na continuidade histórica e o fato desses acontecimentos serem vivenciados por membros de um determinado “grupo etário em uma conexão constitutiva particular”. Tendo isso em vista, para Mannheim, “através do conceito de geração, os longos tempos da história são fixados em relação aos tempos da existência humana e entrelaçados com a mudança social” (FEIXA e LECCARDI, 2010, p.190).

Para Mannheim (1964) conexão geracional é dada pela proximidade do ano de nascimento no âmbito histórico-social. Para ele a posição geracional no meio social não está relacionada apenas ao período cronológico de vida do indivíduo, mas sim, pelo fato dele poder experienciar os mesmos acontecimentos, ou seja, acontecimentos biográficos paralelos, possibilitando que pessoas contemporâneas desenvolvam perspectivas similares. Porém, para Motta e Weller (2010, p.176 e 177) não é o fato de estar presente em um determinado momento histórico-social que desenvolverá uma visão comum entre pessoas de idades correspondentes, mas sim o fato de haver uma participação em uma prática coletiva, gerando assim, um vínculo geracional através da “vivência e da reflexão coletiva em torno dos mesmos acontecimentos”.

Finalmente, na teoria apresentada por Philip Abrams (1982 apud FEIXA e LECCARDI, 2010) há uma “conexão entre tempo individual e tempo social - uma relação crucial na pesquisa geracional”. Ele relacionou a noção histórico-social de geração elaborada por Mannheim à identidade. Aqui o conceito de identidade está desligado do viés dado ao termo pela psicologia e pela linguística, se atendo a identidade apenas como uma ligação entre a dimensão da história individual e da história social.

Para Abrams, uma geração:

[...] no sentido sociológico, é o período de tempo durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis. Assim, novas gerações criam novas identidades e novas possibilidades para a ação. Sociologicamente, portanto, as gerações não surgem da cadência temporal estabelecida por uma sucessão de gerações biológicas. Em outras palavras: não há padronização do tempo para medir ou prognosticar seu ritmo. Do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos. Pode incluir uma pluralidade de gerações biográficas ou, como na história de muitas sociedades tradicionais, apresentar apenas uma geração sociológica. Elas cessam quando novos e grandes eventos históricos - ou, mais frequentemente, quando lentos e não catastróficos processos econômicos, políticos e de natureza cultural - tornam o sistema anterior e as experiências sociais a ela relacionadas sem significado (FEIXA e LECCARDI, 2010, p.190,191).

Tendo isso em vista, uma geração surge a partir de uma ruptura importante em uma determinada época histórica e institucional, mostrando que o tempo histórico-social -a mudança- é visto como elemento foco na formulação de novas identidades sociais e novas gerações. Em suma, o tempo biográfico e o tempo histórico dão surgimento a uma geração social.

Essa abordagem sociológica do conceito de geração é de suma importância para o entendimento do nosso atual cenário. Percebemos a partir de Mannheim (1964), pode haver diferentes unidades geracionais com visões e perspectivas diferentes referente a um mesmo fato e que partilham de uma mesma “conexão geracional”.

Motta e Weller (2010, p.177) nos mostra que não devemos caracterizar um grupo devido a suas especificidades, vendo-o como uma unidade geracional coesa e concreta, mas sim, nos atermos a suas ações, intenções e atuações. Os que pertencem a uma mesma unidade geracional partilham das mesmas “tendências

formadoras de um coletivo surgidas a partir da apropriação” dos conteúdos que possuem em comum.

Perguntar-se pelos motivos das ações desses atores coletivos envolvidos em processos de constituição de gerações implica uma análise da conjuntura histórica, política e social em que se encontram inseridos. Nesse sentido, a abordagem das relações sociais a partir das posições geracionais significa uma análise inescapável de trajetórias sociais no tempo; no tempo existencial dos indivíduos e no tempo social, coletivo e histórico, portanto, tanto de tendências à mudança como a permanências (MOTTA e WELLER, 2010, p.177).

Entender os motivos que uniram esses atores sociais é de suma importância, pois assim como dito por Abrams que vem ampliando a perspectiva mannheimiana, ao inserir o conceito de identidade, geração é dada a partir do “entrelaçamento das histórias individual e social” dos indivíduos (MOTTA e WELLER, 2010, p.177).

Gerações é o lugar em que dois tempos diferentes, o do curso da vida e o da experiência histórica, são sincronizados. O tempo biográfico e o tempo histórico fundem-se e transformam-se criando, desse modo, uma geração social (ABRAMS, 1982 apud MOTTA e WELLER, 2010, p.177).

2.3. Juventude: significado, classificação e estudos

No Brasil, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) com o apoio da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), formulou, planejou e executou a Política Nacional de Juventude (PNJ). Este documento foi criado com a finalidade de servir de base para se firmar uma política pública avançada para a juventude brasileira. Em 2013, foi estabelecido no PNJ que a faixa etária dos jovens, está entre 15 e 29 anos, tendo em vista a aprovação do Estatuto da Juventude (Lei no 12.852/2013), em 2013 (BRASIL, 2017, p. 12 a 15).

No Brasil, a princípio, a juventude não possuía proteção em relação a seus direitos sociais, econômicos e culturais. Em 1927 o Código de Menores sancionado pelo Decreto nº 17 943, deu início à ação do Estado em políticas para a juventude, porém a proteção abarcava apenas a infância e adolescência, ou seja, apenas uma parte da juventude. Políticas públicas de caráter geracional voltadas para a juventude são recentes, sendo que somente a partir de 1980, devido a movimentos sociais que o reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente passou a ser debatido. Com a entrada do Brasil na Organização das Nações Unidas (ONU) em 1º de janeiro de 1942 o país avançou, pois em 1990 houve a criação do Estatuto da Criança (ECA, Lei nº 8.069), representando um grande avanço na defesa dos direitos da criança e do adolescente, e eles passaram a ser vistos como sujeitos de direito. Tal fato deu maior visibilidade à juventude (SILVA e SILVA, 2011).

Segundo Silva e Silva (2011), a palavra juventude possui diferentes significados e essa variação depende do contexto histórico, social, econômico e cultural do momento e não a faixa etária. O sentido mais difundido seria que, a juventude é uma transição entre adolescência e a vida adulta, ou seja, o período em que o sujeito se prepara para o que há de vir. Devido à dificuldade de se classificar e a heterogeneidade de características que os jovens possuem conforme o contexto, tem-se usado a expressão “juventudes” com o intuito de abarcar todas as identidades singulares possíveis dos jovens conforme sua realidade (SILVA e SILVA, 2011).

Para Sposito (1997, p. 38), a partir de seus estudos, ela percebe que embora a maior parte das análises sejam baseadas nessa condição de transitoriedade da heteronomia¹³ da criança para a autonomia do adulto, ao se buscar a definição do jovem, “o modo como se dá essa passagem, sua duração e características têm variado nos processos concretos e nas formas de abordagem dos estudos que tradicionalmente se dedicam ao tema”. Ela apresenta uma tentativa de sistematização de autores que investigam a juventude feita por Pais (1990 apud SPOSITO, 1997), em duas vertentes, a primeira que vê a juventude como um conjunto social proveniente de uma determinada fase de vida, com ênfase nos aspectos geracionais; e a segunda que abarcaria outras dimensões da vida social, em especial, das diferentes situações de classe. Para exemplificar que para a juventude o modo de apreensão desses problemas sociais muda com o decorrer do período histórico, ela mostra que na década de 60, a juventude era vista como “protagonista de uma crise de valores e de um conflito de gerações essencialmente situado sobre o terreno dos comportamentos éticos e culturais”, porém, a partir da década de 70 os estudos sobre a juventude foram baseados em sua entrada no mercado de trabalho, quase transformando-a em uma categoria econômica. Nessa mesma perspectiva, nos anos 20 os estudos nos EUA, voltados para as gangues foi perdendo espaço nos anos 60, para os movimentos contracultura e manifestações estudantis. Na década de 80 volta à temática das gangues devido ao aumento da violência juvenil.

Para Pierre Bourdieu (1983) juventude é apenas uma palavra, e utilizar o termo juventude de forma generalizada, englobando todos os jovens como se fossem uma unidade social, um grupo com interesses comuns e classificá-los dentro de uma idade biologicamente definida, é visto por ele como algo arbitrário, irreal, se tratando de uma manipulação evidente e uma violação da linguagem. Segundo ele, há várias ou pelo menos duas juventudes, a burguesa e a das classes populares, que possuem entre si diferenças cruciais, em todos os setores de suas vidas. Em uma entrevista concedida a Anne-Marie Métaillé, ele diz:

O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos

¹³ sujeição a uma lei exterior ou à vontade de outrem; ausência de autonomia.

do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. Quando passamos dos intelectuais para os diretores-executivos, tudo aquilo que aparenta juventude, cabelos longos, jeans, etc., desaparece. Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como ser e cortar as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta ("nouvelle vague", "novo romance", "novos filósofos", "novos juízes", etc.). Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BORDIEU, 1983, p. 111).

Para Bourdieu (1983) é preciso pesquisar as diferenças entre as juventudes, ou pelo menos entre as duas juventudes propostas por ele, afinal, as condições de vida, o período de inserção no mercado de trabalho, o orçamento do tempo e dinheiro disponível, os gastos e custeios com moradia, alimentação, etc., variam entre "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes. Sendo assim, não se pode utilizar o mesmo conceito para definir de forma igualitária indivíduos que pertencem a universos sociais que praticamente não possuem nada de comum (BOURDIEU, 1983).

Num caso, temos um universo da adolescência, no sentido verdadeiro, isto é, da irresponsabilidade provisória: estes jovens estão numa espécie de no man's land social, são adultos para algumas coisas, são crianças para outras, jogam nos dois campos. É por isto que muitos adolescentes burgueses sonham em prolongar a adolescência: é o complexo de Frédéric de Éducation Sentimentale que eterniza a adolescência. Assim, as "duas juventudes" não apresentam outra coisa que dois pólos, dois extremos de um espaço de possibilidades oferecidas aos "jovens". Uma das contribuições interessantes do trabalho de Thévenot, é mostrar que entre estas posições extremas, o estudante burguês e, do outro lado, o jovem operário que nem mesmo tem adolescência, encontramos hoje todas as figuras intermediárias (BORDIEU, 1983, p. 112).

Tendo isso em vista, Sposito (1997) mostra que pesquisas em Educação voltadas para a juventude estão intrinsecamente ligadas às influências dos acontecimentos históricos e dos processos sociais do período estudado. Nesse sentido, percebemos que precisamos entender e caracterizar alguns marcos que precedem 2016, pois investigaremos se os movimentos juvenis que ganham força em 2013 influenciam o comportamento dos jovens estudados nesta pesquisa.

2.3.1. Manifestações juvenis de junho de 2013

Criticadas pelos meios de comunicação e por um conjunto de políticos, as manifestações, em especial as da cidade de São Paulo, surgiram devido a um processo de mobilidade social e de questionamentos dos jovens. A partir de junho de 2013 surge um conjunto de manifestações políticas em cidades brasileiras que a princípio começam com o Movimento Passe Livre (MPL), mas que com o tempo dá espaço e voz para a divulgação e o conhecimento de diversas outras organizações juvenis, com pautas de contestação política da ordem instituída. A “ideia de que a juventude está alheia à participação política” foi refutada por meio de estudos que averiguaram o anseio por mudanças, com um percentual alto de jovens ativos nesse sentido (Sousa, 2015, p. 12 e 13).

Os jovens contestadores foram os responsáveis pelos acontecimentos políticos que iniciaram as “Jornadas de junho de 2013”, “Protestos de junho”, “As revoltas de junho de 2013”, denominações que lhes foram atribuídas. Müller e Moreira (2015) dizem que esses protestos foram os maiores desde as Diretas Já e o *impeachment* do presidente Collor no Brasil. Conforme Sousa (2015) essa ação, que teve seu auge entre o dia 17 e 20 de junho e desencadeou o surgimento de uma grande onda de manifestações e protestos pelo Brasil. Ela relata que a magnitude foi tão grande que entre 16 de junho de 2013 até meados de 2015, momento de escrita de seu livro, foram realizados 1.786.375 manifestações e protestos na internet. Cabe ressaltar que as primeiras manifestações começaram nos meses de março e maio de 2011 nos estados de Natal, Goiânia e Porto Alegre em protesto ao aumento das tarifas, entretanto, só ganhou força quando houve a implantação do aumento na cidade de São Paulo (MÜLLER E MOREIRA, 2015).

Se referindo aos acontecimentos e manifestações políticas que eclodiram nas ruas em junho de 2013, Sousa (2015) nos diz:

[...] sem dúvida, essas manifestações foram desencadeadas por uma pauta de reivindicação específica de um movimento juvenil - o Movimento Passe Livre de São Paulo - e segundo, o movimento se revitalizou e permitiu a reorganização desse e de outros movimentos sociais e políticos de jovens, permitindo uma maior visibilidade da prática política de uma juventude contestadora no Brasil (SOUSA, 2015, p.132).

A princípio, as manifestações foram duramente reprimidas pelas forças policiais, mas nas duas primeiras semanas de junho o movimento ganhou força devido

a adesão de celebridades e ao grande volume de pessoas nas ruas. Devido a sua magnitude, logo o movimento se espalhou para outras cidades brasileiras e com o aumento do número de pessoas houve dois efeitos importantes: “a mudança da postura institucional do estado e da mídia tradicional e a incorporação de uma pauta de reivindicações diversificada” (MÜLLER E MOREIRA, 2015, p. 101).

Até então tratados como vândalos pela mídia, os manifestantes passaram a ser comparados aos Caras-Pintadas - pessoas que se mobilizaram na época do impeachment de Fernando Collor - e a repressão policial começou a ser vista com maus olhos. Além disso, políticos e governantes passaram a discursar no sentido de apoiar as manifestações (MÜLLER E MOREIRA, 2015, p. 101).

Em seu livro *A experiência contemporânea da política entre jovens brasileiros*, Sousa (2015) apresenta alguns movimentos jovens militantes: o MPL¹⁴, O Bandeira Negra, a Brigadas populares, a ANEL¹⁵, o Levante Popular da Juventude e os Black Blocs, que possuem características e focos específicos com fortes divergências mas, que ao mesmo tempo, possuem alguns pontos em comum, sendo eles, “a insatisfação com os caminhos políticos permitidos pelas instituições democráticas e, em contrapartida, a procura por opções diferentes para orientar suas formas de atuação nesse cenário”. Segundo a autora, tais formas de atuação retomam,

teorias que historicamente têm nutrido a formação de movimentos anarquistas libertários e socialistas, com ênfase nos anarquistas e autonomistas, com sua resistência contra o poder do Estado e as estruturas autoritárias de poder e pelas práticas alternativas horizontais de participação e decisão. Frases como ‘[...] caminhar em direção contrária às estruturas atuais de poder, que são falhas e massacrantes. Pensar em uma nova maneira de atuação política’ são recorrentes nos depoimentos coletados nas entrevistas com os jovens militantes aqui pesquisados. A crítica ao modelo político em vigor, aos partidos e à forma representativa de democracia parlamentar aparece com força nos discursos dos jovens ouvidos em todas as etapas da investigação. A representação e as instâncias da política institucional são tidas como inadequadas em um sentido bem objetivo: por sua verticalidade, se distanciam (partidos, políticos e instituições) e não conseguem responder à tarefa urgente de lidar com as demandas da população, notadamente as grandes necessidades que marcam um país socialmente injusto como o Brasil (SOUSA, 2015, p.287).

O uso desordenado do solo nas cidades, o crescimento da construção civil e dos programas sociais de habitação exigiam um planejamento urbano que não existiu. Com isso, a falta de uma reforma urbana gerou a precarização da oferta dos serviços urbanos, tendo em vista a demanda e o transporte público foi o foco dos

¹⁴ Movimento Passe Livre.

¹⁵ Assembleia Nacional dos Estudantes - Livre.

protestos nesse cenário. (MARICATO, 2013, p.19). Conforme Sousa (2015, p. 288) o Brasil tem um PIB que está entre os dez maiores do mundo, porém, tendo em vista alguns quesitos, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), classifica historicamente o Brasil, como um dos países mais pobres do planeta, demonstrando a grave concentração de riqueza. Devido a tal situação e a falta de garantias de direitos constitucionais, para os jovens organizados, “nada poderia estar mais distante - e essa distância entre o papel das instituições políticas e a garantia dos direitos básicos da população é citada como motivação para a organização e ação em grupos que querem agir para modificar tal cenário”.

Scherer-Warren (2014) mostra que havia uma mescla de pessoas provenientes de movimentos organizados, membros de grupos semi-organizados, partidos políticos e simpatizantes com a causa. Müller e Moreira (2015) mostram como a pauta de reivindicações aumentou devido a diversidade cultural de pessoas que aderiram o movimento. Entram na pauta o pedido por investimentos e melhorias no serviço público, rejeição de projetos (PECs 37 e 33), democratização da mídia massiva, a necessidade de uma reforma política e a melhor gestão dos gastos públicos, em especial, os gastos com a Copa do Mundo em 2014. Houve o aceite inédito dessa diversidade de pauta devido à alta insatisfação do povo (MÜLLER E MOREIRA, 2015).

As manifestações foram se transformando em uma diversidade de lutas específicas. Inicialmente, havia alguma identidade [...] Em seguida, elas situaram-se em torno de uma pluralidade, às vezes antagônica, de protestos e demandas relativos ao desempenho das instituições sociais e políticas, à carência de políticas públicas e à necessidade de legitimidade e legalidade no campo das mudanças culturais (SCHERER-WARREN, 2014, p. 427).

As organizações juvenis em sua maioria se mantêm afastados da política tradicional, porém, alguns grupos, como o próprio MPL, não se recusaram a fazer negociações com representantes do poder público e alguns grupos, aceitam partidos políticos em sua composição. Sousa nos mostra, que mesmo com essa abertura, as organizações juvenis “partilham o diagnóstico de que a organização na base, da população, e a ação direta são respostas mais contundentes para denunciar os problemas sociais”, portanto, deixam claro que suas lutas são pelo poder popular (SOUSA, 2015).

A estrutura interna e o modo de organização desses grupos procuram, como dito, em maior ou menor medida, seguir os preceitos das teorias que fundamentaram historicamente algumas organizações da esquerda, principalmente aquelas de tendência ou inspiração libertária: a

horizontalidade nos processos decisórios e a ação direta como forma de agir. São princípios, para pessoas desses grupos, que faltam não apenas na política institucional, como nos próprios partidos de esquerda (SOUSA, 2015, p.289).

Por meio da “democracia direta”, os jovens organizados entendem que as assembleias são o palco para a tomada de decisão, sempre que possível. Ou seja, é um processo sempre em construção e que dá voz ativa igualmente a todos os participantes. Quando é necessário que o processo de decisão se dê por representação, o representante que recebe o poder de voto está ciente que deve respeitar os princípios das discussões coletivas. Também a esse respeito, Sousa (2015) constatou que:

Componente do que pode ser entendido como horizontalidade, o trabalho sempre próximo às bases de atuação de cada coletivo serve ao crescimento e fortalecimento de cada organização, mas também é visto como fundamental na relação de cada coletivo com uma camada da população, uma garantia da intervenção democrática que leva em consideração o ethos da população, ou seja, não sobrepondo o ideário do seu coletivo sobre a população com quem estão comprometidos (SOUSA, 2015, p.290).

Em relação a sua composição, no geral, os grupos são compostos por jovens “oriundos de sindicatos, de partidos, de movimentos de luta por terra, por moradia”, sendo que só a Anel que tem jovens que são de fora da UNE¹⁶. Todos os grupos possuem um modelo de estrutura organizativa federativo, sendo que, apenas o coletivo Bandeira Negra estava restrito territorialmente ao estado de Santa Catarina, mas, em contrapartida, estabeleciam relações com organizações como a FAO¹⁷ e a FAU¹⁸. Nos grupos pesquisados por Sousa (2015, p. 290, 295),

[...] podemos destacar como ponto central nessas cinco organizações um apoio aos projetos que lidam diretamente com problemas identificados com a questão popular. As formas de resolução desses problemas - ‘escrachos’, manifestos de rua, ocupações -, ou seja, o que chamam de ação direta, são construídas dentro da orientação de respeitar esses projetos populares (moradia, transporte, educação, justiça) ou, em outros termos, dar conta das questões de classe (SOUSA, 2015, p.295).

As ações tomadas pelos jovens contestadores buscam, na visão da autora, recuperar o ideal formativo que eles não tiveram na educação da sua geração. Nem todos tiveram em sua infância um esclarecimento crítico, o que os aproximaram foram algumas circunstâncias relacionadas à política “e eles souberam, nos grupos

¹⁶ União Nacional dos Estudantes.

¹⁷ Federação Anarquista Organizada.

¹⁸ Federação Anarquista Uruguiaia.

de pertencimento, potencializar o pensamento como prática contestadora”. São jovens que não aceitam serem vetados, que neutralizem sua condição de autonomia, presos a um “protagonismo” domesticado, mas sim, que acreditam em táticas de ação direta no intuito de cobrar a promessa de democracia que ainda não veio (SOUSA, 2015, p. 298).

Após a entrada de ativistas radicais, o movimento perde força, esvaziando as manifestações, entretanto, as manifestações geraram resultados como a diminuição da tarifa e a rejeição da PEC 37. Müller e Moreira (2015) ressaltam que essa grande força ocorreu devido a organização por meio da internet, em um determinado período. As redes sociais como o Twitter, Facebook, Tumblr e blogs foram fundamentais no sucesso das manifestações, ao serem utilizados para a divulgação dos locais das manifestações, estratégias contra as repressões, ideologias, entre outros (MÜLLER E MOREIRA, 2015).

2.3.2. Legado deixado aos jovens pós junho de 2013

Pensando a respeito dos resultados dessas ações para a posteridade, tendo como base a literatura que discute os movimentos contemporâneos, Sousa (2015) nos mostra que:

[...] em se tratando de um projeto de sociedade, é importante que esperemos desses movimentos a criação de uma “durabilidade” da sua força política, ou seja, serem capazes de se expandir no espaço e no tempo para que contribuam para mudar a sociedade de uma forma, também, duradoura (SOUSA, 2015, p.302).

As manifestações de 2013, conseguiram criar uma unidade em busca de mudanças no campo institucional da política e lutou para encontrar caminhos para a ampliação dos direitos humanos e para que as vozes da cidadania tivessem espaço (SCHERER-WARREN, 2014).

O mês de junho de 2013 ficou marcado na história política brasileira, pois foi um período em que ocorreram vários protestos por todo o país. Diante do que foi presenciado é possível inferir que, a onda de protestos deixou heranças para a atualidade, como por exemplo, uma sociedade que começou a ter uma maior percepção de que uma mobilização pode influenciar na forma de governo. Outro ponto que pode ser salientado, é a visibilidade sobre as políticas públicas, que ficou

mais evidente dentro da sociedade. Sabendo que manifestações populares fazem parte da nossa história, pode-se dizer que é um legado que fica para que as pessoas não desistam nunca (SOUSA, 2015).

Os protestos de junho de 2013 deixam um questionamento: Porque as pessoas ficaram tanto tempo caladas, diante de um governo que muitas vezes tira seu direito? Depois das mobilizações de 2013, a sociedade percebeu a força que tem e um meio muito utilizado são as redes sociais, onde os jovens se unem para debater, expor opiniões, reivindicar direitos, ressaltar a indignação e se unir em busca de um futuro melhor para nosso país (SOUSA, 2015).

Sobre o uso das redes sociais nas manifestações, Müller e Moreira (2015) relatam:

Nascia assim, uma nova forma de manifestar a democracia, uma vez que o povo, de fato, influenciou na votação, de forma consciente, através das manifestações nas ruas e nas redes sociais digitais. Nessa conjuntura, se mostra com clareza solar, a força estrondosa e o poder de manipulação e fortalecimento das massas por meio das redes sociais digitais (MÜLLER E MOREIRA, 2015, p. 101).

A juventude possui características marcantes e a mobilização é uma delas, pois, se lutam por uma causa conseguem mobilizar toda a população em torno dela. Após 2013, pode-se dizer que foi o estopim para que os jovens fossem ouvidos, por exemplo no âmbito familiar, muitos jovens cresceram ouvindo dos pais "vote neste candidato, pois é nele que a família vai votar", hoje em dia as coisas mudaram, a juventude está tão integrada e conectada, que abrem um debate sobre política sem precisar da opinião de terceiros (SOUSA, 2015).

Diante do que foi abordado, Segundo Sousa (2015) a participação dos jovens na política cresceu consideravelmente e os mesmos não aceitam mais classes políticas que veem no futuro um passado. Como foi visto em 2013, a juventude não aceita mais a condição de ser calada e a grande maioria dos jovens não enxergam partidos políticos como solução, eles esperam que saiam resultados de sua união, com o objetivo de lutarem por um país melhor (SOUSA, 2015).

2.3.3. Empoderamento

Empoderamento é “um termo multifacetado, que se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutais. Este termo tem sido utilizado em diversos campos, inclusive no da saúde, no qual trabalham Kleba e Wendausen (2008). Eles nos ajudam no entendimento do assunto porque tratam de empoderamento no âmbito da vida social, fazendo uma separação para fins didáticos em níveis, sendo eles, o nível psicológico ou individual que gera autonomia e liberdade; o nível grupal ou organizacional em que ao interagir com o grupo, o indivíduo desenvolve respeito recíproco e apoio mútuo tendo como consequência o surgimento do sentimento de pertencimento; e o estrutural ou político que “favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania” (KLEBA e WENDAUSEN, 2009, p. 733).

Para Oakley e Clayton (2003, p.9) empoderamento está intrinsicamente ligado a poder:

O poder- formal, tradicional ou informal - está no coração de qualquer processo de transformação e é a dinâmica fundamental que determina as relações sociais e econômicas. Falar de empoderamento equivale a sugerir que há grupos que estão totalmente à margem do poder e que necessitam de apoio para ‘empoderar-se’. Essa é uma suposição simplificada já que todo grupo social possui algum grau de poder em relação ao seu ambiente imediato. Quando falamos de processo de ‘empoderamento’, nos referimos à posições relativas ao poder formal e informal desfrutado por diferentes grupos socioeconômicos, e às consequências dos grandes desequilíbrios na distribuição desse poder. Um processo de empoderamento busca intervir nestes desequilíbrios e ajudar a aumentar o poder daqueles grupos ‘desprovidos de poder’, relativamente aos que se beneficiam do acesso e uso do poder formal e informal (OAKLEY e CLAYTON, p.9).

Gohn (2004) apresenta “empowerment” ou empoderamento, forma como é traduzido no Brasil, como uma categoria que não tem um caráter universal. No Brasil pode ser utilizado de duas formas: para se referir a promoção de grupos tendo em vista seu crescimento e autonomia, bem como, pode referir-se a ações de simples integração dos excluídos, sem contribuição em sua organização, como em ações sociais assistenciais. Para a autora, o que irá diferenciar os dois tipos de processos e seus resultados é em especial, sua natureza, seu caráter e o sentido do projeto social da instituição que promove o processo de intervenção social. Diversos são esses monitores e saber quais são suas parcerias, com quem se organizam, sejam eles

ONGs, outras entidades ou movimentos sociais por exemplo, são fundamentais para entendê-los (GOHN, 2004).

Neste mesmo sentido, Gohn (2004, p. 23) cita Robert Putnam (1993 apud GOHN, 2004, p. 23) como “autor referencial nos estudos sobre a sociedade civil, ao final do século XX e início deste...que desenvolveu conceitos que são básicos para entender a questão do empoderamento, tais como comunidades cívicas e capital social”. Para Robert Putnam, comunidades cívicas se refere a cidadãos atuantes e imbuídos de espírito público que buscam relações políticas igualitárias de confiança tendo em vista atos democráticos de reciprocidade e cooperação. Nos anos 1990 ele deu um novo significado ao conceito de capital social para substituir o conceito de comunidades, que a seu ver era carregado de individualismo. Tendo isso em vista, capital social passa a referir-se à conexão existente entre os “indivíduos, as redes sociais que formam e às normas de reciprocidade e lealdade que nascem deles”. Não basta ter virtude cívica se não houver ligações entre esses indivíduos virtuosos.

Atualmente, capital social pode ser visto como algo gerado a partir da solidariedade e confiança estabelecida entre os membros de uma comunidade com o objetivo de superar problemas, mas também pode ser o “fruto de pessoas que são mobilizadas por essas ‘ativistas profissionais’” que realizam projetos que mobilizam pessoas da sociedade que não estavam atuando na economia formal por exemplo, dando a eles uma outra perspectiva a partir do esforço coletivo. Gohn retoma Putnam (2000, apud GOHN, 2005, p. 58) pois este fala que “é a partir dos esforços coletivos que podemos entender os processos de mudanças porque eles são geradores de capital social, tecido nas redes que os esforços coletivos demandam” (GOHN, 2005, p. 58).

Todas essas ressignificações bem como as mudanças da conjuntura política na economia globalizada exige um novo perfil e caráter da formação dos agentes monitores ou educadores (as) sociais. A esse respeito Gohn (2004) nos diz:

Ser apenas “ativista”, ter um largo currículo de militância ou de compromisso com certas lutas sociais, não é mais suficiente para qualificá-lo para o desempenho de suas tarefas. O novo educador deve ter outras qualificações além da militância. Para poder conhecer seus educandos, suas culturas, linguagens, valores e expectativas na vida, ele deve conhecer também a comunidade onde atua, ser sensível aos seus problemas. Para isso ele tem que dominar alguns conhecimentos. O educador tem que se formar e ser informado, não apenas na relação dialógica, mas em cursos de formação específica, combinados com cursos de formação geral (por isto os

programas de pós-graduação estão repletos de educadores advindos das ONGs (GOHN, 2004, p. 24).

Que capital social estamos querendo criar? Que tipo de participação estamos mobilizando por meio de nossas ações no projeto? Que qualificações o educador que atua nas intervenções deve ter? Quais conhecimentos se tem sobre o local de atuação? Que práticas adotar nos momentos de formação para que os educadores se sintam preparados e imbuídos de poder para se tornarem atuantes?

Para Gohn (2004) algumas considerações devem ser feitas sobre a participação, que se trata de uma categoria mais abrangente. Sobre a participação ela afirma:

a. Uma sociedade democrática só é possível via o caminho da participação dos indivíduos e grupos sociais organizados.

b. Não se muda a sociedade apenas com a participação no plano local, micro, mas é a partir do plano micro que se dá o processo de mudança e transformação na sociedade.

c. É no plano local, especialmente num dado território, que se concentram as energias e forças sociais da comunidade, constituindo o poder local daquela região; no local onde ocorrem as experiências, ele é a fonte do verdadeiro capital social, aquele que nasce e se alimenta da solidariedade como valor humano. O local gera capital social quando gera autoconfiança nos indivíduos de uma localidade, para que superem suas dificuldades. Gera, junto com a solidariedade, coesão social, forças emancipatórias, fontes para mudanças e transformação social.

d. É no território local que se localizam instituições importantes no cotidiano de vida da população, como as escolas, os postos de saúde etc. Mas o poder local de uma comunidade não existe a priori, tem que ser organizado, adensado em função de objetivos que respeitem as culturas e diversidades locais, que criem laços de pertencimento e identidade socio-cultural e política (Gohn, 2004, p. 24).

Oakley e Clayton (2003) em seu livro sobre como monitorar e avaliar o empoderamento, apresentam três estudos de caso como forma de exemplificar o conceito. Relatam que para explicarem o conceito de empoderamento, primeiramente precisamos entender outros conceitos, como ‘desenvolvimento’ e ‘poder’. Para eles o conceito de desenvolvimento sofreu muitas transformações e isso se deu em especial quando os pós modernos realizaram análises em diferentes contextos, em sua maioria, em países em desenvolvimento para demonstrar que a ‘marginalização e a opressão’ assim como os ‘desequilíbrios’ são as explicações para a pobreza e o subdesenvolvimento. Surge aí na década de 70, o conceito de poder, inerente à essa discussão, como conceito central que define os processos de

desenvolvimento, estabelecendo uma relação entre poder e pobreza (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.7).

Segundo Oakley e Clayton (2003), a corrente analítica chamada ‘escola do desenvolvimento alternativo’ reuniu evidências que deram força ao conceito de ‘empoderamento’ contemporâneo, juntamente com o conceito de ‘participação’ em busca do desenvolvimento. Após fracassos de programas de promoção de desenvolvimento, no início dos anos 90 chegaram à conclusão que para se romper com o ciclo da pobreza um caminho possível seria a distribuição do poder. O conceito de poder não é novo e faz parte da maioria das relações e interações, porém, adotá-lo como conceito central nos processos de transformação e desenvolvimento foi uma prática nova.

Sociólogos distinguem três formas de poder: social, político e econômico, e o acesso a elas pode influenciar o progresso no âmbito individual, familiar e grupal. Antropólogos falam sobre o poder ser central na capacidade dos grupos sociais se desenvolverem e que isso é uma prática já antiga. Historicamente, as transformações giram em torno do poder. As mudanças nos processos sociais baseadas no poder e as ideias sobre desenvolvimento se combinaram em 1990 em torno da noção de ‘empoderamento’. Em pouco tempo o termo tornou-se comum e muito utilizado em diversos campos ao se pensar em desenvolvimento e ao mesmo tempo, continua sendo algo muito complexo, “que não se define facilmente e que está aberto a uma variedade de interpretações” (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.8 e 9).

A esse respeito Oakley e Clayton (2003, p. 9) dizem:

Qualquer tentativa de avaliar se dada intervenção permitiu à população “empoderar-se” deverá reconhecer a observação anterior, e por essa razão, uma compreensão do conceito do ponto de vista do desenvolvimento é crítica para a sua operacionalização como objetivo ou meta. Inevitavelmente, o conceito de empoderamento é mais fácil exposto do que posto em prática, e grande parte da literatura que acompanha a prática carece do rigor necessário para um conceito tão complexo que será utilizado operacionalmente (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p. 9).

A literatura sobre empoderamento tem aumentado desde a década de 90 e está atrelada a ideia de poder como fonte de mudança. Mas quando se fala sobre a importância do poder no contexto do desenvolvimento, há ideias contrastantes sobre o significado da palavra poder. Podemos citar o poder “no sentido de transformação radical e confrontação entre os que têm e os que não têm poder” que retrata que a

mudança significativa só acontece quando há mudanças de padrões. E há também o sentido de poder dado por Paulo Freire de se tomar consciência, de reconhecer a capacidade de grupos marginalizados poderem se tornar ativos em ações de desenvolvimento da “consciência crítica”, tomando controle da situação (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.10 e 22).

O poder é a base da riqueza e o desempoderamento é a base da pobreza. O poder pode ser visto como um bem e quem o tem exerce controle a autoridade sobre quem não o tem. Ele define o padrão das relações econômicas e sociais em um determinado contexto e entender a dinâmica do local é fundamental para a elaboração de um projeto e para que sua aplicação seja eficaz. Cornwall (1992 apud OAKLEY e CLAYTON, 2003, p. 11) diz que poder pode estar relacionado a conhecimento e diz que “todo o trabalho de desenvolvimento está relacionado ao controle do conhecimento”, sendo assim, a ausência de conhecimento resulta na carência de poder.

O empoderamento que objetiva desenvolvimento, tem sido investigado em projetos e seu resultado tem sido visualizado em “medidas observáveis”. A esse respeito Oakley e Clayton (2003, p. 12) dizem que o empoderamento pode se manifestar em três grandes áreas:

- O poder como maior confiança na capacidade pessoal para levar adiante algumas formas de ação;
- O poder como aumento das relações efetivas que as pessoas desprovidas de poder podem estabelecer com outras organizações;
- O poder como resultado da ampliação do acesso aos recursos econômicos, tais como crédito e insumos (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.12).

A prática do desenvolvimento social como forma de empoderamento não visualizam o desprovido de poder como carente de apoio, mas sim tem o objetivo de propiciar um desenvolvimento por meio da interação dos envolvidos, do reconhecimento das qualidades deles e do compartilhamento de conhecimento entre as pessoas. Trata-se de uma “mudança positiva nos indivíduos e nas comunidades” (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.12 e 13).

Concordamos com Oakley e Clayton (2003, p. 21) ao relacionar empoderamento com participação dizendo que:

O vínculo entre participação e empoderamento é o que emerge de maneira mais forte a partir das experiências (...) Essa concepção tem se expandido em direção ao conceito amplamente conhecido como 'desenvolvimento participativo', que se converteu na estratégia mais comum de promoção do 'empoderamento'. Essa tendência é ainda fortalecida pelo crescente uso de técnicas de Diagnóstico Participativo Rural (PRA), que, para muitos, se tornou a metodologia por excelência, para o empoderamento com base na comunidade. Em essência, têm-se aqui uma visão de empoderamento focalizada em projetos e que denota grande adesão num instrumento muito antigo para alcançar seu objetivo (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p.21).

Vimos até o momento que as iniciativas de desenvolvimento visando o empoderamento têm sido diversas. Precisamos pensar em algumas questões que surgiram ao longo desta pesquisa e que entendemos ser necessário responder para pensarmos se de alguma forma estar na linha tem interferido na formação individual de cada monitor. O que mobiliza os monitores? É a ação no CCA? É o público que eles atendem nas divulgações científicas? É a proposta da linha de pesquisa M.A.R.I.A. pautada no lúdico? É trabalhar com o lazer, o tempo livre e a brincadeira? Ou será que é a possibilidade de execução de seu próprio projeto e a visualização dos resultados na prática?

No nosso projeto há jovens de diferentes classes sociais, com diferentes histórias de vida, cada qual com diferentes socializações primárias que influenciaram diretamente em suas escolhas de cursos. No decorrer das reuniões semanais da linha, através de entrevistas e dos relatos é possível entender um pouco mais sobre cada um e sobre o seu papel dentro do grupo.

Tendo tudo isso em vista, surge a questão: As histórias de vida e o contexto geracional dos monitores interferem em seu modo de atuação dentro do projeto? Por que muitas vezes esses jovens monitores não têm espaço para se colocarem? Por que muitas vezes eles são destinados a realização de tarefas em projetos de pesquisa que não acrescentam em sua formação? Iremos refletir sobre essas questões e sobre o assunto abordado no próximo capítulo.

2.4. Trajetos Formativos: práxis, ação e reflexão

2.4.1. *Pedagogia em participação*

Os saberes pedagógicos são construídos na ação situada, articulada e integrada com as concepções teóricas e com as crenças. Isso significa dizer que para Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) deve-se:

Convocar crenças, valores e princípios, analisar práticas e usar saberes e teorias constitui o movimento triangular de criação da pedagogia. A pedagogia sustenta-se, assim, numa práxis, isto é, numa ação fecundada na teoria e sustentada num sistema de crenças. A práxis é o locus da Pedagogia e, portanto, torna-se o locus para o desenvolvimento do conhecimento pedagógico (OLIVEIRA-FORMOSINHO, FORMOSINHO, 2013, p.7).

A pedagogia pode ser feita de forma transmissiva em que o patrimônio cultural é transmitido ao nível de cada geração e de cada indivíduo por meio do professor, que funciona como elo de ligação. A criança é vista como uma tábua rasa, que irá memorizar e reproduzir com fidelidade o que lhe é passado e o professor é visto como transmissor, que utiliza materiais estruturados para essa finalidade. Esse contexto empobrece as interações e as relações adulto-criança (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

Mas, a proposta dos Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) da pedagogia em participação surge para romper com a ideia transmissiva e apresenta uma outra visão do processo ensino-aprendizagem em que tudo é feito de forma interativa, na qual a criança passa a ser vista como um ser competente e “a motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças. A criança passa a ser colaboradora no processo e o papel do professor é o de organizar o ambiente e observar e escutar a criança para a compreender e lhe responder” (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013, p.9).

Em relação aos valores, crenças e princípios da pedagogia em participação, podemos dizer que a democracia é o cerne de tudo. A democracia está presente ao se pensar na finalidade educativa, está presente no cotidiano vivido e na missão de promoção da igualdade e inclusão de todas as diversidades. Portanto, essa visão

democrática deve estar presente em todos os níveis da intervenção educativa, passando a ser uma visão de mundo (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

Este conjunto de pontos de partida leva à afirmação do respeito por todos os indivíduos e grupos envolvidos nos processos educativos, ao diálogo intercultural entre grupos e indivíduos envolvidos nos processos pedagógicos, à promoção de colaboração na aprendizagem, à procura de sucesso educativo para todos, num contexto de respeito pelos direitos humanos, incluindo o respeito pelos direitos da criança, entre os quais se conta o direito a aprender. (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013, p.12).

Para Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) colocar em prática a Pedagogia em Participação não é fácil pois exige muitas vezes sair de uma zona de conforto e realizar a desconstrução de uma pedagogia tradicional para enfrentar o desafio da construção permanente que é exigido pela pedagogia em participação. O papel do aluno e do professor muda e deve ser reconstruído de forma que ambos são imbuídos de competência. Quanto aos objetivos, eles passam a ser:

[...] os de apoiar o envolvimento da criança no continuum experiencial e a construção da aprendizagem através da experiência interativa e contínua, reconhecendo-se à criança tanto o direito à participação como o direito ao apoio sensível, autonomizante e estimulante por parte da educadora (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013, p. 12 e 13).

As atividades são realizadas em cooperação e a motivação surge porque os interesses da criança são identificados e dialogam com os interesses do professor. Como método de ensino, utiliza-se a colaboração, dando papel de destaque a criança, favorecendo a autonomia. Para o desenvolvimento da Pedagogia em Participação deve-se atentar para o espaço e o tempo pedagógico em que as interações e relações se desenvolvem, pois tudo isso irá mediar o experimentar, refletir, aprender através de atividades e projetos (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

A Pedagogia em Participação é norteada por eixos pedagógicos, que trazem inspiração ao processo de criação, ou seja, eles são monitores entre a teoria e a práxis, indicando a intencionalidade educativa. O primeiro eixo é o ser/ estar que tem por objetivo buscar o desenvolvimento de identidades plurais por meio da inclusão das diversidades, possibilitando a partir de um ambiente educativo identificado como plural, a identificação das diferenças como algo permeável, não como barreira. Isso significa que é necessário a criação de um clima de respeito e receptividade às identidades plurais. O segundo eixo é o do pertencimento e da

participação que efetivamente acontece quando as relações de laço da criança com a família se ampliam para a comunidade; a cultura; a natureza; a escola e faz com que a criança se sinta pertencente. Isso acontece quando “a participação ganha significado no contexto dos laços de pertença que se honra e se desenvolve”. (MOLL et al, 1992; WHALLEY, 1994, 2001 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013), o ambiente educativo deve ser sintonizado e responsivo aos sinais da criança, fazendo com que ela se sinta respeitada e respondida e isso se estende à sua família, pois quando há o envolvimento desta, há o incentivo à participação.

O terceiro eixo pedagógico é o experimentar e comunicar com as cem linguagens, que explica que o ambiente educativo deve propiciar experiências que levem a criança a interagir no fazer e refletir sua prática gerando a comunicação, e isso se trata de “um processo que permite aprender a conhecer e aprender a pensar” (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013, p. 16). O quarto eixo pedagógico, da narrativa e das jornadas de aprendizagem, que mostra que a compreensão é maior quando se vivencia o que se narra. Nesse sentido, ao dar a criança o acesso as suas produções (documentações pedagógicas) ela consegue visualizar o caminho que tem feito ao longo de sua jornada de aprendizagem e consegue conversar com seu próprio processo de aprendizagem, ajudando-lhe a dar significação a sua aprendizagem experiencial (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

Esses eixos devem ser trabalhados na Pedagogia em Participação de forma que possibilite uma aprendizagem experiencial de forma transversal, que não reduza a realidade na qual as crianças irão se iniciar, mas sim que ela possa construir conhecimento por meio da experimentação e pela reflexão desta, formando significações. A esse respeito, Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) diz:

A interconectividade e interatividade dos eixos de intencionalidade educativa pedem que se promovam e documentem experiências de aprendizagem em cada um destes eixos e nas suas integrações para o desenvolvimento de uma pedagogia holística que valorize igualmente identidades e aprendizagem (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013, p.18).

Os eixos pedagógicos mostram que há quatro áreas centrais de aprendizagem experiencial: *as identidades, as relações, as linguagens e os significados*. A partir das experiências há a formação das identidades e a realização das relações, e por meio das diferentes linguagens, que são instrumentos culturais, há a possibilidade de geração de significações, sentido e saberes. A proposta pedagógica precisa se

atentar ao modo de aprendizagem que está sendo realizado, isto é, com o aprender a aprender. Também deve-se levar em conta a visão da criança sobre todo o processo de aprendizagem, ou seja, sobre o que deverão aprender, a forma que se dará esse aprendizado e como será avaliado, pois assim, a ideia da criança competente é respeitada (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

As duas primeiras áreas de aprendizagem, identidades e relações, são frutos dos dois eixos pedagógicos: o ser-estar e o pertencer-participar. Essa área é tão importante e relevante quanto a apropriação comunicativa pois é a construção de sua identidade, do entendimento das identidades múltiplas e das interações gerando a formação de laços. Já as duas outras áreas de aprendizagem, *linguagens e significados* nascem a partir dos dois outros eixos pedagógicos, o explorar e comunicar e o criar e narrar as jornadas de aprendizagem. Essas áreas de aprendizagens por meio da experiência necessitam de ambientes educativos que propiciem a “aprendizagem dos instrumentos culturais, e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores têm lugar no uso refletido, na ação pensada”. A partir da reflexão há o desenvolvimento da inteligência e tudo isso é amparado pela comunicação (OLIVEIRA-FORMOSINHO e FORMOSINHO, 2013).

A organização do ambiente é fundamental na Pedagogia em Participação, deve-se pensar o espaço e o tempo de forma que favoreça as interações e as realizações de atividades e projetos na construção de aprendizagem, afirmando a imagem de criança competente e participativa. O espaço deve ser acolhedor, que comunique esteticamente a identidade pessoal e social do grupo sendo ético e seguro. Os materiais pedagógicos devem reforçar essa ideia e ao serem selecionados devem objetivar o desenvolvimento da identidade, apoiar a ideia de criança capaz. Sabe-se que os materiais não são neutros e sim carregados de ideologias, portanto, a escolha deve ser refletida, respeitando a perspectiva pedagógica de promoção de identidades plurais. Em relação ao tempo pedagógico, este deve respeitar os ritmos das crianças, dos grupos e do grupo todo. Para pensar no tempo, deve-se pensar antes no propósito que se quer alcançar, ou seja, é algo relativo (FORMOSINHO e OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013).

A interação adulto-criança é uma questão vital da Pedagogia em Participação e pensar sobre o estilo de relações e interações que cada professor tem é algo que

deve se tornar um hábito, pois a alta vigilância ajuda a proporcionar uma interação tendo em vista a ética de reconhecer a participação ativa da criança em sua própria aprendizagem. Também é importante proporcionar à criança a realização de planificação, para que ela se escute e consiga comunicar o que ela escutou de si mesmo. Ao fazer esse exercício de se escutar, a criança consegue *definir intencionalidades e propósitos e de tomar decisões* e participar ativamente de atividades e projetos, criando um meio cooperativo (FORMOSINHO e OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013).

Quando as atividades e projetos são desenvolvidas em companhia, há a simbiose de aprendizagem e a partir da interatividade gera a promoção de sujeitos participativos e reforça a identidade de um ser competente. Isso é possível quando no ambiente educacional há uma ideologia democrática e todos são vistos como sujeitos de direitos. Nesse sentido, as atividades e projetos são atos intencionais que devem promover a escuta de si, a descoberta de interesses, de seus propósitos por meio de problematização e ganham uma intencionalidade para e na ação (FORMOSINHO e OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013).

A documentação é o cerne de tudo na Pedagogia em Participação, pois ela permite a descrição, interpretação, narrar a experiência dando significado e (re) *significando-a* (AZEVEDO, 2009). Por meio dela há o reforço da aprendizagem porque identifica-se os acertos e erros, motiva e promove a metacognição (FORMOSINHO E OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013) por meio de dispositivos de aprendizagem. No mesmo grau de importância, é a documentação para os formadores dos profissionais em contexto, pois o ajuda avaliar o processo como um todo, tendo em vista a Pedagogia em participação (FORMOSINHO E OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2013).

Gostamos da ideia de uma criança colaboradora no processo, que não chega vazia no ambiente educacional e que é vista como sujeito da aprendizagem e não objeto respondente; e do papel do professor de organização do ambiente para possibilitar as interações e experiência. Um professor que reflete os métodos, materiais e o ambiente educativo com a finalidade de propiciar a realização de uma atividade participativa. Quando ele é bem pensado, a criança tem condições de se desenvolver nas quatro áreas de aprendizagem tendo em vista os eixos pedagógicos. Na Pedagogia em Participação, a democracia é um princípio, o cerne de tudo,

portanto tudo deve ser pensado levando em conta a criação de um ambiente democrático e ético que respeita e apresenta as diversidades plurais. No decorrer da leitura, ao ler sobre a planificação e a importância do registro, lembrei do relato dos professores na disciplina da criança que pediu para a mãe ver seu portfólio pois ela sabia que lá havia a narração de sua história e contava seus avanços e isso aconteceu porque ele foi feito de forma participativa, construído em parceria e assim, passou a ter uma importância para ela.

2.4.2. *Investigação praxeológica*

A Investigação praxeológica propõe procedimentos de investigação que são importantes e necessários para a realização de uma pesquisa. Esses procedimentos não são exclusivos da investigação praxeológica, portanto, são comuns a outras formas de investigação. Portanto, cabe ressaltar, que neste trabalho, ela foi escolhida enquanto método para nortear a condução da investigação da práxis, não somente da prática, mas sim uma ação situada com locus da pedagogia. É uma ação que transforma, forma e informa, ou seja, é uma ação sábia que dialoga com os saberes que foram escolhidos, os modelos pedagógicos escolhidos. Não se trata de uma práxis estereotipada, sem reflexão e sim algo que é feito visando a melhoria. Nesse sentido, nos questionamos sobre como realizar essa reflexão com o grupo de pesquisa, pois esse diálogo com os saberes não deve ser feito só por mim e sim com todos para que o grupo como unidade esteja situado na pedagogia que adotamos e mais que isso, entendam e digam suas impressões sobre ela, ou seja, que a voz seja dada a todos os atores. Tal ação foi sistematizada no âmbito teórico, pensada e colocada em prática nas formações e indicada como uma proposta a ser utilizada nas intervenções pelos monitores (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

A investigação praxeológica está imbuída de ética, ou seja, pensa-se eticamente sobre como agir tendo os interesses do aluno como foco. É a produção de novos saberes em ação. Nela há uma colaboração dos atores sociais que queremos estudar as transformações. Nesse sentido, devemos pensar que toda e qualquer intervenção deve sempre ter como foco o aluno (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

O desafio é fazer algo que seja útil socialmente e construtora de conhecimento. Para isso é necessário, uma documentação densa dos processos

formativos; uma descrição densa do contexto, providenciar uma formação rigorosa dos investigadores como dito anteriormente. Criar a ação com transformação e criar a transformação com conhecimento e entender que para se fazer pesquisa é preciso ver o processo, estar próximo do contexto (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Alguns pontos devem ser debatidos e refletidos na formação do grupo, e isso irá ajudar os atores na identificação de suas situações de pesquisa (inicial) para se saber o que querem fazer e pesquisar, como entender que o investigador é instrumento também porque ao analisar o professor em processo de formação, a voz do pesquisador aparece (ao falar suas impressões), ou seja, há o cruzamento das vozes. A investigação praxeológica mostra que há transformação não só minha, mas dos outros também e para isso, a produção deve ser densa, a voz de todos deve ser ouvida, sejam os pais, professores, alunos, entre outros atores envolvidos, para que ocorra um confronto de olhares possibilitando uma compreensão mais ampla. É importante não se cair em verdades absolutas pois não há o olhar de um só (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Para a construção da investigação praxeológica, a tomada de dados deve ser feita de forma ética e pensando na ciência educacional da práxis apresentada pelos professores Formosinho. Entendo que ela possui a intenção de transformar e para isso necessita de transcrições fiéis. Isso pode ser obtido por meio de notas de campo. As notas de campo devem ser tomadas sempre que houver a chance, sempre que o pesquisador for até o contexto e não deve ser anotado apenas o que é visto, mas também, o que é sentido. Se não há tempo de anotar, grava-se tudo e complementa com fotografias para a análise posterior dos conteúdos e a confrontação dos dados anotados (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Para toda e qualquer tomada de dados deve-se levar em conta a ética, então, deve-se pedir autorização a todos os envolvidos, os nomes dos alunos devem ser preservados por meio de nomes fictícios, mas que tenham alguma relação com o original e permita a identificação pelo pesquisador. Em relação a fotos, mesmo com autorização, é necessária uma reflexão a respeito de seu uso. Muitas vezes é mais ético dar visibilidade ao sujeito pela narrativa e deixar a foto de lado e as vezes o contrário é mais acertado, sendo assim, deve-se entender que essa tomada de

decisão deve seguir a regra de sempre respeitar que o direito da criança deve ser preservado (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Outra questão quanto ao rigor e ética é a realização da triangulação dos dados: espaços, tempos, entrevistas, notas de campos, vozes de diferentes atores (cada um tem um olhar e uma perspectiva diferente diante de um fato), etc. Deve ser feito um relato rigoroso fundindo os dados e a teoria. Não basta ter uma documentação densa se ela não for analisada densamente. O que dará rigor a pesquisa é a coleta sistemática, portanto, deve haver frequência no contexto de retirada de notas (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

A investigação deve gerar empoderamento, construir o desejo de escrever e transmitir a outros o que foi produzido. Ela faz com que as pessoas envolvidas continuem o processo, a pesquisa não para no pesquisador e sim tem continuidade. Isso é construir um conhecimento praxeológico. Tal prática foi consolidada por meio da participação dos monitores em eventos, na escrita de artigos em revistas e livros e na escrita de relatórios de pesquisa (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015). Cabe ressaltar que tais ganhos também são possíveis com o uso de outras formas de se fazer pesquisas interventivas, como a pesquisa-ação.

Na formação em contexto é preciso dar ouvido as vozes e para isso é necessário a criação de um contexto em que as vozes achem abertura para se libertarem. Esse ambiente proporciona a coleta de dados mais real e verdadeira do que os atores pensam, pois eles se sentem livres para falarem e expressarem suas opiniões. A dinâmica da socialização profissional pela formação de grupos pode ser boa ou ruim, vai depender de como ela se dá, se é feita de forma que as pessoas não se sintam acudadas e se sintam empoderadas para falarem (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Então, como criar um contexto formativo sem inibições em que questões de hierarquia e autoridade não causem inibição nas manifestações dos atores participantes? Como criar um contexto que legitima o lugar da dúvida, dos erros, ou seja, que dá abertura a isso? Assim como diz Morin (2007), os erros e incertezas são fundamentais.

Outro ponto da formação em contexto interessante é que ela tem como perspectiva, a pedagogia em participação. É uma formação situada no cotidiano, não significa que deva ocorrer sempre na escola, pelo contrário, é até interessante que

aconteça fora da escola. Então ela não é centrada na escola, podendo ser na universidade, afinal lá é o foco da pesquisa, mas não é o foco do lugar de formação (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015). Isso se adequa pesquisa no Clube de Ciências que fazemos. Trata-se de intervenções feitas na própria universidade. Elas acontecem no laboratório de ciências e são realizadas de forma que os alunos atuam ativamente nas decisões dos temas que serão refletidos e abordados no dia. Isso é interessante pois gera empoderamento e os alunos se sentem parte do processo e construção do conhecimento. Esse pertencimento é tão forte que o grupo conta com a participação e ex-alunas que participaram anteriormente do grupo e agora se propuseram a participar como monitoras.

2.4.3. A investigação praxeológica: um caminho para estudar as transições na pedagogia em participação

Na investigação-ação, o desafio tem sido o de conseguir agir e investigar ao mesmo tempo. O fato de se focar na ação tem ocasionado a “perda da informação sobre os processos transformativos, isto é, leva-se a descurar a investigação da transformação que suporta a construção e conhecimento”. A investigação praxeológica tem como foco a realização de uma documentação densa, visando não perder os dados dos processos transformativos (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p.1).

Os objetivos da investigação praxeológica são complexos pois ela quer melhor cumprir o que se propõe na investigação-ação, incluindo as vozes dos participantes. Portanto, seus objetivos são “agir e investigar a ação para a transformar; formar na ação transformando-a; investigar a transformação para construir o conhecimento praxeológico” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p.2). Isso quer dizer que por meio da produção de conhecimento do contexto estudado, com a participação ativa dos atores no processo, ela transforma e forma ao trazer uma nova forma de investigar, propondo a discussão e a reflexão de um novo conhecimento que está sendo gerado pela experiência e pelo contexto criado (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

A investigação praxeológica tem um viés social, que busca trazer benefícios para todos os participantes da investigação e aos contextos. Tendo em vista a democracia, todas as vozes são trianguladas, proporcionando mais rigor e autenticidade ao processo. O que se propõe na aplicação da investigação

praxeológica é que ela não seja feita de forma retórica nominalista, ou apenas utilizada como uma nova roupagem, e sim que seja uma proposta pedagógica construída e experienciada pelos professores e alunos, levando em conta o contexto social e escolar. Para isso, refletir sobre as práticas nas teorias deve ser rotineiro (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 2,3).

A construção do conhecimento profissional prático é de natureza evolutiva, pois é realizada em contexto sociocultural e educacional específicos, com influência da experiência inter e intrapessoal dos atores participantes, portanto:

O reconhecimento da natureza complexa do conhecimento profissional prático tem sido debatido por sociólogos (Bourdieu, 1997), por filósofos (Dunne, 1993) e por pedagogos (Car, Kemmis, 1986; Schön, 1995; Nóvoa, 1992; Formosinho, 2002a, b). Esse reconhecimento visa a criação de um dispositivo pedagógico que permita que o conhecimento prático seja um sustentáculo da renovação epistemológica e pedagógica e da sua investigação - a investigação praxeológica (Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2012; Pascal e Bertram, 2012) (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p.4).

Tal natureza complexa da investigação praxeológica, vem do fato de que o profissional tem que lidar com o papel de professor e investigador simultaneamente, e isso é um trabalho árduo. Afinal, nessa investigação, “os conhecimentos científicos são também autobiográficos e autorreferenciáveis. Em consequência, tudo o que forma a visão do mundo e a cultura dos investigadores (valores, crenças, representações) torna-se parte da explicação científica” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 5), ou seja, ao fazer transformação o investigador também sofre transformação e isso deve torna-se parte dos resultados (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

A investigação praxeológica requer rigor metodológico e as pessoas que a praticam devem ser formadas com conhecimento metodológico e técnico para a coleta e análise sistemática dos dados. O olhar para coleta de dados deve ser apurado e esses dados devem ser densamente analisados. Deve-se saber claramente a intencionalidade da ação, a compreensão da complexidade que poderá ter os desdobramentos, que podem exigir mudanças de práticas não planejadas no meio do percurso, podendo ser necessário recriar os processos, e isso requer estudo sistemático (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 6-8).

Após a autora Oliveira-Formozinho (2015) analisar sete gramáticas que versam sobre o desenvolvimento de pedagogias consideradas de qualidade, sobre a infância,

ela apresenta cinco dimensões compartilhadas por todos. Neste capítulo, a autor se debruça sobre apenas uma: “a definição clara da intencionalidade educativa respeitadora das crianças, das educadoras, das famílias” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 8). Entende-se que para definir a intencionalidade educativa deve-se orientar as ações pedagógicas e realizar a definição das focagens. Para isso, foram definidos quatro eixos de intencionalidades educativas da Pedagogia em Participação, tendo como foco o “desenvolvimento de identidades sócio-histórico-culturais” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 9) e que as crianças sintam “pertença e participam, que exploram e que comunicam, que revisitam a aprendizagem desenvolvida construindo a narração significativa” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 10).

O eixo *ser e estar* tem como foco proporcionar às crianças um contexto educacional por meio da interatividade, gerando reconhecimento das identidades plurais, de si e do outro, e o sentimento de pertencimento, tendo como base o bem-estar e o respeito. O sentimento de pertencimento gera mais participação, pois a criança é impulsionada a não estar na *passividade pedagógica* (FORMOSINHO, 2007 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015). Ao participar ela e sente mais pertencente, sendo este, o segundo eixo, *pertencer e participar*. O terceiro eixo *explorar e comunicar* aborda que a experiência proporciona à criança a vontade de explorar o que a rodeia e o conhecimento, levando-a ao contato com novos instrumentos culturais e comunicativos (MALAGUZZI, 1998 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p.12). Já o quarto eixo, *narrar e significar* tem como base a documentação pedagógica, pois esta narra o percurso da aprendizagem da criança ao contar sua história e quando a criança tem acesso a seu portfólio, a criança compreende e constrói sua própria aprendizagem (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015, p. 10-12).

Todos esses eixos de intencionalidades mostram a necessidade de se criar uma aprendizagem por meio da experiência, de forma que contemple o desenvolvimento das identidades plurais; que desenvolva o sentimento participativo e que, por meio do envolvimento criado, haja a exploração e a compreensão do mundo pelas *cem linguagens*. Isso se dá por meio do acesso a documentação que é a narrativa da história da aprendizagem da criança, tendo como consequência a construção do significado e do sentido. Na Pedagogia em Participação a intencionalidade educativa é a colaboração de todos os atores do contexto, pois assim, as crianças também

estarão mais preparadas para as interações fora do contexto escolar, ou seja, em seu ciclo de vida (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2015).

Esses aprendizados foram obtidos na realização da disciplina EDM 122-2/1 Pedagogias da Infância oferecidas pelos professores convidados João Formosinho e Julia Oliveira-Formosinho na Faculdade de Educação da USP. Tais aprendizados possibilitaram a visualização de novas perspectivas acerca da educação como um todo. A proposta serviu de modelo para a condução desta pesquisa em especial.

Conhecer a pedagogia em participação da formação em contexto por meio da investigação praxeológica foi motivador e acorda o amor pela pedagogia, dando um norte em direção a alguns pontos e traz a responsabilidade para isso, que antes não havia sido refletida. A proposta é voltada para a primeira infância, entretanto, entendemos que possa ser levada para outros seguimentos. As aulas trouxeram a possibilidade de associar o que era proposto e realizado no contexto da Educação Infantil com o nosso contexto de pesquisa. Sendo assim, apresentaremos nossos entendimentos e impressões a respeito do que entendemos da proposta dos professores Formosinhos, tentando fazer associações com esta pesquisa e utilizaremos tais aprendizados como um norte na condução da nossa prática no atual grupo.

Ao ouvir a proposta aplicada na associação criança conseguimos visualizar diversas ações que podem ser utilizadas nesta pesquisa e compreendemos o quão sutil deve ser o trato com os atores que participam do contexto para que esse empoderamento surja e para que todos se sintam ouvidos, sendo essa a proposta da formação em contexto. Compreendemos que conhecer as fontes culturais pedagógicas e ter proximidade durante as formações colabora muito. É necessário a criação de um contexto de formação com foco em respeito pelo saber, e para isso deve haver interatividade de todos os atores (professores, educadores, formadores, alunos de graduação, professores universitários, etc.) pois isso ajuda na compreensão do modelo estudado.

Nos questionamos sobre os modelos que utilizamos e que devemos nos debruçar, que versam sobre uma formação que não produza um modelo de passividade, que pensemos e discutamos sobre os modos de transmissão que

adotamos e suas reais eficácias, ou seja, apresentar a cultura profissional para que os monitores progridam em novas visões de se fazer divulgação.

Também achamos bem interessante, que ao falarem sobre uma ciência social do social, os professores João Formosinho e Julia Oliveira-Formosinho falaram sobre a importância de o pesquisador fazer sua jornada de aprendizagem, contar sobre como o ele gerou transformações e ao mesmo tempo foi transformado. Tal prática concorda e é coerente com o modelo que utilizamos, pois a abordagem pedagógica utilizada mostra que não é possível fazer transformação sem sofrer transformação e isso foi relatado na apresentação deste trabalho.

3. A PESQUISA

3.1. Banca da ciência no Centro de Crianças e Adolescentes

O contexto desse projeto de pesquisa se deu no grupo M.A.R.I.A. que faz parte do projeto Banca da Ciência, portanto, iremos apresentar um pouco sobre esse contexto. Como o grupo trabalha com a divulgação científica em um palco lúdico, iremos a seguir falar um pouco sobre o lúdico, o brincar, o uso de jogos no ensino e a concepção de recreação abordada no grupo, tendo em vista o referencial teórico que adotamos nos estudos. Por fim falaremos sobre o público atendido nas ações de divulgação científica e iremos caracterizar os monitores que chegam ao projeto.

3.1.1. Banca da Ciência

O projeto Banca da Ciência conta com uma banca física desde 2009, que ficava alocada na EACH. No ano de 2013 o projeto adquiriu a segunda banca e em 2014 o projeto Banca da Ciência se tornou na prática interinstitucional, devido à aprovação dos três projetos: Novos Talentos - Capes (Unifesp), Pibid Ciências (USP) e o Projeto Joaquina - Primeira Infância (Fundação Maria Cecília Souto Vidigal). Com isso, a primeira banca foi encaminhada para a Unifesp de Guarulhos. Neste período a EACH estava interditada devido a riscos de vazamento de gás metano do terreno e a Unifesp estava em reforma, portanto, a banca ficava em um prédio alugado pela universidade, onde aconteciam as aulas, em Guarulhos.

Em 2015 iniciou-se o programa A.L.I.C.E. que atualmente possui sete linhas de pesquisa: A.N.N.A.S.¹⁹, D.I.A.N.²⁰, E.M.M.A.²¹, L.I.R.A.²², L.U.C.I.A.²³, M.A.R.I.A.²⁴ e R.I.T.A.²⁵ Todas elas promovem divulgação científica e abordam questões, como, por exemplo, gênero, minorias, protagonismo feminino nas ciências, diferenças, crítica da cultura, diversidades e direitos no geral, tendo características específicas que as diferenciam.

Figura 1: Logotipos da Banca da Ciência e das Linhas de Investigação-Ação, produzido por estudantes integrantes do projeto.



Fonte: Natany de Souza Gomes e Alina Harumi Paradiso.

3.1.2. O M.A.R.I.A.

A linha de pesquisa M.A.R.I.A- Manifestações da Alegria e da Recreação na Arte-Ciência, articulada às práticas do lúdico, do humor e do brincar - recebeu esse nome em homenagem à atriz de humor infantil Maria Antonieta de Las Nieves. A proposta dessa linha de pesquisa é em um palco lúdico, baseado nas interações e brincadeiras propiciar a divulgação da ciência, ou seja, por meio da investigação das manifestações da alegria, do riso e de tudo que se relaciona com o brincar.

As propostas didáticas acontecem em ambientes tão diversos por não estarem ligadas a um currículo, a disciplinas, a matérias ou salas de aula, sendo assim,

¹⁹ Atividades sobre a Natureza Norteadas por Artefatos Simples.

²⁰ Debates e Investigações sobre os Animais e a Natureza.

²¹ Estudos da Mulher e das Minorias na Arte-Ciência.

²² Laboratórios de Inclusão em Robótica e Astronáutica.

²³ Literaturas, Utopias e Cenas na Investigação da Arte-Ciência.

²⁴ Manifestações da Alegria e da Recreação na Arte-Ciência.

²⁵ Ritmos na Investigação da Tecnologia e da Arte-Ciência.

consideramos um trabalho de educação não formal. Entretanto, muitas das atividades são realizadas em espaços formais de educação devido à maior oferta de público, porém, não são aulas e sim intervenções educativas e lúdicas na sociedade. A linha de pesquisa já realizou intervenções em espaços educativos, escolares (Escola Municipal de Ensino Infantil (EMEI) e em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF), ambas localizadas na zona leste da cidade de São Paulo. Também atuou em espaços não escolares, como é o caso do CCA (Centro para Crianças e Adolescentes). Conforme o público, as intervenções são pensadas e elaboradas tendo em vista o objetivo e o tema a ser abordado. A ideia é levantar e promover discussões éticas sobre sustentabilidade, inclusão, direitos animais, entre outras, e particularmente a igualdade de gênero, que raramente são abordadas no contexto dos saberes das ciências naturais em suas diversas manifestações.

O grupo trabalha com o brincar devido ao seu potencial para o desenvolvimento emocional, o contato social e a apreensão das regras (KISHIMOTO, 2002) e utiliza especificamente a brincadeira simbólica pela possibilidade de se pensar sobre o mundo com mais flexibilidade, inclusive podendo trabalhar habilidades de pensamentos divergentes (BOMTEMPO, 2005). A brincadeira simbólica é uma forma da criança aprender e modificar as regras sociais e culturais, trabalhar a empatia e a alteridade, além de imaginar outras possibilidades de mundos e de papéis sociais (BOMTEMPO, 2005).

A linha de pesquisa é composta por mestras (es), mestrandas (os) e doutorandas (os), bem como, por alunas (os) de graduação bolsistas e voluntários da Escola de Artes Ciências e Humanidades, de cursos diversos, como Lazer e Turismo, Têxtil e Moda, Marketing, Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Públicas, Licenciatura em Ciências da Natureza, entre outros. A participação dessas pessoas sofre modificações de tempos em tempos conforme seus objetivos de pesquisa, suas áreas de formação e a disponibilidade de vagas no grupo.

No decorrer da trajetória do M.A.R.I.A. sua formação já sofreu variadas mudanças, tanto na composição do quadro de monitores quanto no de coordenadores, bem como, nos locais de atuação, cronogramas e propostas metodológicas. Por ser um grupo dinâmico e que recebe os mais variados públicos,

suas propostas de atuação na divulgação científica por meio do lúdico também sempre foram diversas.

É nesse contexto que iremos propor uma reformulação na forma de condução do atual grupo. Metade dos integrantes já estão no grupo a mais de um ano e a outra metade é nova, pois iniciaram no primeiro semestre de 2018. O cenário, no qual realizamos nossa pesquisa é composto por seis monitores e dois coordenadores, sendo que no final do semestre, um coordenador deixou de participar e uma das monitoras foi convidada a se tornar coordenadora, resultando ao final do processo atual em cinco monitores e dois coordenadores. Os alunos de graduação que atuam como monitores, chegam ao grupo de duas formas, ou por meio de inscrição no processo seletivo para bolsas de pesquisa ou de forma voluntariada. No grupo havia um voluntário e cinco bolsistas.

3.1.3. Práxis - relação teoria e prática na atividade em grupo

Para uma melhor compreensão e esclarecimento sobre como foi a relação teoria e prática dentro do contexto do grupo, será apresentada um pouco da dinâmica de condução e organização dele. Esse panorama é importante para a compreensão dos resultados alcançados, pois as falas serão melhor entendidas ao serem colocadas no contexto de produção. Com a chegada ao grupo da proposta participativa, os monitores passam a construir seus projetos individuais, portanto, eles não iriam mais se inscrever em projetos prontos de programas estudantis. Eles começam a criar seus próprios projetos de pesquisa que devem conversar com a proposta da linha de pesquisa que é a divulgação por meio do lúdico e devem ao mesmo tempo conversar com a formação de cada monitor. Sendo assim, no início do ano de 2018 a construção do projeto era o foco e todos o estavam escrevendo. As reuniões traziam embasamento teórico com referências que auxiliassem na escrita.

Ao mesmo tempo que a proposta pedagógica da pedagogia em participação estava sendo trazida para o contexto do grupo, foram realizados estudos e discussões sobre como deve ser feita a escrita dos projetos. O monitor trazia para as reuniões uma proposta de pesquisa com uma sugestão de intervenção para ser debatida, tendo em vista a viabilidade da proposta. Nessas discussões conjuntas em grupo, era realizada uma reflexão sobre quais materiais seriam necessários; o local de

aplicação; a logística de organização dos estudantes; qual a intencionalidade da proposta e quais as formas de coleta de dados seriam utilizadas. Todos esses pontos eram discutidos antes do fechamento da proposta de pesquisa do monitor e após essa reflexão, o monitor dava andamento na escrita da sua proposta.

Durante esses momentos de debate em grupo já havia a ideia de participação em que todos são sujeitos ativos da construção das propostas. Todos os monitores tinham voz para que pudessem questionar e dar sua opinião sobre os projetos dos outros integrantes do grupo. Portanto a pedagogia em participação não foi apresentada logo no início e sim aplicada no contexto. Com o passar do tempo a teoria da pedagogia em participação foi apresentada e muitos dos aprendizados já estavam sendo levados para as aplicações, no trato com os estudantes. Influenciados pela proposta da pedagogia em participação, os monitores sentiram a necessidade de conversar com os estudantes para ouvi-los e entender o que eles queriam fazer.

A conversa se deu na forma de um piquenique, de maneira bem informal. Os alunos foram convidados para irem até a EACH junto com o educador. Parte da equipe de monitores os acompanharam e a outra parte organizou o piquenique. Os alimentos foram trazidos pelo próprio grupo de monitores, que se organizaram para dividir os custos e cada um ficou responsável por trazer algo.

Figura 2: Piquenique com os jovens do CCA.

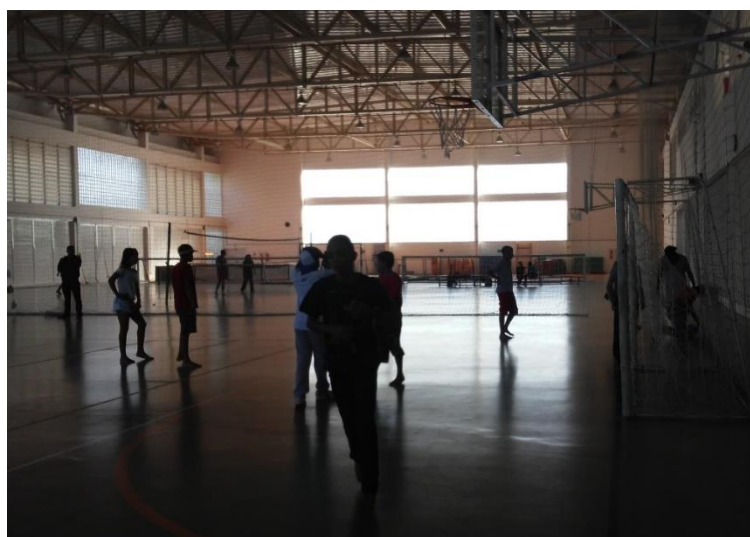


Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Após essa conversa os monitores relataram mudanças de comportamento dos alunos, pois eles tinham espaço para se expressarem. A participação dos estudantes aumentou e as intervenções que ainda não haviam ocorrido sofreram ajustes tendo em vista a conversa. Portanto, no cronograma havia as seis atividades fixas

destinadas aos monitores e as outras foram pensadas a partir das falas dos estudantes, levando em conta suas curiosidades, vontades e anseios. Um dos pedidos apresentados pelos estudantes foi conhecer a biblioteca e a quadra, conforme as imagens a seguir.

Figura 3: Jogo na quadra da EACH-USP.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 4: Visita monitorada na biblioteca da EACH-USP



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 5: Observação da exposição na biblioteca da EACJH-USP.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

As discussões em grupo eram mais amplas. Junto aos monitores eram realizadas conversas individuais e coletivas sobre as referências que seriam interessantes para embasar cada pesquisa e sobre a forma de se coletar os dados e posteriormente analisá-los. O que você busca com essa atividade? O que você quer analisar? É o retorno do aluno? É a sua participação? É o aprendizado obtido a partir da intervenção? Que metodologia você irá precisar? Você precisa de gravação de vídeo para ver o comportamento e as expressões ou só o áudio é suficiente? Questões como estas eram levantadas para que os monitores refletissem sobre seus objetivos e a melhor forma de condução de sua pesquisa.

A partir destes questionamentos era decidido quais referências utilizar para embasar o estudo. As referências eram propostas pela coordenadora do grupo assim como, pelos monitores. Quando as referências eram interessantes para mais de um monitor, passava a ser uma sugestão de leitura coletiva. Além disso, também eram levadas para as leituras coletivas outros tipos de leituras, que eram solicitadas pelos monitores. Inclusive em um determinado momento sugeriram a leitura de Piaget e em outro Bakhtin.

A pedagogia participativa estava o tempo todo presente na rotina dos encontros, na dinâmica de condução do grupo, mas isso não era dito de maneira direta, era vivenciado. Após eles realizarem as leituras sobre esse assunto, começaram a perceber com mais clareza que isso acontecia ali no grupo. Em suma,

o monitor era colocado em uma situação em que ele deveria agir e participar ativamente, caso contrário o projeto não era desenvolvido. A dinâmica de construção fazia com que ele tivesse que se movimentar pois os próximos passos dependem diretamente das ações dele.

3.1.4. *Trajetória do M.A.R.I.A.*

Esse viés lúdico pautado na brincadeira começou bem antes da linha existir. Já havia no projeto Banca da Ciência, do qual o M.A.R.I.A. faz parte, a proposta de formação de professores voltadas para atividades práticas e lúdicas com o uso de jogos. Nesse momento eram realizadas atividades de formação de professores da rede pública da prefeitura de Guarulhos. Essa formação tinha em vista uma proposta pedagógica voltada para a prática e o lúdico. Temáticas científicas eram abordadas com o uso de jogos e brincadeiras, as propostas eram apresentadas de forma planejada e planificadas tendo o lúdico como palco para as ações. Os resultados foram muito positivos e as (os) professoras (es) expressavam seu contentamento em receberem essa formação, dizendo que o curso trazia propostas bem definidas e elas participavam ativamente elaborando novas propostas lúdicas com os jogos conforme o contexto de suas unidades escolares e as especificidades de seus alunos, bem como, seus objetivos com as atividades. Relataram a mudança de visão em relação ao uso dos jogos, que antes, muitas (os) achavam que tinham a finalidade apenas recreativa e de ocupação do tempo e que o planejamento e a planificação de suas propostas fazem toda a diferença no uso do recurso. Esse contexto de formação de professores e os resultados gerados foram muito valiosos e positivos e deram início a proposta de pensar em algo focado no lúdico, que futuramente findaria na criação da linha de pesquisa M.A.R.I.A.

O MARIA começou em 2015 com o intuito de divulgar ciência com métodos lúdicos, com o intuito de proporcionar diversão e risadas para os indivíduos que participavam das atividades. Nesse início o grupo era coordenado pelo doutorando X juntamente com duas bolsistas PIBID, alguns bolsistas de cultura e extensão, e muitos voluntários (cerca de vinte pessoas). Nesse momento o grupo não tinha sua própria identidade. As outras linhas de pesquisa, que possuíam um calendário bem estruturado e planejado para as atividades, bem como, locais de aplicação, cediam

um dia para que os integrantes do M.A.R.I.A. pudessem realizar intervenções. Não havia independência em relação as propostas a serem aplicadas, pois tudo deveria ser planejado tendo em vista o que a linha de pesquisa atuante estava trabalhando, cabendo ao M.A.R.I.A. acrescentar apenas o viés lúdico. Isso significa que o grupo não tinha uma linha de pesquisa própria, e sua função era ajudar as outras equipes na realização de intervenções não-formais²⁶ e lúdicas. Assim, a cada semana a linha elaborava atividades de forma colaborativa.

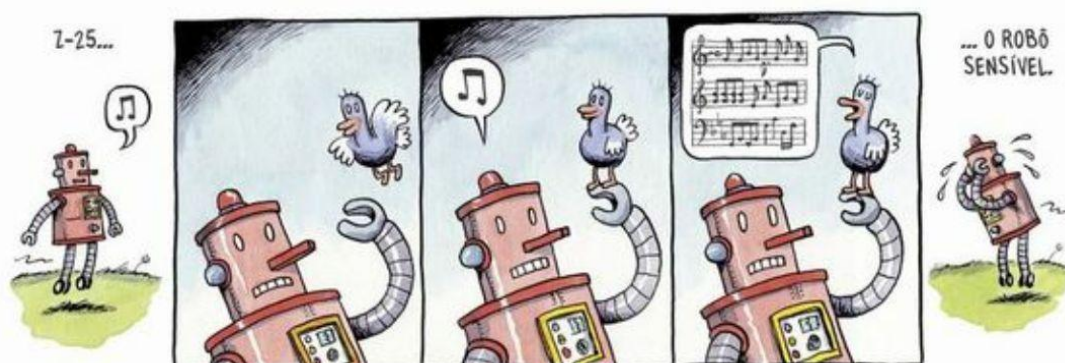
Para ilustrar essa dinâmica, apresentaremos a seguir algumas atividades aplicadas quando os demais grupos sediam espaço. Na época tinha o MARIA- RITA, que debatia temas científicos por meio da utilização da música. Uma das propostas junto a esta linha de pesquisa foi pensar em qual o sentido da vida tendo em vista o desenho animado GUMBALL. A proposta era utilizá-la junto com uma peça teatral em que os monitores eram os planetas do sistema solar, e deixava-se implícito qual o planeta cada integrante representava. Pela fala dos monitores do grupo, por exemplo, “Ai ai que calor, muito quente aqui, mas também como não vai estar quente se estou tão perto do sol. Com toda essa temperatura eu vou ficar mais vermelho ainda, acho que preciso mesmo é de um bronzeador” a criança poderia identificar e descobrir qual era o planeta em questão.

Já no MARIA-EMMA que versa sobre gênero na ciência, a linha de pesquisa M.A.R.I.A. levou em uma das atividades várias cientistas de desenhos animados que os monitores foram sorteando juntamente com a aplicação. Após o sorteio, as crianças tinham que correr até a lousa e quem tocasse primeiro na lousa tinha que falar quem era aquela cientista. Por exemplo, colocava-se a seguinte situação: A princesa jujuba do desenho ‘Hora de aventura’ governa o reino doce e produz ciência para beneficiar seus cidadãos para versar sobre mulheres na ciência. A equipe de alunos que acertasse mais personagens ganhava a brincadeira. Após isto fizeram um experimento que envolvia a pressão e densidade da água, enquanto discutia-se a participação feminina na ciência.

²⁶ São as práticas da educação que se desenvolvem usualmente extramuros escolares, podendo ser nas organizações sociais, nos movimentos, nos programas de formação, ou seja, em espaços diversos. Para Maria da Gloria Gohn (2009), as ações são desenvolvidas por Educadores Sociais, ou seja, os sujeitos que atuam como educadores nos projetos.

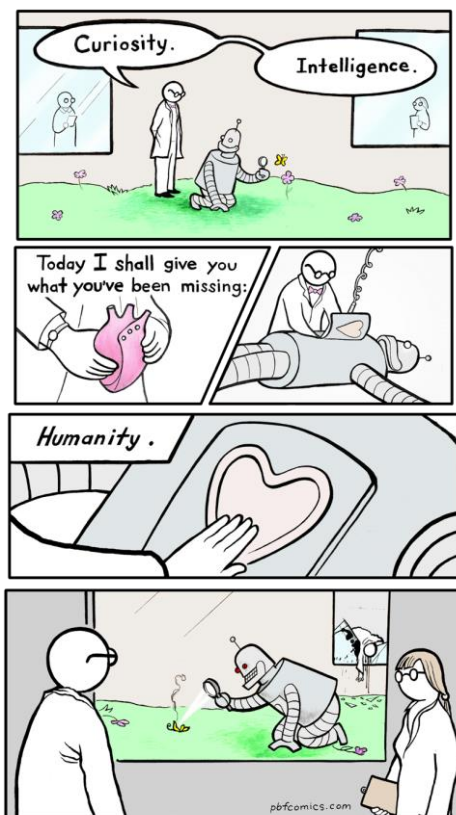
No MARIA-LIRA que trabalha com a programação e a construção de robôs e artefatos relacionados com viagem espacial e inteligência artificial, a linha M.A.R.I.A. levou tirinhas (Histórias em quadrinhos 'HQs') de robôs conforme a figura a seguir:

Figura 6: Tirinha sobre robôs.



Fonte: WordPress.com²⁷

Figura 7: Tirinha sobre Inteligência Artificial.



²⁷ Disponível em: https://sertaosemfim.files.wordpress.com/2012/04/macanudo_robosensivel1.jpg. Acessado em: 11 de jan de 2021.

Fonte: Adam 2.0²⁸

A partir dessa tirinha foi feita a reflexão sobre o avanço da tecnologia e o processo da humanização da máquina tal como a desumanização do humano. Após isto as crianças (em grupos) elaboraram sua roupa de robô com papelão, garrafas, e demais materiais reciclados e depois participaram da dança de robôs.

No MARIA-LUCIA, que trabalha com o uso da literatura no debate da ciência, o M.A.R.I.A. propôs que os alunos fizessem uma brincadeira na qual todos precisavam tocar com os pés um ponto específico da sala, neste caso, o centro de uma roda. A ideia era que os alunos respondessem perguntas sobre literatura e eventos cotidianos, todos juntos, ou seja, precisavam responder juntos e da mesma forma, com as mesmas palavras.

Com o tempo, o riso passou a ser o objetivo das atividades. A princípio trabalhavam com a leitura, depois desenvolveram atividades didáticas que dialogassem com diversos materiais, como música, cinema, televisão, entre outros. Para isso, foram propostos jogos, brincadeiras e experimentos, utilizando materiais humorísticos que pudessem levar ao riso e trabalhando sempre alguma questão científica.

Em 2016, foram desenvolvidas e realizadas intervenções em uma Escola Municipal de São Paulo, localizada no bairro de São Miguel Paulista. As intervenções eram realizadas após as aulas, para crianças e adolescentes que ali estudavam do Ensino Fundamental II. A participação deles era voluntária. Neste espaço, foram organizadas três turmas de alunos, cada uma delas separadas por temas de interesse: espaço, meio ambiente e robótica. O grupo realizou duas intervenções em cada turma, podendo assim diversificar os temas e atividades. No primeiro semestre deste ano, foram realizados diversos tipos de intervenções a partir dos temas expostos acima, por meio de brincadeiras como caça aos planetas, criação de esculturas, brinquedos com materiais recicláveis e elaboração de fantasias de robôs com papelões.

No segundo semestre de 2016 chega uma mestranda W cuja pesquisa se dava em torno da acessibilidade atitudinal dos voluntários da linha, e a acessibilidade

²⁸ Disponível em: <https://pbfcomics.com/comics/adam-2-0/>. Acessado em: 11 de jan de 2021.

instrumental de materiais para crianças e pré-adolescentes com deficiência visual em espaços não formais de ensino. Durante seu período no grupo, com o propósito sensibilizar e analisar a percepção dos educadores sobre acessibilidade, inclusão e multissensorialidade para pessoas com deficiência visual, a mestranda W elaborou oficinas teórico-práticas, sendo que, a primeira focou em discutir os temas abordados no grupo focal, apreciação de um produto cultural audiovisual usando os diversos sentidos sem a visão, e a segunda na eliminação de barreiras atitudinais e instrumentais no ato de brincar. Ambas as oficinas ocorreram na EACH/USP em 2016.

Em 2017, a dinâmica de intervenções na EMEF localizada no bairro de São Miguel Paulista foi alterada, de modo que foram realizadas intervenções com apenas uma turma de jovens, semanalmente com duração de um mês, de forma que houvesse rotatividade entre os grupos na escola de atuação. No primeiro semestre desse ano houve uma série de intervenções seguindo o modelo role-playing, em que os alunos assumem o papel de personagens, e vivenciam uma história contada por um narrador. O role-playing é muito similar as brincadeiras de crianças, em que cada indivíduo assume um papel, representando uma pessoa, animal, etc. Essa proposta faz parte do projeto do estudante U e a proposta era que os alunos se tornassem super heróis integrantes do grupo X-Men. Em cada intervenção, os integrantes da linha de pesquisa se revezavam no papel dos narradores, orientando uma história em que as crianças deveriam realizar brincadeiras, e eram expostas a situações problema, em que era necessária a realização de diálogo para a tomada de decisões em grupo.

3.1.5. *Lúdico, o brincar e os jogos*

Dizem com muita frequência que aprender não é brincadeira! Entretanto isso não significa que o jogo, o brinquedo, a imaginação, a curiosidade, o ato de manusear, de ousar, de gostar e, ..., enfim diversas outras características - que aqui resumimos com a palavra lúdico - possam ser excluídas do processo de aprendizagem e do ensino (RAMOS, 1991, p. 41).

O processo de aprendizagem de qualquer conhecimento pressupõe a interpretação do meio pelo sujeito tendo em vista suas estruturas cognitivas. A todo momento o sujeito ao interagir com o meio, com dados, com sensações, entre outros, realiza uma interpretação interna desses fatores em um processo de aprendizado, portanto, apreender um conceito é o resultado de diferentes ações que irão

possibilitar ao sujeito elaborar sua própria visão de realidade, acrescida de novos elementos obtidos. Esse é o processo de aprendizagem realizado pelo sujeito, segundo Ramos (1991), tendo em vista as visões de Piaget (1973). A aprendizagem é algo inerente do ser humano em todas as fases de sua vida, e se dá em diversas atividades diárias e muitas delas estão impregnadas de aspectos lúdicos, como a linguagem, a religião, etc. (RAMOS, 1991).

A ludicidade não está apenas nos jogos, nos esportes ou no que se convencionou chamar de lazer. A ludicidade não se prende a uma forma específica (jogo), nem a um objeto específico (brinquedo). Ela é uma interação subjetiva com o mundo (RAMOS, 1991, p. 42).

A interação lúdica do sujeito com um dado é algo subjetivo, portanto, o potencial didático dependerá de quem propõe a atividade. Propor desafios e gerar interesse influenciará diretamente nos resultados. Só de estar em contato com algo novo, ou descobrir novas vertentes antes não vistas em algo já conhecido já gera interesse e representa um desafio lúdico. Como o lúdico não é uma estratégia didática certa e controlável, não podemos dizer que sempre dará certo, portanto, propiciar conflitos teóricos em um clima desafiador é uma forma de cativar e alcançar bons resultados.

Por meio das interações do sujeito com o lúdico e da forma como isso se dá, tendo em vista seus instrumentos cognitivos individuais, Ramos (1991) traz algumas possibilidades para a aprendizagem:

Formação de novos conceitos; o desenvolvimento cognitivo; o exercício de estruturas cognitivas e/ou motoras já existentes; e contribuir para a formação de uma espécie de massa crítica para aprendizagem futura, devido à familiarização do sujeito com este objeto ou ideia (RAMOS, 1991, p. 43).

Para Gilles Brougère (apud KISHIMOTO, 2002), caracterizar uma atividade como lúdica subentende-se a noção de interpretação, pois devemos considerar o contexto cultural subjacente ligado à linguagem, que permite dar sentido às atividades.

O caráter lúdico de um ato não vem da natureza do que é feito, mas da maneira como é feito... O brincar não comporta nenhuma atividade instrumental que lhe seja própria. Ele tira suas configurações de comportamentos de outros sistemas afetivos comportamentais (BROUGÈRE apud KISHIMOTO, 2002, p. 21).

Diversos são os trabalhos a respeito da presença do lúdico no ensino. Na educação infantil (SERRÃO e CARVALHO, 1990;) no ensino de ciências (PIETROFORTE,

2009; SANTOS, 2013; RAMOS, 1991; RAMOS, 2016; PIASSI, 2007) por meio da música (GOMES, 2016) história em quadrinhos (NASCIMENTO JUNIOR, 2017) literatura (SANTOS, 2013; RAMOS, 2016;) filmes (PIASSI, 2007; SANTOS, PIASSI e VIEIRA, 2009) entre outros, que apresentam resultados positivos no aprendizado tendo em vista o aspecto lúdico das ações.

3.1.6. O Brincar

Para Gilles Brougère (apud KISHIMOTO, 2002, p.20) o brincar é uma atividade envolvida por uma significação social, que necessita de aprendizagem, “não é uma instância do indivíduo isolado das influências do mundo”. Ele mostra que a princípio, o brincar era visto como algo que se oporia a trabalhar, no sentido de algo fútil, sem seriedade e tal visão só mudou após o Romantismo, que inverteu os valores atribuídos ao termo.

Brincar é uma atividade presente em todas as culturas humanas e também está presente na rotina de diversos animais. Com efeito, é de se imaginar que, por essa razão, brincar seja mais antigo que a cultura humana e possui um sentido próprio (HUIZINGA, 2005). Assim Huizinga (2005) introduz seu livro, *Homo Ludens*, onde procura estabelecer que o brincar é um fenômeno cultural que possui características que perpassam uma necessidade fisiológica ou psicológica humana. Apesar de parecer contraditório, o autor explica que pretende estabelecer não o lugar do brincar entre as manifestações culturais diversas, mas debater até onde a cultura pode possuir uma marca lúdica.

O brincar encontra-se na cultura, porém existe antes dela, influenciando-a desde sua origem até os dias de hoje. Seu questionamento inicia-se no que realmente existe de divertido no brincar, qual seria sua essência ou o porquê o jogo é prazeroso. Não sendo possível ter sua base em algum elemento racional, ele define que o jogo é irracional, pois se assim não fosse, “limitar-se-ia à humanidade” (HUIZINGA, 2005, p. 6), e como já dito, os animais também jogam assim como os humanos. Assim, o jogo assume uma função social.

3.1.7. Jogos

Para que uma atividade seja considerada um jogo, Grilles Brougère (apud KISHIMOTO, 2002) diz que sua imagem deve ser assim interpretada pelos atores sociais, numa cultura que lhe dê sentido. Além disso, há também o processo de aprendizagem que torna possível a brincadeira. Desde pequeno, a criança começa a compreender as características essenciais do jogo, como por exemplo, a repetição, que deixa claro que a brincadeira não interfere na realidade, que deve haver acordo entre os parceiros, entre outros. Tudo isso será definido a partir de uma cultura preexistente ao jogo e o indivíduo vai aprendendo a utilizá-la mesmo em jogos realizados de maneira solitária. Vemos aqui que para o autor o jogo só pode existir se for capaz de permitir a interpretação das atividades humanas e que possua um sistema de significações (cultura própria do jogo) que possibilita ao sujeito se expressar dentro do jogo. Quando o sujeito brinca passa a compreender a cultura que o cerca e firmado isso, pode se expressar nela.

O jogo é antes de tudo o lugar de construção de uma cultura lúdica. Existe realmente uma relação profunda entre jogo e cultura, jogo e produção de significações, mas no sentido de que o jogo produz a cultura que ele próprio requer para existir. É uma cultura rica, complexa e diversificada.

Mas esse jogo, longe de ser a expressão livre de uma subjetividade, é o produto de múltiplas interações sociais, e isso desde a sua emergência na criança. E necessária a existência do social, de significações a partilhar, de possibilidades de interpretação, portanto, de cultura, para haver jogo. (BROUGÈRE apud KISHIMOTO, 2002, p.30).

Tendo isso em vista, o jogo tem uma “cultura específica” própria, mas também uma “cultura geral ou cultura lúdica”, que nada mais é do que as significações inerentes do jogo, que devem ser dominadas pelo jogador para que este possa brincar.

A cultura lúdica é antes de tudo um conjunto de procedimentos que permitem tornar o jogo possível. Dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam não ser vistas como tais por outras pessoas. Se o jogo é questão de interpretação, a cultura lúdica fornece referências intersubjetivas a essa interpretação, o que não impede evidentemente os erros de interpretação (BROUGÈRE apud KISHIMOTO, 2002, p.24).

Dominar essa cultura lúdica é ter referência para discernir se uma prática é brincadeira ou não, porém, não é sinônimo de certeza, afinal, essas regras não são estruturas rígidas e concretas, mas sim orientações. São esquemas que distingue e ao mesmo tempo diversifica a cultura lúdica, que por consequência enriquece a cultura geral através dos indivíduos que dela participam (BROUGÈRE apud KISHIMOTO, 2002).

Os jogos podem possuir conteúdos imprecisos e outros mais precisos. Para exemplificar essa ideia de que as regras são vagas e imprecisas, provenientes de estruturas gerais, temos as brincadeiras de “papai e mamãe” ou “mocinho e bandido” que nada mais são que reflexos imprecisos da realidade. Já no viés mais preciso, temos a formulação de personagens tendo em vista a moda, os interesses infantis e outros elementos da cultura do meio-ambiente, como é o caso dos super-heróis. Mas tudo isso que falamos compreender a cultura lúdica irá depender da idade, da classe social, da localização geográfica, do gênero, o contexto político sócio cultural, entre outros, que diferenciam os jogadores. A exemplo disso temos na contemporaneidade os objetos, como brinquedos e videogames e sua valorização ou não também é um fator da cultura lúdica (BROUGÈRE apud KISHIMOTO, 2002).

Para Ramos (1991), um jogo, um brinquedo ou uma brincadeira carrega em si aprendizado, pois atividades lúdicas como essas requerem de quem as praticam habilidades, sejam elas de cunho intelectual, as vezes físicas ou de outros tipos para sua execução. Atividades como essas, realizadas em ambientes desafiadores, tem a ludicidade em prol do aprendizado. Serrão e Carvalho (2011) nos mostram as vantagens e os resultados obtidos através de seus estudos sobre o uso dos jogos no desenvolvimento da criança. Este recurso didático tem diversas potencialidades quando utilizado como uma estratégia diferenciada na promoção da prática pedagógica. Por meio dos jogos é possível entender os interesses, as necessidades e a relação estabelecida entre a criança e o mundo, além de obter informações sobre seu comportamento social e estar consciente dessas possibilidades que o jogo fornece é importantíssimo. Nesse viés, o jogo deve ser planejado por quem propõe seu uso, tendo objetivos claros e não apenas como entretenimento. O jogo se bem utilizado e proposto como um desafio estimulante, potencializa o processo educativo, promovendo a criatividade, a realização de descobertas de forma lúdica. Em suma, se utilizado com uma intencionalidade educativa, de cunho intelectual e

não apenas com a função de ocupação de tempo e entretenimento, pode alcançar resultados significativos no âmbito da aprendizagem.

3.1.8. Recreação

Pablo Alberto Waichman (2004) mostra que não há consenso sobre o significado do termo recreação. Ele apresenta e propõe uma reflexão sobre as concepções do substantivo recreação tanto no senso comum como na visão de estudiosos da área, além de abordar a diferença deste com o adjetivo recreativo. Após essas análises, Waichman (2004) faz sua descrição com três enfoques: o recreacionismo, a animação sociocultural e a recreação educativa.

Em seu trabalho, Waichman apresenta “três linhas conceituais e de ação que refletem a dispersão do conceito”, porém, ele tenta aproximá-las, tomando alguns autores como exemplo (MEDEIROS, 1969; LOUGHLIN, 1971; BOULLON, MOLINA e RODRIGUEZ WOOG, 1984 apud WAICHMAN, 2004) que entendem a recreação como, aquela que acontece no tempo livre. Para o primeiro, recreação é qualquer atividade, desde que seja voluntária e prazerosa; para o segundo trata-se de uma forma de turismo, porém, em pequena escala; e para o terceiro é uma vivência pessoal (WAICHMAN, 2004).

Tendo em vista essas diferentes concepções, Waichman (2004) caracteriza recreação no âmbito individual, tendo em vista alguns conceitos.

Em todos os casos existe uma relação marcada entre: uma temporalidade encarnada nos termos tempo livre ou ócio, uma ação concreta sobre a realidade; um grau de liberdade expressa no ato de selecionar a ação; e uma satisfação compensatória ou criativa que supõe uma finalidade a ser alcançada com a atividade. A partir desse entendimento, poderíamos caracterizar a recreação como: uma atividade (ou conjunto delas) que possui lugar em um tempo liberado de obrigações exteriores; o sujeito elege (opta, decide); e provoca-lhe prazer (diversão, entretenimento, alegria) (WAICHMAN, 2004, p. 25).

Ele relata que as diferentes concepções mudam conforme o enfoque dado à temporalidade, à ação, à liberdade e à finalidade.

O que se utiliza muito no lugar do substantivo recreação é o adjetivo recreativo, ou seja, “como atributo de algo (a atividade)”. Isso pode ser visto quando se fala em jogos recreativos e matemáticas recreativas, por exemplo. Esses exemplos

de uso “supõem que ‘o recreativo’ é de caráter restrito a um fazer concreto; e esse caráter tem relação com o jogo, com a diversão, o entretenimento”. Entretanto, Waichman (2004) busca focar na ideia de recreação como um substantivo, mas como um objeto que define, não como uma característica agregada a outros objetos. Ele levanta alguns questionamentos sobre a atividade recreativa e diz:

O recreativo será, então, o acessório? Será uma compensação pelo trabalho ou pelo cumprimento das obrigações? Não poderá existir por si mesmo, com uma identidade própria, caracterizada pelo criativo, livre, prazeroso, comprometido? Provavelmente, se a dinâmica da classe fosse ágil; se os alunos forem protagonistas da construção do conhecimento; se as atividades fossem agradáveis e interessantes; se a participação dos educandos fosse intensa e comprometida - então os recreios não seriam necessários ou a atual forma de estruturá-los não seria pertinente. Mais ainda: poderíamos pensar em organizar o horário de cada dia juntos: mestres e alunos. Somente estes recreios seriam “livres” - ou, pelo menos, mais livres que os anteriores (WAICHMAN, 2004, p. 25).

Recreacionismo são ações ao ar livre, sejam elas organizadas ou não, mas que tenha um propósito positivo e construtivo. Trata-se do uso do tempo em algo prazeroso e saudável, tendo o jogo, como a atividade que melhor o representa. O recreacionismo tem a finalidade de divertir, sem focar profundamente na atividade, destacando apenas seu emprego no tempo desocupado, indo desde atividades simples e jogos oneroso e sofisticados. Quando o recreacionismo é bem estruturado, normalmente é ligado a atividades físicas ou atividades que no geral exigem pouca fundamentação teórica, sendo essa, uma das diferenças marcantes entre o recreacionismo e a animação sociocultural (WAICHMAN, 2004).

Não é necessário planejamento prévio das tarefas pois o objetivo é o tempo disponível e a espontaneidade na atividade, em detrimento de uma coerência do plano de trabalho.

[...] existem no idioma inglês dois termos diferentes para assinalar aquilo que tentamos discutir: leisure abarca as atividades ligadas ao entretenimento, eminentemente aleatórias e individuais, enquanto que recreation indica mais delimitadamente as atividades organizadas e dirigidas. Uma diferença corrente é feita entre aquilo que compete à decisão pessoal e aquilo que é estruturado exteriormente, sendo enfatizado, por exemplo, o “faça você mesmo” (WAICHMAN, 2002, p.27).

Surge na década de 1950 a animação sociocultural, “com características muito mais progressistas, democráticas e humanistas quando comparadas ao recreacionismo”, onde, por meio de ações coletivas, o indivíduo pode conhecer seu

meio e caso queira, transformá-lo. Na animação sociocultural, o animador é o agente atuante. Trata-se de uma ação com intencionalidades heterogêneas.

Diferentemente do recreacionismo, que é pautado nas atividades, na “animação sociocultural se encontra a análise das trocas sociais e culturais e de como o indivíduo ou o grupo vão tomando posição”, ou seja, pode gerar mudanças de atitudes das pessoas, sendo uma ação consciente.

3.1.9. O Centro para Crianças e Adolescentes

As atividades de divulgação científica do nosso projeto ocorreram no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). Ele está localizado em um bairro vulnerável e de difícil acesso, o Jardim Keralux, localizado na zona leste da cidade de São Paulo, a poucos metros da EACHUSP. Está alocado desde 2011 no mesmo local, uma casa alugada de dois andares que conta com duas salas de atividades, uma brinquedoteca, quadra e área livre, sala de coordenação, dois banheiros, sendo um adaptado, cozinha e refeitório. Conforme Cruz (2017) de maneira geral, o público atendido é do mesmo bairro, sendo que a maioria dos adolescentes estudam na escola Irmã Annete, e algumas crianças na EMEI Jardim Keralux, indo para lá no contraturno (CRUZ, 2017).

Cruz observa que o termo “socioeducativo” é uma palavra-chave quando se pensa em educação não formal. Ela pode ser aplicada aos CCAs pois eles “seguem diretrizes e parâmetros que pregam ações educativas e sociais, o que aponta para a característica de transversalidade desse serviço”. Para a autora, embora os CCAs, sejam definidos enquanto um serviço socioassistencial, eles possuem um caráter fortemente socioeducativo, por apresentarem potencial para a promoção indireta da educação não formal (CRUZ, 2017).

Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social do Município de São Paulo, o Centro para Crianças e Adolescentes desenvolve atividades com crianças e adolescentes de seis a quatorze anos e onze meses em situação de vulnerabilidade social. Cruz (2017) salienta que os CCAs oferecem “proteção social à criança e adolescente por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecem aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania,

mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários”. Isso se dá por meio de “atividades lúdicas, culturais e esportivas como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social, tendo em vista a construção de um espaço de convivência a partir dos interesses, demandas e potencialidades da faixa etária em questão” (CRUZ, 2017).

Algumas linhas de pesquisa do projeto Banca da Ciência tem atuado no CCA Jardim Keralux semanalmente com a realização de intervenções lúdicas e tem realizado atividades no campus da EACH com os adolescentes. O CCA é visto pelos moradores como algo que não os pertencem, contrapondo a ideia de um espaço público de integração com a comunidade. Um dos problemas enfrentados pelo CCA Keralux é o espaço físico pequeno, para atender a demanda de crianças que possuem. A pesquisa da autora identificou que a “promoção indireta da educação não-formal, por sua vez, de fato ocorre e mostra-se presente nas atividades e ações do serviço” e o contexto do bairro de extrema vulnerabilidade social faz com que o serviço seja de extrema relevância na região (CRUZ, 2017).

Agora que conhecemos mais sobre o público e sobre o espaço de atuação dos monitores, vamos entender por quais programas eles chegam ao projeto, afinal, a maioria é bolsista. Os estudantes de graduação são profissionais de diversas áreas que chegam no projeto por meio de programas de auxílio, assim como eu no início da minha trajetória estudantil. Iremos apresentar aqui os diferentes programas estudantis com o intuito de conhecermos a visão do estudante apresentada em cada um.

3.1.10. *Programas estudantis*

3.1.10.1. *Bolsa Trabalho*

Trata-se de um programa de apoio ao estudante de graduação que esteja com dificuldades no custeio de seus estudos, devido às condições socioeconômicas desfavoráveis. Esse custeio subsidia o desenvolvimento acadêmico do aluno bolsista por meio de atividades que visem seu desenvolvimento intelectual e sua formação acadêmica. A seleção era realizada por meio de análise socioeconômica. Os docentes ou trabalhadores técnico- administrativos de unidades de ensino, pesquisa,

administração ou extensão, de nível superior, que constituem os coordenadores dos projetos apresentam projetos de trabalho que constam: a relevância do projeto para a formação do aluno e para a sociedade; os objetivos; as atividades a serem desenvolvidas; a duração do projeto; as qualificações técnicas necessárias do aluno; o horário previsto para execução do projeto, entre outros (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2007).

3.1.10.2. *Ensinar com Pesquisa*

O programa Ensinar com Pesquisa faz parte da política de valorização do ensino de graduação voltadas para a permanência e para a formação estudantil na Universidade de São Paulo. Tem como finalidade o desenvolvimento do conhecimento, investindo no desenvolvimento docente e discente no campo do ensino e da pesquisa. Para isso, disponibiliza bolsas para alunos ingressarem em projetos com foco no ensino, voltadas para os desafios do ensino e da aprendizagem nos cursos de graduação. Portanto, os projetos devem ter relação com o projeto pedagógico do curso e com as metas da Unidade para o desenvolvimento do ensino de graduação. O foco do programa é que o ensino seja praticado tendo em vista aspectos como “o curso, as questões curriculares, as modalidades de ensinar e aprender, presenciais ou a distância, o estágio curricular ou profissional, as tecnologias, os resultados do ensino, a inserção profissional dos egressos, a evasão, entre outros”. A concessão leva em conta as condições socioeconômicas do estudante. Os resultados do período de pesquisa do estudante devem ser apresentados em pelo menos um evento científico nacional ou internacional, inclusive na USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2013).

3.1.10.3. *Aprender com Cultura e Extensão*

Este programa integra a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil da Universidade de São Paulo e busca fomentar projetos na área de cultura e extensão que envolvam atividades de pesquisa realizada por alunos de graduação. A ideia é que as atividades realizadas dentro e fora da Universidade de São Paulo, estreitem o relacionamento entre o graduando e a sociedade. Tendo isso em vista,

o programa torna-se um importante meio de conexão entre o ensino, a pesquisa e a cultura e extensão. Além de tudo isso, o programa busca promover a participação de projetos ligados a atividades de cultura e extensão em nível nacional no Simpósio Aprender com Cultura e Extensão; publicar os “Cadernos Aprender com Cultura e Extensão” com o relato de experiências com projetos já concluídos e internacionalizar o Programa por meio de convênios de cooperação com instituições, possibilitando o enriquecimento da formação dos futuros profissionais (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2014).

3.1.10.4. *PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência*

O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. Entre as propostas do Pibid está o incentivo à carreira do magistério nas áreas da educação básica com maior carência de professores com formação específica: ciência e matemática de quinta a oitava séries do ensino fundamental e física, química, biologia e matemática para o ensino médio. Há bolsas de valores distintos para os coordenadores de áreas do conhecimento, os alunos dos cursos de licenciatura, os supervisores (professores das disciplinas nas escolas onde os estudantes universitários realizam estágio). Podem apresentar propostas de projetos de iniciação à docência instituições federais e estaduais de ensino superior, além de institutos federais de educação, ciência e tecnologia com cursos de licenciatura que apresentem avaliação satisfatória no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Os estabelecimentos devem ter firmado convênio ou acordo de cooperação com as redes de educação básica pública dos municípios e dos estados,

prevendo a participação dos bolsistas do Pibid em atividades nas escolas públicas (BRASIL, 2018).

3.1.10.5. *PUB - Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Permanência e Formação de Estudantes de Graduação*

O programa é uma ação da Universidade de São Paulo que integra a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil. O Programa visa o engajamento do corpo docente em atividades de investigação científica ou projetos associados às atividades-fim da USP, de forma a contribuir para a formação acadêmica e profissional dos alunos regularmente matriculados. Somente os docentes, que atuarão como orientadores, poderão apresentar projetos em uma das três vertentes: ensino de graduação, pesquisa, cultura e extensão. Os projetos devem ser apresentados de maneira clara, destacando a motivação, os objetivos da proposta e as atividades que contribuirão para a formação acadêmica do estudante, bem como indicar o número de bolsistas solicitados. Os docentes podem apresentar no máximo 03 (três) projetos (incluindo todas as vertentes). Os estudantes interessados em se inscrever no Programa Unificado de Bolsas devem apresentar desempenho acadêmico e dedicação compatíveis com o plano de trabalho proposto pelo docente. O bolsista obriga-se a dedicar-se ao desenvolvimento do projeto em ritmo adequado às atividades exigidas pelo curso de graduação durante o ano e de forma intensificada durante as férias letivas. O processo de seleção do(s) estudante(s) é de responsabilidade do professor-orientador, a quem caberá avaliar o perfil acadêmico do(s) candidato(s), sua aptidão e disponibilidade para desenvolver o projeto, bem como priorizar entre os inscritos aqueles com maiores dificuldades socioeconômicas de permanência na Universidade de São Paulo, segundo a classificação da SASUSP por meio do SASe (o módulo de avaliação socioeconômica do PAPFE) (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2021).

Os programas foram apresentados para o entendimento de quais são seus objetivos enquanto fomentadores da participação dos alunos em pesquisas de extensão, por meio de auxílios financeiros. Os monitores ingressavam no projeto por meio destes programas ou de forma voluntária portanto, a condução desses alunos

pesquisadores deve contribuir para a formação acadêmica e profissional dos alunos. Por meio das propostas dos programas de apoio ao aluno de graduação apresentados, que priorizam uma ampliação de sua formação no âmbito da pesquisa, surgem as seguintes questões: Na visão do estudante pesquisador, qual é o olhar que se tem sobre o seu papel na realização de pesquisas? É oportunizado ao estudante pesquisador um espaço de aprendizado visando sua formação futura? A condução desta pesquisa favoreceu a formação do aluno pesquisador?

3.2. Fundamentação teórica da coleta e análise de dados

3.2.1. *Análise semiótica e do discurso*

A semiótica é uma teoria de análise que se preocupa com o texto. Os estudos linguísticos, focados no estudo das frases, não levam em consideração o contexto de enunciação. A análise semântica desenvolvida na década de 1960, tanto a estrutural como a lógica, reintroduz sua preocupação com o sentido. Segundo Barros (2005), a partir dos estudos de L. Hjelmslev que mostram ser possível a análise do plano de expressão separada do plano de conteúdo, a semântica estrutural faz o estudo do sentido por meio do desenvolvimento de princípios e métodos. Nesse período os avanços foram pequenos, mas fez os linguistas repensarem e retirarem as barreiras antes estabelecidas entre a frase e o texto e entre o enunciado e a enunciação, possibilitando um melhor estudo do sentido. Tais mudanças fazem a frase deixar de ser considerada a unidade de sentido e torna o sentido da frase dependente do sentido do texto (BARROS, 2005).

Desenvolvem-se junto ao estudo dos textos, teorias da enunciação que examinam as relações entre a enunciação e o texto enunciado, assim como, entre o enunciador do texto e o enunciatário. Para esses estudos surgiram teorias de estudo que privilegiam apenas uma dessas abordagens. Em contrapartida, com as mudanças na semântica citadas anteriormente, surge a preocupação com esse exame separado, possibilitando um novo caminho de estudo duplo da busca do sentido, envolvendo o texto e a enunciação (BARROS, 2005).

Fiorin (2007, p. 72) mostra que a semântica estrutural repensa seu objeto e estabelece três condições para o estudo da significação.

a) ser gerativo, ou seja, ‘concebido sob a forma de investimentos de conteúdo progressivos, dispostos em patamares sucessivos, indo dos investimentos mais abstratos aos mais concretos e figurativos, de tal modo que cada um dos patamares pudesse receber uma representação metalinguística explícita’ (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 327);

b) ser sintagmático, isto é, deve explicar não as unidades lexicais particulares, mas a produção e a interpretação do discurso (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 327);

c) ser geral, ou seja, deve ter como postulado a unicidade do sentido, que pode ser manifestado por diferentes planos de expressão ou por vários planos de expressão ao mesmo tempo, como no cinema, por exemplo (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 328).

Essas condições mostram que a semântica estruturalista passa a descrever como o texto diz o que diz e não apenas o que o texto diz. A condição de ser gerativo é porque o texto deve ser visto como um percurso, e esse percurso gerativo de sentido é hierárquico, pois correlaciona níveis e possibilita a realização de abstrações ao se ler um texto, pois muitas vezes ficar só na manifestação textual não faz sentido, como acontece com algumas fábulas. A condição de ser sintagmático é sobre a necessidade da simultaneidade da temporalidade e da espacialidade no plano da expressão e o meio da manifestação da significação. A condição de ser geral é sobre primeiro realizar a análise do conteúdo para depois analisar o plano da expressão e as relações existentes entre a expressão e o conteúdo e as particularidades de cada plano de expressão (FIORIN, 2007).

Segundo Barros (2005), como a semiótica estuda o que o texto diz e a forma como ele faz isso, é necessário compreender o que é o texto. Ele é o objeto de comunicação entre o destinador e o destinatário, podendo ser definido como um *objeto de significação* e para entendê-lo é feita uma análise interna ou estrutural do texto ou como objeto de comunicação entre dois sujeitos. O texto deve ser examinado levando em conta o contexto sócio histórico que o envolve, ou seja, é necessária uma análise externa do texto. Há os que fazem a análise interna e outros a análise externa do texto, entretanto, o texto visto dualmente como objeto de significação e de comunicação necessita de uma análise tanto do seu sentido como do seu contexto na fabricação do sentido. Nessa linha, a semiótica tem estudado o que o texto diz e a forma como ela diz, se atentando aos procedimentos de organização textual e aos mecanismos enunciativos de recepção e produção do texto (BARROS, 2005).

A manifestação textual é diversa, podendo ser oral, como em um discurso político; escrito, na forma de uma poesia; visual como uma aquarela; gestual como a dança; sincrético com mais de uma expressão, como ocorre nas histórias em quadrinhos, entre outros. Devido a essa variedade de possibilidades, as teorias têm se especializado para uma análise mais focada, perdendo a possibilidade de comparação entre textos diversos, haja vista que eles possuem características

comuns e isso seria possível. Tendo isso em vista, L. Hjelmslev sugere a realização da análise do plano de conteúdo do texto e que só depois seja feita a análise da forma de expressão e sua relação com o conteúdo. Portanto, a semiótica é uma "teoria que procura explicar o ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo" (BARROS, 2005, p. 13.).

Segundo Fiorin (2007) a semiótica tem como objeto o texto por ser uma teoria do discurso, entretanto, ela entende que pela enunciação há a passagem das estruturas mais profundas e simples para as superficiais e concretas. Para entender o que seria a enunciação dentro da semiótica, é necessário a compreensão do percurso gerativo de sentido (FIORIN, 2007).

3.2.2. *Percurso gerativo de sentido*

O plano de conteúdo é o percurso gerativo de sentido veiculado por um plano de expressão, que pode ser através de um texto, de forma verbal, pictórica, entre outros. Essa união de planos é chamada manifestação, portanto um texto é a manifestação do conteúdo por meio de um plano de expressão. Cabe ressaltar que um não existe sem o outro, sendo assim, não há conteúdo sem expressão, nem expressão sem conteúdo.

O que dá sentido ao texto no plano de conteúdo é o *percurso gerativo de sentido*. Ele pode ir do mais simples ao mais complexo e do abstrato ao concreto. O percurso gerativo de sentido possui três etapas, sendo elas, o nível fundamental (mais simples e abstrata onde surge a significação); o nível narrativo (a organização da narrativa que é construída a partir do ponto de vista de um sujeito) e o nível discursivo (narrativa realizada pelo sujeito da enunciação) (BARROS, 2005).

Para Fiorin (2009), o percurso gerativo é

[...] um modelo que simula a produção e a interpretação do significado, do conteúdo. [...] Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva: que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam - que existe uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 2009, p. 44).

No domínio do conteúdo, o texto é a manifestação das estruturas discursivas unidas a um plano de expressão. Cada um dos três níveis possui uma sintaxe e uma semântica, que na semiótica se contrapõem. A sintaxe abarca um conjunto de mecanismos que ordenam os conteúdos e a semântica trata dos conteúdos investidos nos arranjos sintáticos, que por sua vez, é dotado de sentido. Como a sintaxe tem mais autonomia que a semântica é possível o investimento de diferentes conteúdos semânticos em uma mesma estrutura sintática. No percurso gerativo, “o discurso tem invariantes que se realizam de maneira variável”, portanto, uma mesma estrutura narrativa pode ser tematizada de diferentes formas, por exemplo, “um sujeito que entra em disjunção com o objeto vida, pode ser tematizada como assassinato, suicídio, morte por acidente, etc.” (FIORIN, 2007, p. 76).

Quando há a união entre o plano de conteúdo e o plano de expressão, surge a textualização, portanto, o texto é uma unidade que se dirige para a manifestação. O conteúdo junto com a expressão cria efeitos estilísticos de expressão, onde os textos possuem uma função estética e uma função utilitária, podendo esta ser a de informar, explicar, documentar, entre outras. Tendo isso em vista, em um texto estético por exemplo, o poeta recria o conteúdo por meio da expressão, portanto, para se compreender esse tipo de texto é necessária uma atenção ao conteúdo e ao significado dos elementos da expressão, sendo que a articulação entre os dois resulta na significação global do texto. (FIORIN, 2007).

Sendo o texto o objeto da semiótica, a enunciação é a “instância de mediação entre as estruturas virtuais (fundamental e narrativa) e a estrutura realizada (discursiva)”.

3.2.3. *Nível fundamental*

Neste nível há um confronto de valores entre as características fundamentais positivas (eufóricas) com as negativas (disfóricas). As oposições semânticas dão sentido ao texto e a partir delas há um percurso a se seguir entre os termos (BARROS, 2005).

É neste nível que estão as categorias semânticas que servirão de base para a construção do texto. A oposição ou diferença é o que fundamenta uma categoria

semântica, podendo ser diversa, como, vida versus morte, riqueza versus pobreza, felicidade versus tristeza e assim por diante. Os termos em oposição devem ter algo em comum, e nessa característica em comum, a diferença é estabelecida. Portanto, a oposição entre masculinidade e feminilidade é possível pois ambos se situam no domínio da sexualidade, entretanto, não é possível a oposição entre democracia e comunismo, pois o primeiro é um regime político e o segundo é um sistema econômico (FIORIN, 2009).

Além de serem opostos, os termos de uma categoria semântica são contrários, e para isso aplica-se a operação de negação a cada um dos contrários. Sendo assim, para os termos contrários “vida” e “morte”, surgem os contraditórios “não vida” e “não morte” respectivamente, sendo estes também contrários entre si. Todos os elementos da categoria semântica de um texto recebem uma qualificação semântica de “euforia” com valor positivo versus “disforia” com valor negativo e tais valores estão inscritos no texto (FIORIN, 2009).

A sintaxe desse nível envolve duas operações, a negação e a asserção, tendo em vista as categorias semânticas. Portanto, segundo Fiorin (2009),

[...] a semântica e a sintaxe do nível fundamental representam a instância inicial do percurso gerativo e procuram explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e da interpretação do discurso. [...] A categoria semântica do nível fundamental deve dar sentido ao conjunto de elementos do nível superficial (FIORIN, 2009, p. 24-27).

3.2.4. *Nível narrativo*

Este nível abarca as ações do sujeito diante dos elementos de oposição semântica que por ele foi assumido como objetos de valor. No nível narrativo o sujeito sai em busca do seu objeto de valor e para isso, várias relações são estabelecidas entre ele e outros sujeitos (BARROS, 2005).

Segundo Fiorin (2009) para a compreensão de que o percurso gerativo é narrativo, é necessário o entendimento de que nem todo texto é narrativo e que há diferença entre narratividade e narração. Todos os textos possuem narratividade, que é uma transformação de um estado inicial para um estado final. Portanto a narratividade é a transformação do conteúdo e componente da teoria do discurso. Já a narração é inerente a uma determinada classe de textos e “constitui a classe de

discurso em que estados de transformações estão ligados a personagens individualizadas”. A sintaxe narrativa abarca dois tipos de enunciados. O primeiro é o enunciado de estado, que pode estabelecer uma relação de disjunção ou conjunção entre o sujeito e o objeto, por exemplo, o enunciado “João não é saudável” é uma relação de disjunção. O segundo é o enunciado de fazer, que envolve essa transformação de um enunciado de estado ao outro, ou seja, a passagem, como por exemplo, no enunciado “João melhorou de saúde” (FIORIN, 2009, p. 28).

A existência de dois enunciados produz duas espécies de narrativas mínimas, sendo elas a de privação e a de liquidação da privação, portanto pode haver um estado inicial disjunto e um final conjunto e vice-versa. O sujeito e o objeto de uma narrativa não necessariamente sempre são respectivamente uma pessoa e uma coisa. Eles são papéis narrativos, portanto, ambos podem ser representados por pessoas, animais, objetos, entre outros, em um nível superficial (FIORIN, 2009).

Segundo Fiorin (2009), normalmente as narrativas são mais complexas ao invés de mínimas, compostas por vários enunciados de fazer e de ser, sendo que todos eles estão organizados hierarquicamente e seguem a sequência de quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção.

- *Manipulação:* o sujeito (manipulador) induz o outro (manipulado) a querer e/o dever fazer algo, lembrando que ambos podem ser representados pelo mesmo personagem. Há diversos tipos de manipulação, sendo os mais comuns: a tentação que ocorre quando o manipulador oferece ao manipulado uma recompensa (objeto de valor positivo) para a realização de algo (exemplo: se você se comportar irá ganhar presente de Natal); a intimidação ocorre quando o manipulado é obrigado a fazer algo contra a sua vontade devido a uma ameaça (exemplo: se você não se comportar, não irá passear); a sedução acontece quando o manipulador consegue que o manipulado faça algo de seu interesse ao manifestar um juízo positivo sobre a competência do manipulado (exemplo: você é muito inteligente, por isso sei que irá conseguir resolver esse desafio) e a provocação, que ocorre quando o manipulador faz o manipulado realizar algo por meio da manifestação

de uma competência negativa deste (exemplo: como você costuma desistir de tudo, não irá terminar o jogo e ganhá-lo).

- *Competência*: trata-se do saber e/ou poder que o sujeito utiliza para realizar a transformação central da narrativa. Tais elementos podem aparecer de formas variadas, podendo ser em um nível superficial. Quando o príncipe utiliza um anel mágico para derrotar um dragão, o anel é o objeto de poder para a transformação.
- *Performance*: trata-se do momento da mudança central da narrativa, da transformação de um estado a outro. Isso pode se dar por exemplo quando se passa de um estado de disjunção para um estado de conjunção, por exemplo, em uma investigação criminal a pessoa sequestrada é encontrada pelo policial. Neste exemplo, o sujeito que opera a transformação é diferente do objeto, mas pode acontecer de ser o mesmo (idênticos) como em uma narrativa de suicídio.
- *Sanção*: é a última fase da narrativa, pois nela a performance é realizada e o sujeito que operou essa transformação é reconhecido. É a fase em que pode haver a distribuição de prêmios e castigos

Nem toda narrativa possui as fases bem arranjadas e segue a ordem relatada anteriormente, pois pode acontecer de algumas fases ficarem ocultas e necessitarem do recurso da pressuposição. Nem toda narrativa é realizada completamente e pode não ocorrer por exemplo a sanção esperada. Por fim, uma narrativa pode ser baseada preferencialmente em uma das fases, como acontece com jornais que focam na performance, ao relatar como foi um assassinato (FIORIN, 2009).

Como visto, os papéis narrativos formam os enunciados e estes fazem parte das sequências que passam de algo mais simples para algo mais complexo, ou seja, a sintaxe narrativa. A semântica no nível narrativo envolve os valores que os objetos possuem. Há os objetos modais e os objetos de valor. O primeiro são os elementos necessários para a realização da performance (ele é necessário para se obter outro objeto) e o segundo são os objetos com que se entra em disjunção ou conjunção no decorrer da performance (obtê-lo é o fim do sujeito). “O valor do nível narrativo é o significado que tem um objeto concreto para o sujeito que entra em conjunção com ele”, portanto, quando um príncipe ganha uma espada mágica e com ela mata

o dragão, a espada seria a concretização do objeto modal em um nível superficial, pois poder e vencer seria o foco desse nível (FIORIN, 2009, p. 37).

3.2.5. *Nível discursivo*

Este nível revela quem fala, para quem se fala e com qual intencionalidade. Para Barros (2005) são construídas relações entre o responsável pela produção e comunicação do discurso, na instância da enunciação com o texto enunciado. Os valores se desenvolvem na forma de temas e por meio de figuras. Se antes, no nível narrativo, as formas são abstratas, segundo Fiorin (2009), no nível discursivo, essas formas abstratas são revestidas de termos que lhe concedem concretude. Então, a conjunção com a riqueza, por exemplo, aparecerá na forma de um prêmio da loteria.

O plano de expressão se dá em um sistema de significação verbal, ou seja, a língua. O sentido do texto é definido como sendo uma rede de relações entre as figuras. As relações estabelecidas no contexto formativo compõem o discurso e adquirem sentido nas relações vivenciadas, estabelecendo coerência e servindo de base para explicar os resultados subsequentes.

A comunicação se dá por meio da manifestação linguística do texto. A utilização da língua ocorre na forma de enunciados que nada mais é do que palavras, frases e ideias que em contexto fornecem sentido ao texto. O enunciado não é uma frase qualquer, mas uma frase constituída de sentido no nível de interpretação e é caracterizado de acordo com o contexto em que é pronunciado. Tal enunciado possui um objetivo de comunicação que neste trabalho será analisado e refletido a partir do discurso dos alunos de graduação que participam do nosso projeto.

Nos relatos, os monitores são os enunciadores, ou seja, os que proferem a enunciação e o leitor é o enunciatário. Ao proferir uma enunciação, os monitores estão externando na forma de escrita, suas atividades mentais. Cabe ressaltar que os enunciados são produzidos em um contexto, que lhe dão significação que estabelecem condições de comunicação, tendo em vista também o interlocutor (BAKHTIN, 1997).

Tendo isso em vista, é importante analisarmos esses relatos tendo em vista seu contexto de produção.

A busca do sentido de um enunciado não se dá apenas com o auxílio de uma gramática ou de um dicionário. Não é possível entender o enunciado como portador de sentido estável conferido pelo locutor e que bastaria o receptor dispor do mesmo código, ou seja, falar a mesma língua para compreendê-lo. Nesta concepção, o sentido está inscrito no enunciado de alguma forma, bastando apenas um conhecimento léxico e da gramática para decifrá-lo. Entretanto, Dominique Maingueneau (2004) mostra a importância do contexto para se decifrar um enunciado. Sobre isso ele diz:

O que se quer dizer é que, fora de contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado, mas, na melhor das hipóteses, de coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular, para que esta se torne um verdadeiro enunciado, assumindo em um lugar e em um momento específico, por um sujeito que se dirige, numa determinada perspectiva, a um ou a vários sujeitos (MAINGUENEAU, 2004, p. 20).

Para explicar a importância da análise de um enunciado que conforme o contexto pode possuir diferentes sentidos, ele usa como exemplo uma placa de plástico que está na parede de uma repartição pública escrita “Não fume”. A interpretação dessa placa deve começar assumindo que ela é uma sequência de signos, ou seja, um enunciado. Analisar as características dessa placa, o que se encontra ao seu redor é fundamental para entender qual informação ela quer comunicar. Esse tipo de enunciado é uma interdição e as condições materiais (tipo de letra, cor, forma, entre outros) de apresentação são importantíssimas para esse entendimento (MAINGUENEAU, 2004).

Normalmente as frases portam marcas de tempo e de pessoa, como na frase “Esta sala é um espaço reservado à não-fumantes”. Essa frase dá ao leitor a ideia de que não há um tempo determinado para que a situação da sala mude a não ser que a placa fosse, por exemplo, um painel de informação digitalizada, podendo mudar a qualquer momento, já que foi escolhido esse tipo de recurso. Portanto, só o conhecimento léxico da língua e gramatical não é suficiente para interpretar adequadamente um enunciado (MAINGUENEAU, 2004).

Maingueneau (2004) mostra que os enunciados em sua grande maioria possuem marcas que o ancoram diretamente a uma situação. E até mesmo os enunciados que não possuem marcas podem remeter ao contexto, ou seja, possuem ancoragem, como é o caso da placa “Que carro”, que pede ao interlocutor uma reação diante de

algum carro presente no local. Há também enunciados que podem ocorrer fora de qualquer contexto, como é o caso de frases em livro de gramática. A frase “O gato persegue o rato” não exige que o interlocutor saiba quem é o gato nem o rato, caso a intenção seja apenas ilustrar verbos transitivos (MAINGUENEAU, 2004).

Contexto não deve ser entendido apenas como o ambiente físico, o lugar ou o momento da enunciação. Ele pode ser o contexto linguístico, que Maingueneau (2004) chama de “cotexto”. Para explicar isso, ele exemplifica com o enunciado “O agente secreto OSS 117 dirige-se ao bar languidamente. O local é um espaço reservado à fumantes”. Ao ler esse enunciado, o leitor identifica o contexto por meio do contexto linguístico do enunciado, associando o local ao bar. Ele ainda aponta três tipos de contexto, o ambiente físico da enunciação; o contexto que mobiliza a memória do interlocutor, que faça associação entre aquela dada unidade e uma outra no mesmo texto e por fim, o enunciado que exige do interlocutor o resgate de referências anteriores à enunciação (MAINGUENEAU, 2004).

A interpretação derivada é quando o leitor deve recorrer a procedimentos que o ajude a interpretar o enunciado, mobilizando regras chamadas pragmáticas. Ele sabe de informações prévias, obtidas no decorrer de sua vida, a partir de suas experiências e vivências que o ajudam a interpretar um dado enunciado. Portanto, ao ler a placa “Não fume”, o interlocutor lembra que existe legislação a respeito, das contraindicações sobre o cigarro, da seriedade daquele modelo de placa, entre outras, e entende aquele enunciado como verdadeiro. Maingueneau (2004) apresenta instruções de interpretação que podem ser utilizadas com orações ligadas por um elemento de ligação. Ele mostra que usando essas instruções e se baseando no contexto, o leitor consegue levantar hipóteses para explicar o enunciado. Seja qual for o enunciado, Maingueneau (2004) ressalta:

O destinatário não é passivo: ele próprio deve definir o contexto do qual vai tirar as informações necessárias para interpretar o enunciado. A priori nunca há uma única interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar à mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto (MAINGUENEAU, 2004, p. 29).

3.2.6. A cena de enunciação

O texto é o rastro criado pelo discurso em que a fala é encenada. Um texto pode ter mais de uma cena de enunciação. Para explicar isso, Maingueneau (2004, p.87) apresenta o seguinte exemplo apresentado com a imagem de uma mulher de terno ao telefone:

Que reunião! Esses cafés da manhã de negócios, todos aqueles croissants, aqueles pãezinhos, era tanta tentação, que não pude resistir... Mas eu vou dar um jeito nisso. Ao meio dia, vou reagir. Um encontro com a boa forma: somente WEEK-END e eu. Práticos, esses saquinhos que a gente carrega aonde vai. Sabor de baunilha ou de legumes, meus quilinhos a mais vão desaparecer. Os intervalos para a boa forma WEEK-END e seus cardápios equilibrados, isso conta muito na agenda de uma gulosa (MAINGUENEAU, 2004, p.87).

Ao analisarmos esse texto, é possível encontrar três cenas de enunciação nas quais a leitora da revista se encontra. A de um anúncio publicitário no papel de consumidora, ou seja, um tipo de discurso; a leitora do anúncio de produtos de emagrecimento preocupada em manter a forma, que é um gênero de discurso e a de interlocutora, amiga da mulher de terninho, que conversa com ela ao telefone (MAINGUENEAU, 2004).

A *cena englobante* é o tipo de discurso ao qual o texto pertence (publicitário, jornalístico, religioso, entre outros). Para descobri-lo, é necessário determinar (1) o tipo de discurso, (2) em nome de quê o texto interpela o leitor e (3) “*em função de qual finalidade ele foi organizado*”. Ao lermos um enunciado, classificar a cena de enunciação como cena englobante não é suficiente, pois o co-enunciador está tratando com gêneros de discurso particulares e cada gênero possui seus próprios papéis. Quando dizemos que em um panfleto eleitoral há um candidato se dirigindo a um eleitor, estamos falando sobre o *quadro cênico* do texto, que é o espaço onde o enunciado adquire sentido, ou seja, “o espaço do tipo e do gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2004, p. 86-87).

O leitor se confronta com a cenografia, ao invés do quadro cênico. No exemplo anterior da propaganda do produto de emagrecimento, a leitora acha que está em uma conversa telefônica, mas na verdade está lendo uma propaganda. Portanto, “todo discurso, por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”. Isso mostra que a cenografia não é apenas um cenário

no qual o discurso aparece inesperadamente, na verdade, de acordo com Maingueneau (2004) ela é

[...] a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala. A cenografia implica, desse modo, um processo de enlaçamento paradoxal. Logo de início, a fala supõe uma certa situação de enunciação, que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência, ou para promover certa mercadoria (MAINGUENEAU, 2004, p. 87-88).

Existem gêneros de discurso que pressupõem cenas enunciativas específicas deles, que de algum modo já são estabilizadas, como por exemplo, em uma correspondência administrativa ou um guia de turismo. Em contrapartida, o discurso publicitário é imprevisível, então fica difícil saber qual cenografia será mobilizada. Maingueneau (2004) apresenta um exemplo de guia de turismo que inovou em sua apresentação ao colocar em cena um enunciador jovem falando sobre um local. Neste exemplo, o enunciado segue as normas do gênero “guia turístico”, mas utiliza uma cenografia original, uma outra encenação de sua fala, que o distingue dos outros textos desse mesmo gênero. Entretanto, nem todo gênero do discurso pode desenvolver cenografias variadas, como é o caso de uma lista telefônica ou uma receita médica, tratando-se de cenografias especificadas. Quando a cenografia nos remete a um conjunto de diferentes cenografias possíveis, dizemos que a cenografia desse texto é difusa. Se a cenografia se apoia em cenas de fala que já estão instaladas em nossa memória, chamaremos de cenas validadas, ou seja, a cena exige ou pressupõe que o leitor busque modelos já respeitados que estão em sua memória (MAINGUENEAU, 2004).

Os enunciados são resultados de uma enunciação que implica em uma cena. Essa enunciação é proferida por um enunciador, que mesmo em um texto escrito, é possível perceber sua voz para além do texto. Se a intencionalidade é atingir um determinado público, o discurso presente nos textos publicitários, por exemplo, irá apresentar um sujeito com características semelhantes às dos leitores que compõem esse público. Até o estilo falado pode apresentar características específicas que remetem a algo e atrai o leitor. Na enunciação o ethos mostra a personalidade do enunciador mesmo que não seja de maneira explícita. O tom dado ao discurso,

mesmo no texto escrito, permite que o leitor construa a representação do corpo do enunciador, portanto, a leitura funciona surge uma instância subjetiva que funciona como fiador do que é dito (MAINGUENEAU, 2004).

O *ethos* compreende não apenas a dimensão vocal, mas possibilita o leitor determinar características psíquicas e físicas que representam o personagem do enunciador por meio de indícios textuais. Dependendo da precisão de tais indícios, é possível construir o caráter (traços psicológicos) e a corporalidade (forma corporal e maneira de se vestir e portar no espaço social) do fiador. Sobre isso Maingueneau (2004, p. 99) acrescenta:

O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas 'ideias' que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser.

O poder de persuasão de um discurso consiste em parte em levar o leitor a se identificar com a movimentação de um corpo investido de valores socialmente especificados. A qualidade de *ethos* remete, com efeito, à imagem desse 'fiador' que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2004, p. 99).

Entender essa função do *ethos*, fortalece a ideia de que não é possível separar a organização dos conteúdos da legitimação da cena de fala, pois os conteúdos dos enunciados estão ligados a cena de enunciação que os sustenta.

Quando o *ethos* age sobre o co-enunciador ocorre a incorporação. Por meio da enunciação, o co-enunciador cria um *ethos* para o seu fiador, lhe dando um corpo. Com isso, o co-enunciador incorpora um conjunto de esquemas construídos sobre um dado sujeito. Tais incorporações possibilitam a construção de um corpo. Na propaganda de produtos para emagrecimento WEEK-END há um texto significativo neste sentido, pois ele ajuda consumidoras a modelar o próprio corpo por meio da identificação com o *ethos* da fiadora do anúncio (MAINGUENEAU, 2004).

Para explicar sua visão a respeito do *ethos*, Fiorin cita Benveniste (1974 apud 2012, p. 79-88) ao mostrar que o eu (produtor do enunciado) e o tu (a quem o eu se dirige, e é levado em consideração na construção do enunciado) são sujeitos da enunciação, ou seja, os actantes. A fala do eu é feita em um determinado tempo e espaço. O mecanismo que estabelece no texto as pessoas, o espaço e o tempo é a debreagem, que pode ser enunciativa ou enunciva. A primeira possui actantes enunciativos (eu/tu) em espaços e tempos enunciativos, gerando um efeito de

sentido de subjetividade. A debragem enunciativa é construída na terceira pessoa (ele), com a ocultação dos actantes, espaços e tempos gerando o sentido de objetividade (FIORIN, 2012).

O enunciado existe devido a enunciação, pois todo enunciado pressupõe um ‘eu digo’. Há um *eu* pressuposto (enunciador) e um eu projetado (narrador). Se há um *eu*, também existe um *tu*, o *tu* pressuposto (enunciatário) e o *tu* projetado (narratário). Cabe ressaltar que o enunciador é uma imagem do autor e o enunciatário é uma ideia de leitor construída pelo texto, ambos são implícitos. Tanto o *eu* como o *tu* são actantes da enunciação, ou seja, quem fala e para quem se fala, os atores da enunciação. Ator é a concretização temática figurativa do actante, sendo importantíssimo entender como a construção da imagem desse ator é feita. O *éthos* para Fiorin (2012) é a imagem do autor, que não é algo real e sim um autor discursivo, implícito.

Em termos mais atuais, dir-se-ia que o *éthos* não se explica no enunciado, mas na enunciação. Quando um professor diz eu sou muito competente, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do *éthos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas, etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo sou competente. Como vimos antes, a enunciação não é da ordem do inefável. Por conseguinte, o *éthos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado (FIORIN, 2012, p. 139).

Portanto, fazer a análise do *éthos* do enunciador é buscar o sujeito construído pelo discurso, um autor discursivo, implícito, uma imagem do autor. O *éthos* do enunciador é o ator, não o actante da enunciação, e o ator possui ao menos dois papéis: actancial e temático. Há diferentes níveis enunciativos de um texto, portanto, o interlocutor é o personagem construído, mas para diferenciar o enunciador do narrador pode ser mais complexo. Ao analisar uma obra singular é possível identificar algumas características do narrador, mas se quisermos conhecer o *éthos* do enunciador, estudar sua obra inteira pode facilitar e diferenças na identidade ou no caráter podem ser encontradas.

O olhar analítico para os relatos será iniciado com o entendimento da cena de enunciação. Para isso, buscamos identificar a cena englobante, a cena genérica e a cenografia com a qual o leitor de confronto. Posteriormente, iremos identificar a figura do *ethos* na visão de Maingueneau (2004) identificando seu caráter, corpo e dimensão social e o *éthos* na visão de Fiorin (2012) buscando identificar o *eu*

projetado (narrador), o *eu* pressuposto (enunciador - autor), o *tu* projetado (narratário) e o *tu* pressuposto (enunciatário). Tendo em vista as entrevistas realizadas no início da pesquisa, o acompanhamento dos monitores no grupo e a narrativa final na forma de relato, iremos apresentar as possíveis inconsistências que possam surgir. Lembrando que a narrativa foi direcionada a mim, coordenadora do grupo, portanto há uma ideia de enunciatário e de narratário já pressuposto pelo enunciador. Isso marca a narrativa a lhe dá características únicas. Essa narrativa já possui um filtro, pois o leitor é levado em consideração na escrita. Isso concorda com a ideia da investigação praxeológica, de que o investigador é instrumento também porque ao analisar os monitores em processo de formação, a voz do pesquisador aparece (ao falar suas impressões), ou seja, há o cruzamento das vozes.

3.3. Metodologia de coleta de dados

Tendo em vista a metodologia da investigação praxeologia, pautada na construção de um conhecimento que seja útil socialmente, é necessária uma boa metodologia de coleta de dados. Buscamos realizar uma documentação densa dos processos formativos e do contexto pesquisado. Entendemos que fazer pesquisa é estar atento ao processo e próximo do contexto. Por se tratar de um estudo em grupo, a tomada de dados deve ser cuidadosa e bem refletida.

Buscaremos fazer uma tomada de dados densa, por meio de diferentes recursos com o intuito de obter uma compreensão mais ampla. É importante ressaltar que não há verdades absolutas pois não há o olhar de um só, entretanto, iremos apresentar nas análises o nosso olhar.

A coleta de dados foi por meio de:

- *Gravações das reuniões semanais* - realizadas na linha de pesquisa M.A.R.I.A. com o intuito de obter os discursos, as visões e as colocações dos graduandos mediante as demandas e temas que lhes são apresentados. A ideia é a partir desses dados, encontrar subsídios que nos mostrem o que os motivam a estar ali, suas visões a respeito da proposta da linha entre outros fatores.
- *Recursos da Web* - Serão analisadas as participações individuais nos aplicativos que usamos como ferramenta de comunicação, como “WhatsApp e Facebook” entre outros quando houver. A partir desses instrumentos buscaremos entender se há engajamento, comprometimento, interesse nas temáticas propostas, participação nas discussões, etc.
- *Diário de bordo* - Todos os graduandos receberam um caderno de anotações com a finalidade de servir de instrumento para a sistematização, anotação e organização das ideias e informações que julgassem importantes. Esse diário deveria ser utilizado

quando julgassem importante anotar referências para o grupo, fatos importantes no decorrer das aplicações que eles realizam no CCA, com intuito de não esquecerem, sugestões, críticas e elogios à estrutura e metodologia adotada no grupo, entre outros pontos. A ideia é que possamos entender a partir de suas escritas como se dá sua participação no grupo.

- *Entrevistas com vídeo* - realizada de maneira individual de forma a conhecer mais do âmbito pessoal de cada um. Iremos aqui analisar a entrevista tendo em vista seu contexto social e de que forma tal cenário influencie em seu discurso, postura, atitudes e assim o marque ideologicamente.
- *Conversas individuais* - muitas vezes os monitores propõem ideias, apresentam suas opiniões em momentos de descontração ou momentos impessoais. Tais falas também poderão ser levadas em consideração, tendo em vista que isso se faz presente e acontece de maneira corriqueira.
- *Relato* - uma escrita livre e sem nenhum direcionamento sobre se a experiência de passagem pelo nosso projeto. O intuito é verificar se surtiu algum efeito positivo ou negativo em suas vidas no âmbito acadêmico, pessoal, profissional, entre outros. Esse relato foi solicitado dois anos após o fim do projeto e os monitores foram direcionados unicamente a concentrarem suas narrativas no período dessa pesquisa, ou seja, no ano de 2018, com a adoção da metodologia participativa.

As entrevistas realizadas com os monitores foram orientadas com base nas questões a seguir:

Quadro 1: Questões orientadoras das entrevistas.

- Questão 1** Conte um pouco da sua trajetória na USP. Que curso frequenta? O que representa para você estar na universidade? O que gosta e o que não gosta? A graduação escolhida é o que sempre quis ou acabou seguindo outro caminho acadêmico?
- Questão 2** Enquanto aluno, quais são seus hábitos de estudos? Como se organiza?
- Questão 3** Quais são suas metas como estudante? Metas para o futuro (acadêmico e profissional)?
- Questão 4** Além de participar da linha de pesquisa M.A.R.I.A., se envolve em mais alguma outra atividade na USP (ex: Centro Acadêmico, cursos extracurriculares, etc.)? o objetivo aqui é tomar conhecimento da disponibilidade de tempo e o foco do aluno a partir de suas escolhas de atividades.
- Questão 5** Como chegou no projeto? Averiguar se o aluno foi convidado por algum participante, se inscreveu em processo seletivo ou outra opção.
- Questão 6** Por que se inscreveu no projeto PUB ou por que decidiu ser voluntário (se for o caso)? Esperamos que a partir da primeira questão, quando o aluno relatar sua trajetória e se aprofundar no âmbito familiar, possa trazer o entendimento dessa escolha de entrar no PUB. O intuito é saber se foi puramente financeira ou por outras motivações.
- Questão 7** Ter bolsa é importante? Com o que gasta o dinheiro? Além do recebimento da bolsa, precisa trabalhar para complementar?
- Questão 8** Relate as atividades que mais gosta de realizar e participar no grupo e as que menos gosta? Deixar a pessoa bem à vontade.
- Questão 9** Acredita que está na linha de pesquisa certa ou tem o perfil de outro grupo do INTERFACES como um todo? Conhece os outros grupos e suas propostas? (Questão direcionada apenas para algumas pessoas, conforme o tempo que está no grupo)
- Questão 10** Estar no nosso projeto de pesquisa tem influenciado na sua formação profissional de alguma forma?
- Questão 11** Contribui para sua formação acadêmica? Falar tanto em relação ao seu desenvolvimento na universidade como no âmbito de sua atuação profissional quando formado.
- Questão 12** Você já tinha experiência em ensinar outras pessoas? Como foi e está sendo essa experiência?
- Questão 13** Quais são as suas características pessoais que contribuem para as atividades? Quais te atrapalham?
- Questão 14** Conte algo que te marcou no grupo. Uma experiência interessante, diferente, etc.

Fonte: Autora.

Essas questões foram levantadas com o intuito de entender as escolhas individuais de cada monitor, findando em sua entrada na Universidade de São Paulo. Também analisamos o contexto familiar em que estão inseridos para entendermos se isso interfere de alguma forma em sua participação no projeto de pesquisa, tendo

em vista os âmbitos financeiro e ideológico. Entender como se deu essa chegada até o grupo e qual foi a motivação de continuar nele, seja por interesses financeiros ou por ter ideais que corroboram com a proposta do grupo, aprendizados e forma de condução do grupo. Além disso, entender em que medida estar no projeto pode interferir nas formações individuais dos monitores, sendo esse nosso maior interesse.

O estudo dos dados foi realizado por meio da análise semiótica e do discurso dos materiais obtidos. Além disso, tais análises nos darão subsídios para verificar se a proposta metodológica adotada foi eficiente e o grau de aceitação e contentamento dos envolvidos. O conjunto de informações coletadas utilizando recursos distintos poderão dar condições para responder nossos questionamentos.

Como a proposta desta pesquisa é a promoção da formação de estudantes de graduação por meio da formação de sujeitos de aprendizagem, é necessário a construção de um ambiente participativo que possibilite as interações e experiências de maneira democrática, e que respeite e apresente as diversidades plurais de cada um, haja vista, que, no grupo há integrantes de cursos de graduação bem distintos e cada qual, com suas impressões, interesses e características que os constituem e os definem. A ideia de construir um ambiente de formação que consiga favorecer individualmente cada integrante por meio da orientação de seus projetos individuais e ao mesmo tempo que seja conduzido com a ideia de unidade e que consiga alcançar seu objetivo proposto, de divulgação da ciência e de realização de pesquisa. Entendemos que a pedagogia em participação pela investigação praxeológica nos auxiliará e nos fornecerá embasamento teórico metodológico para essa condução.

Estamos inseridos em um ambiente rico do ponto de vista de construção de conhecimento, além de fomentar a vertente interdisciplinar, articulando também as artes e as humanidades. No projeto há uma rica troca de conhecimento entre os monitores que são de cursos diversos, tais como Lazer e Turismo, Sistemas de Informação, Gestão Ambiental, Gestão de Políticas Pública, Têxtil e Moda, Marketing, entre outros; os alunos pós graduação e os professores doutores, bem como, com os profissionais e as crianças do espaço em que atuamos. O foco inicial é a formação de recursos humanos em nível de graduação, englobando estudantes de licenciaturas, mas não se restringindo à formação de professores em si, uma vez que

incorpora outros futuros profissionais que podem se beneficiar com o tipo de ação proposta no projeto.

Para que a formação seja efetiva, iremos nos debruçar sobre uma proposta que não produza um modelo de passividade, que pensemos e discutamos sobre os modos de transmissão que adotamos e suas reais eficácias, ou seja, apresentar a cultura profissional para que os graduandos e os professores progridam em novas visões de se fazer ensino. Pensando em tudo isso, surge a seguinte questão: como realizar a formação dos graduandos para que eles façam mediações com as crianças e consigam chegar nelas? Se a proposta apresentada for algo transmissivo, os graduandos também farão algo transmissivo. Como promover contextos participativos para que isso seja refletido nas aplicações?

Nossa proposta de pesquisa é que o ambiente de estudo seja favorável para que os alunos executem e sejam protagonistas na realização de seus projetos pessoais de pesquisa. Para que isso fosse viável, criamos no grupo um contexto de formação e discussão que fomentasse isso. A ideia é que os alunos tenham liberdade de atuação e se coloquem como responsáveis de seu processo de formação e atuem como pesquisadores.

Os monitores são orientados em seus projetos tendo em vista suas formações e de maneira articulada com a proposta do grupo. Tal vertente objetiva que a produção de conhecimento científico seja colaborativa em diversos âmbitos, partindo da ideia de promoção de sujeitos colaboradores e participativos do processo; da formação de sujeito de aprendizagem, com a promoção de um ambiente que possibilite interações e trocas de experiências. Nesse período os integrantes como um todo se voltam para o questionamento de qual seria realmente o objetivo do grupo e os momentos de discussões tem isso como foco, resultando na ideia central que norteia a linha. O foco é a dimensão lúdica e o brincar e nesse seguimento os projetos individuais dos alunos são construídos e assim iniciados no final do segundo semestre de 2017.

Em todos os momentos, os voluntários puderam trazer para as intervenções suas questões de pesquisa, mas neste semestre em específico, foi dado um enfoque maior aos voluntários.

A fim de conhecer melhor os participantes, precisamos entender primeiramente o que os motivam e quais fatores os trouxeram até a linha de pesquisa. Sendo assim, realizamos entrevistas com os monitores e as perguntas a eles direcionadas foram elaboradas com o intuito de entender suas trajetórias de vida pessoais e acadêmicas, bem como, entender seus ideais e contextos sociais e como tais fatores podem influenciar em suas escolhas em relação a sua chegada e atuação na linha de pesquisa. Essas entrevistas foram realizadas fora dos momentos de reuniões em grupo e de forma individualizada. Todos receberam previamente as informações do que se tratava e ao concordarem com a realização das entrevistas, que foram gravadas em vídeo e transcritas (ANEXO 6). Os monitores assinaram um termo de consentimento sobre o uso desses e de outros dados coletados ao longo do período de pesquisa. Sendo assim, todas as coletas de dados foram consentidas, tendo em vista as normas estipuladas pelo Comitê de Ética. Cabe ressaltar que ao entrarmos na plataforma Brasil para fazermos o cadastro no Comitê de Ética verificamos que eles só analisam dados coletados após o cadastro. Como já havíamos iniciado a coleta de dados, optamos por não darmos continuidade ao processo de cadastro.

Além das entrevistas elaboramos uma dinâmica de organização das reuniões formativas de forma a obter mais dados em relação ao processo. O primeiro semestre do ano de 2018 foi escolhido como período de coleta de dados e nesse período a linha M.A.R.I.A. atuou somente com divulgação científica no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA). As datas das intervenções (aplicações) de divulgação científica do nosso grupo foram estipuladas e organizadas em parceria com a linha de pesquisa L.U.C.I.A. E.M.M.A. pois ambas atuavam no mesmo espaço. No CCA é realizado o atendimento de cerca de sessenta e duas crianças e adolescentes, sendo que a turma é dividida em duas. As turmas são acompanhadas por uma linha específica até o final do semestre, ou seja, o nosso grupo ficou responsável por cerca de trinta e uma crianças fixas. Essa organização foi para que ambos os grupos fossem contemplados em suas necessidades, findando no seguinte cronograma:

Quadro 2: Cronograma CCA do 1º semestre de 2018.

Cronograma CCA 2018 - 1ºSemestre

Data \ GRUPOS	GRUPO 1	GRUPO 2
----------------------	----------------	----------------

10/abr	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.
24/abr	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.
08/mai	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.
22/mai	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.
05/jun	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.
19/jun	E.M.M.A. L.U.C.I.A.	M.A.R.I.A.

Como as atividades eram realizadas no CCA, cada monitor era responsável por propor uma atividade de intervenção, que era apresentada nas reuniões previamente ao dia de sua aplicação. Após aprovação, a atividade era enviada aos professores do CCA, por meio de uma ficha de atividades (ANEXO 1) com uma semana de antecedência à aplicação. A atividade proposta por cada monitor faz parte do seu projeto de pesquisa, portanto tem a ver com sua formação sempre é debatida em grupo. A ideia é que todos possam fazer colocações e dar sugestões de forma a propor melhorias e ajudar na execução. As fichas de atividades também são uma fonte de dados, pois traz informações cruciais para sua execução, deixando todos os envolvidos a par do que irá acontecer na atividade, bem como, quais materiais são necessários.

Desde o início do primeiro semestre de 2018, coletamos áudios das reuniões para que tudo que fosse abordado, decidido e questionado estivesse registrado. Tais áudios são um material rico pois deles poderemos coletar as visões dos monitores sobre as ações e sobre a dinâmica do grupo. Algumas das transcrições estão em anexo (ANEXO 2).

A reunião é o espaço e o momento em que debatemos tudo que diz respeito ao grupo. Conforme os alunos trazem suas propostas de atividades a serem realizadas nas intervenções, o grupo como um todo debate a melhor forma de findar em uma boa atuação. Fazemos discussões de textos que usamos como referência. Tais textos são selecionados pelos coordenadores quando julgam pertinentes ao momento e também são sugeridos pelos monitores de maneira democrática. As diferentes colocações em torno de uma questão são ali apresentadas. Por ser o momento de discussão, entendemos que ter os áudios das reuniões é importantíssimo.

As datas das reuniões foram definidas no início do ano de 2018 para que todos os participantes do projeto tivessem mais tempo para planejamento, estudo e formação nas reuniões. Essa demanda de mais tempo para o planejamento e o estudo é uma demanda que percebemos necessária durante o ano de 2017 e que achamos pertinente estudar e organizar. Além disso, se estamos concebendo esse espaço de reuniões como um espaço de estudos e formação, é necessário um tempo maior para tal. Os próprios integrantes do grupo também trouxeram essa demanda da necessidade de mais tempo para os momentos de formação. Isso mostra que os monitores entendem o espaço do grupo como um local de formação e mudanças foram feitas nesse sentido.

A seguir é possível vermos como ficou organizado o calendário semestral de atividades:

Quadro 3: Cronograma atividades M.A.R.I.A. do 1º semestre de 2018.

Cronograma M.A.R.I.A. 2018 - 1º Semestre

Data	Atividade
06/mar	Reunião - Mudança de Integrantes
13/mar	(Formação) - Visita Feira Febrace
20/mar	Reunião (Formação)
27/mar	Reunião (Formação)
03/abr	Reunião (Formação)
10/abr	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
17/abr	Reunião (Formação)
24/abr	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
01/mai	Feriado
08/mai	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
15/mai	Reunião (Formação)
22/mai	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
29/mai	Reunião (Formação)
05/jun	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
12/jun	Reunião (Formação)
19/jun	Reunião (Formação) / Intervenção no CCA
26/jun	Reunião (Formação)
03/jul	Confraternização

Também foram feitas as atas das reuniões de maneira democrática, de forma que a cada semana um monitor ficasse responsável por sua escrita. Tal documento servia para a organização das decisões tomadas no dia, organização das atividades

de divulgação científica posteriores, tendo em vista, organização de materiais, de funções, de tempo e de responsabilidades no decorrer da semana até o momento da ação. Além disso, a ata serve de documento de apoio para quem por ventura não estivesse presente no dia da reunião. A divisão da escrita da ata é interessante e necessária, pois a partir dela podemos perceber o foco dado por cada um e sua forma de registrá-la. Tal documento tinha um prazo de cinco dias a partir da data da reunião para ser disponibilizado na rede social (Facebook do grupo) e no drive que alimentamos com todos os arquivos pertinentes ao projeto. Todas as atas servirão de material para coleta de dados e poderão ser analisadas nesta pesquisa. Exemplos de atas encontram-se no anexo deste trabalho (ANEXO 3).

Outro documento que achamos pertinente utilizar foi o “diário de bordo” pelos monitores. Cada monitor recebeu um caderno de anotações pessoais que denominamos “diário de bordo” e nele sugerimos que fosse registrado tudo que cada um achasse interessante e pertinente no que diz respeito ao projeto de pesquisa. A ideia é utilizá-lo para anotar informações que não quisesse esquecer ou que não quisesse colocar em público no momento de discussão em grupo, mas que achasse importante registrar. Também sugerimos que os monitores anotassem pontos importantes que verificassem durante a realização das atividades de divulgação, ou no percurso de ida e volta das intervenções, ou no decorrer das discussões em grupo. Até mesmo alguma referência que julgassem interessante para sua pesquisa, ou até mesmo em suas aulas de graduação, entre outros. No geral, a ideia era que os monitores fizessem registros de pontos importantes daqueles momentos que não quisessem esquecer e que pudessem ser úteis e importantes para a escrita de seus relatórios de pesquisa ou para trazerem para debate nos momentos de reuniões. Tais materiais foram analisados e exemplos de escrita podem ser vistos nos anexos (ANEXO 4).

Com o intuito de verificar se o período em que os monitores estiveram no projeto que desenvolvemos trouxe algum resultado, positivo ou negativo, no âmbito profissional, pessoal ou acadêmico, foi solicitado a eles a escrita de um relato livre e sem nenhum direcionamento sobre suas impressões a respeito dessa experiência dois anos depois. Portanto, solicitamos aos monitores que concentrassem suas narrativas no período dessa pesquisa, ou seja, no ano de 2018, haja vista que alguns já estavam no grupo antes da adoção da metodologia participativa. A ideia é que

eles escrevessem sobre a possível influência que esse período possa ter gerado em suas vidas e as consequências futuras percebidas no ano da escrita, 2020. Este relato atual pode trazer novos resultados, pois neste período de dois anos, tais monitores vivenciaram novas situações e puderam refletir sobre algum possível legado da fase em que atuaram como monitores no projeto que desenvolvemos no grupo.

3.4. Análise dos dados

Os dados abaixo mostram que construímos no grupo um espaço de formação e estudo, e que a metodologia utilizada na gestão e organização dela viabilizou aos envolvidos a ideia de unidade, de pertencimento e de proporcionar experiências que acrescentem em suas formações, tendo em vista o viés da pesquisa, da formação científica. Conseguimos encontrar estratégias de promoção de um ambiente de pesquisa dialógico e colaborativo para a produção de conhecimento científico em diversos âmbitos, partindo da ideia de promoção de sujeitos colaboradores e participativos do processo mesmo com as dificuldades encontradas. Os participantes se sentiam envolvidos, qualificados para as intervenções e para os processos formativos que realizam na divulgação científica.

Diversas foram as atividades propostas, entre elas, o Monitor C elaborou um jogo de “batalha-naval” sobre mulheres importantes na ciência. Seu objetivo era que os jovens e as crianças tivessem conhecimento dos grandes feitos da ciência por mulheres.

Figura 8: Batalha Naval no CCA.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Houve a construção coletiva de uma história em quadrinhos e uma brincadeira sobre biomas brasileiros. As imagens a seguir são de uma intervenção que promoveu a discussão em torno do gênero. Contou com estações de atividades, nas quais os participantes deveriam responder a perguntas de ciências ou sobre conhecimentos gerais envolvendo "torta da cara", realização de experimentos científicos, entre outros.

Figura 9: Estações de atividades na banca da Ciência.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 10: Alunos realizando atividade em uma das estações.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Ocorreu uma atividade chamada guerra de desigualdades (de gênero) organizada pela Monitora D. Sua intenção era por meio da brincadeira colocar os

jovens e adolescentes em uma situação de desigualdade de gênero para que eles expressassem naturalmente sua opinião.

Figura 11: Alunas realizando atividade no campo.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

A monitora E realizou uma atividade envolvendo sua formação em têxtil e sua formação anterior em química de forma lúdica. A proposta foi de transposição de desenhos feitos com giz de cera para o tecido por meio de uma fonte de calor, conforme a imagem a seguir.

Figura 12: Alunos desenhando na lixa com giz de cera.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 13: Transposição da imagem para o tecido.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Também houve uma dinâmica circense realizada numa das quadras esportivas da EACH e atividades de yoga para relaxamento e concentração foram utilizadas para iniciar algumas das atividades com os jovens e as crianças do CCA, assim como antes das reuniões.

Figura 14: Atividade circense com os jovens do CCA.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 15: Alongamento com os jovens do CCA.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 16: Atividade circense com o grupo de monitores.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

Figura 17: Atividade circense de relaxamento antes das reuniões.



Fonte: Acervo do grupo M.A.R.I.A.

A exposição dos dados se dará da seguinte forma: iniciaremos caracterizando os monitores por meio das informações obtidas nas gravações em vídeo e nos áudios das reuniões, além de conversas individuais. Será apresentada uma caracterização de maneira descritiva e algumas informações serão apresentadas em gráficos para melhor visualização e comparação. Em seguida, foi apresentado o conteúdo dos relatos de maneira geral, findando com a análise semiótica e discursiva deles. Por fim, são explanados os ganhos que a proposta dessa pesquisa trouxe ao grupo estudado. O nome de todos os participantes foi modificado a título de preservação de imagem.

3.4.1. Caracterização dos monitores

A seguir apresentaremos algumas informações a respeito dos monitores do grupo obtidas das entrevistas realizadas no início do projeto.

1. Monitora A

Curso: Gestão de Políticas Públicas (GPP)

Idade: 25

Raça: branca

Classe social: D

Com quem mora: pai e irmã

Nível de ensino dos pais: pai cursou Ensino fundamental I e a mãe Ensino Fundamental II sem concluir, parando no atual 9º ano.

Ensino médio do graduando: privado

Função: Monitor (a) bolsista

2. Monitor B

Curso: Gestão Ambiental (GA)

Idade:28

Raça: Branco

Classe social: B média

Com quem mora: mãe

Nível de ensino dos pais: Mãe graduada em Direito

Ensino médio do graduando: privado

Função: Voluntário

3. Monitor C

Curso: Marketing (MKT)

Idade: 30

Raça: Negro

Classe social: média B2

Com quem mora: pais e um irmão

Nível de ensino dos pais: Mãe com pós graduação em Letras e pai com Ensino Médio técnico em Eletricidade

Ensino médio do graduando: público

Função: Monitor (a) bolsista

4. Monitora D

Curso: Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN)

Idade: 20

Raça: Parda

Classe social: baixa D

Com quem mora: pais e quatro irmãos

Nível de ensino dos pais: Mãe concluiu o ensino médio e o pai só o fundamental

Ensino médio do graduando: público

Função: Monitor (a) bolsista

5. Monitora E

Curso: Têxtil e Moda (TM)

Idade: 32

Raça: Parda no registro e se considera Negra

Classe social: C

Com quem mora: sozinha

Nível de ensino dos pais: Semianalfabetos e não concluíram o ensino fundamental

Ensino médio do graduando: pública

Função: Monitor (a) bolsista

6. Monitora F

Curso: Gestão de Políticas Públicas (GPP)

Idade: 21

Raça: Branca

Classe social: D

Com quem mora: mãe

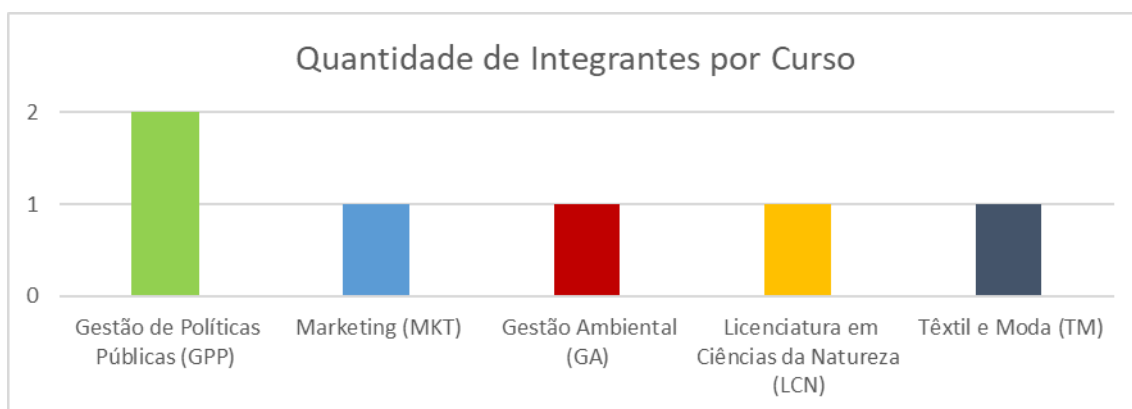
Nível de ensino dos pais: Ensino médio da mãe

Ensino médio do graduando: Público

Função: Coordenadora desde 20/03/2018

Todos os dados serão apresentados adiante na forma de gráficos para facilitar a visualização das informações e o comparativo entre os integrantes.

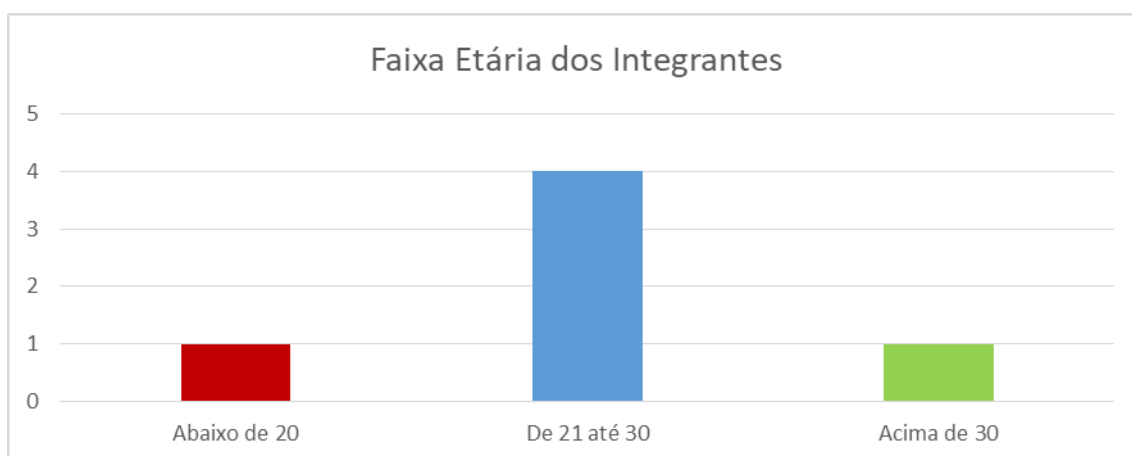
Gráfico 1: Quantidade de integrantes por curso.



Fonte: Autora.

Este gráfico mostra que o grupo é diverso com integrantes em cursos diversos da EACHUSP. Nos cursos de Marketing, Gestão Ambiental, Licenciatura em Ciências da Natureza e Têxtil e Moda, há um representante, correspondendo a uma porcentagem de cerca de 16,6%. No grupo há dois monitores que fazem o curso de Gestão de políticas públicas, representando uma porcentagem de cerca de 33%.

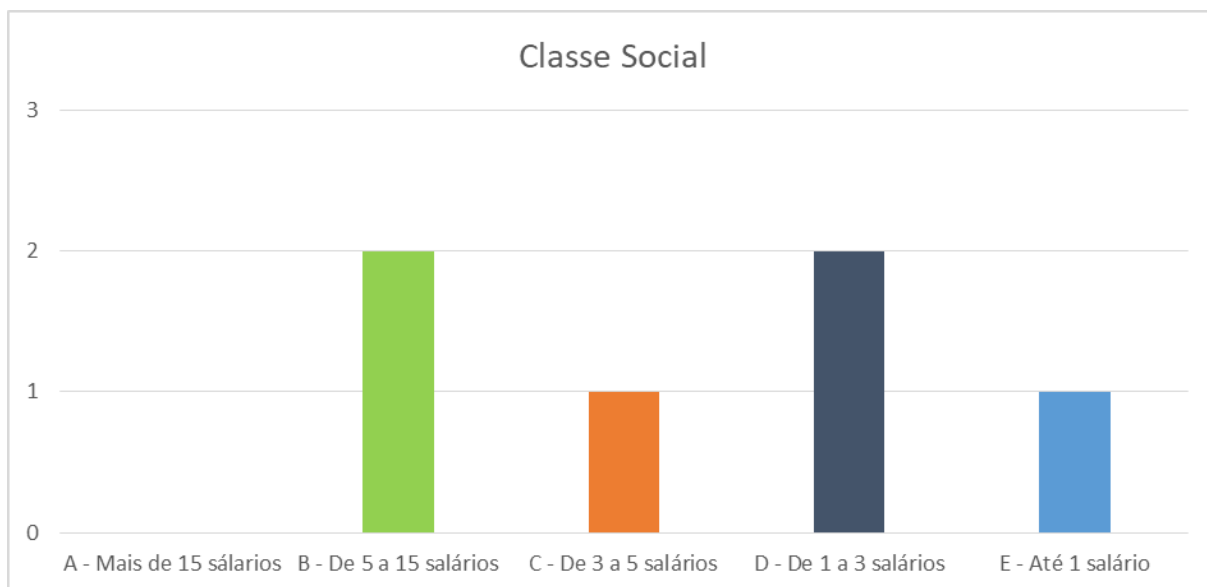
Gráfico 2: Faixa etária dos integrantes.



Fonte: Autora.

Percebemos a partir do gráfico que a faixa etária dos monitores tem uma representação maior na faixa que vai dos 21 aos 30 anos, totalizando quatro pessoas, que corresponde a cerca de 66%. Também há no grupo um integrante com menos de vinte anos e um com mais de trinta anos.

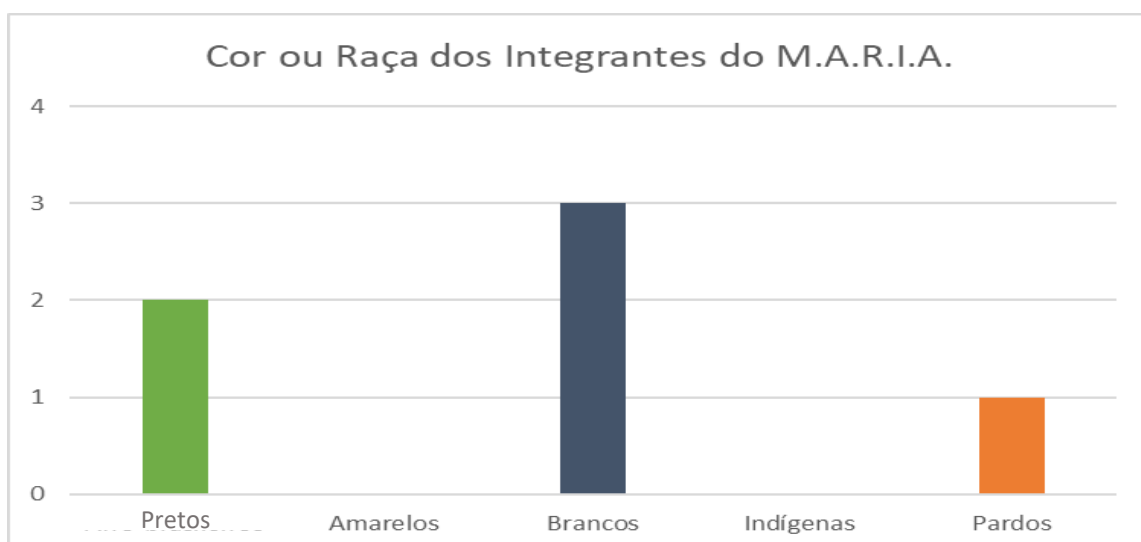
Gráfico 3: Classe social.



Fonte: Autora.

Em relação a classe social, percebemos que o grupo tem representantes da classe B, C, D e E, sendo que dois integrantes, ou seja 33% são da classe social B, outros dois da classe social D e há um monitor da classe social C e um na E. Tais informações são importantes e explicam um pouco da trajetória de vida e das escolhas que fazem.

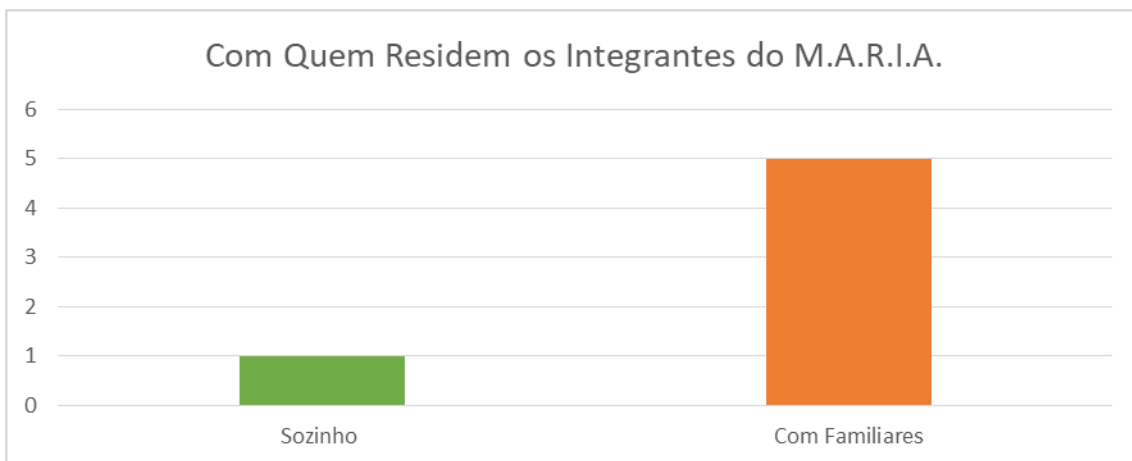
Gráfico 4: Cor ou raça dos integrantes do M.A.R.I.A.



Fonte: Autora.

Os integrantes do grupo se classificam em três raças distintas: pretos, brancos e pardos, sendo que 33% são pretos, ou seja, duas pessoas; 50% é de brancos, ou seja, três pessoas e 16,6% é pardo, representado por uma pessoa.

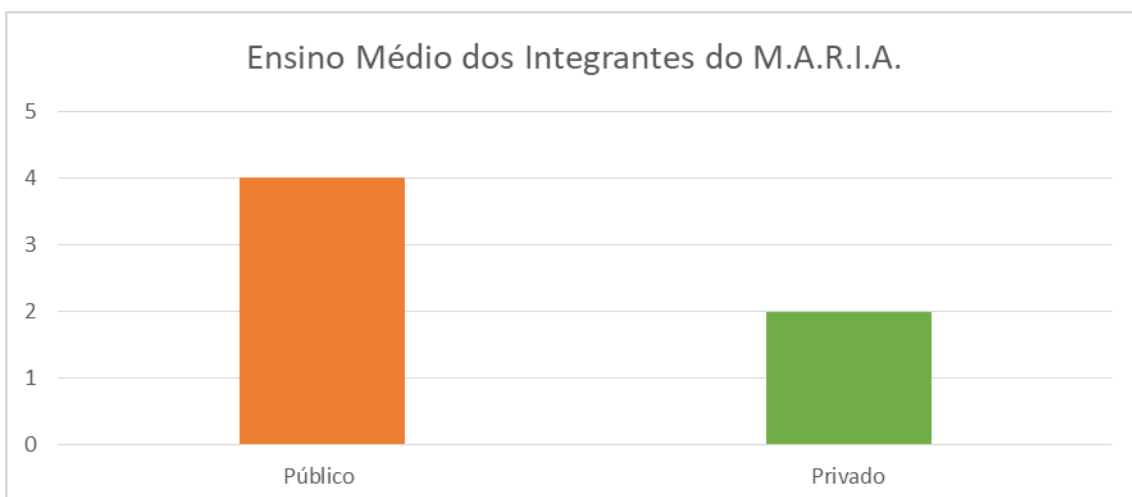
Gráfico 5: Com quem residem os integrantes do M.A.R.I.A.



Fonte: Autora.

Cinco dos seis integrantes do grupo residem com a família. Isso significa que cerca de 83% dos monitores moram com seus familiares. Tal informação pode ser relacionada com a faixa etária deles em que a maioria tem idade até trinta anos. A única pessoa que mora sozinha é a que possui mais de trinta anos de idade.

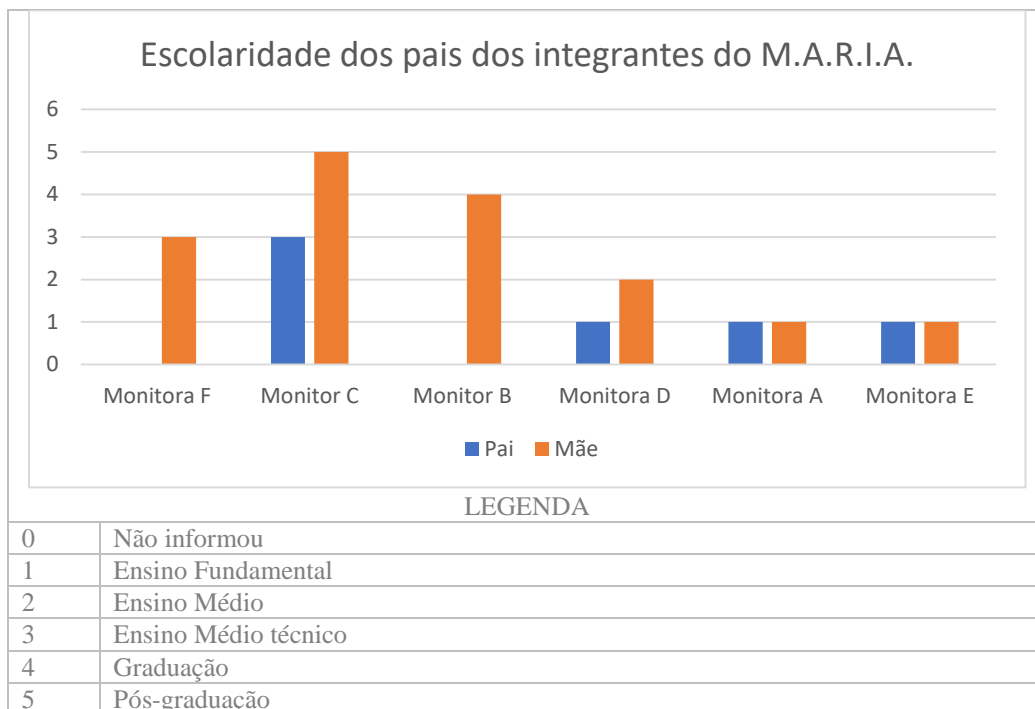
Gráfico 6: Ensino Médio dos integrantes do M.A.R.I.A.



Fonte: Autora.

Dentre os monitores, 66,6% que equivale a quatro deles, estudaram durante o Ensino Médio em escolas da rede pública de ensino e dois em escola da rede privada, ou seja, 33,3%.

Gráfico 7: Escolaridade dos pais dos integrantes do M.A.R.I.A.



Fonte: Autora.

O gráfico da escolaridade dos pais dos monitores não está completo pois dois integrantes não deram a informação de seus pais e sim apenas de suas mães. Tendo em vista os dados disponíveis, verificamos que de quatro, três pais só concluíram o Ensino Fundamental e um pai fez o Ensino médio técnico. Já em relação à escolaridade de suas mães, há uma variedade maior no grau de escolaridade, sendo que 33,3% concluíram o Ensino Fundamental, ou seja, duas pessoas. Os outros níveis de ensino possuem uma representante em cada. Os dois alunos que são da classe social B são os que tem pais com maior escolaridade.

Dentro do nosso grupo focal foram feitas entrevistas com o intuito de conhecê-los melhor em relação ao seu contexto familiar, motivações que os levaram a fazerem suas escolhas de cursos de graduação, como chegaram até o nosso grupo, suas percepções a respeito da dinâmica adotada e metodologia utilizada. Também foi objetivo, entender por meio dessas entrevistas individuais suas intencionalidades na linha e motivações. Além disso, as análises finais dos monitores levarão em conta

o que foi abordado no tópico gerações, ou seja, seus contextos sociais, pois pressupomos que tal cenário influencie em seus discursos e assim os marquem ideologicamente, sendo assim, iremos fazer a averiguação. Entendemos que os enunciados aqui possuem intencionalidades e são conjuntos de ideias que, em contexto, dão sentido ao discurso.

Fizemos a caracterização dos monitores a partir do questionário da entrevista e iremos apresentar a seguir um resumo das respostas dos participantes às perguntas, sem nenhum acréscimo de interpretação, valor ou opinião. Nem todas as perguntas foram feitas a todos, haja vista que, o ingresso deles no grupo se deu em períodos distintos, portanto, as questões foram feitas conforme a necessidade. Dentre os monitores, três participam do grupo a mais de um ano, sendo eles (Monitora F, Monitor C e Monitora A), ou seja, período anterior à tomada de dados e três ingressaram no primeiro semestre de 2018 (Monitora D, Monitora E e Monitor B), período a partir do qual os dados passaram a ser coletados.

3.4.1.1. Monitora A

- 1- Ela estudou em uma escola particular no período da manhã e no último ano do Ensino Médio ela cursou um cursinho pré-vestibular da própria escola no período da tarde e no final ficava um ensino integral. Depois ela fez dois anos de cursinho por conta. Ela queria medicina, mas prestou engenharia na Unesp para ver se ela iria bem em relação a nota e passou. Porém, ela desistiu porque seu pai ficou doente e ela teve que ficar em São Paulo mesmo. E aí para se validar, termo utilizado por ela mesmo, ela sentia a necessidade de prestar vestibular e escolheu a USP porque ela tinha certeza que iria passar. Com receio se passaria em algo e devido a frustração de não ter ido para a faculdade que ela realmente queria devido a logística e a situação de seu pai ela escolheu o curso de Licenciatura em Ciências da natureza (LCN) porque ela gostava de biologia e o curso tinha uma bagagem grande. Ela relata que desde a escola ela sempre teve muita pressão para entrar na faculdade e como terminou o Ensino Médio aos 16 e só prestou vestibular na USP aos 20 anos ela não quis arriscar. Dos 16

aos 20 anos ela trabalhou para ajudar em casa pois seu pai havia sofrido um AVC e estava dependente dela e de sua irmã por ter ficado com sequelas cognitivas, ficando como uma criança, ela relata. Em sua casa morava ela, sua irmã e seu pai pois sua mãe já havia falecido. Com a doença de seu pai ela e sua irmã passaram a ficar responsáveis por cuidar dele e das finanças da casa. Sua irmã na época do AVC (acidente vascular cerebral) de seu pai estava cursando a faculdade e acabou desistindo para cuidar dele. Com o tempo elas conseguiram contratar uma cuidadora e sua irmã conseguiu voltar a trabalhar e terminou sua graduação. Atualmente sua irmã perdeu o emprego pois sua empresa faliu e ela estava recebendo seguro e teve que voltar a cuidar do seu pai pois tiveram que dispensar a cuidadora. Monitora A conta que sua irmã passou no concurso que estava querendo e que logo a chamam e estão esperando que saia para que as coisas melhorem.

Após chegar no curso ela achou muito difícil e que não se deu bem na área de exatas e teve dificuldades em cálculo e física. Ela relata que na época da escola e do cursinho era a parte que ela mais gostava e se dava bem e na faculdade ela criou um bloqueio gigantesco. O que a surpreendeu foi que nas primeiras matérias de cálculo que são uma revisão do Ensino Médio ela comparava suas provas de faculdade com as que realizava no cursinho e eram a mesma coisa e na faculdade ela não conseguia ir bem. Ela fala que talvez tenha sido porque seu pai tinha ficado doente recentemente pode ter abalado ela de alguma forma.

Ela conta que prestou UNESP porque era mais fácil, mas que seu sonho sempre foi uma universidade pública e queria entrar na USP. Ela teve muitas dificuldades e prestou vestibular escondido porque sua irmã falou para ela não prestar porque ambas tinham que trabalhar para manter a casa. Depois que ela prestou e passou no vestibular, deram um jeito e para ela foi uma vitória muito grande entrar na USP.

Ela se manteve no curso de LCN por dois anos, de 2014 a 2015 e percebeu que não queria mais porque não estava acompanhado. Em 2016 ela começou a cursar matérias de GPP e ela escolheu esse curso por eles tratarem mais do lado social e político. Ela relata sobre o foco do curso de ter um problema e buscar

uma solução para ele, principalmente na saúde e lembra que seu pai teve sequelas porque ficou três dias no corredor do hospital para ser atendido. Ela diz que se achou no curso porque ele lhe dá esperança de poder fazer algo para mudar esse quadro geral. Ela gostou das disciplinas e pediu transferência em 2017 e começou no primeiro semestre de 2018. Ela relata que se fizer tudo certinho daqui para frente, irá se formar ano que vem

- 2- Diz estar sendo complicado se organizar para conciliar as questões familiares e a dinâmica da faculdade, o grupo e que agora está entrando na fase de estágio que terá que cursar obrigatoriamente. Disse que está querendo fazer estágio, mas conciliar com a rotina do grupo e manter os dois. No estágio ela pode ter maleabilidade de horário e de dias de trabalho. Ela está fazendo testes em alguns locais para estagiar. Ela relata que se não conseguir conciliar ambos ela irá optar pelo que for mais interessante financeiramente.
- 3- Ela pretende finalizar sua graduação e seu estágio e conseguir um emprego na área.
- 4- Só participa do nosso projeto atualmente e não se envolve em mais atividades na USP porque agora ela precisa estagiar. Já foi integrante das “Cheer Lideres” que é um grupo de esporte de animação. Trata-se de uma modalidade que participa de competições. Além disso ela já participou de companhias de teatro.
- 5- Ela trabalhava em um projeto na Escola de Aplicação da USP que fica na Faculdade de Educação. O projeto acabou porque a diretora esqueceu de fazer o pedido de renovação e ela foi buscar uma alternativa. Ela gostava muito de trabalhar com crianças em sala de aula e sua amiga Suzi, que atuava na linha de pesquisa M.A.R.I.A. na época falou que as atividades eram com crianças e que ela poderia gostar. Já tinha fechado o processo de seleção e mesmo assim ela foi até ele e falou do seu interesse e conseguiu fazer parte da linha. Como chegou no projeto?
- 6- Ela relata iniciar no grupo com a bolsa PUB. Conta que não entendia muito bem o que acontecia. Na época os coordenadores eram o estudante U, a mestranda W e a mestranda V e tudo era muito confuso. Ela conta que aconteciam muitas

brigas por disputa de poder por parte dos coordenadores. Ela conta que agora a dinâmica do grupo está muito boa e suspira ao dizer que está tudo bem agora graças a Deus. Como ela não sabia ao certo o que iria fazer, a mestrande V que coordenava o trabalho na EMEI a convidou e ela aceitou. Lá seu trabalho era sobre questões de gênero e por isso ela é tão ligada a questões de gênero. Ela iniciou fazendo as aplicações sem um projeto específico. Posteriormente a coordenação mudou e ficou o Coordenador U e a Pesquisadora F que corrigiram no ano de 2017 seu primeiro relatório. Este ano está sendo a primeira vez que ela realiza seu projeto de pesquisa mesmo. Por volta de março de 2017 sua bolsa foi mudada para PIBID e neste ano em meados de fevereiro, época em que findava a bolsa, ela mudou novamente para PUB.

Na época cada coordenador tinha um foco e que a mestrande W era a mais organizada só que seu trabalho não tinha muito a ver com a proposta do M.A.R.I.A. Ela conta que ela fazia experiências com os monitores e que isso agregou bastante conhecimento para ela, mas que em relação ao grupo não casava.

- 7- Ela gosta muito de estar no projeto, que acaba sendo uma distração e que gosta da parte de gênero abordada no grupo e que acha bom ver isso na prática e diz também gostar do lúdico. Ter bolsa é importante para ela porque é o sustento da casa dela, porque sua irmã não está trabalhando. Ela conta que se não tiver a bolsa não saberia o que fazer. Perguntei se era um complemento para sua renda e ela disse que não, que se assim fosse seria luxo, dizendo que é a renda principal dela.
- 8- - Relate as atividades que mais gosta de realizar e participar no grupo e as que menos gosta? Deixar a pessoa bem à vontade.
- 9- Ela não passou por nenhuma outra linha de pesquisa desde quando chegou ao projeto. Ela não conhece os outros, mas relata que não gostaria de mudar, que já se acostumou com o grupo, que gosta da linha de pesquisa, conhece todos, sabe o modo certo de trabalhar e que imagina que se fosse para outro grupo, seria a mesma situação de quando chegou no M.A.R.I.A. com pessoas com modos de pensar de diferentes, divergências, etc. Ela também conta que conhece

integrantes de outras linhas de pesquisa do projeto e que lá é uma confusão e que ela não quer isso, que acredita ter sorte de estar na linha certa.

- 10- Ela relata que o fato de sua formação ser em Gestão de Políticas Públicas, ela terá que trabalhar no trato com pessoas, cargos de liderança e estar no M.A.R.I.A. é como se fosse um espaço menor do que ela terá que encarar quando for para o mercado de trabalho. Relata que para ela como pessoa, ajuda muito na questão do autocontrole, de organização, no quesito de fazer relatórios. Ela falou que depois que fez o relatório no ano de 2017, possui mais facilidade para fazer os de agora e os trabalhos do curso. Mostra que ajuda na parte pessoal, de lidar com pessoas, de ser mais tolerante, saber se expressar e conseguir se comunicar como na parte didática de relatório.
- 11- Após as escritas do relatório no ano de 2017 do seu primeiro projeto no M.A.R.I.A. que auxiliamos na construção e correção, ela tem mais facilidade para fazer os de agora, os trabalhos do curso de graduação, etc. Parte dessa questão foi respondida na questão 10.
- 12- Ela frequentava a escola de teatro e lá ela tinha que montar grupos para apresentar em locais diversos. Ela fazia suas apresentações em escolas públicas e aí foi seu primeiro contato com crianças. Agora na posição de educadora foi no seu estágio na Escola de Aplicação, na qual ela atendia o Fundamental I e II e Ensino Médio.
- 13- Como ela sempre trabalhou com micro organizações como grupos de dança e teatro, ela já sabe como funciona. Sabe que cada um tem uma função. Já tem uma certa experiência em pensar em ações que podem ou não dar certo e a vivência a deixou preparada para trabalhar em grupo. Em relação a pontos ruins ela diz ser muito ansiosa e que quer fazer as coisas acontecerem e que saia tudo bem feito. A esse respeito ela fala: “se não vai sair bom por que eu tô fazendo uma coisa dessas” Ao ser perguntada se ela se cobra muito, a Monitora A fala que não entende como auto cobrança, mas que talvez seja uma preocupação exacerbada.

3.4.1.2. Monitor B

- 1- Ele se formou em 2008 no ensino médio. No teste vocacional saiu administração e alguma área focada em meio ambiente e ele fez administração no Mackenzie por seis anos e diz ter saído de lá da mesma forma que entrou, sem saber o que ele queria. Em 2016 ele ficou o ano inteiro sem fazer nada pensando no que fazer, e começou a mexer com horta. O primo falou que tinha vestibular aberto para a USP e falou para ele olhar os cursos e ver o que queria. Ele olhou e viu o curso de Gestão Ambiental (GA) e pensou que tinha a ver com administração a parte de gestão e como falava de meio ambiente e era algo que ele estava gostando, acabou escolhendo esse curso. Ele queria estudar na USP por ser pública, prestígio e relatou a diferença entre a USP e o Mackenzie, dizendo que nesta “eles valorizam o ensino clássico, estuda, se vira, poucas formas de reconhecer o aluno, se você foi mal em provas faz DP e o preço é absurdo” O estágio dele era todo para pagar a faculdade. Um amigo dele fazia Sistemas de Informação e falou que ele gostaria muito de GA e ele ficou muito feliz com o espaço que a USP proporciona com seus diversos campus, a didática, o ciclo básico²⁹. Ele se sentiu interagindo com a universidade e vice versa do que apenas estudando como sentia no Mackenzie. Ele gosta das atividades comunitárias que a universidade proporciona porque é ligado nisso. Ele está se adaptando ao curso, gosta e está se adaptando a cada dia que passa à rotina universitária.

Ele relata não gostar de viver nesse sistema capitalista voltado para o consumismo e pretende sair desse contexto e quer criar um local (sociedade) que não sofra tais interferências com duas leis, respeito para com o próximo e a valorização do seu eu interno. A escolha de GA está lhe dando uma conexão científica do que é natureza.

- 2- Ele relata precisar se organizar mais para os estudos. Que precisa se dedicar e fazer uma rotina de estudos pois estuda em cima da hora e sem planejamento.

²⁹ Ciclo Básico - (CB) é um eixo formativo comum a todos os cursos da unidade da EACH, independentemente da área. A proposta é oferecer aos estudantes disciplinas introdutórias, de caráter humanista e de diferentes áreas do conhecimento que objetivam contribuir para a formação cidadã a partir da abordagem de questões e situações da sociedade contemporânea.

- 3- Está fazendo iniciação científica (IC) e quer seguir a área acadêmica. Isso porque ele se julga com facilidade em se expor ao público. A IC foi algo que ele procurou. Ele pretende fazer um projeto de graduação que envolva essa crítica ao capitalismo e essa IC ajudará nesse sentido, verificando os impactos no meio ambiente. Ele quer seguir área acadêmica em pesquisa, mas ainda é algo incerto, não sabe bem o que pretende fazer. Ele gosta da pesquisa e se sente bem ensinando e relata sentir prazer em passar o que sabe para os outros. Mostra querer ser um professor universitário. Quer se dedicar mais em atividades comunitárias que envolva a sociedade e como objetivo final ele quer fundar uma sociedade alternativa e todos os estudos e pesquisa serão para esse fim.
- 4- O monitor relata estar fazendo IC com a orientação de um professor do seu curso de graduação sobre foraminíferos, que segundo ele trata-se de um ser vivo que concentra em suas conchas questões climáticas, e está achando bem interessante essa pesquisa. Está atuando como voluntário e pegará bolsa em agosto. E atua como voluntário no M.A.R.I.A. Como projeto futuro pretende fazer algo voltado para as artes na EACH, e começar a pintar quadros e ver se os alunos da faculdade se interessam, voltada para mostrar essas questões artísticas da universidade.
- 5- Ele relata que começou no D.I.A.N. e depois foi para o M.A.R.I.A. e que está sendo uma experiência muito boa tudo isso. Ele acha muito legal fazer o que faz no projeto, pensar no social. Ele chegou no projeto por meio de um convite da disciplina feito pelo Prof. LP e ao ouvir sobre as linhas temáticas ele se interessou pelo D.I.A.N. por se tratar de meio ambiente. Ele relata que no dia da seleção nas linhas de pesquisa foi algo bem interessante porque ele tinha traumas antigos (bullying, falta de amigos, relação amorosa, etc), deu um basta e se apresentou para ser voluntário sem receios, naturalmente, sem se sentir pressionado e iniciou na linha. Ficou como voluntário na linha o ano de 2017 inteiro e no ano de 2018 foi realocado para o M.A.R.I.A. Relata que gostou muito de atuar no D.I.A.N. e que aprendeu bastante com a coordenadora Tânia que é extremamente vegana e conhecedora de Paulo Freire. Ela sempre fazia debates de textos sobre os direitos dos animais e ele gostava das intervenções realizadas

com as crianças e do impacto que elas tinham com as crianças e o retorno de tudo.

Ele chegou na linha temática M.A.R.I.A. porque no D.I.A.N. ainda realizou um projeto de construção de uma horta vertical no CCA e queria dar continuidade em um grupo que ali estivesse atuando.

- 6- Ele entrou como voluntário devido a oferta na disciplina do ciclo básico relatada na questão anterior e assim está a um ano e meio. Demonstra gostar muito de fazer trabalho voluntário voltado para o social e se vê pertencente à proposta do projeto banca da ciência como um todo.
- 7- O monitor não teve bolsa até o momento. Atua como voluntário a um ano e meio e está fazendo IC também de maneira voluntária. Não demonstra necessitar de auxílio financeiro e não trabalha, mas relatou que tinha interesse em bolsa de Iniciação Científica para o próximo semestre e que daria início ao processo com seu orientador de pesquisa.
- 8- Relate as atividades que mais gosta de realizar e participar no grupo e as que menos gosta? Deixar a pessoa bem à vontade.
- 9- Não cabe
- 10- Como ele está a pouco tempo na linha de pesquisa M.A.R.I.A. questionei a influência que o D.I.A.N. exerceu. Ele relatou que não houve influência na sua formação acadêmica, mas sim em sua vida pessoal em reconhece que é necessário e legal a realização de atividades comunitárias para a interação com outras pessoas que vivam em um ambiente e cultura totalmente diferente da sua. Em termos acadêmicos não porque ele via essa atuação como algo voluntário, pode ser que tenha, mas ele não identificou.
- 11- Relata não identificar algum tipo de contribuição, mas ressalta que deve haver.
- 12- As únicas experiências que ele teve de ensino foram com colegas de sala, quando necessitavam de alguma ajuda, principalmente em matemática. Com o tempo ele foi percebendo que tinha uma certa facilidade em ensinar porque sempre foi bem paciente e muito tranquilo em relação a isso. Conta que sempre teve muito apoio de sua mãe com os estudos, pois como ela lhe teve aos 40

anos ela e se aposentou quando ele tinha cerca de oito anos, ela sempre lhe disse que muitas pessoas e colegas que ele encontrasse na vida não teriam o mesmo apoio

- 13- Em relação às características pessoais que atrapalham, ele relata ser preguiçoso e coloca as atividades voluntárias como não prioritárias e está se habituando a fazer relatórios e se organizar na rotina de tarefas nova do grupo. Quanto a característica que ajuda ele fala que tem muita facilidade em falar em público e que gosta muito de fazer o que lhe pedem. Se tiver que falar, explicar, apresentar, buscar os alunos, para tudo o monitor é bem-disposto e gosta bastante de fazer.
- 14- O monitor relata que uma experiência interessante foi um pouco a recepção dos integrantes do atual grupo, pois ele não se sentiu muito "afastado", pois achou todos legais e bem tranquilos. Em termos de intervenção... ele acha que foi na apresentação dos trabalhos dos alunos de graduação que realizam a disciplina de "Ciências da Natureza - Ciências do Universo" ministrada pelo Prof. LP, que fizeram apresentações de divulgação científica como trabalho final de conclusão da disciplina para os alunos do CCA. A ideia era falar sobre inteligência artificial e os alunos ficaram livres para montarem um robô meio... "peculiar".

3.4.1.3. Monitor C

- 1- A USP não foi a primeira escolha. No ensino médio ele se inscreveu na Fuvest para fazer designer em 2015, mas não conseguiu. Ele fez um curso de técnico e de designer gráfico na Unicsul. Após sua formação ele trabalhou por um ano e meio em uma empresa de designer e como lá não havia chances de crescimento ele tentou outras oportunidades nesse período e não conseguiu nada. Ele relata que é um campo um pouco fechado e que viu dificuldades de encontrar novas oportunidades. Ao ser demitido continuou tentando sem sucesso novas oportunidades de emprego e quando achava o salário era baixo. Desde esse período ele faz alguns trabalhos esporádicos na área e com fotografia até hoje. Vendo as dificuldades da área ele resolveu fazer um novo

curso. Aos 28 anos entrou no cursinho particular para agora estudar em uma pública. Se inscreveu tentando fazer designer e comunicação social em algumas federais, mas na USP se inscreveu em Marketing. Passou na USP e em Minas no curso de comunicação social e acabou optando por fazer Marketing na USP. Ao ser questionado sobre por que decidiu ficar e fazer Marketing ele disse que devido à distância, o prestígio da universidade e principalmente seu interesse em seguir carreira acadêmica. O monitor sempre quis fazer pesquisa, participar de grupos de estudos que são atividades que na universidade particular não havia a possibilidade. Mesmo quando ele tinha a intenção de fazer designer seria para seguir carreira acadêmica. No curso de Marketing ele seguiu essa mesma linha de pensamento tendo em vista que a USP é renomada em pesquisa e teria assim, um currículo legal. E caso não desse certo na área acadêmica ele estaria em um curso que no mercado tem mais chances de sucesso pelo fato de ter mais vagas.

- 2- Ao chegar na USP ele sentiu muita diferença para sua primeira graduação. Lá ele praticamente não tinha provas e sim trabalhos individuais e coletivos. Ao chegar aqui se deparou com outros tipos de avaliação, discussões, orientações voltadas para pesquisa (que tentou realizar na faculdade particular não conseguiu realizando um projeto de TCC que não foi bem o que queria), uma maior carga de leitura, grupos de estudo. Essas diferenças geraram reflexos em suas notas do primeiro semestre e praticamente todas foram baixas. A partir do segundo semestre ele conseguiu estabelecer um ritmo melhor, entender a dinâmica de estudo e as exigências demandadas e suas notas melhoraram. Ele relata que na USP ele se tornou mais disciplinado e organizado em relação aos estudos, bem diferente do que acontecia no ensino médio e em sua primeira graduação. Ele relata que agora sabe exatamente o que quer e por isso tem se dedicado e é disciplinado em relação aos estudos.
- 3- Ele organiza seus estudos por meio de um cronograma para que não se atrase e não deixe tudo para cima da hora e por mais que ainda não seja tão organizado tem obtido êxito. Ele compara seu pensamento de hoje com o de quando entrou na sua primeira graduação e diz que se ele tivesse entrado na USP quando era

mais jovem com certeza teria desistido e que o amadurecimento dele o ajuda hoje. Seu objetivo é seguir carreira acadêmica.

- 4- No primeiro semestre de 2017 ele atuou como monitor bolsista da disciplina Comportamento Organizacional do curso de Marketing. Iniciou no projeto Banca da Ciência por meio da linha de pesquisa E.M.M.A., onde atuou por um ano e depois mudou-se para a linha de pesquisa M.A.R.I.A. No segundo semestre de 2017 entrou como voluntário em um projeto de iniciação científica que investiga a carreira de ex-alunas de Marketing para entender como elas percebem o teto de vidro (barreiras invisíveis, porém, presentes na ascensão hierárquicas dentro das empresas) em suas profissões. No primeiro semestre de 2018 voltou a ser monitor da disciplina Comportamento Organizacional do curso de Marketing juntamente com grupo.

Observação: ao falar sobre essa pesquisa que realiza fora do nosso grupo, ele comparou o processo de investigação que ali é feito com o realizado no nosso grupo, mostrando que percebe nosso ambiente de estudos como um local de pesquisa mesmo, diferente do outro.

- 5- Ele iniciou no E.M.M.A. por meio de uma disciplina de ciclo básico ministrada pelo Prof. LP. Nesta disciplina ele foi convidado a participar de forma voluntária no projeto e com isso teria notas na disciplina, conforme seu desempenho. O E.M.M.A. era voltado para a investigação dos discursos de gênero e a representação da mulher na mídia. Na época, em 2015, que ele entrou trabalhou com série, filmes, quadrinhos. Nesse período a coordenação do grupo era da Mestranda P e o Doutorando F e contava com muitos alunos voluntários e os bolsistas. Ele ficou o primeiro semestre desse ano como voluntário e no segundo semestre ele conseguiu bolsa. Com a mudança da proposta do grupo, que seria composto só por mulheres, ele foi realocado na linha de pesquisa M.A.R.I.A. e continuou como bolsista até o final do semestre de 2016. No segundo semestre ele não pegou bolsa e continuou como voluntário e no ano seguinte, no primeiro semestre de 2017 ele se tornou monitor bolsista de uma disciplina. No segundo semestre de 2018 ele escreveu um projeto e voltou a ser bolsista na linha M.A.R.I.A.

- 6- Ele relata ter uma situação financeira “ok” em casa e que conseguiria ficar sem bolsa nos projetos que realiza na universidade. Quando teve a oportunidade de se inscrever e concorrer a bolsas, assim o fez, mas poderia ter continuado sem esse auxílio financeiro.
- 7- Não respondeu muito a respeito. Foi bem sucinto. Para ele a bolsa é um complemento financeiro à ajuda que tem em casa. Além disso, ele trabalha esporadicamente com fotografia em eventos e relatou realizar trabalhos relacionados a sua primeira profissão.
- 13- Para ele há uma característica que dependendo do momento pode contribuir e atrapalhar ao mesmo tempo, que seria tomar para si a responsabilidade de uma tarefa e fazê-la sozinho. Ele relata que se precisar ajudar em algo, realizar atividades em conjunto, nas aplicações, ele se compromete e faz, mas quando se refere as suas coisas, por exemplo, tarefas de sua pesquisa no grupo, ele não divide. E ao ser perguntado o porquê dessa atitude ele não sabe explicar. Só disse que prefere fazer porque assim, deixa do jeito dele e além disso, ele não gosta de ficar esperando o outro fazer. Essa característica dele é uma marca constante em tudo que faz, pois ele conta que é pró-ativo mas que na hora de liderar e dividir tarefas ele não sabe, pois quer fazer tudo do jeito dele.

3.4.1.4. Monitora D

1. Ela sempre quis estudar em faculdade pública por entender ser a melhor e por não ter como pagar. Então quando ela estava no terceiro ano do ensino médio (sempre estudou em escola pública) ela começou a estudar para o vestibular, mas não sabia que existia cursinho popular pois não tinha acesso a esse tipo de informação. Ela começou a trabalhar fazendo estágio na escola em que estudava pelo programa “acessa escola” e com essa renda pagava cursinho no Objetivo. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular para Engenharia Química, ela relata que não tinha ideia do que era, mas que imaginou que com isso iria ficar rica. Nesse ano ela prestou só FUVEST e não passou. Por meio de uma indicação de um amigo, teve acesso a um cursinho popular chamado “Emancipa” que fica na USP do campus Butantã, o qual frequentou por mais um

ano. Lá ela teve acesso a mais informações e descobriu outros campos da universidade e conheceu outros cursos e com isso prestou Ciências Sociais na FUVEST, mas não passou. Com isso ela olhou a lista de escolha e viu vagas disponíveis na EACH e se inscreveu em Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN). Apesar de ser distante do que ela havia prestado anteriormente, ela relata que olhou a grade e gostou por ser Licenciatura, algo de mais humanas que ela gostava, mesmo sendo em Ciências. Ela passou e começou a fazer o curso e agora no terceiro ano de curso pretende mudar para Pedagogia, por ser um curso em que ela pode eliminar matérias de educação que já tenha cursado em LCN e as de ciências ela pode usar como optativa. Além disso, se futuramente ela quiser fazer uma outra licenciatura (dá como exemplo o curso de Letras) ela também poderia eliminar matérias com as que tiver cursado na pedagogia. Ela relata gostar da EACH, fala que o curso de LCN é fantástico, mas muito puxado (tenso) e esse é um motivo pelo qual quer mudar de curso.

2. Ela relata que costuma se organizar conforme as prioridades. Estuda com mais afinco as matérias que tem mais dificuldades e faz isso normalmente aos finais de semana ou em dias da semana que não tiver aula. No geral, ela relata dedicar cerca de três dias para os estudos.
3. Sua meta em 2018 é mudar de curso, conseguir fazer uma iniciação científica ou continuar em algum projeto voltado para a educação e lúdico porque ela relata gostar de trabalhar com criança. Ao ser perguntado sobre suas metas pessoais, ela relata querer ficar rica (mas diz que é brincadeira). Ela relata estar agora em um momento estável de sua vida, pois conseguiu um trabalho maleável e com isso ela pode conciliar o trabalho com a linha de pesquisa M.A.R.I.A., aliado aos seus estudos. Pretende continuar neste trabalho até mudar de curso e poder atuar em sua área de formação, pois ela fala que quer ir para a sala de aula, mas que não se vê preparada em fazer isso no ensino de ciências e por isso se mudará para pedagogia. Outra meta pessoal é sair da casa dos pais em Itaquaquetuba e morar em um local com acesso a transporte público, em especial metrô e trem. Relata que um bom lugar seria o Tatuapé. Além disso, ela quer mais liberdade pois ela gosta de ficar sozinha e na casa dela há mais quatro irmãos mais novos e com isso a casa fica muito agitada e

ela não consegue estudar e ter seu momento. Em relação a mudança ela relata que a família deve apoiar, que sua mãe é mais flexível, mas que seu pai é mais apegado.

4. Atualmente atua como estagiária em uma empresa de coletores menstruais íntimos e seu horário é bem flexível e o salário é bom. Ela relata isso fazendo um comparativo com seu antigo estágio no Museu Catavento, que exigia muito dela e estava difícil conciliar com os estudos. Nesse atual emprego ela consegue conciliar com o projeto. Não participa de nenhum outro projeto além do nosso, no qual atua como monitora bolsista PUB porque seria difícil conciliar. Ela demonstra ter interesse em fazer pesquisa na área de educação com as professoras de LCN mas que não o fez por não ter tempo hábil para conciliar tudo. Além disso, ela é administradora de uma página e um blog que se chama “Todas fridas” de feminismo. Ela relata que no “Todas Fridas” é ela e outras minas, contando: “nós somos em sete, agora uma está afastada, então nós somos em seis. E aí são mulheres de diferentes regiões do Brasil. Eu criei a página em 2015 e fui conhecendo as pessoas e convidando. E daí tipo a gente foi ficando muito amiga e a gente criou um blog também. E assim, a página era pequena, tinha no máximo dois mil likes, aí a gente postou um videozinho que estava rolando e a página explodiu, amanhecia e já tinha trinta mil likes e agora tem quase um milhão, está bem grande”. Ela fala que a página é sobre feminismo, questões sociais, política, e sempre tem alguma discussão. Elas produzem textos também, mas ultimamente não estão escrevendo porque abriram para as participantes escreverem, deram espaço para elas. Toda semana tem tempo novo. Aos ser questionado sobre se estar no E.M.M.A. ajudou na página dela, ela falou que não, que foi algo mais independente, mas que foi bacana ver alguns discursos nas aplicações.
5. Ela chegou no início de 2017 através do E.M.M.A. Lá ela teve contato com crianças e agora no nosso grupo tem contato com adolescentes, porém, ela relata não ter distinção de público, que gosta de trabalhar com ambos os públicos. Sua chegada foi por meio de uma amiga que já participava da linha L.U.C.I.A. e que contou que trabalhava com crianças e a convidou. Indicou que ela procurasse o Prof. LP e assim ela fez. Sua amiga falou que havia uma linha

que trabalhava gênero, que é algo que ela gosta de trabalhar e indicou o E.M.M.A. O prof. Luís pediu que ela fosse falar com a coordenadora Mestranda T. Ela foi e já começou a participar das reuniões e logo em seguida foi para as aplicações. Ela relata que lá é bem diferente do nosso grupo, pois lá ela trabalhava com crianças e adolescentes e no nosso projeto é só com adolescentes. Conta ter ido mais nas aplicações realizadas na EMEF Arquiteto e gostava bastante. Sua chegada no M.A.R.I.A. se deu devido a um remanejamento de bolsas do projeto Banca da Ciência como um todo devido a um corte que ocorreu na virada do ano de 2017 para 2018. Como o E.M.M.A. deixou de existir enquanto unidade e passou a ser uma junção com o grupo L.U.C.I.A. passando a se chamar E.M.M.A.L.U.C.I.A. as pessoas foram realocadas, e dentre as opções que tinha ela pensou em ir para o “Lab das Minas”, mas ela não podia por causa do horário de atividades do grupo, então ela foi apresentada ao nosso grupo e foi. Como lhe disseram que nesse grupo tinha lúdico, ela pensou: “acho que dá para trabalhar o lúdico em gênero que era o que eu fazia no E.M.M.A. e falei pode ser”.

6. Ela chegou no E.M.M.A. no início do ano de 2017 devido a um convite de uma amiga, conforme relatado anteriormente e se dirigiu ao E.M.M.A. porque essa linha tem uma temática que ela gosta bastante. Iniciou como voluntária e só por volta do meio do ano ela escreveu um projeto voltado para as crianças da EMEF Arquiteto, escola em que ela atuava na época. Seu projeto foi aprovado e ela passou a receber bolsa por volta do mês de outubro/novembro e continua recebendo atualmente no primeiro semestre de 2018 no nosso grupo.
7. A bolsa complementa a renda dela, e ela irá ajudar porque sua intenção é sair de casa. Ela fala que a bolsa sempre a ajudou muito e além dela, também recebe auxílio da USP e tais fontes sempre a ajudaram a manter sua vida acadêmica e poder fazer o que precisa relacionada à faculdade ou não. No meio do primeiro semestre de 2018 ela encontrou uma oportunidade de estágio em uma empresa de coletores menstruais e passou a trabalhar lá, porém, conseguiu conciliar ele com a linha de pesquisa e ter dias reservados para as aplicações e reuniões. Em anos anteriores ela trabalhou como monitora no Museu Catavento Cultural, mostrando que ela sempre precisou buscar uma fonte de renda.

8. O que ela mais gosta de fazer é participar das intervenções e o que menos gosta é da parte burocrática de redigir relatórios.
9. Não foi abordado.
10. Não cabe devido ao pouco tempo no grupo.
11. Como ela passou mais tempo na linha de pesquisa E.M.M.A. seu relato foi sobre esse período. Ela relata que estar na linha foi muito interessante e a oportunidade de ensinar crianças e adolescentes, atuar como educadora nas aplicações foi importante porque ela ainda não havia feito estágio e estar nas atividades ajudou nesse sentido.
12. Ela relata não ter previamente essa experiência em lidar com crianças e adolescentes nem ensinar algo. Ela conta que sua primeira experiência foi na linha de pesquisa E.M.M.A. e que isso foi importante para ela saber o que queria enquanto profissão. Inclusive sua almejada mudança de curso, mas sem sair da área da educação, optando pela pedagogia se deve a essa experiência, que ela gostou.
13. Quanto as características pessoais que contribuem para as atividades na linha de pesquisa, ela relatou gostar de tomar a frente. Ela mostra ficar apreensiva com a responsabilidade, mas mostra que se for preciso fazer algo, ela relata que “mete as caras e faz direito” e que não tem problemas com isso. Em relação ao que atrapalha, ela diz não responder os questionamentos do grupo via “WhatsApp” e agora ela está se organizando mais nisso e respondendo mais as colocações do grupo da rede social. Ela gosta da organização existente no M.A.R.I.A. porque ela tem responsabilidade e se organiza para as atividades da linha semanalmente.
14. Como ela está no grupo a pouco tempo, ela contou de uma atividade que a marcou enquanto ainda estava na linha de pesquisa E.M.M.A. Em uma atividade sobre minorias, mais especificamente, sobre racismo e gênero. A atividade era em torno da nova personagem da Marvel que iria representar o homem de ferro, eles propuseram que seria uma mulher negra. A ideia era debater com eles, mas as crianças não participaram, não contestaram, não respondiam as perguntas e por mais que ela e o seu colega de trabalho tentassem e ela relata

ter sido muito chato. Isso ela acha que aconteceu porque o assunto não dizia respeito as crianças e talvez por isso essa falta de participação tenha acontecido. Outra atividade marcante foi em uma EMEI na qual havia uma aluna autista na sala. A Monitora D junto com o grupo não conseguiam pensar em nada específico para essa criança, e ela ficava avulsa na atividade. Além disso, para a criança a presença dos graduandos na sala era desconfortável, a incomodava e isso a fez se sentir mal a ponto de ela não ir mais em aplicações nesta escola. Quando solicitado críticas, sugestões e elogios ela relata que não sabe o que dizer, mas que seria legal que o grupo se familiarizasse mais, todos se conhecerem mais e não ficar só pesquisa. Ela relembrou uma sugestão da Monitora F de fazer umas dinâmicas para nos aproximarmos mais, lanches, brincar das brincadeiras. Uma reunião mais dinâmica ou em reuniões pontuais fazer atividades diferentes.

3.4.1.5. Monitora E

1. A vinda dela foi bem rápida e planejada. Em dezembro de 2015 ela estava meio confusa e revoltada porque estava trabalhando a seis anos em uma área que não queria, na área de química e era bem corrido. A costura era algo que ela gostava e fazia aos de finais de semana. Ela fez química na PUC de Campinas, portanto, trabalhava estudava em Campinas, perto de Monte Mor e Hortolândia. Em dezembro de 2015 ela digitou na internet faculdade de moda e descobriu curso na USP e viu o edital para graduandos que eu nem sabia que existia. Ela fez a prova de conhecimentos específicos em fevereiro. Nesse mês ela comunicou a empresa queria sair ir e aí em março estava aqui em São Paulo. Morou a princípio com a irmã. Ela relata que a rotina é diferente da primeira graduação pois na USP a exigência é bem maior, com muitas horas de dedicação tanto na faculdade como nas horas dedicadas fora da Universidade. Ela relata: “Tanto é que no primeiro ano eu peguei todas as matérias tudo certinho, mas no segundo, para poder conciliar com o trabalho, com algo externo, eu precisei diminuir a carga horário por quê quando entra o trabalho”. Ela fala que por estar fazendo a segunda graduação, não se cobra tanto quanto as outras

pessoas. Ela acredita que isso é por causa de seu amadurecimento. A maioria em sua sala tem 17 anos e se cobram bastante. Ela relata não interagir muito, não conhecer muito sobre os assuntos deles, sendo uma pessoa que não tem grupos. Ela relata que isso a incomoda, mas ao mesmo tempo gosta de não se cobrar tanto e não seguir na mesma rotina que os outros. Ainda sobre o curso ela relata: “quando eu entrei na USP eu fiquei bem interessada pelo nome USP, mas aí quando eu entrei que eu vi o ritmo da faculdade, eu vi que eu não iria conseguir chegar nessa exigência toda que o curso acaba cobrando de se ter tempo. E aí eu fui dando uma aliviada e aquele desejo de ter um currículo USP acabou dando uma esfriada, até pelo ritmo, sabe, você começa a ver umas coisas, que tem como você também chegar lá por outros meios. Não por dedicação, mas eu acho que o curso de moda é um curso bom, mas eu achava que eu fosse ter mais retorno na parte de desenvolvimento mais da Universidade, na parte de desenvolvimento de material, que exige muito custo do aluno”.

2. Ela relata não ter pressa em cumprir o currículo em tempo ideal como seus colegas de classe. Se surpreende com a tecnologia deles e admira a força de vontade deles. Ela relata: “É uma geração muito tecnológica né. Direto eu fico descobrindo algumas coisas, que eu falo sério que tem esse recurso que dá para fazer isso, e super simples que eu nem tinha ideia”.
3. Ela trabalha em casa em um atelier de costura, fazendo consertos em casa. Na faculdade só faz a graduação e participa do grupo. A intenção dela é terminar e voltar para o interior em Monte Mor ou para Alagoas porque ela sempre teve vontade de ter um projeto social lá e lá tem muita mão de obra, tem muitas mulheres trabalhadoras e ela quer ajudá-las.
4. Antes de ir para o nosso projeto ela já participou de um projeto com uma professora Tita no curso de Têxtil, de patchwork utilizando resíduo têxtil, sobra de corte e propor novos produtos. A professora perdeu o prazo de renovação e ela foi para o nosso projeto.
5. Ela procurou projetos que tivesse relação com a parte Têxtil e tinha esse que era do Prof. LP de desenvolvimento de fantasias e uma das exigências era que tivesse conhecimento em modelagem e costura. Ela se inscreveu e fez

entrevista em setembro de 2017. A princípio ela entrou no E.M.M.A. e participava do Joaquina. Ela conta que tinha se inscrito em um projeto e na verdade eu estava desenvolvendo outro, relatando inclusive estar com dúvidas em relação ao relatório. Ela trabalhou o ano inteiro com fantasias, mas para os pequeninhos, mas na parte da questão de super-herói e depois futuramente trabalhar com as crianças sobre a questão de empoderamento feminino, só que não estavam tendo nas atividades muito retorno deles com isso, porque eles são muito pequeninhos. No final do relatório ela foi realocada para o nosso grupo. Ela achou o grupo com uma pegada um pouco diferente, mais dinâmico. Sobre isso ela relata: “acho que vocês são mais dinâmicos mesmo a cada reunião, tem que ter realmente um objetivo, e tem que ter retorno da gente... porque cada um tem que realmente participar lá entendeu. Porque ali quando você está em um grupo dividindo uma tarefa única de aplicação [...] mas assim, não que não dá para dividir com os outros integrantes do grupo, mas como você é a produtora da atividade você tem que se responsabilizar pelo material, a exigência eu acho que é maior, não que seja ruim, mas a exigência acaba sendo maior [...] eu acho isso bom porque de certa forma você começa a ter uma realidade do que é realmente, do quanto se exige para o desenvolvimento de uma atividade que é de uma hora, mas que exige muito”. Ela relata que está gostando do grupo, que ainda está se encontrando e tentando adaptar seu curso com a proposta do grupo.

6. Respondido junto com a questão anterior.
7. Para ela a bolsa é muito importante porque é a forma que ela se sustenta. Ela também faz trabalhos de costura para complementar a renda. Ela mora de aluguel e relata ter um companheiro que a ajuda nas despesas.
8. Ela gosta muito de estar com as crianças e de ver suas reações.
11. Ela gostou muito de apreender a analisar contos de fadas, histórias tendo em vista a análise semiótica. Ela conta ter achado muito interessante apreender tudo isso. Já no M.A.R.I.A. ela conta que aprendeu a lidar com os outros em trabalhos coletivos, que ter a responsabilidade de organizar a atividade, pensar na logística, tudo isso foram fontes de aprendizados. Ela inclusive relata ter gostado da mudança de curso para aprender coisas novas, que isso foi bom.

12. Não, só com meus sobrinhos.
13. Ela conta que sempre teve muita dificuldade de falar com muita gente, isso é uma coisa que foi melhorando. Ela relata ter mais facilidade com as criancinhas, que fica mais à vontade com elas porque elas estão ali querendo uma novidade, mas que tem receio com os adolescentes porque eles já vão com o conhecimento de certa forma e um julgamento de certa forma também, então isso acaba a deixando um pouco apreensiva, mas não que ela tenha medo de ir para uma aplicação.
14. Não foi realizada.

3.4.1.6. Monitora F

- 1- Ela relata tomar suas decisões aleatórias, sem muito foco. Para explicar o porquê escolheu o curso de graduação ela conta que na época com cerca de quinze ou dezesseis anos, enquanto estava no ensino médio ela gostava muito de biologia e que na família dela todas as suas primas são pedagogas, e que nunca teve afinidade com contas. Durante o segundo e terceiro ano do ensino médio ela fez também um curso técnico por incentivo e pressão da mãe, que é técnica e sustenta as duas devido a essa formação. Por isso ela queria que a Monitora F fizesse técnico, só que ela escolheu o curso técnico de meio ambiente. Ela passou na ETEC Júlio de Mesquita em Santo André no segundo ano do ensino médio e assim o fez no decorrer deste e do terceiro ano. Além disso, frequentava o ensino médio regular em outra instituição de ensino público, conciliando ambos. Ela relata que foi o melhor período de sua vida. Gostava muito pois era uma realidade diferente da escola regular, que a seu ver era muito caótica, com muitos conflitos e indisciplina e ela relata que sofria muito lá por isso e pela falta de aula. Esse ambiente a afetava tanto que ela sempre estava chorando na escola, revoltada, brigando com todos e vivia na sala do diretor. Ela conta que o que a incomodava era aquele ambiente bagunçado, barulhento, com professores que não davam aula, cheio de pessoas sem vontade de nada. Na ETEC ela admirava um professor de microbiologia pois suas aulas eram bem interessantes e ele conseguia ter a atenção dos alunos e

com isso a aula fluía bem. Nesse período ela passou a pesquisar programas relacionados e passou a gostar do Prof. Jubilu que fala de biologia em programas, em sites, etc. Nesse período em que estava no término do ensino médio e ao mesmo tempo cursando o técnico ela trabalhava em uma escola de idiomas em uma profissão de assistente e gostava muito do que fazia e esse era um dos motivos que a fazia não querer fazer faculdade, mas ao mesmo tempo, na ETEC ela tinha muitas influências positivas no sentido de fazer um curso superior. Escolher prestar vestibular na USP especificamente, se deu devido a influência que ela teve durante seu curso técnico. Ela relata que na ETEC todos os professores eram formados na USP e que eles falavam muito da universidade. Além disso, ela tinha uma colega que havia passado em gestão ambiental e falava muito de lá. Sua mãe queria que ela estudasse na federal do ABC devido à distância, mas ela não. Inclusive ela relata que prestou vestibular na federal do ABC para Bacharel em Ciências e Tecnologia e passou, mas não contou para a mãe porque seu interesse era na USP. A Monitora F tentou, mas não conseguiu estágio ou trabalho na área de sua formação no curso técnico porque a maioria se concentra no interior de São Paulo ou de outros estados e que na capital essa função é normalmente exercida por quem faz segurança do trabalho. Essa dificuldade encontrada foi o que a fez desistir de prestar vestibular para gestão ambiental na universidade. Como ela tinha bastante referência na área da educação ela queria ser professora e na área de biologia. Como o curso de biologia é na unidade localizada no Butantã, a distância a impedia de conseguir estudar a noite de forma que ela conciliasse trabalho e estudos. Já a opção de estudar de dia, no período integral, era inviável porque sua mãe disse que não poderia financiar esses estudos, necessitando que a Monitora F trabalhasse e que essa carência financeira era o motivo dela estar indo para uma universidade pública, ela mudou de opção de curso. Tendo em vista essas e outras limitações ela escolheu o curso de Licenciatura em Ciências da natureza. A localização da EACHUSP era mais próxima de sua casa, o curso tinha biologia e era de licenciatura como ela gostava, tendo como único empecilho a matemática e ela achou que conseguiria superar isso, mas relata que não conseguiu. Ela entrou em 2014 e logo no primeiro ano ela já reprovou em duas matérias relacionadas a matemática. Ao entrar na universidade ela conta que a realidade era

totalmente diferente e foi um choque de realidade. Ela chega a falar que esse primeiro ano foi muito triste, que ela ainda chorava, porque ela se esforçou muito para estar ali, estudou muito e ela queria ser professora, e mesmo que não fosse biologia era a USP e isso já era muito bom para ela. Mas o fato dela já reprovar em algumas disciplinas foi fazendo com que ela se sentisse culpada. Além disso, ela teve muita aula de assuntos que não eram tão relacionadas a biologia e aí já viu que deveria mudar de curso. As únicas matérias que ela gostou foram de biologia e as relacionadas à educação. Nessa tentativa de continuar no curso ela se manteve por três anos até que ela resolveu mudar. Nesses três anos ela relata que não mudou devido a pressão familiar de sua mãe que alertava para ela esperar fazer estágio para ver se era realmente aquilo que ela queria. Mas, no terceiro ano de graduação, no segundo semestre de 2017 ela já começou a cursar disciplinas do curso de Gestão de Políticas Públicas e no final do ano ela se transferiu para o curso de forma definitiva.

- 2- Durante o período em que fez Licenciatura em Ciências da Natureza ela costumava fazer muitas listas de exercícios e assistia vídeo aula. Estudava normalmente na semana da prova e não tinha uma rotina de estudos. Agora no novo curso ela está criando esse hábito e acompanha as leituras semanais, mas nada muito bem organizado ainda. Ela estuda tanto em casa como na universidade e isso depende muito da sua necessidade, de resolver coisas na universidade mesmo, de ter um ambiente calmo em casa, etc. Ela relata estar feliz com sua atual organização de estudos. Se sente bem por estar acompanhando bem a rotina do curso.
- 3- Metas como estudante: Terminar sua graduação e sabendo das diversas oportunidades que a universidade oferece, ela pretende escrever artigos. Mostra querer muito produzir porque ela quer seguir carreira acadêmica e dar aula, ser professora. Ela estava querendo fazer pesquisa com uma professora de seu curso em sua área, mas que não deu muito certo esse investimento porque não teve um bom retorno da professora. Metas futuras pessoais: Ela quer muito passar em concurso público e ter um trabalho estável para poder ter condições de se manter financeiramente em seus estudos e conseguir fazer um mestrado e um doutorado. Além disso ela gostaria de morar sozinha, porém,

como ela mora apenas com sua mãe, fica com receio de deixá-la sozinha. Em sua casa as vezes sua avó fica por lá, por exemplo, esse ano ela ficou por cerca de cinco meses porque teve câncer de útero e por isso esteve morando junto com a Monitora F sua mãe enquanto se recuperava ou quando tem crises de pneumonia. Em relação ao seu pai, ela conta com muita tristeza que ele um dia saiu de casa e nunca mais voltou, inclusive relata: “Não sei, foi comprar cigarro e não voltou mais”. Isso aconteceu quando ela tinha cinco anos e relata que foi traumatizante. Ela conta que ele apareceu quando ela tinha dezoito anos. Ele ligou e a convidou para que se encontrassem e ela foi ao encontro porque se considera muito apegada a ele, mas que ele não tem nenhuma consideração e some. Ele mora em Ubatuba e ela relata que não foi para vê-la e sim para tratar de negócios e aproveitou para vê-la. Ela nesse momento engasga a fala e relata “eu sou muito otária, eu já falei que não vou mais atrás dele, mas eu sempre vou (risos tímidos)”. Ela fala que na época ficava na bina olhando para ver se tinha algum número estranho, esperando que fosse ele. Toda vez que tinha ela retornava à ligação, na esperança de ser ele. Pelo que ela conta, talvez não seria tão traumatizante se seus pais tivessem se separado, mas ele não tivesse sumido.

- 4- Não se envolve em outro projeto.
- 5- Ela chegou no projeto por meio da linha de pesquisa R.I.T.A. porque ela estava precisando de dinheiro, afinal já tinha se passado um ano cursando a graduação e ela precisava ajudar a mãe em casa financeiramente. Para isso ela buscou conseguir as bolsas e auxílios que a universidade pudesse proporcionar. Ela não queria trabalhar porque achava que seria difícil conciliar estudos e trabalho. Ela conversou com sua colega, que estava no projeto. Sua colega lhe incentivou a entrar em contato com Prof. LP, e assim ela o fez por meio de e-mail. Ela indicou o R.I.T.A. por ser a linha que sua amiga atuava. Ela conta que gostou muito da linha por causa do coordenador Emerson, relatando que ele era uma pessoa inspiradora, ele orientava, dava atenção, participava junto e se colocava a disposição, se colocando como um dos participantes do grupo e por isso o grupo funcionava muito bem. Ela sentia proximidade, sensação que relata não sentir com o João. Mesmo com tudo isso, ela relata que não se identificava

com a linha de pesquisa R.I.T.A. Em um determinado momento ela foi transferida para o M.A.R.I.A. que era um grupo novo que estava sendo criado no grupo e precisava de pessoas, em especial, duas bolsistas, pois cada grupo era composto por duas bolsistas e voluntários. Sendo assim, ele a selecionou junto com a Maria do L.I.R.A. Ela conta que ficou chateada com a mudança por um bom tempo. Ela relata que logo de cara teve muita afinidade com o tema, que se identifica muito mais com o brincar e o lúdico do que com a música. Ela relata que se estressou muito mais no novo grupo por diversos problemas que o grupo apresentava, mas mesmo com tudo isso, ela tem maior afinidade com a proposta do M.A.R.I.A. e conta acreditar no poder de transformação do lúdico e do brincar. A linha de pesquisa M.A.R.I.A. era coordenado pelo João e contava com uns vinte integrantes, sendo dois bolsistas e o restante voluntários. O fato de ser voluntários trazia muitos transtornos com baixa participação nas aplicações e no final sobrava só para ela e a outra bolsista Maria.

- 6- Em 2015, ao entrar no R.I.T.A. ela ficou como voluntária por um semestre e no seguinte já pegou bolsa de Cultura e extensão e depois devido ao fato dela cursar Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN) ela foi para a bolsa PIBID por um bom tempo e atualmente tem a bolsa PUB. Ela relata que só poderia ficar no grupo se tivesse a bolsa, pois por mais que sua mãe não cobrasse que ela trabalhasse, ela percebia a necessidade de ajuda. Inclusive ela conta que se não tivesse conseguido em 2015 ela teria ido trabalhar e muito provavelmente muita coisa teria mudado, inclusive sua graduação. Como ela queria ir para Biologia e estava já insatisfeita com LCN ela relata que trabalhando provavelmente teria desistido do curso e faria cursinho para entrar no que realmente queria.
- 7- Como ela mora com a mãe e não trabalha, com a bolsa ela faz mercado, paga as contas de internet ou outras contas. Inclusive ela relata que se não tivesse a bolsa teria que trabalhar e conseqüentemente sair da linha de pesquisa. Então nesse sentido ela fala que a bolsa é muito boa.
- 9- Ela acredita que sim, que o que é feito ali transforma e que o lúdico é uma ferramenta transformadora. Inclusive ela relata que se o lúdico não fosse visto como algo menor muito mais poderia ser feito.

- 11- Ela acredita que sim. No R.I.T.A. ela começou a ouvir e gostar de músicas que antes não conhecia e não tinha contato, mudando sua percepção em relação à música. Ela ouve as músicas e consegue pensar socialmente o que significa, analisar, mas ela não consegue ampliar isso para o rock e ver ciência nas músicas como era proposto nas frentes. Já o nosso grupo, ela acredita que ajudou no sentido de pesquisa.
- 12- Não tinha experiência. Só nos cuidados com as primas.
- 13- Ela diz ser muito criativa e que isso a ajuda muito no grupo. Relata que consegue achar soluções rápidas para problemas imediatos. Quanto a pontos negativos ela relata estar bem insegura ultimamente. Conta que sempre foi insegura, mas que está mais atualmente e que as vezes deixa de falar as coisas por ter receio dos resultados disso. Que as vezes ela pode suprir uma necessidade e deixa de suprir por não saber se pode.

3.4.2. Reflexões sobre as entrevistas

Pensar no próximo pode ser uma característica dessa geração, ativa em atividades individuais e coletivas de cunho social ou devido a experiências que eles tenham vivenciado. O relato da Monitora D na entrevista é de uma pessoa muito engajada em ações voltadas para a defesa de minorias, em especial, sobre o feminismo. Ela é a criadora de uma página de uma rede social chamada “Todas Fridas” que trata de diversas questões de feminismo, entre outras. Seu engajamento nessa temática a aproximou da linha de pesquisa E.M.M.A. que trata de temáticas relacionadas às minorias, em especial, de questões de gênero.

Em duas atividades que a monitora realizou enquanto estava nesta linha, ela relata ter sido impactada com a situação. Ambas sobre minorias, uma sobre racismo e outra sobre gênero. Na segunda atividade ela se sentiu muito impotente por estar falando sobre minorias em EMEI com crianças e não estar conseguindo atingir uma minoria ali presente, uma criança com autismo. A esse respeito ela relata:

“(…) a gente pegou uma turma de crianças pequenininhas e em uma dessas turmas, uma dessas crianças tinha autismo, e daí a gente não conseguia elaborar

nenhuma atividade para aquela criança. Todas as aplicações ela ficava avulsa ficava grudada na professora, ficava irritada porque a gente estava lá, por nós éramos pessoas que tipo causávamos desconforto para ele, querendo ou não, e fazia barulho porque a sala ficava bem agitada, e foi bem chato, me senti muito mal nessas aplicações na EMEI e eu até parei de ir porque a gente não conseguia fazer nada lá, tipo para essa criança”.

Nessa fala percebemos que para ela havia um certo incômodo em estar preocupada com minorias, trabalhar isso e na realidade não alcançar a criança autista. Percebemos aqui sua real preocupação com as minorias, mesmo que neste caso a criança não tenha sido alcançada, lhe trouxe incômodo.

Como a Monitora D tem pouco tempo no grupo, lhe perguntamos se sua passagem pelo E.M.M.A. influenciou de alguma forma sua formação. Nesse sentido ela diz que:

“Foi bacana porque eu não tinha tido contato com criança e ainda que o E.M.M.A. não tenha proporcionado dar aula, participar das aplicações me ajudou sim, porque eu tive contato com criança para sacar que era aquilo que eu realmente queria fazer”.

Ela fala que isso foi importante porque ela ainda não havia feito estágio e estar nas atividades ajudou nesse sentido. Ainda pensando no foco social que as ações do projeto como um todo realizam e o trabalho que é feito no nosso projeto, o Monitor B demonstra em sua entrevista que gosta muito de trabalhos sociais, inclusive tem planos futuros nesse sentido, tendo em vista sua formação acadêmica e seus ideais. Ele relata ter bastante expectativa para com o grupo, por achar importante o trabalho realizado com um público em vulnerabilidade social e a importância do grupo como articulador e possibilitador de mudanças. Ele demonstra acreditar na proposta com o lúdico e manifesta querer colocar em prática seu projeto de horta no CCA.

Sobre a empatia dos monitores com a proposta do nosso projeto. obtivemos alguns comentários bem interessantes. Temos como exemplo a Monitora F que relatou gostar muito da experiência obtida na linha de pesquisa R.I.T.A. mas que lá

não sentia proximidade com a temática. Já com o nosso projeto, ela sente muita afinidade e relata ver uma real importância na proposta do nosso grupo:

“... eu me identifico muito mais com o brincar, com o lúdico do que com a música... Apesar de todas as dificuldades do M.A.R.I.A. que era muito estresse em comparação com o R.I.T.A. pois eu fiquei muito mais nervosa, no sentido de grupo, de organização, mas teve muita afinidade com o tema, com a questão do brincar, que é um negócio que está ali desde criança, e é uma coisa que eu acredito que funciona. O lúdico, que sabe, você acredita que muda a vida da pessoa, que transforma”.

Ela chegou a participar algumas vezes também do D.I.A.N. concomitantemente com os outros dois, M.A.R.I.A. e R.I.T.A. mas relata que sua afinidade é com a linha de pesquisa M.A.R.I.A. Em sua fala percebemos que ela realmente acredita na proposta de utilização do lúdico na divulgação científica e no seu poder de transformação.

Ao serem questionados sobre a forma como o M.A.R.I.A. tem sido conduzido, tendo em vista as mudanças oriundas dessa pesquisa, obtivemos alguns relatos bem interessantes. Dentre eles está o da monitora F acredita que o atual formato do grupo acrescenta em sua formação acadêmica no sentido de ser um espaço de realização de pesquisa. Ela inclusive faz um comparativo com a proposta do R.I.T.A. ressaltando a diferença e a contribuição do formato adotado no nosso grupo.

“Acho que pesquisa principalmente, porque a gente precisa de ideias e querendo ou não no R.I.T.A. a gente não pesquisava, a gente fazia o que o doutorando Z mandava a gente fazer. Então essa questão de pesquisa, de você ter um problema e ter que resolver esse problema e ter uma proposta com essa coisa da criatividade...fazer acontecer. Aprendi mais fortemente com o atual grupo do M.A.R.I.A., até escrever né, porque o primeiro projeto que eu escrevi foi para o M.A.R.I.A. e eu nunca escrevi nada para o R.I.T.A.”

Mas ao mesmo tempo ela levanta a questão da necessidade de fazer algo mais organizado, estruturado. Nesse sentido ela diz:

“Apesar de não ter aquela coisa que eu quero que tenha, sabe, de ser uma coisa (pensativa) não séria, mas de ser uma coisa mais, não sei se é estruturada, com

mais cara de acadêmica sabe, porque o que eu costumo fazer são os relatórios, sabe e relatórios é uma coisa, enfim...”.

Nessa fala entendemos que por mais que eles percebam esse ambiente de pesquisa, ainda tem uma visão de que a pesquisa feita ali é menor ou menos organizada. Conversamos a esse respeito a monitora falou que essa impressão também é de outras pessoas com quem ela já havia conversado no grupo e que alguns tem mais facilidade em desenvolver a pesquisa no grupo e outros não.

Nesse sentido, pensamos que talvez isso se dê por causa da herança das outras orientações e formações que o grupo tinha anteriormente. Tanto nesse como em outros grupos compostos por bolsistas, os monitores, ao final do período de pesquisa tinha a obrigação de escrever um relatório, entretanto, não havia a necessidade de muito detalhamento, portanto, pouca cobrança. Saber que o relatório pode ser algo simples poderia gerar a ideia de que não era necessário muito engajamento e estudos para a escrita. Essa visão permanecia e foi necessário uma reflexão sobre ações nesse sentido. Com a mudança na proposta do grupo, cada um teve que escrever seu próprio projeto e os estudos passaram a ter um pouco mais de afinco.

Outro ponto por ela comentado foi a respeito da bagagem necessária para a análise de uma situação de pesquisa. Ela relata que:

“O que eu sinto falta também é de saber olhar para aquilo, por exemplo, a criança falou alguma coisa que eu achei interessante. É tipo, olhar para aquilo e saber analisar aquilo e referenciar aquilo e ter uma base, para entender o que está acontecendo e conseguir vincular a teoria dentro de uma prática, por isso que quando você falou a proposta do artigo eu falei ‘ah, seria interessante ler Bakhtin, porque ele faz análise de discurso, e é uma coisa bem mais profunda, manja, difícil e complexa de entender”.

Percebemos nessa fala a necessidade que a monitora relata de querer mais direcionamento e estudos, com a realização de leituras que a ajude sua pesquisa e na construção de um olhar mais crítico sobre uma situação a ser analisada.

Na entrevista com a Monitora D, ao ser questionada sobre mais diferenças entre as linhas, ela relata que:

“Aqui a gente tem mais autonomia, e a gente tem que ter responsabilidade. Ah, Monitora D, preciso que você faça sua aplicação e entregue dia 20. Tem que estar pronto dia 20. Lá no E.M.M.A. a gente era tipo a mão de obra, a Mestranda T chegava com a proposta pronta, ou a gente até discutia a proposta, mas ela já estava pronta... é porque elas desenvolviam as pesquisas delas, a gente não tinha pesquisa assim, a gente fazia o que elas falavam e elas eram o cérebro e a gente a mão de obra e aí era isso. Aqui no M.A.R.I.A. não, a gente tem que fazer a nossa pesquisa, inventar uma aplicação e fazer a pesquisa direitinho”

Quando questionada sobre essa diferença ser ruim ou boa, ela diz:

“Quando eu cheguei, eu pensei nossa que diferente, fiquei chocada e falei eita, e agora. Mas foi legal, porque tipo, eu não tinha pensado na intervenção, foi uma ideia que eu tive na hora e eu gostei de trabalhar assim, de ter a autonomia de falar, olha crianças, agora vocês vão comigo, e nós iremos fazer as coisas do meu jeito, é a minha intervenção. Eu gostei, foi bacana”.

Ainda nesse sentido, ao ser questionada sobre como se deu sua chegada ao projeto, ela diz:

“Foi diferente, porque assim, tipo, a mestranda T fazia outra graduação, Letras, então a gente era bem mais (pausa para refletir) não é descompromissado, tinha compromisso, mas era mais maleável. Tipo ela falava ‘gente, estou fazendo a aplicação aqui’, um dia antes e aí ela mandava para gente. Então a gente tinha um jogo de cintura assim com ela e daí tipo, como a gente não tinha essa responsabilidade de fazer aplicação e aqui a gente tem que ter essa responsabilidade. Os dados que a gente coletava eram para a pesquisa dela, então eu não tinha que fazer meu projeto para poder ter dados igual agora”.

Ela relata estar gostando da proposta do grupo, mas que a princípio foi um choque, e conta que na sua primeira aplicação ficou insegura, mas que gostou.

Quando conversamos com o Monitor C sobre a dinâmica do grupo e sobre sua organização em relação às leituras e aos estudos, ele fez um comparativo com o E.M.M.A. e relata que lá a dinâmica era pensada como um grupo de estudos e toda semana tinha leitura e um tempo dedicado para isso. A esse respeito ele diz:

“Na verdade, era pensado como um grupo de estudo. Para essa semana a gente tem esse texto aqui, que a gente vai ler e vai trazer as impressões na próxima semana... que a gente sentava e discutia, até para ter mais coisa de teoria”.

Ele relata sentir falta no nosso grupo desse estudo teórico e fala que vai atrás e pesquisa quando precisa. Além disso, ele fala que as aplicações que ele realizava no E.M.M.A. eram baseadas nas leituras feita com o grupo e relata que já entendiam o que estava acontecendo, o que os autores analisavam e eles replicavam e pensavam em algo parecido. Tendo isso em vista, ele acredita que as atividades do nosso grupo ficam um pouco sem rumo e eles não sabem ao certo o que irão fazer. Sobre isso ele diz:

“Ah, vamos fazer uma atividade para brincar com eles, tá. Mas e aí? Eu acho que nesse sentido, se as nossas reuniões tiverem mais essa questão do, vamos começar a reunião discutindo teoria, vamos falar sobre teoria, vamos falar sobre lúdico, a gente vai estudar os autores, o que eles entendem sobre o lúdico para só depois a gente pensar no que iremos fazer de proposta, com base nesses aqui que a gente está estudando”.

Em contrapartida, o que já foi realizado tem surtido efeitos. Sobre o grupo, Monitora A relata que:

Essa conversa foi bem importante e retrata uma visão que já tínhamos sobre a necessidade de melhoria na condução do grupo no sentido de fortalecer a dinâmica de leitura e debate sobre temas pertinentes à temática do grupo e aos projetos dos integrantes. O calendário foi modificado e adaptado no sentido de dar mais espaço para isso, mas mesmo assim ainda não conseguimos criar a rotina e cultura no grupo de leitura e a importância disso. Algumas leituras foram realizadas no decorrer do primeiro semestre de 2018, mas entendemos que precisamos melhorar a quantidade e a qualidade das discussões. Percebemos que nos dias que propomos leituras nem todos a faziam, e muitas vezes a discussão era adiada exatamente por isso, tirando espaço de uma nova proposta de leitura. Isso é um costume que foi necessário romper, pois os debates não devem ser apenas sobre as atividades e as demandas provenientes da organização dessas atividades ou para a divulgação de recados e prazos. Além disso, como relatado mesmo pelo Monitor C, boa parte dos integrantes do grupo é novo e até conseguirmos criar uma unidade coesa que entende a

importância da leitura, demora um pouco e que essa questão não é só do M.A.R.I.A. e sim de todos os grupos e com o tempo vamos nos adaptando e melhorando a logística. Tais demandas serão pensadas e melhor trabalhadas no segundo semestre de 2018.

Uma demanda que surgiu no decorrer do semestre durante as reuniões do grupo como um todo foi de que os alunos sempre estavam distantes, na retaguarda, não estabeleciam vínculos com os monitores mesmo depois de algum tempo junto. Discutimos sobre as dificuldades que essas crianças possivelmente encontram no seu dia-a-dia em casa, na escola e nas relações sociais que estabelecem e talvez na possível falta de proximidade com os funcionários do CCA. Ficamos divagando sobre a ausência da família em um grande período de tempo do seu dia e sobre como isso afeta suas vidas e suas relações com as pessoas. Discutimos que talvez se buscássemos propostas de nos aproximarmos deles, buscando uma relação de mais afeto, pudéssemos ter como consequência, uma possível melhora na relação e na condução das atividades, pois talvez os alunos pudessem passar a ver a atenção dedicada a eles na preparação das intervenções.

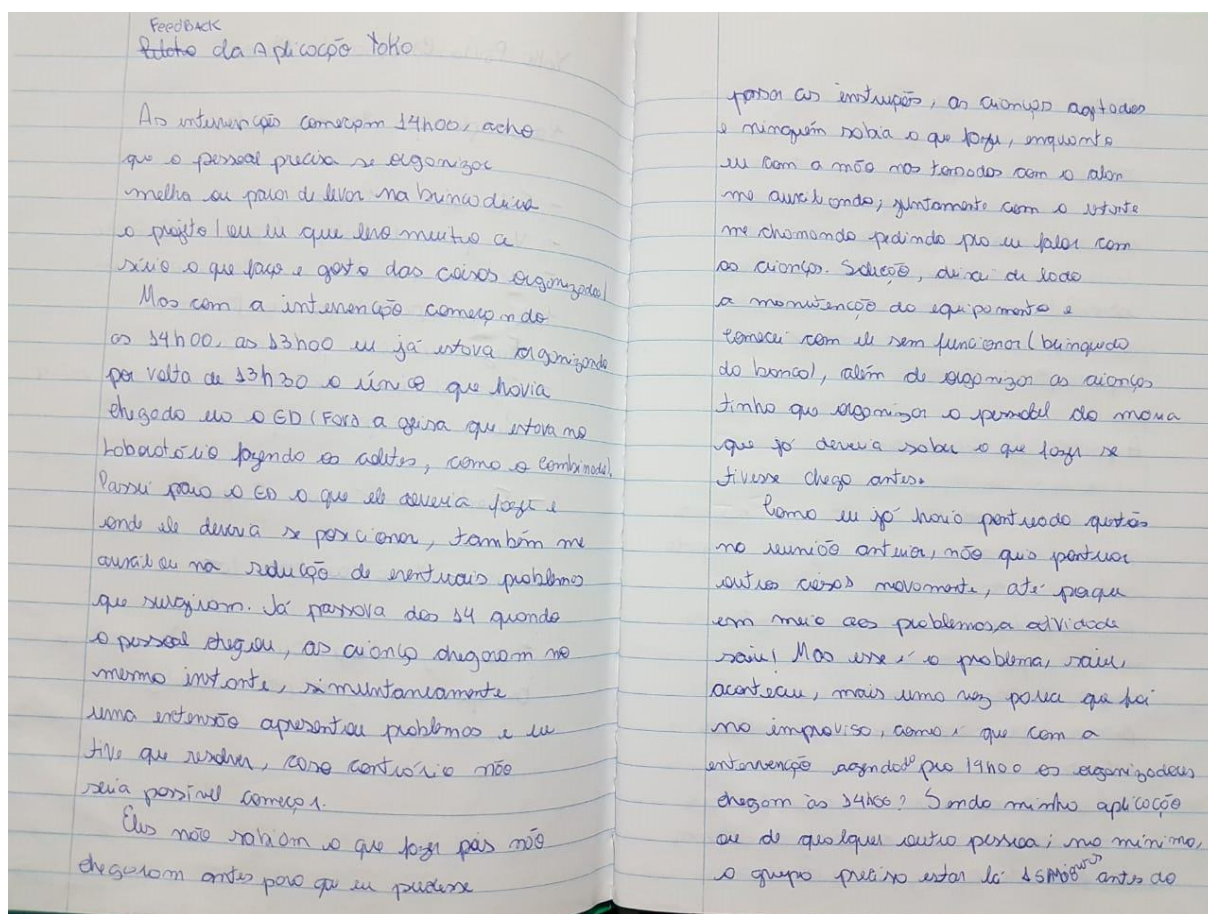
Isso foi bem interessante pois os alunos demonstraram preocupação com o público que atendem. Surge aí a necessidade de buscar uma estratégia de aproximar os alunos do CCA e foi sugerido aos monitores que conforme nosso calendário do semestre, haveria intervenções quinzenalmente, ou seja, havia dias disponíveis para pensarem em alguma atividade com os alunos. A ideia foi bem aceita e fizeram uma atividade de aproximação, com conversas, lanches e caminhadas pelo espaço da EACHUSP para que eles pudessem conhecer.

Após isso, os monitores propuseram fazer mais atividades além dessa e assim foi feito, resultando em uma relação mais próxima em que os alunos começaram a conversar mais com os monitores, se sentindo mais à vontade em fazer perguntas, em falar quando queriam ou não participar das atividades e em fazer pedidos, como conhecer alguns espaços da Universidade. No decorrer das reuniões os monitores falaram que tais ações surtiram em bons resultados inclusive nas intervenções deles. Mais informações a esse respeito serão obtidas das transcrições dos áudios das reuniões posteriormente.

Em relação à organização das atividades, entendemos que dar autonomia é importante para que o monitor se coloque como responsável pela sua pesquisa e atuante no sentido de elaborar e propor o que julga ser mais interessante e pertinente conforme seu objetivo de pesquisa. O que temos percebido é que alguns não tem dado a devida atenção e responsabilidade a essa questão. Tivemos atividades bem pensadas e bem elaboradas, mas em contrapartida tivemos atividades realizadas sem nenhum planejamento e cuidado. No início do semestre organizamos as atividades do grupo de forma a debatermos as intervenções com antecedência e elaboramos um calendário de aplicação para que todos tivessem ciência da sua data e se planejassem com antecedência, tendo em vista, organização de materiais, leituras para planejar o que fazer na intervenção, como realizar a coleta de dados, etc.

A respeito da necessidade de organização a Monitora A fez colocações em seu diário de bordo, conforme a imagem a seguir:

Figura 18: Feedback da Monitora A sobre uma aplicação.



Fonte: Diário de bordo da monitora.

No decorrer da entrevista ela disse:

“Esse é um problema geral de todos os grupos que eu já participei. No grupo de teatro e na Cheers a gente fala, combina, tem ata, a gente escreve no grupo (cita algumas falas) Ah, mas o que vai ter hoje mesmo? Onde que vai ser? Porque a pessoa não lê! Dá vontade de matar! ...Eu não sei as pessoas pensam, Ah é brincadeira, é lúdico então é bagunça. Tipo, ok, o objetivo pode ser esse, mas antes de ser o lúdico, de ser a brincadeira, é um grupo que precisa se organizar, que tem funções, que tem um propósito e a galera esquece”

Sobre os aspectos positivos na condução do grupo e a respeito das relações que se formaram ela comenta:

“Eu gosto da interação (...) acho que entrei no grupo certo, eu consigo me comunicar, consigo falar o que eu quero as vezes, eu sei eu tenho a liberdade para falar mesmo não falando e eu gosto disso, dessa relação interpessoal que a gente tem”.

Tal relato demonstra que ela se sente em um espaço no qual ela tem voz. Ela tem a certeza de que quando quiser se posicionar em relação a algo, será ouvida.

Sobre o atual formato do grupo, Monitora A relata:

“Eu acho que de todas as transições que tiveram, nessa eu consigo olhar e falar: agora eu sei o que está acontecendo! Porque antes era muito confuso, eram n pessoas com n projetos, e a gente não sabia para quem se reportar, para quem tirar dúvidas, era uma coisa nossa (põe a mão no rosto), era muito confuso (...) e agora eu já sei que eu tenho um projeto, que eu posso trabalhar em cima dele, que é minha linha de pesquisa, eu sei aonde eu posso buscar referências, diferentes de como era nas outras formações.

A Monitora A é questionada se ela sente falta de algo na coordenação do grupo. Nesse momento, exemplificamos com textos para debate teórico, entre outros e ela diz:

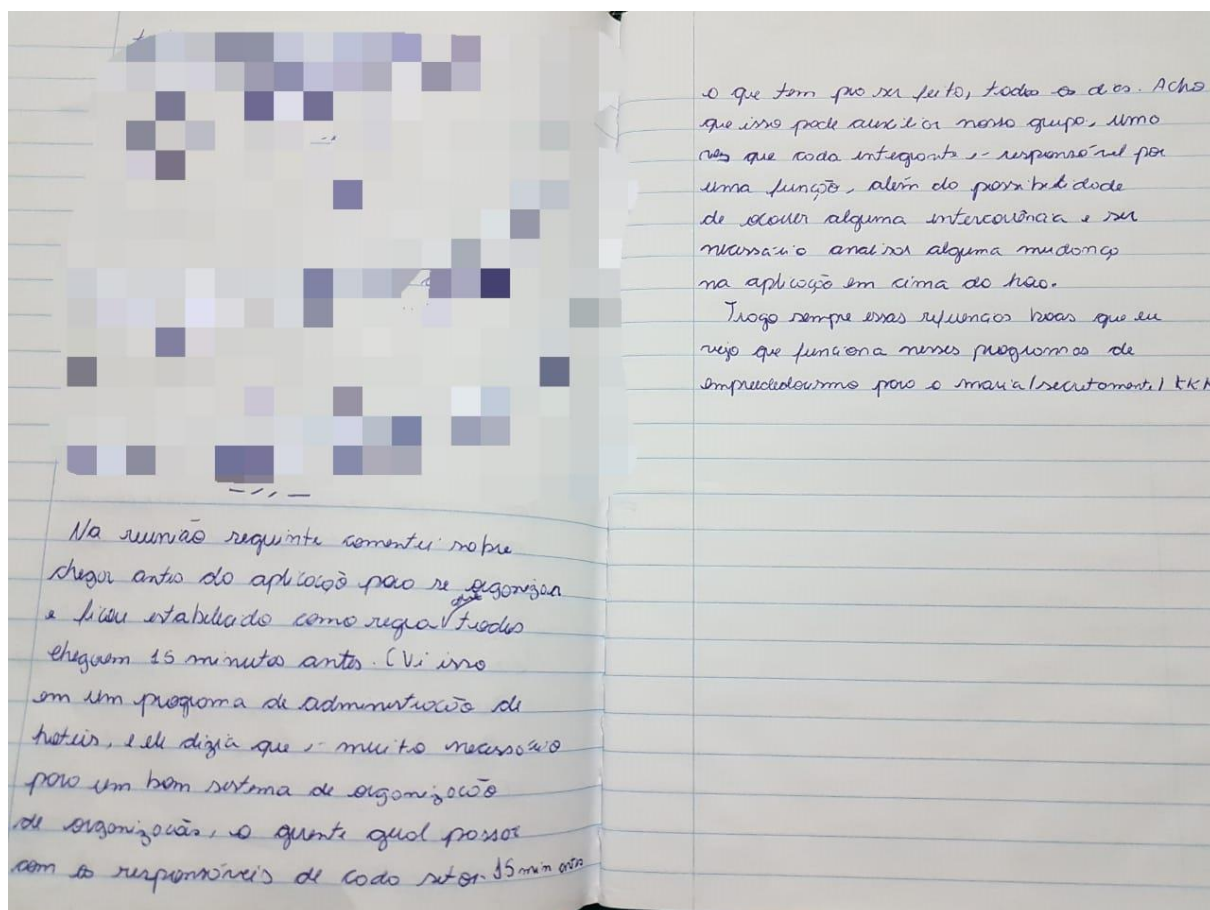
“Eu não tinha entendido muito essas propostas dos textos, o porquê que a gente está lendo, aí você falou que era para elaborar o relatório e aí quando eu sentei para fazer o relatório aí eu falei: agora eu entendi porque precisava dos textos

e senti que eram poucos textos. Vi que era importante e agora que estou sentando para fazer, devia ter lido mais, agora vou ter que correr atrás”.

Isso mostra que ela visualiza a necessidade de mais leitura e do espaço das reuniões como um momento de estudos.

Após essa fala conversamos sobre o trabalho que fazemos necessitar de organização e comprometimento. Essas colocações feitas de forma descontraída foram bem interessantes, pois demonstram, assim como outros demonstraram, a preocupação em querer que tudo dê certo e que prezam pela organização e pelo comprometimento de todos. Faz uma sugestão de melhoria em seu diário de bordo, que pode ser visto na imagem a seguir:

Figura 19: Sugestão de melhoria feito pela Monitora A.



Fonte: Diário de bordo da monitora.

No balanço que fizemos no final do semestre sobre as atividades do grupo, esse ponto relatado no diário foi colocado em pauta e discussão. Houve concordância que a postura deles deveria mudar em relação a organização e cuidado na preparação

das atividades. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas no início do projeto e que eles mesmos viam a necessidade de melhorias. Falamos sobre o cuidado que devemos ter com as pessoas que estão recebendo os resultados de tudo isso, que são as crianças e adolescentes do CCA e da responsabilidade que devemos ter em proporcionar a eles o melhor, e fazer o que nos propomos a fazer, divulgar ciência por meio do lúdico suscitando neles o interesse pela ciência.

Poucos foram os relatos nos diários de bordo porque percebemos que esse recurso não foi bem aceito. Na entrevista, a Monitora F conta que a inclusão desse recurso gerou um mal estar, pois os monitores acharam que a ideia era vigiá-los por meio do diário. Portanto ficaram relutantes em utilizá-los com mais afinco.

Nas reuniões incentivamos a participação dos integrantes do grupo e demos abertura para que pudessem se colocar. Devido a prática de leitura de bibliografias que julgamos pertinentes aos contextos das atividades de pesquisa que concerne ao nosso grupo, percebemos que os integrantes passaram a sugerir leituras. Ao debater um texto que versava sobre lúdico, brinquedos e brincadeiras da Kishimoto, que trata mais especificamente sobre o fato de os brinquedos serem construídos por pessoas, que carregam concepções ideológicas e que tais visões estariam presentes nesses objetos. Adentramos a temática de análise de discurso e a Monitora A comentou sobre uma disciplina que fez sobre Análise do discurso tendo como aporte teórico Baktin e sugeriu essa leitura em algum momento no grupo, ressaltando ser bem interessante essa leitura. Já o Monitor B propôs a leitura do Livro “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire nas nossas reuniões de formação pois achava importante ler um teórico da educação e isso foi acatado pelo grupo. Tais sugestões mostram que os integrantes têm participado no sentido de propor leituras e viram esse momento de leitura como algo importante no processo de formação do grupo.

Houve momentos que o grupo não era bem organizado em relação aos estudos teóricos e reclamações a esse respeito surgiram na entrevista. Também percebemos que havia diferença de comprometimento dos monitores em relação a formulação das atividades, sendo que alguns eram bem cuidadosos e estudavam para a elaborar enquanto outros a executavam em cima da hora, sem planejamento e de forma despreparada. O mesmo se deu em relação à escrita de relatórios inicialmente, pois alguns não se empenhavam tanto. No decorrer do projeto fomos ajustando essas

questões e buscando ao máximo melhorar a condução da organização de todo o processo. Percebemos grandes mudanças e ótimos resultados.

Sobre a questão dos alunos se colocarem, manifestarem sua opinião e sugerirem ações dentro da linha, percebemos que de maneira geral eles se sentem em um ambiente aberto e democrático, entretanto, em relação a algumas situações, não se sentiam tão à vontade em falar, e costumam procurar a nova coordenadora, a Monitora F para fazer isso. Alguns levavam para ela ideias, demonstrando engajamento e podemos atribuir isso à maior proximidade e interação com o grupo, que gerou pertencimento.

Essas são algumas das impressões que obtivemos dos dados analisados tanto da entrevista, como de algumas reuniões, diário de bordo e conversas impessoais. A seguir iremos apresentar a análise dos relatos solicitados posteriormente. Eles foram relatos escritos pois entendemos que sua construção seria mais atenta, pois o monitor teria um tempo para refletir sobre todo o período. No caso de dúvidas, elas foram tiradas por meio de conversas por áudio de whatsapp.

3.4.3. Análise dos relatos

Nos relatos, os monitores escreveram sobre a possível influência que o período em que participaram do nosso projeto possa ter gerado em suas vidas e as consequências futuras percebidas no ano da escrita, em 2020. Este relato atual é importantíssimo e concentramos nossas análises neles a fim de traçar um panorama sobre os efeitos da pedagogia em participação nas situações vivenciadas pelos monitores no grupo. Esse tempo de dois anos possibilitou essa reflexão e a visualização efetiva do possível legado da fase em que atuaram como monitores no projeto.

Neste período alguns mudaram de curso, outros concluíram suas formações da época e também uma monitora desistiu da graduação. A monitora D que antes estudava Licenciatura em Ciências da natureza, pediu transferência para o curso de Educomunicação. A Monitora F continua cursando o curso de Gestão de Políticas

Públicas e é bolsista FAPESP com projeto de pesquisa em sua área. O Monitor C se formou no curso de marketing e o Monitor B continua cursando a graduação, no último ano do curso de Gestão Ambiental. A Monitora A mudou do curso de Gestão de Políticas Públicas para o curso de Administração e a monitora E desistiu de sua formação no curso de Têxtil e Moda.

Monitora A (ANEXO 5A):

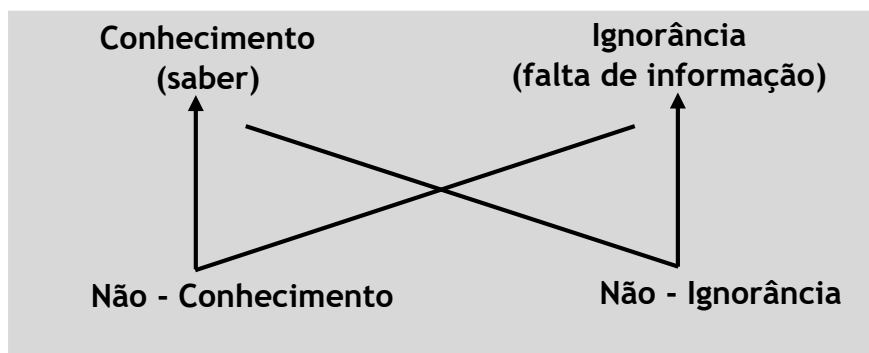
Faz associações entre os aprendizados adquiridos e vivenciados no grupo com situações posteriores, ressaltando como esse período foi importante para o seu bom desempenho. Ela fala sobre como o trabalho em grupo a fez refletir sobre saber seu momento de fala e como aflorou seu espírito de liderança. Além disso, as burocracias que fazem parte da pesquisa científica, como a boa organização do grupo, a escrita de atas, a elaboração de relatórios tendo em vista as normas da ABNT lhe trouxeram experiência que foi fundamental para a realização de seu trabalho em empresas por onde ela passou e na realização de trabalhos da graduação. Participar de um grupo de pesquisa é uma experiência profissional que foi muitas vezes exigida em processos seletivos do qual ela participou. Portanto, ela ressalta o quanto foi positivo e importante todos esses aprendizados. Ela faz um relato crítico sobre a eficácia do grupo, contando que a ausência de uma definição exata de qual seria a proposta da linha M.A.R.I.A. em relação ao lúdico, tenha feito com que muitos não atribuíssem o projeto a devida seriedade. Sobre isso ela relata: “Talvez por essa ausência de definição, muitos não levavam o projeto a sério, faziam ou planejavam algo em cima da hora o que me despertava certo desapontamento pois por vezes eu sentia que era a única que levava o projeto a sério e me debruçava sobre as questões”. Ela finaliza dizendo que o projeto de extensão lhe agregou muito pois foi uma experiência sobre como funciona o mercado de trabalho, as relações com pessoas de diferentes personalidades e as dinâmicas de um trabalho coletivo.

Em seu relato encontramos a oposição semântica entre “conhecimento” versus “ignorância”. Neste caso o conhecimento é o termo eufórico e a ignorância o termo disfórico. O enunciado de estado é a disjunção entre o sujeito e o objeto “conhecimento”. O enunciado de fazer mostra a trajetória dela de um estado ao

outro. Ao dizer que aprendeu na convivência com o grupo de pesquisa sobre postura, convívio com os pares, ser uma pessoa proativa, ter espírito de liderança em alguns momentos e saber ouvir em outros, a escrever atas e relatórios nas normas da ABNT, a monitora relata de maneira implícita que antes não possuía tais conhecimentos. Além disso, há a oposição semântica entre “experiência” versus “inexperiência” que foi importante para ela em processos seletivos futuros.

É possível perceber que a organização sintática da narrativa se dá quando ela implicitamente afirma que não tinha os conhecimentos, demonstrando sua ignorância, passa para o estado de negação dessa ignorância ao participar do grupo e começar a aprender e por fim, há a afirmação do conhecimento adquirido. Há também a organização sintática: afirmação da inexperiência em participar de grupos de pesquisa/ negação da inexperiência/ afirmação da experiência. Ela classifica a ausência de definição do grupo como algo disfórico e a identidade do grupo como eufórico.

Figura 20: Quadrado semiótico da monitora A.



Fonte: Autora.

Na entrevista, a Monitora A relata que precisava de ajuda financeira para se manter na universidade e custear seus gastos pessoais e familiares e a bolsa era sua única fonte de renda. Ela inclusive afirma que se não houvesse bolsa, teria que sair em busca de outra fonte. Ao entrar no grupo, a monitora está em um estado de ignorância em relação aos conhecimentos abordados no contexto de estudo do grupo de pesquisa e é manipulada pela questão financeira, por meio da tentação (uma recompensa positiva). Entretanto, na escrita do relato, em nenhum momento ela cita a questão financeira, não fala sobre como estar no projeto a ajudou financeiramente e foca sua escrita no conhecimento adquirido. Portanto, seu relato

mostra que o que a manipula é o aprendizado e a experiência adquirida por meio da tentação. Ela passa a vivenciar as experiências com o grupo, sendo essa sua performance. A experiência no grupo é a competência por meio da qual ela adquire conhecimento teórico e prático, com isso entra em um estado de não-ignorância, pois ela está em transição. A sanção é quando ela consegue um novo aprendizado, um novo saber. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- Nas empresas onde eu fui funcionária, tinha que elaborar atas e esse conhecimento adquiri através das reuniões realizadas no grupo.

- [...] percebo que meu conhecimento mais técnico voltado para ABNT, por exemplo, é muito mais elevado do que os outros alunos que ingressaram no curso junto comigo.

- [...] a responsabilidade de formatação sempre a encarregada sou eu, uma vez que eles não possuem a mesma facilidade por não terem tido esse contato.

- Em suma, acredito que o projeto agregou muito, pois nos forçou a ter o contato com pessoas de diferentes personalidades, origens e cursos.

- [...] nos preparou para lidar com o ‘mundo lá fora’”.

Esses trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “ausência de um determinado conhecimento” para o estado final “posso esse conhecimento”. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

A actante tem como objeto de valor o conhecimento, que foi adquirido por meio do convívio em grupo, ou seja, o aprendizado técnico de elaboração de atas, formatação de projetos, saber conviver em grupo com diferentes personalidades. Esse objeto de valor foi adquirido por meio da experiência e da vivência.

O ethos apresentado na narrativa é de uma pessoa analítica, que demonstra saber o que quer. Ela soube retirar experiências e aprendizados da participação do grupo e levar para a sua vida nos âmbitos estudantil, trabalhista e profissional. Sua escrita é analítica e crítica, pois ao falar sobre situações vivenciadas no grupo, ela demonstra sua opinião abertamente. A monitora demonstra incômodo com a falta de definição do grupo, com a ausência de uma identidade e relaciona isso com o comportamento dos integrantes. Ela acredita que essa indefinição gerava falta de

planejamento com objetivo e isso a incomodava. Essa colocação mostra um *ethos* responsável, que gosta de organização e se incomoda com incertezas. Um *ethos* que demonstra sua opinião sem insegurança e que se sente livre para fazer suas colocações. Ela olha para a diversidade de perfis do grupo como algo desafiador e construtivo e compara isso com o mercado de trabalho, onde há pessoas de diferentes perfis com os quais é necessário saber lidar. Além disso, ela relata que os aprendizados foram cruciais para ela estar à frente em situações profissionais e acadêmicas. Apresenta a ideia de um caráter objetivo, exigente, crítico, de personalidade forte e com pouca paciência. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter. Demonstra ser segura, participativa nas reuniões e que gosta de expor sua opinião, portanto, aparenta ser uma boa ouvinte, uma pessoa atenta e que sempre fala o que quer. O tom ou dimensão vocal da enunciatória mostra o *ethos* de uma pessoa competente. Na enunciação vamos percebendo que ela mostra ser uma pessoa mais capaz hoje e demonstra isso com exemplos de situações vivenciadas após sua passagem pelo grupo, comprovando sua competência. Buscando estabelecer possíveis incongruências desse eu apresentado na narrativa, é possível fazer um comparativo com as observações realizadas por mim no decorrer da participação da monitora no grupo. As vezes ela era aérea e pouco participativa ficando no celular e não demonstrando interesse nas discussões do grupo. Era uma boa ouvinte, que nem sempre queria manifestar sua opinião para não gerar conflitos. Mesmo em momentos em que havia diálogo aberto, ela preferia não comentar, demonstrando em alguns momentos indiferença ou não querer entrar em conflitos por discordar do que estava sendo proposto. Em contrapartida, quando sua opinião era solicitada ou quando ela queria se manifestar, fazia com segurança. Criticava e oferecia sugestões que ao seu ver eram mais pertinentes. Elaborou a atividade do seu projeto com excelência e foi bem organizada na condução dela.

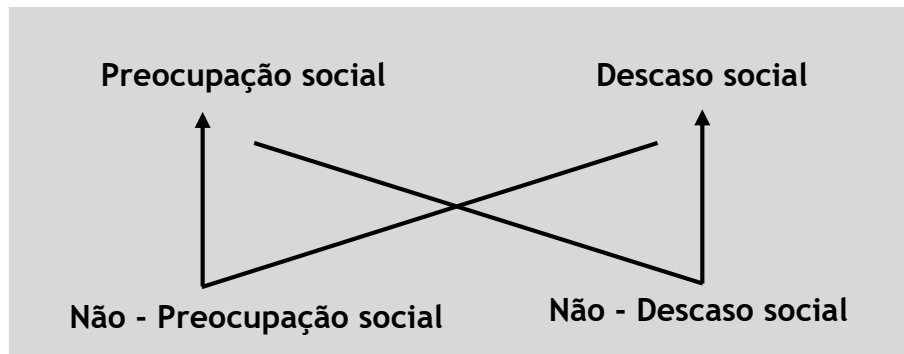
- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida/ Curriculum.
- Cenografia: texto de opinião.

Monitor B (ANEXO 5B):

O monitor começa seu relato falando que participar do nosso projeto permitiu que ele desenvolvesse uma perspectiva voltada para o social. Com as atividades ele viu a necessidade que as crianças e adolescentes possuem de mais atenção e o valor que as atividades possuem por proporcionar à elas a possibilidade de desenvolverem um olhar mais crítico, além do contato com conhecimentos científicos. Ele ressaltou muito esse lado social e diz ter sido uma percepção coletiva fazendo com que o grupo refletisse sobre esse viés ao elaborarem suas ações. Para ele, participar do grupo lhe trouxe um crescimento intelectual no que tange a situação geral da periferia, sua fragilidade e a necessidade de ações voltadas para esse público carente. Um ponto importante para ele foi a forma respeitosa e humana que a linha de pesquisa tratou as crianças e adolescentes nas ações, além, de ressaltar que o grupo proporcionava um contexto participativo para que eles pudessem se expressar.

Seu relato é focado na necessidade da criança, seja ela de atenção, conhecimentos científicos, vivências ou novas experiências. Há uma oposição semântica entre “preocupação social” versus “descaso social”, sendo o primeiro o termo eufórico e o segundo o disfórico. Em sua chega ao grupo, por meio de sua entrevista foi possível perceber que esse olhar cuidadoso e atencioso às necessidades da periferia já existia, entretanto, no relato, ele mostra como a experiência no nosso projeto possibilitou uma ampliação desse olhar social, do entendimento das necessidades das crianças que são desse contexto social. A organização sintática da escrita se dá a partir de uma afirmação do desconhecimento das necessidades das crianças em situação de vulnerabilidade social, depois surge a negação desse desconhecimento quando ele conversa e fica próximo dessas crianças e por fim, a afirmação do reconhecimento das necessidades das crianças (necessidade de atividades lúdicas para o desenvolvimento de habilidades; debate de temáticas como desigualdade, privilégio, racismo, alimentação, entre outras; a importância da abertura de espaço para a criança se expressar; construção de uma visão mais humanizada, focada na necessidade da criança, real conhecimento da situação da periferia; entre outros).

Figura 21: Quadrado semiótico do monitor B.



Fonte: Autora.

O Monitor B relatou querer seguir carreira acadêmica, gostar de pesquisa e se identificar com ações comunitárias, sendo assim, sempre participou de maneira voluntária. Tendo isso em vista, ele buscou o projeto com o intuito de realizar pesquisa, obter aprendizado e poder se dedicar as atividades de cunho social, seu grande foco, portanto, o que o manipula é a sedução da experiência. Tendo isso em vista, ao entrar no grupo, o monitor tem um conhecimento superficial sobre a realidade das pessoas de classe social baixa, entretanto, ele não tem uma visão embasada na averiguação prática de como isso se dá e de como as dificuldades sociais interferem na vida de crianças e adolescentes. Por meio das ações de divulgação científica ele passa a vivenciar as experiências com o grupo, ouve os relatos das crianças e adolescentes e relata perceber a necessidade de ações de cunho social para o desenvolvimento deles, sendo essa sua performance. Participar ativamente no grupo é a competência por meio da qual ele adquire conhecimento teórico e prático e com isso entra em um estado de não-ignorância, pois ela está em transição. A sanção é quando ele constata ter adquirido um novo aprendizado, um novo saber pela experiência. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- As atividades lúdicas da Manifestações da Alegria e Recreação Investigação da Arte-Ciência permitiram que eu desenvolvesse uma perspectiva social.

- Essa percepção me fez analisar que as crianças necessitavam ter uma atenção maior, pois, aparentemente, se sentiam animadas e energéticas para entenderem o mundo ao seu redor, mas devido às questões financeiras e sociais de

suas famílias, possivelmente não tinham a chance de se adentrarem no mundo científico ou acadêmico.

- O importante do M.A.R.I.A. na minha vida foi o desenvolvimento de uma análise epistemológica da situação geral na periferia.

- Momentos para as crianças se expressarem e conversarem conosco e entre si sempre eram enriquecedores para o grupo.

- [...] o M.A.R.I.A. é um grupo que merece ter continuidade nas atividades lúdicas realizadas em regiões menos favorecidas, pois garante a quebra da bolha social entre as classes”.

Esses trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “ausência de um determinado conhecimento” para o estado final “posso esse conhecimento”. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

O objeto de valor do monitor B não mudou, pois ele relata que estar no projeto aumentou seu olhar para as necessidades das pessoas de classes sociais desfavorecidas, para a importância da humanidade, sobre a importância de dar voz e fazer com que essas pessoas sejam ouvidas. Além disso, ele ressalta como a investigação por meio da pesquisa possibilitou isso. Portanto, seu objeto de valor é a preocupação com o social.

A narrativa mostra um ethos interessado por conhecer mais a fundo as necessidades das crianças e adolescentes atendidas pelo grupo de pesquisa M.A.R.I.A. por fazerem parte de uma classe social baixa da periferia de São Paulo. Ele demonstra em seus enunciados achar importante que o público atendido pelo grupo receba uma atenção digna e respeitosa, que sejam ouvidos e que a pesquisa e a Universidade como um todo se atentem para dar um retorno e estar mais presente na vida dessas pessoas. O tom ou dimensão vocal do enunciador mostra o ethos de uma pessoa curiosa, que quer entender mais sobre um contexto que não conhece e ao mesmo tempo empático, pois quer de alguma forma fornecer algo para as pessoas da periferia. Ele vê a necessidade da universidade se atentar a isso, pois por meio dela, ou mais especificamente por meio do projeto, ele pode ver os ganhos que as crianças e adolescentes obtêm com as atividades de cunho social. Tais características traçam o caráter do ethos como alguém preocupado, que valoriza o respeito e a voz

dada aos excluídos. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter, portanto, podemos inferir que o ethos (enunciador) é uma pessoa prestativa, solícita, boa ouvinte e preocupada. Na enunciação vamos percebendo que ele adquiriu bastante experiência e aprendizado enquanto esteve no grupo e que ele valoriza muito isso, pois parece que ele tinha uma ideia do que as pessoas da periferia de classe baixa necessitavam para ter uma perspectiva de estudo mais clara, mas com a participação no grupo, ele pode vivenciar isso na prática e ouvir das crianças e adolescentes seus interesses, anseios, vontades, necessidades e sonhos. Tendo em vista a observação do monitor durante sua participação no grupo e com base em sua entrevista, podemos contrapor alguns pontos apresentados nessa análise feita a partir da narrativa. Durante seu período de participação no grupo ele foi ausente em alguns momentos, faltando em reuniões e não finalizou seu projeto voltado para a construção da horta vertical, bem como, não redigiu relatório completo e nem sempre realizava as leituras prévias para as reuniões. Sabemos que isso se deu em partes devido à dificuldade de material para a construção da horta. Podemos dizer que essa preocupação com as crianças era parcial, pois o preparo prévio para levar algo completo e bem elaborado não era feito, entretanto, nas aplicações ele era muito presente, atencioso, bom ouvinte e participativo. Todas as vezes que ele era solicitado nas atividades, na colaboração para a elaboração de algo, para buscar os alunos e trazer até a EACHUSP ele sempre estava disponível e após as aplicações sempre relatava tudo com bastante entusiasmo e interesse, mostrando estar bem atento ao que estava acontecendo nas atividades.

- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida
- Cenografia: Relato/carta

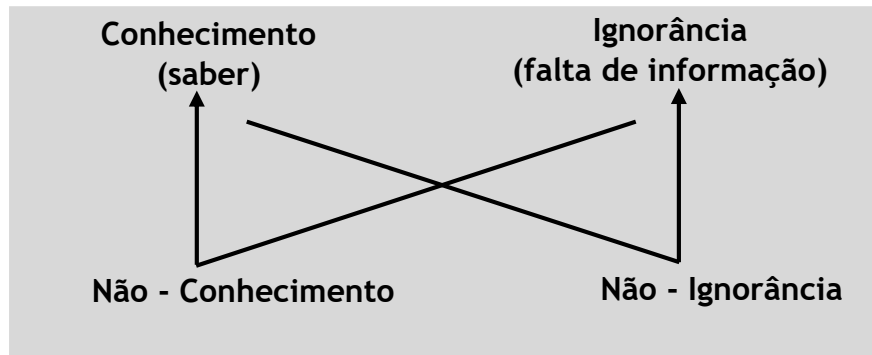
Monitor C (ANEXO 5C):

Ele preferiu começar seu relato falando sobre o período (2016) em que chegou na linha de pesquisa M.A.R.I.A. e sobre qual era o contexto do grupo na época. Ele relata a ausência de uma identidade e associa isso à falta de materiais que pudessem

embasar os estudos e as práticas, conforme o trecho: “No início fomos tentando fazer as coisas mais no improviso, sem muita base literária sólida”. Sua fala demonstra a preocupação com o estudo. Conta que quando iniciamos os estudos na busca de uma identidade e de um trabalho mais coerente, tendo em vista um embasamento científico, o grupo sofreu transformações positivas. Sobre esses estudos ele relata: “Acredito que isso tenha sido um dos principais legados que o grupo deixou em minha vida, porque foi a partir dessas experiências, de leitura das obras de grandes autores (Piaget, Vigotski, Paulo Freire, Hiuzinga) que eu pude desenvolver uma abordagem mais empática”. Ainda sobre as leituras, ele relata: “O lúdico como ferramenta de transformação foi a segunda coisa que me marcou muito... Com certeza é uma das coisas que levarei para a vida toda. Esses estudos acrescentaram também muitos ganhos no trato com os seus pares no curso de graduação nas monitorias que realizava e até mesmo no contexto familiar, profissional e social como um todo. Ele visualiza que esse aprendizado contribuiu positivamente para que ele se torne um profissional melhor na educação, na transformação dos seus alunos. Ele finaliza sua escrita dizendo que já formado, consegue perceber os ganhos que participar do projeto de extensão trouxe para a sua formação.

A categoria semântica do relato do monitor C é a busca pelo saber “conhecimento” para que ocorra o aprendizado almejado versus a “ignorância” caracterizada pela falta de estudo e pesquisa. Portanto, o conhecimento é o termo eufórico e a ignorância o termo disfórico. Em sua entrevista vemos que o monitor entrou no grupo em busca de novos aprendizados e da experiência da realização de uma pesquisa científica. A organização sintática da sua narrativa inicia com a afirmação da ignorância representada implicitamente em sua fala pela falta de saber sobre: o lúdico como ferramenta de transformação da educação, o brincar e de metodologias de ensino empáticas e participativas. Além disso, ele relata como essa falta de estudos foi negativo para o grupo, gerando atividades de improviso sem embasamento e a falta de uma identidade. Depois ocorre a negação dessa ignorância quando ele inicia os estudos junto ao grupo de pesquisa e por fim, há a afirmação da apreensão do conhecimento, exemplificado pelo uso desse saber em suas relações pessoais, profissionais e acadêmicas.

Figura 22: Quadrado semiótico do monitor C.



Fonte: Autora.

O Monitor C objetiva seguir carreira acadêmica, portanto, participar de projetos como o nosso, o ajudou na obtenção de novos conhecimentos e experiência. Ele permaneceu alguns períodos no grupo sem bolsa, demonstrando que a questão financeira não era o foco. Chegou a atuar simultaneamente como monitor no grupo e de disciplinas do seu curso de graduação. Pelo seu relato a manipulação se dá por meio da sedução, pois o grupo de pesquisa pode lhe proporcionar novos conhecimentos e aprendizados. As vivências e as experiências com o grupo são sua performance. Os estudos, as leituras e as discussões em grupo que ele realizou são a competência por meio da qual ele adquire conhecimento teórico e prático e com isso entra em um estado de não-ignorância, pois ela está em transição. A sanção ocorre quando ele consegue um novo aprendizado, um novo saber e isso é relatado em situações futuras que ele vivenciou e pôde colocar em prática seus aprendizados. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- [...] o M.A.R.I.A. proporcionou esse contato mais direto com os princípios de uma educação empática, que leva em consideração a transformação do aluno e as trocas entre quem ensina e quem aprende.

- Acredito que isso tenha sido um dos principais legados que o grupo deixou em minha vida, porque foi a partir dessas experiências, da leitura das obras desses autores, que pude desenvolver uma abordagem de ensino mais empática. Consegue utilizar não só no MARIA, mas em outros momentos da própria graduação.

- Como fiz monitoria de algumas disciplinas, o entendimento dessas obras me deu uma capacidade de entender os conflitos e dilemas dos colegas quando estão estudando os mais diversos assuntos.

- [...] entendemos como o lúdico pode ser usado para desenvolver as crianças em todos os sentidos, seja para a educação, como para a vida social.

- O lúdico como ferramenta de transformação foi a segunda coisa que me marcou muito na experiência que tive com o MARIA. Com certeza é uma das coisas que levarei para a vida toda. Já é possível utilizar no trabalho, na família, nas relações sociais diversas. E foi graças ao MARIA que pude ter contato com essas disciplinas.

- Como pretendo um dia lecionar, tenho certeza que toda essa experiência já me deu uma certa base para ser um profissional que trabalhe na transformação dos alunos.

- Hoje, com a graduação finalizada, olho para trás e vejo que o grupo contribuiu muito para minha formação”.

Tais trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “ausência de um determinado conhecimento” para o estado final “posso esse conhecimento”. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

O actante tem como objeto de valor o conhecimento. Para chegar até ele utiliza como competência os estudos. No decorrer da passagem do sujeito pelo grupo, ele busca formas de chegar ao conhecimento.

O ethos apresentado na narrativa do monitor C é de um homem focado e com objetivos bem determinados. Ele se sente parte integrante do grupo, portanto, responsável pelas ações que nele acontecem. Se mostra ser bem exigente e empenhado em conseguir realizar o que se propõe a fazer. Ele valoriza o conhecimento, a busca do saber para a realização de uma prática bem estruturada e organizada. O tom ou dimensão vocal do enunciador mostra o ethos de uma pessoa competente, responsável, analítica e crítica. Tais características traçam o caráter do ethos como alguém seguro que com a convivência em grupo buscou absorver o máximo de conhecimento possível para aplicar em diversos âmbitos de sua vida. Sua passagem pelo grupo possibilitou conhecimentos que segundo ele, o marcou. Isso

pode ser visto no trecho: ‘Acredito que isso tenha sido um dos principais legados que o grupo deixou em minha vida, porque foi a partir dessas experiências, da leitura das obras desses autores, que pude desenvolver uma abordagem de ensino mais empática’. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter, portanto, podemos inferir que o ethos (enunciador) é uma pessoa organizada, disciplinada, participativa e responsável. Se faz presente e apresenta bons argumentos nas discussões e tomadas de decisão do grupo. De olhar observador e interessado. Na enunciação vamos percebendo que ele adquiriu bastante experiência e aprendizado enquanto esteve em nosso projeto e que ele valoriza muito isso, pois conseguiu vislumbrar e aplicar tais conhecimentos nos anos seguintes. A narrativa traz indícios textuais que possibilitam ao leitor (tu projetado) traçar o perfil do narrador (eu projetado). Essas características apresentam um eu pressuposto na narrativa muito condizente com o eu percebido na entrevista e na sua participação no grupo.

- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida.
- Cenografia: texto de opinião.

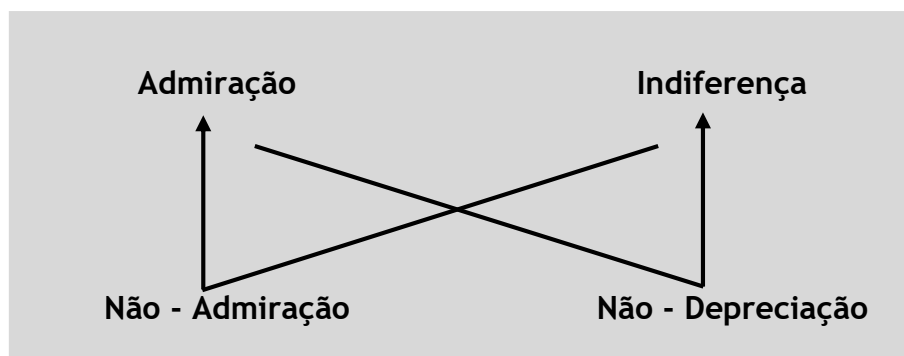
Monitora D (ANEXO 5D):

Ela relata que se sentia acolhida no projeto Banca da Ciência por atuarem na área social com crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, pelo fato dela pertence à periferia, mostrando uma questão de identidade. De maneira geral, ela ressalta que estar no projeto de extensão ajudou na melhoria do seu desempenho na realização de pesquisa, favorecendo futuras pesquisas e trabalhos que exijam a interação em grupo. Mais especificamente no projeto que desenvolvemos ela demonstrou admiração pelo grupo dizendo que ali havia mais do que um grupo de pesquisa. Havia nele um elo entre as pessoas e que todos tinham muito empenho na realização das atividades. Tais falas mostram a admiração que ela tem pelo grupo. Além disso, ela relata que foi interessante os resultados da atividade sobre relações de gênero que ela realizou e demonstra ter gostado bastante do apoio do grupo, ressaltando novamente essa questão do elo em prol das atividades, em que todos se

ajudam. Ela ressalta que o meu perfil de coordenadora acolhedora, mas também exigente foi positivo para que ela e os outros se esforçassem em fazer o melhor para as crianças e adolescentes e ressalta que isso gera benefícios para o social atendido. De maneira geral, ela ressalta como algo positivo a questão da união do grupo, admira e se identifica com isso. A Monitora D já possuía um olhar voltado para ações sociais e estar no grupo aguçou ainda mais essa perspectiva. Ela relatou situações em que realizava conversas particulares com alguns adolescentes, tirando dúvidas sobre o espaço da Universidade. Nas conversas ela explicava que aquele espaço poderia ser usufruído por eles, pois ela, assim como eles, veio da periferia e estava ali, portanto, eles também poderiam. Sobre isso ela disse: “o tempo que eu passava ali com aquelas crianças era para além de pesquisa acadêmica, também era um trabalho social, no M.A.R.I.A. arrisco dizer que vivíamos a teoria e prática juntas”.

A oposição semântica mais marcante da monitora foi “admiração” versus “indiferença”. Para ela a admiração é o termo eufórico e a indiferença, o termo disfórico. A monitora relata em sua narrativa que a pesquisa deve devolver algo para a sociedade e que o nosso projeto tem um olhar mais humano para as crianças, dando a entender que implicitamente ela teve experiências em que a pesquisa não tinha esse viés. Em sua entrevista ao entrar no grupo de pesquisa, ela comenta sobre como era sua participação em outro grupo e relata que fazia o que lhe era solicitado, que não havia muito debate e que não tinha voz ativa. A organização sintática começa com a afirmação da indiferença de maneira implícita, quando ela relata estar surpresa com o modo de condução do projeto e da postura dos participantes. Depois ela passa para um estado de negação dessa indiferença quando começa a se familiarizar com a metodologia utilizada na realização de pesquisa e o contexto do grupo e por fim, ela afirma a admiração ao elencar várias características eufóricas que ela admira no grupo como, o elo entre as pessoas ir além a pesquisa, parceria e apoio entre os integrantes, olhar humano para as crianças e adolescentes, o trabalho social com responsabilidade e cuidado, tendo em vista as necessidades das crianças.

Figura 23: Quadrado semiótico da monitora D.



Fonte: Autora.

A Monitora D relata em sua entrevista que procurou o projeto “Banca da ciência” por ele possuir uma frente temática sobre questões de gênero, ou seja, a temática foi um atrativo, afinal, ela já tinha grande afinidade com o assunto, sendo inclusive integrante de um blog de feminismo. Além disso, ela precisava de ajuda financeira para se manter na universidade e para isso, contava com a bolsa do projeto, outros financiamentos estudantis e trabalhava. O fato dela precisar de um conjunto de rendas, mostra que a questão financeira da bolsa possa ter sido um atrativo, assim como a temática. Entretanto, isso não aparece em sua narrativa, pelo contrário, ela foca sua escrita em falar sobre sua admiração pela metodologia adotada no nosso projeto. A participação ativa da monitora, o esforço relatado em pensar na atividade para os alunos e as discussões em grupo que ela realizou são a competência por meio da qual ela conhece o grupo e suas características, com isso entra em um estado de não-indiferença, pois ela está em transição. As vivências e as experiências com o grupo são sua performance. A sanção ocorre quando ele conclui que o grupo possui um valor positivo, com ações seguem uma metodologia participativa e mais humana. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- [...] alguns colegas comentavam sobre os projetos de extensão e o alcance que eles tinham no quesito social para crianças e adolescentes que muitas vezes se encontravam em vulnerabilidade social e por também pertencer e residir na periferia de certa me forma me senti acolhida.

- [...] foi bastante interessante observar os resultados e perceber todo o apoio e ajuda que recebi do grupo.

- O que mais me marcou nesse projeto foi como o grupo se portava, não olhando para aquelas crianças e jovens, como mero objeto de estudo, mas assim como uma relação que precisava ser dual, era necessária uma troca sincera.

- Foi no Maria também que eu percebi que o meu trabalho no grupo iria para além da pesquisa, ali havia uma preocupação de fato de como seria a experiência dos receptores (das crianças e jovens).

- O tempo que eu passava ali com aquelas crianças era para além de pesquisa acadêmica, também era um trabalho social, no Maria arrisco dizer que vivíamos a teoria e prática, juntas.

- Os grupos de extensão em si me ajudaram muito em minha desenvoltura, e com a possibilidade de um dia ser pesquisadora e de um trabalho harmônico em grupo.

- A Pesquisadora F sempre foi muito acolhedora com todo o grupo, mas também era bastante exigente com as nossas atividades e aplicações o que foi bastante positivo para sempre fazermos o melhor para as crianças que trabalhávamos e aprendermos que a pesquisa na universidade precisa devolver para a sociedade algum benefício - fato que aprendi no Maria.

- Cresci, amadureci e aprendi muito com os projetos de extensão.

Os trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “indiferença” tendo em vista suas outras experiências em grupo de pesquisa para o estado final “admiração” ao perceber as características positivas que diferenciam esse grupo de outros. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

O objeto de valor dela é sua admiração pela dinâmica da linha (perfil do grupo). Ela relata sua admiração pelo grupo devido ao empenho dos integrantes, apoio recebido na realização de seu projeto pessoal, a forma de condução acolhedora e ao mesmo tempo exigente. Esses fatores lhe trouxeram muito aprendizado quanto à dinâmica do trabalho em grupo.

A narrativa apresenta o olhar da monitora D sobre sua experiência no grupo, ou seja, o eu projetado. Podemos perceber um ethos preocupada com questões de gênero e que se identifica com o grupo de pesquisa devido ao seu trabalho com

crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Ela se identifica com esse público por ter vindo da periferia. O cuidado do grupo com esses jovens foi o que ela ressaltou em sua escrita. A narrativa traz a ideia de um ethos preocupada com o social e com uma pesquisa mais humana, na qual as pessoas analisadas não sejam vistas apenas como objetos de pesquisa, mas que sejam levadas em conta suas necessidades. Ela acredita que a pesquisa deve gerar resultados positivos para a sociedade, em especial, para as pessoas estudadas e tudo isso é possível percebermos pelo tom ou dimensão vocal da enunciadora. Isso pode ser percebido na enunciação ‘Foi no M.A.R.I.A. que eu percebi que o meu trabalho iria para além da pesquisa, ali havia uma preocupação de fato de como seria a experiência dos receptores’. A monitora apresenta a ideia de um caráter preocupado com o próximo e uma boa ouvinte. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter. Demonstra ser uma pessoa que nas atividades com as crianças e jovens é uma boa ouvinte, atenciosa e que gosta de bater papo para saber o que estão precisando ou pensando. Ela apresenta ter uma real preocupação com os receptores e levar isso para o debate nas reuniões. Na enunciação vamos percebendo que ela amadureceu e aprendeu muito com o grupo de pesquisa. Contrapondo ou confirmando a narrativa da monitora, por meio da entrevista e do acompanhamento dela no decorrer de sua passagem pelo grupo, vimos uma pessoa ativa, que gosta de colocar a mão na massa e fazer acontecer. Ela gostava de expor sua opinião e ser ouvida. Tinha momentos pouco participativos e não realizava as leituras com tanta atenção. Ao escrever seu relato e enviá-lo, ela resalta por mensagem que foi bem sincera ao mostrar sua perspectiva sobre o projeto, portanto, o tu pressuposto foi levado em consideração na escrita e ela demonstra ter realizado a escrita com certa liberdade.

- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida.
- Cenografia: conversa.

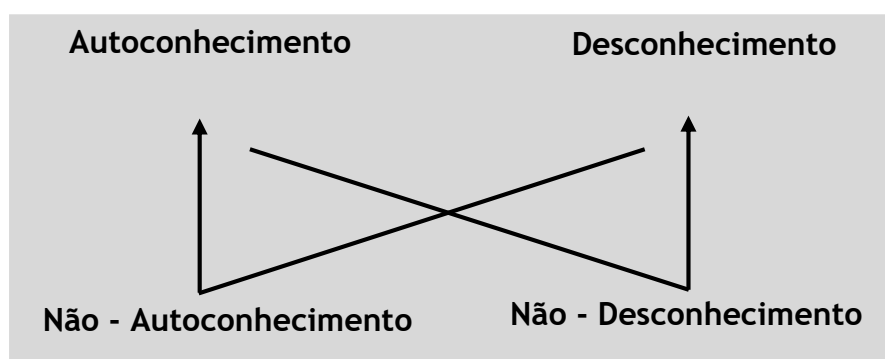
Monitora E (ANEXO 5E):

Ela começa seu relato falando sobre como chegou ao projeto de extensão “Banca da Ciência” na vertente JOANINHA, para depois migrar para o nosso projeto. Ela ressalta que o contato com as crianças e adolescentes do CCA a marcou, devido a carência de afeto e de perspectivas deles. Isso foi tão forte para ela que em algumas atividades práticas, perceber isso nas interações lhe tirava o foco do verdadeiro objetivo da atividade. Ela demonstra ter se sentido satisfeita quando o grupo ouviu os estudantes e realizou as atividades propostas por eles. Além disso, estar no projeto de extensão lhe trouxe reflexões acerca do seu perfil enquanto estudante de graduação e integrante de projeto de pesquisa. Constatou que as atividades práticas eram estimulantes e lhe traziam prazer, entretanto, os estudos teóricos e a exigência da escrita dos relatórios ou outros documentos do projeto, lhe afetavam de forma negativa. Ela não queria fazer e se sentia inferior, com menor bagagem conceitual para as discussões em grupo. Tais percepções inclusive a fizeram concluir lhe faltava o perfil acadêmico. Ela retoma sua escrita focando nas crianças e adolescentes e ressalta que as ações eram sempre respeitadas às vontades deles e que a adesão era bem alta. Finaliza relatando que cada monitor tinha um projeto de pesquisa a ser desenvolvido na forma de ação, permeando as temáticas ciência e gênero.

Em seu relato a oposição semântica central é entre “autoconhecimento” versus “desconhecimento”, sendo que o primeiro é o termo eufórico e o segundo o termo disfórico. No decorrer da sua escrita percebemos que a organização sintática inicia com a afirmação do desconhecimento e para isso, lembra de se sentir incomodada desde a época que fez o TCC de uma graduação anterior. Posteriormente, no decorrer da sua participação no grupo, ela vai tomando conhecimento de que possui mais afinidade na prática do que nos momentos de estudo da teoria por não ter prazer na leitura. Por fim, ela afirma ter adquirido o autoconhecimento em sua trajetória no grupo e que isso a fez tomar algumas decisões. A monitora relata não possuir perfil acadêmico e que não daria andamento na graduação. Além disso, ela relata que a pesquisa acadêmica é importante por perceber a carência e a importância que o projeto tinha para as crianças e adolescentes que participavam do projeto, portanto, mesmo ela identificando não

ter perfil, ela valoriza a academia e os resultados que foram alcançados no projeto. Em conversas particulares e por meio da entrevista, ela relatou que sempre teve vontade de fazer algo de cunho social na área da costura na sua terra natal e ajudar as mulheres da região. Contou que as atividades de divulgação científica foram importantes nesse sentido, para resgatar essa vontade e pensar em como realizar esse desejo. Por fim, em conversas particulares, ela relatou ter desistido da graduação.

Figura 24: Quadrado semiótico da monitora E.



Fonte: Autora.

A Monitora E relata em sua entrevista que buscou um projeto de pesquisa em sua área de formação e que o financiamento iria lhe auxiliar financeiramente. Ela sempre se manteve no projeto com auxílio financeiro das bolsas, inclusive teve um período que ela não estava conseguindo participar presencialmente e ela passou a fazer atividades a distância para manter o auxílio financeiro da bolsa. Tendo isso em vista e com base em sua entrevista, a princípio, o que manipulou a monitora a participar do projeto foi a necessidade econômica. Entretanto, em sua escrita isso não aparece em momento nenhum. Seu relato é focado no quanto estar no projeto e vivenciar novas situações a fez refletir sobre sua vida, sobre suas necessidades e seus interesses. Ao entrar no grupo, a monitora está em um estado de desconhecimento em relação aos seus desejos e interesses. O período de passagem pelo grupo a ajudou a se conhecer e a definir algumas tomadas de decisões. No decorrer do período de estudo, com as ações de divulgação, os debates e as situações vivenciadas nas aplicações com os alunos, alguns pontos foram surgindo em sua mente e se tornando mais claros, sendo esse novo olhar sobre algumas questões, o que a manipula. Essa manipulação ocorre por meio de uma provocação interna dela

própria, pois nesse momento de se autoconhecer, ela se auto questionou. A participação nas atividades do grupo e a realização de tarefas são sua performance. A competência foi o ato de se autoavaliar, a reflexão feita sobre seu desempenho e seus sentimentos durante as atividades no grupo. A sanção é quando ela adquire o autoconhecimento e a partir disso toma novas decisões em sua vida, como por exemplo a desistência do grupo. Além disso, sua vontade de fazer algo de cunho social na área da costura na sua terra natal e ajudar as mulheres da região é confirmada ao interagir com as crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, constatando as necessidades deles. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- O projeto me trouxe algumas reflexões e algumas decisões. O quanto a pesquisa é importante, as tantas reflexões possíveis de uma ação observada. E também que não tenho perfil acadêmico, escrevo mal, viajo durante a escrita, fujo do tema.

- Mas concluí que não foi, simplesmente não tenho perfil acadêmico, não tenho disciplina para organização e nem cumpro minhas metas, a leitura não é prazerosa para mim e não me desperta interesse”.

Os trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “desconhecimento” sobre si, sobre seu perfil, tendo em vista suas outras experiências, para o estado final de “autoconhecimento” ao identificar suas características pessoais. Entender que ela não tem perfil acadêmico, mesmo estando em um ambiente de pesquisa acadêmica, para ela foi positivo. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

O ethos apresentado é de uma pessoa que foi se conhecendo ao longo de sua experiência no M.A.R.I.A. Ela ressalta o quanto sua participação trouxe reflexões sobre sua vida, sobre o contexto estudado e como toda essa experiência lhe ajudou na tomada de decisões posteriores. O eu projetado é de alguém preocupada com os receptores da pesquisa, uma boa ouvinte, empática à situação de vida deles. Percebermos pelo tom ou dimensão vocal da enunciativa um ethos que reconhece a partir das atividades do grupo, não ter perfil acadêmico e que compreende como a ação observada de uma pesquisa é importante tanto para a pesquisadora como para o objeto pesquisado. A monitora apresenta um caráter compatível com uma pessoa

preocupada com o próximo, uma boa ouvinte, atenciosa, observadora, que está buscando respostas, e ao se deparar com situações desconhecidas, foi moldada e marcada. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter. Demonstra ser uma pessoa um pouco perdida em relação aos seus objetivos de vida, insegura, que não gosta de manifestar opinião e é melhor ouvinte. Essas características foram comprovadas por meio da entrevista e da observação de sua participação no grupo. Ela demonstra se sentir perdida na academia, mesmo entrando lá para fazer uma graduação que tanto almejava, não estava adaptada ao ambiente e estava seguindo a vida conforme as demandas surgiam. Ela se mostrava desmotivada, não estava entusiasmada com a academia, em especial com o projeto. Chegou a faltar algumas vezes e pediu para sair do grupo, mesmo precisando financeiramente da bolsa auxílio.

- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida.
- Cenografia: conversa/testemunho.

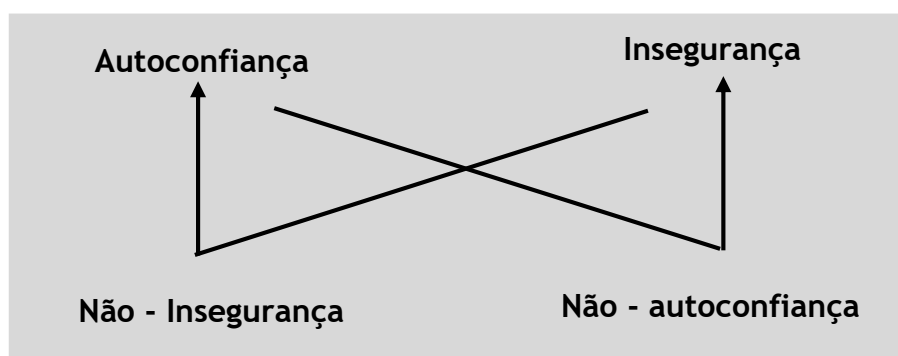
Monitora F (ANEXO 5F):

Ela foca seu relato no quanto participar do projeto que desenvolvemos contribuiu para sua mudança de perfil. Antes de participar do grupo, ela não se sentia parte da Universidade, não se encaixava nos “padrões da USP” e isso lhe trazia angústia e por muitas vezes tentou desistir do curso, que na época era Licenciatura em Ciências da Natureza. Ela ressalta que em especial no período de 2017 e 2018, em que as relações passaram a ser mais horizontais, devido ao modelo participativo, mais aberto para que os monitores pudessem se expressar. Sobre isso ela relata: “O grupo fez com que eu sentisse que eu tinha espaço e que aquele ambiente universitário poderia sim fazer sentido na minha realidade”. Essa percepção é generalizada por Monitora F, pois ela acredita que os outros também tiveram a mesma, ao dizer que irá levar consigo a forma de se relacionar que o nosso projeto possuía, afinal isso impactou significativamente no clima do grupo e no desempenho de todos. De maneira geral, a monitora foca sua escrita na relação existente entre a proposta de condução do grupo de pesquisa com sua mudança de postura, com o

fato dela conseguir se tornar uma pessoa mais segura, autônoma e capaz para tomar decisões. Relaciona o ambiente participativo, a ideia do grupo como unidade e a boa relação estabelecida entre os integrantes com o desenvolvimento do seu sentimento de segurança.

Em seu relato há a oposição semântica central entre “autoconfiança” versus “insegurança”, sendo o primeiro termo eufórico e o segundo termo disfórico. A organização sintática se dá com a afirmação de sua insegurança, que foi exemplificado de diversas formas (insegura para falar, se sentia incapaz de liderar, sentimento de exclusão, pensou em desistir da faculdade por não se sentir parte do contexto acadêmico, entre outros), para um estado de negação dessa insegurança durante sua participação no grupo, findando em um estado de afirmação da sua autoconfiança (desenvolvimento de sua autonomia, aprendeu a tomar decisões, se sentiu parte do grupo, era valorizada em seu projeto individual, tinha espaço de fala, entre outros).

Figura 25: Quadrado semiótico da monitora F.



Fonte: Autora.

A monitora F chegou no projeto porque estava precisando de dinheiro, afinal já tinha se passado um ano cursando a graduação e ela precisava ajudar a mãe em casa financeiramente. Para isso ela buscou conseguir as bolsas e auxílios que a universidade pudesse proporcionar. Tendo em vista sua trajetória contada na entrevista, poderíamos presumir que a manipulação se deu pelo auxílio financeiro. Entretanto em sua escrita ela deixa bem claro o quanto o grupo foi importantíssimo para a mudança dela de postura, de atitude e de comportamento. A monitora F é o sujeito de sua narrativa. A sua chegada ao grupo a princípio se deu pela questão financeira, sendo que no decorrer do tempo, ela foi seduzida pelo acolhimento que

o grupo lhe ofereceu, que foi importantíssimo para o seu crescimento pessoal. A partir do momento que ela percebeu que ali estaria adquirindo novos conhecimentos, tanto acadêmico como comportamentais, ela passou a querer fazer parte, se esforçar em participar ativamente e estar aberta para esse novo acolhimento e aprendizado, sendo essa sua competência. Sua performance ocorreu no decorrer do tempo, enquanto participava das ações do grupo e o tempo todo era visível como ela estava mudando seu comportamento, se tornando mais empoderada e ativa em suas colocações e na tomada de decisões. A sanção ocorre quando ela relata que se tornou outra pessoa, quando ela consegue visualizar que adquiriu autoconfiança. A princípio ela era muito insegura e com o tempo, sua postura foi mudando, e chegou a assumir o cargo de coordenadora. Os enunciados de fazer que mostram a passagem de um enunciado de estado ao outro são:

“- [...] após a implementação da pedagogia contribuiu para minha formação no sentido de me ajudar a tomar mais iniciativas, pois, antes do grupo eu não sentia que eu conseguiria propor boas ideias ou tomar a frente de trabalhos e projetos.

- Ao estar inserida no grupo eu passei a me sentir parte de alguma coisa dentro da faculdade, coisa que eu não sentia antes, pois sempre parecia que a USP não era um ambiente para mim.

- [...] minha participação no MARIA foi essencial para que eu continuasse com a graduação, pois as dificuldades mais o sentimento de exclusão me fizeram pensar várias vezes em abandonar a faculdade. O grupo fez com que eu sentisse que eu tinha um espaço e que aquele ambiente universitário poderia sim fazer sentido na minha realidade.

- [...] nós tínhamos relações horizontais e projetos próprios que foram propostos por nós mesmo, fora a cooperação, todo mundo se ajudava independentemente da ajuda afetar o meu projeto individual ou o dos meus colegas.

- O que sempre vou levar do MARIA como aprendizado profissional é o trabalho em grupo e a forma de se relacionar com as pessoas.

- Ambientes mais horizontais e participativos permitem que as pessoas consigam se expor mais e expor novas ideias, e foi isso que vivi no MARIA.

- [...] o sentimento de pertencimento que o grupo proporcionava foi fundamental para que eu conseguisse me situar na faculdade e pensar possibilidades que antes não se passavam pela minha cabeça, simplesmente por eu não me sentir adequada aos “padrões USP”.

- [...] o grupo me ajudou a desenvolver minha autonomia e segurança para tomar iniciativas e decisões. Antes eu não me sentia capaz de fazer “coisas acadêmicas”, como por exemplo passar em um processo seletivo para mudar de curso que há anos eu gostaria de ter prestado.

- [...] depois que passamos a ter uma integração maior entre os membros e a termos espaço para desenvolver nossos próprios projetos, eu me senti mais segura; sobretudo contando com o apoio da equipe e de poder falar as minhas ideias sem muito receio de errar, afinal a gente estava lá para construir algo juntos apesar dos interesses individuais”.

Os trechos selecionados mostram a passagem de um estado inicial de “insegurança”, medo de agir, de se colocar e o sentimento de não pertencimento ao ambiente acadêmico. A partir da participação no grupo, em especial, no período em que houve o uso da metodologia participativa, ela foi adquirindo segurança chegando à “autoconfiança”. Nessa narrativa ocorre a liquidação da privação.

Seu objeto de valor é o autoconhecimento. Ela percebeu seu interesse pela questão social e sobre a importância de ouvir as pessoas. Além disso, compreendeu e traçou seu perfil, relatando que não queria mais a academia e que gosta da prática em detrimento da parte teórica da pesquisa. Inclusive ela desiste do curso.

A actante adquiriu como objeto de valor a autoconfiança. Ela relata que o ambiente lhe encorajou, lhe deu voz para se colocar e ter mais segurança. O fato de ter projeto próprio e pessoal a fez se sentir mais empoderada e a desenvolver sua autonomia e segurança, possibilitado pela forma de condução do grupo, um ambiente participativo em que ela tinha voz e pelas experiências do convívio.

O ethos apresentado na narrativa é de uma mulher que a princípio não tomava iniciativas, se achava menos capaz que os outros, sem condições de coordenar ou liderar grupos, insegura e deslocada. Com sua entrada no projeto, mais especificamente, no nosso grupo no período que utilizava uma metodologia de

condução participativa, ela relata ter sofrido uma transformação comportamental. Esse ambiente possibilitou uma mudança de postura e ela foi passando a ter um perfil mais empoderado, mais seguro e se via como parte daquele ambiente acadêmico. Tais características traçam o caráter do ethos como alguém insegura que com a convivência em grupo sofreu modificações comportamentais. Sua passagem pelo grupo lhe proporcionou autoconhecimento. A sua corporalidade pode ser pressuposta a partir de suas características de caráter. O fato dela ser insegura, dá a ideia de alguém pouco participava das reuniões, que não verbalizava muito sua opinião por achar não ter boas ideias e por medo de errar, que não socializava tanto com as pessoas por não se sentir parte do grupo e por não ser de um grupo. Alguém acuada, de olhar baixo e muito mais ouvinte do que falante. O ethos de quem quer passar despercebida e não ser notada muda com o tempo e em enunciações como ‘eu me senti mais segura, sobretudo contando com o apoio da equipe e de poder falar minhas ideias sem muito receio de errar’ mostram a mudança na personalidade da enunciadora, pois ela mudou sua postura, adquirindo segurança, passando a tomar decisões e a se colocar mais a frente nas situações. O tom ou dimensão vocal da enunciadora mostra sua mudança de comportamento com o passar do tempo devido ao contexto do grupo no qual ela estava inserida. Na enunciação vamos percebendo que ela se conheceu mais profundamente e conseguiu gerar mudanças de comportamento. Tudo isso apresentado na escrita traz indícios textuais que possibilitam ao leitor (tu projetado) traçar o perfil do narrador (eu projetado). Essas características foram comprovadas por meio da entrevista e da observação de sua participação no grupo. Ela demonstrava essa grande insegurança no início e foi se empoderando ao longo do período. Mesmo insegura ela sempre gostou de participar do projeto, sempre foi ativa e interessada e com o tempo começou a ter mais voz e verbalizar suas ideias.

- Cena englobante: Narrativa
- Cena genérica: Relato de experiência vivida.
- Cenografia: conversa.

3.4.3.1. Comparativos ou análises gerais

A seguir apresentaremos alguns comparativos ou análises gerais.

O Plano de expressão é a forma de manifestação do conteúdo. Ela se deu por meio da escrita individual de cada monitor, ou seja, pelo texto. Por se tratar de narrativas, elas possuem uma significação verbal.

O Plano de conteúdo é o significado do texto, portanto trata-se de entender o que o texto diz e a forma como ele diz. É nesse plano que podemos entender o sentido, ou seja, o percurso gerativo. O percurso gerativo pode ser definido em três níveis: narrativo, fundamental e discursivo. A manifestação do conteúdo é feita na forma de narrativa, onde cada monitor expressa seu olhar sobre suas experiências no período em que estiveram no projeto, por meio da escrita. Nesta narrativa é possível visualizarmos a percepção de cada um a respeito da experiência vivenciada na linha. Podemos notar que mesmo estando todos juntos, no mesmo contexto de estudo e de ações de divulgação, realizando atividades no coletivo, cada um experienciou e captou esses momentos de formas diferentes, pois cada um tinha olhar pessoal e único sobre o todo. O contato com tais relatos é muito enriquecedor, pois, é possível a reflexão sobre as diferentes percepções do mesmo cenário. Essas percepções diferentes se dão por diversos fatores, entre eles, vida pessoal; escolha acadêmica; experiências de vida; vivências sociais, profissionais e familiares; perfil psicológico, entre outros.

Cada relato estabelece uma rede de relações diferente. No caso dos monitores D,E e B, a rede de relações se deu em torno da preocupação com o social, com as classes menos favorecidas, com o cuidado e preocupação em proporcionar às crianças e adolescentes o contato com temáticas que muitas vezes não lhe são oportunizados (conhecimentos científicos), com espaços muitas vezes vistos como proibidos e inacessíveis (universidade) e com o cuidado de ouvir os excluídos, fazendo com que a proximidade lhes traga benefícios.

Já a rede de relações da Monitora A se deu em torno dos aprendizados que o contexto de formação do projeto lhe trouxe. Ela foca sua narrativa em estabelecer relação entre as atividades realizadas no contexto do grupo e suas futuras atividades

e experiências no ambiente acadêmico, profissional e nas relações interpessoais que ocorrem nesses contextos.

O Monitor C constrói sua narrativa em torno da busca pelo conhecimento. Sua rede de relações se dá em torno de todo o conhecimento adquirido ao longo dos estudos teóricos e práticos que o projeto lhe proporcionou. Além disso, ele disserta sobre como esse conhecimento adquirido foi um recurso importante para ele ter uma nova visão sobre como lidar com as pessoas no ambiente familiar, acadêmico e profissional.

As narrativas são bem distintas, mesmo que muitas vezes possam ter características comuns. Toda narrativa tem um no mínimo um actante (personagem) em busca do seu objeto de valor. Os actantes das narrativas, foco de nossa análise, são os monitores.

Ao entrar em um grupo de pesquisa podemos inferir que o sujeito pode estar em busca de um retorno financeiro, pois isso se dá por meio de bolsa; de conhecimento, pois ali é um ambiente de pesquisa; de experiências novas ou se identifica com a proposta social de trabalho de divulgação científica. Na entrevista com os monitores, vimos que a princípio os monitores chegavam até o projeto por diferentes razões.

Por meio da análise dos relatos vimos que por mais que para alguns a questão financeira tenha sido o atrativo inicial, ou seja, o elemento que os trouxeram ao grupo (tentação), outros frutos foram colhidos nesta experiência e se tornaram o foco de suas narrativas. Tendo em vista unicamente a narrativa dos monitores, é possível identificar diferentes objetos de valor para cada sujeito. Vejamos a seguir no quadro um resumo das fases da narrativa de cada monitor.

Quadro 4: Sequência canônica de quatro fases.

Monitores	Manipulação	Competência	Performance	Sanção
Monitora A	Busca por conhecimento e experiência	Experienciar/ estudo	Participação dos encontros, estudos e atividades	Percepção do aprendizado ao utilizá-los em outros ambientes
Monitor B	Conhecimento/ experiência	Observação/ percepção	Participação dos encontros,	Mudança de visão devido as ações de divulgação

			estudos e atividades	
Monitor C	Conhecimento	Estudo/ pesquisar/ experienciar	Participação dos encontros, estudos e atividades	Aprendizados são aplicados
Monitora D	Metodologia do grupo	Observação/	Participação dos encontros, estudos e atividades	Adquire admiração pela dinâmica do grupo
Monitora E	Conhecimento/ experiência	Autoanálise / observação	Participação dos encontros, estudos e atividades	Tomada de decisões
Monitora F	Metodologia do grupo	Ouvir/ aprender/ autorreflexão	Participação dos encontros, estudos e atividades	Mudança de postura

Fonte: Autora.

No nível discursivo há a formação do processo de enunciação e as categorias de pessoa, tempo e espaço recebem investimento semântico, podendo ser temáticos (tema: assunto central da história) ou figurativos (tipo de discurso criado pelas figuras da história). O relato é feito em primeira pessoa, de forma narrativa. É escrito de uma única vez, com começo e fim nele mesmo. A linguagem é coloquial e nele o autor (figura principal) manifesta sua visão a respeito de um determinado período e contexto. Os monitores expressam suas percepções sobre o nosso projeto, podendo posicionar-se como figura principal. Em torno de um eixo principal, há outras figuras que recobrem o tema principal, pois a percepção do monitor se dá tendo em vista as experiências vivenciadas, o comportamento dos outros integrantes do grupo e os acontecimentos posteriores a esse período. De maneira geral os relatos falam tanto da percepção dos monitores sobre o contexto do grupo como sobre a forma que esse contexto os afetou. Pelos relatos, podemos perceber que a escrita dos monitores Monitor B, Monitor C predomina na descrição do projeto e a dos outros monitores predomina neles próprios ou em ambos (eles e o grupo).

Como a solicitação feita aos monitores foi a de uma escrita que expressasse se o período em que estiveram no projeto marcou suas vidas nos anos seguintes, o plano de conteúdo dos relatos dos graduandos envolve uma retrospectiva de

momento marcantes vivenciados no contexto formativo da linha de pesquisa, nas atividades práticas e situações futuras. Esse período que sucede é apresentado com exemplos de situações que são resultados da época em que estavam no projeto, portanto, marcados pelo período. Há relatos em que os autores das narrativas começam suas escritas no período que antecede, ou seja, utilizam o M.A.R.I.A. como forma de contextualização. Algumas narrativas mesclaram períodos, mas é possível perceber uma predominância no período de 2018 e outras sobre os momentos futuros.

Por meio da formação pedagógica para a educação não-formal realizada no grupo, tendo em vista a dinâmica utilizada e os resultados obtidos, pode-se dizer que a proposta apresentada trouxe grandes ganhos aos envolvidos que foram fundamentais em sua jornada pela universidade, assim como, gerou mudanças no âmbito pessoal e profissional. O sentimento de pertencimento e unidade foi bem forte. Para alguns isso foi crucial, pois sentiam falta na universidade, de se sentirem pertencentes a algo que parecia não ser para eles. Essa sensação foi decisiva para tomadas de decisões sobre a permanência, saída ou troca de curso ou de universidade.

O fato de o contexto do grupo ter uma proposta que coloca o monitor como figura central do seu projeto e que trabalha ativamente na construção dele, gerou desconforto a princípio. Como os monitores não eram totalmente direcionados e a dinâmica necessitava de uma mudança de postura, por meio da qual eles se entendessem como parte do processo, a princípio, gerou estranhamento pois era algo novo. Com o tempo, eles entenderam que na verdade não estavam soltos, e sim que ali havia um espaço para que eles atuassem, se colocassem e tomassem decisões em parceria com o grupo. Passaram a compreender que sem essa mudança de postura o projeto não aconteceria, pois dependia das ações dos monitores.

Surge então a autonomia, ou seja, a sensação de ter autoridade para fazer suas próprias escolhas, a independência e a liberdade para decidir o que seria interessante para ele enquanto estudante e para o grupo, enquanto unidade da qual ele faz parte. Essa autonomia não ficava restrita ao grupo ou às ações e decisões tomadas ali, mas também fora dali. Com isso, é possível a mudança de postura, que para alguns foi marcante. Estes monitores sofreram tanta transformação que o

empoderamento adquirido lhes ajudaram em seu desenvolvimento dentro do grupo e fora dele. Eles relatam ganhos no âmbito pessoal, profissional e acadêmico.

Os monitores visualizam e entendem o ambiente de estudos do grupo como um local de formação e deixam claro que estar inserido naquele contexto, lhes proporcionaram aprendizados relevantes para suas formações profissionais, acadêmicas e pessoais. Esse ambiente de estudos era democrático pois os monitores solicitavam referências e ao mesmo tempo faziam sugestões de leituras coletivas, caso achassem interessante para o grupo como um todo. Esse ambiente plural também foi fundamental para que todos precisassem lidar com as diferenças entre as pessoas, de cunho ideológico, social, comportamental, entre outros e tivessem que saber lidar com as diferenças de opiniões, algo que é fundamental para o ambiente de trabalho, de estudo e para a vida.

Diversos foram os legados que a proposta dessa pesquisa trouxe aos monitores. Entre elas podemos citar os aprendizados teóricos e práticos sobre gestão e organização de pessoas e materiais. Aprendizados sobre regras e técnicas de escrita formal de relatórios e projetos que serve tanto para o âmbito acadêmico como para o âmbito profissional. As atividades com os estudantes proporcionaram mudança de olhar aos monitores sobre o papel da universidade, da divulgação científica e a importância social que elas possuem. Essa experiência prática pautada na teoria da pedagogia em participação foi fundamental para que eles tivessem um outro olhar sobre a pedagogia e sobre a importância de um trabalho em que todos estejam envolvidos ativamente no processo.

A visualização de que ali era um ambiente dialógico e participativo foi coletiva e todos relataram essa sensação, que por sinal, é fundamental para a formação de um sujeito colaborador. Inclusive, isso foi fundamental para que uma questão surgisse. Na reunião do dia 12 de junho de 2018 (ANEXO 2), durante uma conversa entre a monitora A e a monitora F, elas relatam sua insatisfação com o comportamento de alguns professores da universidade, mais especificamente, sobre professores que lecionam em seu curso de graduação. Sobre isso elas dizem:

“Monitora F: as vezes tenho vontade de morrer, ou em sumir porque eu não gosto desses professores da faculdade. Mas eu não sei como esses professores estão tentando formar a gente. Porque eles estão formando pessoas, estão formando recursos humanos e eles que nem o [...] deles né. Porque é isso. Ela não dá um retorno, a gente não sabe o que ela espera. Ela

não sabe o que quer que a gente faça. Ela não ensinou a fazer o negócio que ela quer que a gente faça. Eu não sei o que eles querem. O que eles esperam, eu acho que eles pensam, que eles são concursados e que [...]

Monitora F: eu sei que é um absurdo. É um absurdo. Eu não sei que professores são esses. Eu não sei que... eu não sei.

Monitora A: é um absurdo.

Monitora F: é então, olha eu aqui a surtada. Eu fico indignada com isso. É a USP tá ligado. Mesmo que fosse outro lugar, ele como professor. Ele passou em concurso para professor. Como que um professor faz isso.

Monitora A: também acho, como ele existe. Aí vou ter que pegar uma matéria dele o semestre que vem. Não estou preparada”.

Monitora F: não estou preparada.”.

Essas monitoras possuem uma crítica muito grande a esses professores e demonstram em suas falas uma grande insatisfação com aquela realidade universitária e com a forma de atuação deles enquanto educadores. O fato delas se abrirem e contarem naquele espaço do grupo, demonstra que o projeto lhes oferece voz e espaço dentro da universidade. Surge a seguinte questão: Como a universidade forma os profissionais? Como é a dinâmica em sala de aula para chegar ao ponto de elas falarem que não gostam dos professores? Os professores devem ser parceiros nessa formação, com toda a seriedade profissional, mas estabelecendo uma relação na qual o aluno sinta confiança para questionar, se colocar e com isso encontrar na figura do professor, um suporte para o seu crescimento pessoal e profissional.

Os resultados mostram que o projeto ajudou os monitores a descobrirem a própria universidade. Surge o sentimento de querer estar ali, de querer participar de ações na universidade, que vão além aula, além da formação. Ali há espaço para que não apenas os sonhos e desejos dos estudantes sejam ouvidos, mas também, dos monitores. Pelos resultados vemos que eles se descobriram e descobriram muitas coisas nesse contexto do grupo.

Uma reflexão sobre quem são esses jovens monitores pode ser feita. Muitos são jovens que trocaram de curso. Que estão insatisfeitos talvez por terem criado uma ideia de como seria a universidade, que acabou não sendo confirmada. Talvez eles esperassem uma universidade mais acolhedora. Há situações de monitores que entram no projeto para divulgar ciências e em contrapartida, largam o curso de Licenciatura em Ciências da Natureza, portanto, estar no projeto desconstruiu essa ideia e eles se sentiram parte da universidade e de certa forma, mais acolhidos. A monitora F virou coordenadora no grupo, exercendo papel de liderança, mostrando

seu engajamento com a proposta do projeto. Ela encontrou ali um espaço de fala e se tornou mais empoderada.

Cabe ressaltar uma reflexão sobre uma característica peculiar da EACH-USP baseada nos relatos dos monitores e em minha experiência enquanto estudante de graduação neste campus. Ali há cursos de áreas bem distintas. Muitos estudantes entram no curso de Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN) ambicionando a possibilidade de mudança de curso. Em contrapartida, muitos entram querendo esse curso, porém, diante de todas as dificuldades com as quais eles se defrontam, como um currículo com disciplinas bem distintas, muitos deles acabam migrando para outro curso em um processo de transferência interna. Isso gera um contexto bem interessante, pois muitos estudantes de outros cursos são alunos que cursaram um, dois ou três anos em LCN, assim como há alunos provenientes de outros cursos também. Isso pode ser um fator que contribui para a mudança de curso e para a insatisfação dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O conhecimento que temos das coisas é pequeno, na verdade, quando comparado com a imensidão daquilo que ainda somos ignorantes”. (Pierre Simon Laplace)

Buscamos com esse projeto construir um espaço de estudos e pesquisas pautado em estratégias de promoção de um ambiente dialógico para a produção de conhecimento científico, de maneira colaborativa em diversos âmbitos, partindo da ideia de promoção de sujeitos colaboradores e participativos do processo; da formação de sujeito de aprendizagem e de organização de um ambiente que possibilite interações e experiências.

Verificamos que ao articular e construir um contexto participativo, democrático, que respeita e que apresenta as diversidades plurais de cada um, os estudantes de graduação passaram a ter a sensação de pertencimento, se engajando em um projeto que passa a ser pessoal. A ideia de propor aos estudantes a realização de projetos de pesquisa pessoais, tendo em vista suas formações acadêmicas e de maneira articulada com o grupo de pesquisa, promoveu um ambiente de estudo e pesquisa mais democrático e pertencente.

Os resultados obtidos nesta pesquisa nos levam a inferir que há uma relação entre ativismo, divulgação científica, alfabetização científica e o ativismo científico, pois por meio das ações no grupo, tendo em vista a metodologia da pedagogia em participação utilizada no contexto formativo, os monitores apresentaram esse ativismo. Entendemos que há uma conexão entre ativismo juvenil, o campo da ciência e o trabalho que desenvolvemos no projeto.

As relações estabelecidas entre os sujeitos definem as gerações pelo fato deles compartilharem experiências. Uma geração é formada por sujeitos que fazem parte de uma classe social e faixa etária próxima, portanto compartilham de um mesmo processo histórico ou conexão geracional. Isso subentende-se que existam diferentes unidades geracionais com visões e perspectivas diferentes. Da mesma forma, o conceito de jovens é construído socialmente, pois dependendo da classe social deles, estarão ligados a acontecimentos sociais diferentes, portanto esperávamos que eles experienciassem tais situações com visões iguais ou diferentes, marcados pelo seu contexto.

Não é possível a realização de uma associação direta entre as manifestações juvenis de 2013, o fato de possuírem uma conexão geracional e o interesse primário de alguns monitores em causas sociais e de todos no geral em participar de um projeto voltado para ações desse tipo, mas isso merece uma atenção especial em um futuro estudo. Foi possível verificar como esse momento histórico gerou mudanças comportamentais e se tornou um fenômeno social em massa com o uso das redes sociais digitais e como esse uso é frequente até os dias atuais para o debate de diferentes pautas.

Percebemos que as trajetórias de vida dos monitores influenciam diretamente em suas atuações nos espaços que realizavam intervenções e no lidar com as crianças e jovens que ali estão. Percebemos ligações frágeis ao grupo devido ao viés financeiro da bolsa e ao mesmo tempo vimos aproximações de cunho ideológico, pessoas que atuavam por amor, que gostam do que faziam devido a diferentes razões.

Havia no grupo pessoas contestadoras, que participam e são engajadas na questão social que o projeto tem, que se sentem representadas nas escolhas dos temas que debatem e que concordam com a importância de se levar essas temáticas para outros. Alguns por se verem um dia nessas crianças, outros por se sentirem na obrigação de oferecer à sociedade o que recebem em suas formações e em sua maioria por verem importância real no projeto.

Foi visível que mesmo aqueles que chegaram ao grupo sem o ativismo social, de alguma forma foram contagiados e tiveram mudança de percepção. Estar no grupo trouxe esse olhar e vimos orgulho, cuidado e preocupação com a proposta do nosso projeto. Portanto, a passagem pelo grupo aguçou esse ativismo em alguns monitores.

Ao mesmo tempo, entendemos que já existe a ideia de ativismo no interesse dos monitores em levar a ciência para as pessoas por meio da divulgação científica, portanto, seu ingresso no projeto já pressupõe isso.

Os dados foram fundamentais para realizarmos um comparativo entre o perfil do monitor no ingresso e no final do projeto. Vimos que alguns chegaram ao grupo por buscarem a realização de uma pesquisa que tivesse alguma relação com suas formações, por experiência na realização de pesquisa em grupo de extensão ou por outros motivos. Entretanto, percebemos que alguns mudaram sua visão e sua postura a respeito da importância do projeto.

Podemos dizer que os monitores adquiriram ou aprofundaram esse perfil ativista ao longo do processo. Percebemos no final do projeto que os monitores acreditavam na força mobilizadora do lúdico no debate da ciência e na importância do ativismo.

Tendo em vista os pressupostos sobre participação e empoderamento abordados ainda no capítulo dois, vemos que o espaço de estudo e atuação, elaborado e utilizado no projeto “Banca da Ciência” como um todo, do qual nosso projeto faz parte, funciona como uma ação local de incentivo ao debate da ciência por meio da divulgação científica. Tais ações, buscam exatamente o processo de mudança de visão a respeito da complexidade da ciência, aproximando o público de conceitos e temáticas que envolvam a ciência e outros temas. Essas práticas quando bem articuladas geram em quem participa autoconfiança e mudança de visão. A esse respeito podemos citar o caso em que um aluno de Ensino Médio de escola pública que realizava atividades no projeto e passou a utilizar o espaço da universidade. Ele se viu como parte do processo e não aceitou não ter os mesmos direitos e privilégios dentro da universidade que os alunos de graduação, os monitores. As ações que ele recebeu enquanto aluno da escola pública onde o projeto atuava, depois sua ida ao projeto na posição de monitor voluntário, fizeram ele entender aquele espaço como dele. Surge aí uma nova visão que não tinha antes e com isso ele passou a reivindicar tais direitos. Essa força emancipatória gerada fez com que crescesse/surgisse o gosto em trabalhar com ciência e o interesse pelo ingresso em uma universidade.

Esse é um exemplo de como ações pontuais podem gerar mudanças importantes nas pessoas. Da mesma forma, com foco no nosso projeto, verificamos

por meio dos dados coletados, que as ações pautadas na pedagogia em participação geraram mudanças de visão sobre a postura de alguns monitores em relação à divulgação científica, além de auxiliar outros a se autoconhecer e trazer mais segurança e empoderamento para alguns. Vimos laços sendo criados entre os monitores e deles com o grupo atendido no CCA. Vimos nos relatos a importância dada pelos monitores para a necessidade de uma reflexão e um estudo a respeito da prática, buscando sempre o melhor para as crianças e adolescentes.

Investigamos para afirmar com maior segurança que a forma de condução utilizada em nosso projeto, a partir do modelo construído, criamos um ambiente voltado para a formação de um novo perfil de agentes monitores sociais empoderados que buscam a geração de um capital social que surge a partir da solidariedade e confiança estabelecida entre os membros do grupo com o objetivo de superar problemas. Talvez nosso projeto não tenha uma dimensão tão grande, mas por meio dos dados podemos observar que conseguimos criar um grupo coeso de pessoas preocupadas com o social em um nível mais profundo, pois se mostraram mais empáticos à situação social das crianças e adolescentes atendidas, buscaram ativamente compreender o contexto em que atuavam, lhes deram voz, realizaram estudos sobre formas de atuação eficazes e proporcionaram a eles o debate de situações problemas que envolvem o seu cotidiano. A partir dos diálogos gerados eles passaram a conhecer mais suas culturas, linguagens e expectativas por estarem sensíveis aos seus problemas. Conseguimos criar uma ideia de pertencimento e as pessoas se sentiram motivadas, incluídas e com voz ativa.

Conseguimos perceber através do convívio, das falas e dos relatos obtidos no decorrer do projeto que os monitores trazem para o grupo ideais individuais e que tais ideais tiveram espaço para serem exercitados e colocados em prática. Vimos que alguns tinham esse viés social, que foi cada vez mais aguçado com a participação no grupo. Vimos também que quem a princípio não chegou no grupo com esse intuito, relatou ter adquirido um grande aprendizado e que mudaram sua visão sobre a importância desse olhar de cunho social.

Como apresentado nos resultados, nosso foco maior de análise foi nos registros feitos dois anos após o fim do projeto. As análises foram importantes para verificarmos se de alguma forma aparece na escrita dos monitores alguma alusão ao

modelo de estudo proposto na nossa pesquisa. O intuito foi verificar se realmente os monitores perceberam no grupo a metodologia participativa presente, em que os atores possuem voz e percebem o espaço de estudo como um local democrático, aberto e respeitoso. Se sim, de que forma isso foi percebido e de que forma essa metodologia os marcou.

Constatamos que para alguns a metodologia participativa foi crucial em suas vidas pessoais, pois esse ambiente lhes possibilitou o autoconhecimento. Para outros, a metodologia gerou admiração, pois o ambiente participativo era respeitoso e democrático e para alguns, o que os marcou foi como essa metodologia foi levada do ambiente de estudos para a prática, trazendo benefícios para as crianças e adolescentes com quem o grupo de pesquisa realizava atividades lúdicas.

A realização da entrevista também foi muito importante, pois possibilitou maior entendimento sobre os monitores. Por meio dela os estudantes falaram tanto do âmbito acadêmico como do pessoal e isso gerou maior intimidade e proximidade. Além disso, as informações foram cruciais para entendermos os motivos pelos quais eles chegaram no grupo de pesquisa, suas necessidades, seus interesses e anseios. Com o relato escrito foi possível a realização de uma análise mais profunda de todas as informações. Foi possível comparar o perfil apresentado na entrevista com o perfil do relato. Foi muito positivo a utilização desses dois recursos, pois o comparativo entre eles foi enriquecedor. Um pouco da trajetória dos monitores foi apresentado e entendido por meio da entrevista e o acompanhamento semanal nas reuniões, possibilitou uma leitura diferenciada dos relatos, verificando informações e condutas.

Desde o início deste estudo é possível verificar que a visão sobre como se faz pesquisa, sobre o papel do aluno pesquisador e os objetos de estudo, são vistos de diferentes maneiras e perspectivas conforme o contexto e a época. Este aluno pesquisador normalmente chega aos projetos de pesquisa por meio de auxílios estudantis. Cada pesquisa tem uma intencionalidade e um objetivo a ser investigado e com isso, o estudante assume diferentes papéis dentro dela. A partir dos relatos é possível notar que em alguns contextos específicos, os monitores se sentiram não pertencentes ao processo, sendo direcionado para a realização de tarefas que não possuem uma finalidade positiva para ele, e com isso, nem sempre o aprendizado

obtido é de fato construtivo para a sua formação. Eu tive a oportunidade de estar em diferentes posições, como pesquisadora bolsista na graduação, no mestrado e por fim no doutorado. Particpei de diferentes programas e executei diferentes funções, com a oportunidade de refletir sobre a minha prática e participar ativamente nelas. Em contrapartida, tive experiências nas quais eu realizei atividades mecânicas na academia, com pouco aprendizado.

Tendo em vista minha experiência, percebo que há situações em que os estudantes se inscrevem em projetos sem saber ao certo o que irão fazer. Em alguns casos, pode acontecer que, ao serem inseridos nestes projetos, o estudante não adquira durante sua atuação, muita contribuição para sua formação de forma direta. Sabemos que muitos são os aprendizados indiretos que o estudante adquire ao participar de um projeto, porém, em algumas experiências, o foco me parece não ser o aluno e sim o projeto. Por que então é feito dessa forma? Será que algo pode ser feito de maneira diferente?

Tais questionamentos, observações e colocações dos monitores neste trabalho, assim como, as informações apresentadas sobre a minha trajetória enquanto estudante busca a realização de uma reflexão sobre como tem sido a condução dos programas de extensão com alunos bolsistas, porém, esse não foi o foco dessa pesquisa. É importante a reflexão sobre o olhar dado ao papel desse aluno pesquisador e de maneira mais geral, sobre o aluno estudante. Nos relatos foi possível notar alguns apontamentos que os monitores fizeram sobre suas relações com alguns professores de graduação fora do contexto da pesquisa, em sala de aula. Essa questão é algo que mereça uma investigação futura. Cabe ressaltar que as afirmações apresentadas pelo grupo de estudantes investigados neste trabalho não devem ser generalizadas, portanto, nem todos os projetos com alunos bolsistas dessa natureza possuem a mesma característica.

Todo esse movimento em que o monitor está presente ativamente gera dialogicidade, traz a participação em continuidade, que permite ao projeto ter a identidade que ele tem, sendo essa a práxis. Tudo isso mostra que o foco desse projeto é a educação, a forma como os alunos estão sendo formados. Um dos resultados obtidos nesse trabalho foi a reflexão sobre como a formação dos alunos na universidade está ocorrendo. Esse estudo foi feito com cuidado e detalhamento e

mesmo que tenha sido realizado com um pequeno grupo, propõe que deve ser mais frequente as reflexões sobre o estudante, e ela não deve ser direcionada apenas ao estudante de pedagogia, mas a todos, nas distintas formações.

É necessário relembra o importante papel que os programas de apoio estudantil têm na universidade e o quanto eles possibilitam aos estudantes com diferentes perfis a possibilidade de terem contato com a pesquisa e poderem se manter na universidade, sendo essa uma forma de inclusão social. Os resultados do estudo realizado nessa pesquisa trazem à tona a importância de uma reflexão mais ampla, como a importância dos projetos de extensão e do papel do aluno. É importante que a Universidade de São Paulo apresente ao estudante maior clareza sobre o seu papel enquanto pesquisador nos programas de extensão. Da mesma forma, os professores que propõem os projetos devem ter clareza sobre o papel do aluno pesquisador e de como deve ser sua prática. Portanto, o projeto deve ser realizado e ao mesmo tempo trazer ganhos ao estudante, e que tais ganhos sejam positivos para a sua formação e para ele enquanto pessoa. Tendo o prestígio que esta universidade tem, objeto de desejo de muitos estudantes, não é interessante que o aluno se sinta intimidado ao adentrá-la. Os programas podem estimular esse sentimento de pertencimento como o gerado neste estudo de caso por meio da pedagogia adotada. Os programas sociais de incentivo a permanência na universidade estão crescendo cada vez mais e podem ser pensados de forma que o aluno queira permanecer ali e não que esse sentimento acabe, devido as dificuldades encontradas.

A metodologia participativa foi adaptada ao projeto e utilizada porque entendemos que a pesquisa deve possibilitar ao estudante seu aprimoramento e aprendizado. Para isso, é necessário espaço de fala, de participação ativa e de estudo problematizador, aberto a discussões e reflexões. Entendemos que muitas vezes na realização de uma pesquisa há objetivos bem determinados e metodologias já estipuladas, mas isso, não impossibilita que os pesquisadores visualizem esse ambiente como um local democrático, em que suas falas serão ouvidas e levadas em consideração. Nesse estudo em especial, os monitores puderam realizar seus projetos de pesquisa individuais, pensar em todas as etapas tendo em vista seus objetivos, sem perder de vista o foco do projeto, que é em um palco lúdico debater

ciência, questões sociais e de gênero. Entretanto, entendemos que isso possa ocorrer em outros projetos de pesquisa, pois esse ambiente participativo possibilita o sentimento de pertencimento, de respeito e influencia positivamente os estudantes. Ter a responsabilidade de um projeto idealizado e construído por eles foi crucial. Vimos nas falas que os monitores se sentiram desafiados com a responsabilidade de escrita, condução e realização de seus projetos, entretanto, ao mesmo tempo se sentiram bem amparados pelo grupo como um todo. Esse amparo e auxílio ficou claro que se deu devido ao ambiente participativo. Além disso, os monitores escreveram projetos de pesquisas tendo em vista suas carreiras, ou seja, que tinham a ver com sua formação profissional. Isso significa que a pesquisa estava ligada com a formação acadêmica sem se separar do palco lúdico proposto no grupo e realizado por meio da divulgação científica.

Com a chegada da pandemia de covid-19 ao Brasil, muitas informações sobre as causas, efeitos e cuidados surgiram. Posteriormente, os anseios e dúvidas se deram em torno da vacina. Informações no Brasil e no mundo ficaram desconhecidas e o leitor leigo ficou muitas vezes sem saber no que acreditar. Talvez o que faltava era a habilidade de saber discernir o que seria uma fonte confiável de informação. Com isso, as *fakenews* tem ganhado espaço e tal cenário vem mostrando o quanto é importante ações como as realizadas pelo grupo, voltadas para a divulgação científica, de forma a ampliar ou proporcionar um mínimo de conhecimento na área da ciência. Este cenário pandêmico reforça a importância do trabalho de formação de divulgadores da ciência, de recursos humanos provenientes de diferentes áreas, pois suas formações serão menos específicas e mais amplas.

Verificamos que nossa proposta de utilização da metodologia participativa foi a competência ou instrumento de ação para a realização de um ambiente de pesquisa democrático, participativo e aberto ao protagonismo juvenil dos monitores e que tais objetivos foram alcançados. Entendemos que muitos foram os ganhos com a adoção desta proposta e eles ultrapassaram o ambiente do grupo de pesquisa e respingaram em outras áreas da vida dos monitores. Vimos nos resultados que tivemos situações desfavoráveis, levantados pelos monitores inclusive, mas de maneira geral, os resultados foram bem positivos. A princípio os percalços foram maiores, a participação e o engajamento eram menores, mas no decorrer do processo, o grau

de participação dos monitores nas atividades aumentou, eles constituíram identidade, se sentiram reconhecidos e se tornaram mais autônomos ao participarem do grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMS, Philip. **Historical sociology**, Shepton Mallet: Open Books. 1982.
- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: Informação científica para cidadania. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996
- ALVES, Ana Paula Moreira; SILVA, Renata Teles da Silva; PIASSI, Luís Paulo de Carvalho. A banca da ciência nos trilhos: uma proposta de difusão dialógica da ciência nas estações de trem de São Paulo. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, Rio Branco, v. 6, n. 2, p. 01-17, 2017.
- ASCHBACHER, Pamela R.; LI, Erika, ROTH, Ellen J. Is Science Me? High School Students' Identities, Participation and Aspirations in Science, Engineering, and Medicine. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 47, n. 5, p. 564-582, 2010.
- AZEVEDO, Ana M. C. **Revelando a aprendizagem das crianças: a documentação pedagógica**. Dissertação de mestrado em Educação de Infância. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Moinho.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 2.ed. rev. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Editora Parma, 2005.
- BELL, Philip. et al. (Ed.). **Learning Science in Informal Environments: People, Places, and Pursuits**. Committee on Learning Science in Informal Environments, National Research Council of National Academies. Washington: The National Academies Press, 2009.
- BOMTEMPO, Edda. Brincar, fantasiar, criar e aprender. In: OLIVEIRA, Vera Barros de (org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 127-150.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. 87 p.

- BRASIL. Ministério da Educação. **PIBID - Apresentação**, Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1985. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- CAZELLI, Sibeles; MARANDINO, Martha; STUART, Denise C. Educação e comunicação em museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina (Eds.). **Educação em Museus: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro: ACESS, 2003. p. 83-106.
- CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, abr. 2003.
- CHISHOLM, Lynne. Generations of knowledge. Knowledge of generations and the generation of knowledge. In: International Conference Childh, 2005. Oslo. **Anais...** 2005.
- COMTE Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Hermann, 1998.
- CRUZ, Livia Delgado Leandro da. **Centro para Crianças e Adolescentes: o caso do CCA Jardim Keralux**. 2017. Monografia (Graduação em Gestão de Políticas Públicas) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the Human Sciences**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- DUARTE, Jorge. **Da divulgação científica à comunicação**. 2003. Disponível em: <http://jforni.jor.br/forni/files/DaDivulga%C3%A7%C3%A3oComunica%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jorge%20Duarte.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Soc. estado.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 185-204, ago. 2010.
- FEUER, Lewis. **The conflict of generations**. Londres: Heinemann, 1968.
- FIORIN, José Luiz. Enunciação e Semiótica. **Letras**, n. 33, p. 69-97, 2007.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- GASPAR, Alberto. **Museus e centros de ciências: conceituação e proposta de um referencial teórico**. 1993. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- GERMANO, Marcelo Gomes. Popularização da Ciência como Ação Cultural Libertadora. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5., 2005. Recife. **Anais...** Recife: CIPF, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, mai./ago. 2004.
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação** | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.
- GOMES, Emerson Ferreira. **Astros no rock: uma perspectiva sociocultural no uso da canção na educação em ciências**. 2016. Tese (Doutorado em Ensino de Física) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Discionario de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979.
- HODSON, Derek. Realçando o papel da ética e da política na educação científica: algumas considerações teóricas e práticas sobre questões sociocientíficas. In: CONRADO, Dália Melissa; NUNES-NETO, Nei. (org.). **Questões sociocientíficas: fundamentos, propostas de ensino e perspectivas para ações sociopolíticas**. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 27-57.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: El juego y la cultura**. México: Fondo de Cultura Económica; 2005.
- JENSEN, Bjarne Bruun. Knowledge, Action and Pro-environmental Behaviour. **Environmental Education Research**, v. 8, n. 3, p. 325-334, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002. 172p.
- KLEBA, Maria; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Revista Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.

- KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1987.
- LEITÃO, S. O lugar da argumentação na construção do conhecimento. In: LEITÃO, S.; DAMIANOVIC, M. C. (Org.), **Argumentação na escola: O conhecimento em construção**. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- LOUREIRO, José Mauro Matheus. Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 88-95, abr. 2003.
- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **REIS**, n. 62, p. 145-168, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. De Cecília P. de Souza-e-Silva e Decto Rocha. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes - Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013. p.19-26.
- MARQUES, Ana Rita; REIS, Pedro. Ativismo coletivo fundamentado em investigação através da produção e divulgação de vodcasts sobre poluição ambiental no 8.º ano de escolaridade. **Invest. Práticas**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 5-21, jul. 2015.
- MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- MENDEL, G. **La crise des générations**. Paris: Seuil, 1969.
- MORAIS, José, KOLINSKY, Régine. Literacia científica: leitura e produção de textos científicos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 62, p. 143-162, out./dez. 2016.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes para a educação do futuro**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Soc. estado.**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 175-184, ago. 2010.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, ago. 2006.
- MÜLLER, Paula Alice Dodó; MOREIRA, Raquel Veggi. As manifestações populares de 2013: uma análise do princípio da manifestação do pensamento. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 164, jan. 2015.

- NASCIMENTO JUNIOR, Francisco de Assis. **Crise de identidade: gênero e ciência nos quadrinhos de super-heróis**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento**. Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Smaeshima. São Paulo: Instituto Pólis, 2003.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. A investigação praxeológica: um caminho para estudar as transições na Pedagogia-em-Participação. In. FORMOSINHO, João; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; MONGE, Graciete (orgs.). **Transições entre ciclos educativos: uma investigação praxeológica**. Porto: Porto Editora, 2015. p. 17-34.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, José. **A pedagogia-em-participação: a perspectiva educativa da Associação Criança**. Porto: Porto Editora, 2013.
- PIASSI, Luis Paulo de Carvalho. **Contatos: a ficção científica no ensino de ciências em um contexto sociocultural**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. **Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê**. São Paulo, Annablume, 2009
- RAMOS, João Eduardo Fernandes. **O cômico e a física: o riso, a quebra de expectativa e o absurdo no ensino e na divulgação da física**. 2016. Tese (Doutorado em Ensino de Física) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- REIS, Pedro. Da discussão à ação sócio-política sobre controversias sócio-científicas: uma questão de cidadania. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2013.
- SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 474-492, dez. 2007.
- SANTOS, Emerson Izidoro dos; PIASSI, Luís Paulo; VIEIRA, Rui Manoel de Bastos. O Demolidor: filmes de ficção científica tratando de questões socioambientais em sala de aula. **Educação Ambiental em Ação**, n. 30, 2009.
- SANTOS, Fabiana Rodrigues. **Detetive ou cientista? A literatura policial infanto-juvenil como recurso didático na educação em ciências**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) - Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

- SASSERON, L. H., CARVALHO, A. M. P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em Ensino de Ciências (UFRGS)**. v.13, p.333 - 352, 2008.
- SASSERON, Lúcia Helena. Alfabetização Científica, Ensino por Investigação e Argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**, Belo Horizonte, v. 17, n. spe, p. 49-67, nov. 2015.
- SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, p. 417-429, Maio/Ago. 2014.
- SERRÃO, Maria; CARVALHO, Carolina. O que dizem os educadores de infância sobre o jogo. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 55, n. 5, p. 1-15, 2011.
- SHOR, Ira. **Empowering Education: Critical Teaching for Social Change**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, dez. 2011.
- SOUSA, Janice T. P. de. **A experiência Contemporânea da Política entre jovens brasileiros**. Florianópolis: Em Debate/UFSC, 2015.
- SOUSA, Sandra Z kia. Concep es de qualidade da educa o básica forjadas por meio de avalia es em larga escala. **Avalia o (Campinas)**, Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 407-420, jul. 2014.
- SOUZA, Vitor Fabrício Machado; SASSERON, Lucia Helena. As intera es discursivas no ensino de física: a promo o da discussão pelo professor e a alfabetiza o científica dos alunos. **Ciênc. educ.**, Bauru, v. 18, n. 3, p. 593-611, 2012.
- SPOSITO, Marilia Pontes. Estudos sobre juventude em educa o. **Revista Brasileira de Educa o**. n. 5 e 6, p. 37-52, 1997.
- TAPSCOTT D. **Growing up digital: The rise of the net generation**. Nova York: McGraw-Hill, 1998.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Programa de Bolsa Trabalho (2007-2008). **Normas e procedimentos para a inscri o de projetos**, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/bolsascoseas/bolsatrabalho/normas.php>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Programa unificado de bolsas de estudo para apoio e forma o de estudantes de gradua o (pub-usp) (2021-2022)**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://prg.usp.br/wp-content/uploads/EDITAL-PUB-2021-22.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Graduação. Edital - 2014. **Novo Programa Ensinar com Pesquisa**, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.prg.usp.br/wp-content/uploads/Edital_PEP_20142.pdf. Acesso em: 10 jan. 2021.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. **Cadernos Aprender com Cultura e Extensão 1**. São Paulo: Pró-Reitoria, 2014.

VAN DIJCK, José. After the “Two Cultures”: Toward a “(Multi)”cultural” Practice of Science Communication. **Science Communication**, v. 25., n. 2, p. 177-190, dez. 2003.

VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **ComCiência**, n.45. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2021.

WAICHMAN, Pablo Alberto. A Respeito dos Enfoques em Recreação. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 23-31, 2004.


ANEXOS

ANEXO 1 - Ficha de Atividades

1.1.MODELO



ALICE Divulgação Científica na Pré-Adolescência
Arte e Lúdico na Investigação da Ciência nos Espaços Educativos


 <p>M.A.R.I.A. Manifestações da Alegria e Recreação na Investigação da Arte-Ciência</p>	<p>Título da Intervenção</p> <p><i>Resumo da intervenção. Deve conter: objetivos resumidos, número de participantes, tempo necessário para a realização, idade preferencial dos participantes, implementação passo-a-passo resumida e tópicos para debate resumidos.</i></p>
<p>Objetivos</p>	
<p>Qual questão de pesquisa desejamos responder com essa atividade? Qual é nosso principal objetivo? Quais são nossos objetivos específicos?</p>	
<p>Materiais</p>	
<p>Quais são os materiais necessários para a realização dessa atividade?</p>	

Implementação Passo-a-Passo
Descreva passo-a-passo como a intervenção será realizada.
Tópicos para Debate
Quais perguntas podemos realizar durante essa intervenção? Quais tópicos podem ser debatidos?
Documentos de Apoio (se houver)
Coloque aqui links, imagens e outros documentos que serão utilizados na intervenção, se houver.

1.2.ficha de atividade realizada



ALICE Divulgação Científica na Pré-Adolescência
Arte e Lúdico na Investigação da Ciência nos Espaços Educativos

 <p>M.A.R.I.A. Manifestações da Alegria e Recreação na Investigação da Arte-Ciência</p>	<p>Passa Repassa da Ciência</p> <p>A intervenção tem como objetivo promover a discussão em torno do gênero com o pano de fundo do brincar envolvendo a ciência. Inicialmente será aplicado um jogo de perguntas e respostas, após, será aplicada uma atividade com algumas estações, onde cada estação terá uma prova a ser resolvida, em seguida, haverá um jogo de perguntas de respostas relacionadas a ciência e conhecimentos gerais envolvendo "torta da cara". Atividade oferecida para um grupo de 15 a 20 crianças, onde serão divididas em 4 grupos. A atividade possui duração em média de 60 - 90 minutos, e a faixa etária entre 6 e 14 anos.</p>
<p>Objetivos</p>	

Objetivo: Trabalhar a noção de equipe, onde exercitam o trabalho individual em detrimento do resultado final em grupo, deixando de lado diferenças raciais, ideológicas e de gênero, ressaltando, dessa forma, que todos são capazes igualmente. Objetivos específicos: Levantar o debate da desigualdade no momento da premiação onde as meninas ganharão " mais " do que os meninos. Captar os diálogos e problematizá-los.

Materiais

Para atividade: Microfone, caixa de som, Jogos da Banca da ciência; "Torta na cara": neve de carnaval e pratinhos plásticos. Premiação: Pirulitos e Balas.

Implementação Passo-a-Passo

Com o auxílio de Paulo, responsável pela banca da ciência, as estações e mesas serão montadas para recepção das crianças do CCA. As crianças serão divididas em grupos 4 de 5 pessoas. Cada grupo será liderado por uma menina que decidirá com as demais um grito de guerra (terão 10 minutos para decidir). Os grupos serão intitulados por cores, sendo elas: Equipe vermelha, Equipe Azul, Equipe Verde, Equipe Preta. Cada bloco de atividade será realizado entre Equipe Vermelha x Equipe Azul, em seguida, Equipe Verde x Equipe Preta.

Responde, passa, repassa ou paga (10 minutos)

Cada resposta certa a equipe ganha 1 ponto. Cada resposta errada a equipe perde tudo. Não sabendo responder a equipe pode passar a pergunta para a equipe adversária. Se a equipe adversária não souber responder pode repassar a pergunta para a equipe inicial que tem que pode responder ou pagar com uma prova de jogo da memória da ciência. Ganhando o jogo fica com o ponto, perdendo o ponto vai para equipe adversária.

Perguntas:

1) Quantos dias tem um ano bissexto

A) 365 B) 364 C) 366 (Certa)

2) Quantas e quais são as cores do arco - íris R: 7 cores - violeta(rox), anil, azul, laranja, amarelo, verde e vermelho

3) Qual o planeta mais próximo do sol?

A) Mercúrio B) Urano C) Netuno D) Júpiter? R: Mercúrio

4) Quantas e quais são as principais fases da lua? R: 4, Crescente, minguante, cheia e nova.

Gincana (10 pontos para equipe que vencer/ 20 – 25 minutos)

A brincadeira girará em torno de qual equipe terminará as provas nas estações em menor tempo.

Sendo elas:

- 1) Soltar a bolinha e ela cair no local correto (um integrante)
- 2) Não deixar a chave encostar no circuito (um integrante)
- 3) Passar a bolinha de isopor com o auxílio do secador, pelo braço do colega sem deixar cair. (dois integrantes)
- 4) Tirar o anel das cordas (todos da equipe)

Torta na Cara (1 ponto a resposta certa/20 minutos)

(orientação: Não pode torta na cara forte, passível de descontar pontos. Não vale soprar/ajuda da equipe, não pode bater forte na mão dos (as) mediador (as), caso o mesmo reclame, ponto vai para o adversário).

Em seguida, acontecerá a terceira parte da brincadeira " Torta na Cara " onde o mediador do CCA/Mediador do Maria, se localizará no centro com as duas mãos na altura dos ombros. Para responder a pergunta, após o comando "valendo" do coordenador da atividade, o integrante representante da equipe deverá correr e bater na mão do mediador, que apontará qual representante chegou primeiro e terá direito responderá a pergunta. Se acertar 5 pontos, se errar torta na cara.

Perguntas possíveis:

- 1- Qual esporte tem como objetivo fazer o maior número de gols no time adversário utilizando as mãos, em uma quadra? Handebol
- 2- Quais são os 5 sentidos do ser humano? Tato, olfato, audição, paladar e visão
- 3- Quantos joelhos tem um elefante? 4
- 4- Qual o resultado da multiplicação 5x 6? R:30 **
- 5- Qual o dobro de meia dúzia? 12
- 6- Os cachorros tem pelos, as aves tem...? Penas
- 7- Quais são as cores da bandeira do Brasil? Verde, Amarelo, Azul e branco
- 8- Como se transmite a febre amarela? Picada de mosquito**
- 9- Quantas letras tem o alfabeto? 26
- 10- Quantas e quais são as estações do ano? Primavera, verão, outono e inverno

11- Além de marcar as horas, o relógio de ponteiros marca também os _____? Minutos e segundos

12- O que a vaca bebe? Água **

13- Qual a metade de dois mais 1? 2

14- No filme o senhor dos anéis, qual objeto precisa ser destruído? Anel

15- Qual festa popular brasileira é comemorada em junho? Natal b- páscoa c- festa junina

16- Qual pedra muito rara é de cor verde? Ametista, rubi, esmeralda ou diamante **

17- Qual o nome do atual presidente dos Estados Unidos? Donald Trump

18- Qual o verdadeiro nome do Homem Aranha? Peter Park

19- Quantos anões tem no conto "A Branca De Neve"? 7

20- Qual o maior planeta do sistema solar? R: Júpiter

Extras:

1-. Qual é a capital do nosso país? Brasília

2- Qual feriado é comemorado em (7/setembro)? Independência do Brasil

3- De acordo com uma superstição brasileira, o que acontece com uma pessoa que quebra um espelho.

R: Tem sete anos de azar.

4- Qual é o maior animal vivo?

R: Baleia Azul

Premiação

Após as atividades, o grupo vencedor será levado ao laboratório didático, onde haverá um mediador (a) responsável por entregar os prêmios e capturar com uma câmera de vídeo, as falas e reações da equipe. No momento da premiação os meninos ganharão menos prêmios, em relação às meninas, em seguida, serão questionados sobre isso e se eles acham que é justo e correto. Analisar as falas e reações de meninos e meninas, após a premiação onde lidarão com uma situação de conflitos onde as meninas serão mais contempladas por serem meninas.

Tópicos para Debate

O debate acontecerá no momento da premiação com o grupo ganhador do " passa ou repassa" onde depois de trabalharem igualmente, em equipe, os meninos serão menos contemplados com balas e pirulitos

Documentos de Apoio (se houver)



ANEXO 2 - Gravações de áudios das reuniões

Reunião 15/05/2018

Monitor B: Mau desgraçado, mas é gostoso.

PESQUISADORA F: É ácido né?!

Monitor B: É ácido com açúcar eu acho, sei lá!

PESQUISADORA F: ah na minha época era isso, cigarro, lápis de chocolate.

Monitor B: Compre batom... compre batom.

Monitora A: na minha escola não tinha nada disso.

PESQUISADORA F: Amava cigarrinho.

Monitora E: Era manteiga pura né.

Monitor B: Guardachuvinha.

PESQUISADORA F: Guardachuvinha né, era só manteiga né.

Monitora E: Era só manteiga tenta comer aquilo hoje.

PESQUISADORA F: risos

Monitora E: Suspiro.

Monitora A: a minha professora de inglês deu de presente para os alunos dela, ela falou que eles jogaram tudo no lixo.

Conflito de falas

PESQUISADORA F: agente comia de boa, hoje exigência. O salgadinho era suspiro, passava na parede assim.

Monitor B: De maçã, de laranja.

Monitora A: Kisuco.

Monitor B: que tinha formato assim, uns formatos de armas.

Monitora A: Nossa.

Monitor B: amava suquinho, suquinho de feira.

PESQUISADORA F: era ruim heim (risos).

Conflito de fala

Monitora F: não moço isso, mas eles estão vendendo suquinho com formato de arma para uma criança.

PESQUISADORA F: arma, tinha de tudo.

Monitora F: é tipo assim.

PESQUISADORA F: nada.

Monitora F: Formato de arma.

PESQUISADORA F: Hoje que têm muito pudor pra tudo, naquela época não tinha muita coisa

Monitor B: agente brincava de polícia e ladrão... pu ...pu ..pu..

PESQUISADORA F: Pica-Pau, e ninguém ficava monitorando.

Monitora E: ele ainda passa na Record.

Monitora F: a Marcha é do mal

PESQUISADORA F: Marcha é inocente, o pica pau é maquiavélico.

Monitora F: a Marcha eu estava assistindo com as crianças esse final de semana.

PESQUISADORA F: Marcha e o Urso nunca viram?

Monitora F: (Conflito de fala) tudo era a Marcha... Marcha.

Conflito de falar

PESQUISADORA F: o Pietro amava Marcha e o Urso.

Monitora F: no episódio do lobo, Lobo derruba a Marcha, e aí ele vai dormir, aí ela sonha que está em um galho de árvore, e aparecia várias Marchas, e aquela menina já é pouco sinistra né, eu acho ela super sinistra.

PESQUISADORA F: ela é, ela é!

PESQUISADORA F: ela é tipo aquela menina de Looney e tunes, que ficava abraçando os coelhos.

Conflito de falas

Monitor B: que fofinho, alicia.

PESQUISADORA F: é tipo ela.

Conflito de falas e risos

Monitora F: aí aparece a marcha com um machadinho e vai derrubando a árvore, e fala que ele tem que provar do próprio veneno, super vingativo e aí ela vai formando, e as meninas assistem juntas né, as três, e elas ficam vocês têm que provar do próprio veneno, eu fiquei super assustada com essas coisas.

PESQUISADORA F: Gente eu trouxe um docinho, se vocês quiserem, como eu entrei na chocolândia

Monitora A: rsrs.

PESQUISADORA F: isso, risos

Monitora E: nossa

PESQUISADORA F: risos

Monitor B: risos

PESQUISADORA F: pera aí, deixa eu pegar água que me deu sede. E aí como foi hoje?

Monitora A: eu posso fechar a porta, está muito barulho, odeio barulho.

PESQUISADORA F: pode.

PESQUISADORA F: teve uma reunião pouco tensa hoje, para falar sobre bolsas, que vai ter mudanças nos projetos aí, quantidade de bolsa dentro do projeto. E aí ele foi explicar, mas nada pra gente se assustar, mas ele já está explicando mais ou menos que talvez mude um pouco das dinâmicas. Mas nada assim exatamente, que têm que escrever o projeto e ver quantas ele vai conseguir e depois que, ele vai escrever projetos grandes pedindo quantidades de bolsas, invés de ser cada um mandando seu projeto. E ele vai mandar, por exemplo, o projeto da banca, o projeto do CCA e o projeto da EMEI, e aí dentro desses projetos pedem a quantidade de bolsa, entendeu.

Monitora A: humm..

PESQUISADORA F: só que não sabe quantas bolsa vão sair, então é isso que ele estava conversando com a gente, para poder.

Monitora A: mas a probabilidade de ser liberado mais não é menor?

PESQUISADORA F: é menor em que?

PESQUISADORA F: não entendi o áudio (mais igual)

Monitora A: é? De bolsas. Tipo da reitoria liberar não é menor nesse esquema do que cada um fazer um ou não?

PESQUISADORA F: é por orientador agora.

Monitora A: ahmm.

PESQUISADORA F: Quando você escrevia o projeto, você escrevia no nome dele, ele mandava mil projetos.

Monitora A: sim.

PESQUISADORA F: agora ele pode mandar três.

Monitora A: ah.

PESQUISADORA F: então nesses três ele vai pedir mais bolsas, entendeu? Ele vai explicar, que dentro desses três ele precisa pedir uma quantidade, porque esse projeto demanda essa quantidade. Não vai ser vários projetinhos.

Monitora A: entendi.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: porque bloquearam a quantidade de projeto por orientador.

Monitor B: então do Prof. LP então ele vai teve que diminuir, para três?

PESQUISADORA F: antes ele mandava assim por exemplo, ele falou que mandava assim, ele mandava o da banca e pegava cinco bolsas. Aí outro ele mandava de uma pessoa sozinha e pegava uma bolsa. Outro ele mandava um projeto e pegava duas. Dependendo do projeto era a quantidade que ele pedia.

Monitora A: aham.

PESQUISADORA F: aí as vezes vinha um monte de projetos, e um monte de bolsas. Agora cada professor só pode mandar três.

Monitora A: nossa, e os que não pedem.

PESQUISADORA F: e os que não pedem, eles não revertem, porque pelo que ele percebeu, é o que ele comentou também, têm uma verba x, aí nem todo mundo manda. O certo seria mandar para quem, dividir já que têm verba para isso, mas não ele falou, que parece que a reitoria guarda, como se fosse um caixa, invés dela disponibilizar, entendeu? Então é assim, é aprovado é aprovado, se não for ela não vai destinar depois.

Monitora F: é tipo orçamento (risos).

PESQUISADORA F: é isso aí.

Conflito de fala

Monitora A: que a gente está aprendendo.

PESQUISADORA F: e aí a nossa conversa lá estava sendo como escrever esses projetos, para que a gente consiga mais bolsas. Né. Para que isso não aconteça.

Monitora A: mas se eles usarem o mesmo método de seleção que usaram o ano passado.

PESQUISADORA F: pela ordem alfabética? Ah acho que agora não. Porque como são três projetos. Acho que assim, acho que Prof. LP é a única pessoa que mandava mil projetos nessa USP né. E acho que ele pediu tantas, que o ano passado acho que ele pediu 50 bolsas.

Monitora A: sim eu ouvi falar.

PESQUISADORA F: eu estou achando que foi isso sabia! É você ouviu, eu estou achando que foi isso sabia, aí limitaram, gente sem condições né. Três projetos, aí vai pedir mais bolsas em três projetos

Conflito de fala

Monitor B: e os professore.

PESQUISADORA F: não faz nada aí fica enchendo o saco, têm verba lá meu escreve seu projeto

Monitora F: (não consegui entender) mas não se escrevem, pelo menos agora a gente está vendo muito isso, que tipo eles não orientam, eles orientam assim, ah tá legal, está bom, fala isso isso e aquilo, mas você faz tudo sozinho, e às vezes você não têm né autonomia para fazer tudo isso sozinho. Sem condições de fazer tudo sozinho e acabam os prazos, eles não te escrevem e você fica sem bolsa. Têm projetos vida que segue. Mas eles estão muitos focados em fazerem os projetos deles.

PESQUISADORA F: é!

Monitora F: tipo Fapesp, os artigos deles.

PESQUISADORA F: mas eles estão dando bobeira, porque o que o Luís Paulo faz é exatamente isso. É o projeto dele banca da ciência, mas ele une vários projetos de alunos.

Edmilson: (não entendi) o espaço deles.

Conflito de fala

Monitora F: é então.

PESQUISADORA F: eles não colocam pessoas dentro do projeto, aí por isso que dá.

MONITOR C: eles não conseguem enxergar com (não entendi – distância do áudio). Como um projeto deles, e coloca a gente. Têm uns professores meu, que são eles que se inscrevem, aí vire e mexe aparece um e-mail, bem esporadicamente na verdade. Esse ano que apareceu duas, com o professor pedindo, estou fazendo um projeto tal, se alguém quiser se inscrever, se inscreve lá.

Ala: mas é dele

MONITOR C: é do PUB, mesmo. Mas é dele ele que vai fazer.

Monitora A: poucos professores.

Monitora F: e eles vão pela média ponderada, tipo o Gabriel é um excelente aluno, têm média ponderada altíssima, e ele não conseguiu participar, porque tinha um com média 9 ele tinha 8.

E escolheu um menino com 9.

PESQUISADORA F: para que entrevista né

Conflito de fala

Monitora A: ele foi tentar pegar com quem?

Monitora F: aí não sei se foi com o Jairo, não lembro

Monitora A: muita gente tenta pegar com o Jairo

Monitora F: mas eu não lembro, mas eles são poucos, quase inacessíveis

Conflito de fala

PESQUISADORA F: porque é meio que incoerente, porque a média não vai determinar se a pessoa tem perfil para isso

Monitora F: não é!

PESQUISADORA F: por isso que têm entrevista.

Monitora F: eu acho isso super incrível, porque o Prof. LP. Quando eu entrei no projeto ele fez um processo seletivo com a gente, ele conversou com a gente, a pergunta mais emblemática foi, se achava se era justo ter cotas para mulheres entrarem na universidade?

PESQUISADORA F: ele perguntou isso?

Monitora A: nossa.

Monitora F: é enfim, é e eu tive que responder.

Conflito de fala

Monitora F: enfim ele conversou com a gente.

PESQUISADORA F: conforme o tema.

Monitora F: conforme o tema, e eles não pediu nem média nem nada, ou até mesmo se você quer entrar, ah sim eu quero fazer, vai lá você, que você fica. Se não você saí.

Monitor B: para mim ele não perguntou nada.

PESQUISADORA F: Voluntário.

Monitora F: porque ele está dando a oportunidade para pessoa entrar no meio acadêmico, diferente dos demais professores.

PESQUISADORA F: fazer pesquisas.

Monitora F: (não entendi) ... deixa eu pegar um dia que eu não estou boa.

PESQUISADORA F: foi isso para eles mudarem essa proposta aí

Monitora F: então.

MONITOR C: risos

PESQUISADORA F: mas até o pessoal brincou, também você pediu 50 bolsas por isso que o povo ficou com recalque, mas vamos esperar os próximos capítulos aí pra gente não sofrer por

antecipação. Mas foi mais para conversar com quem iria escrever o quê. Entendeu? Já que vão ser três projetos grandes, têm que juntar as pessoas para escrever.

Monitora A: não vai ser mais o que a gente estava pensando em ser, que cada um escrevia sobre o nosso projeto.

PESQUISADORA F: não, mas esse é interno.

Monitora A: ah!

PESQUISADORA F: então dentro desse projeto grande que têm cinco pessoas, aí a gente define os nossos projetos.

Monitora A: ah entendi!

PESQUISADORA F: entendeu?!

PESQUISADORA F: ele tem que escrever o projeto maior, para pedir as bolsas. Então o projeto é CCA, atividades no CCA, dentro desse projeto CCA, cada um que ficar com a bolsa, vai escrever o seu.

Monitora A: humm... entendi!

PESQUISADORA F: aí vai contar o que fez, dentro desse projeto maior o seu projeto menor. Então você não vai escrever para submeter mais. Você vai escrever depois que você já está, relatório.

Monitora A: ah entendi.

PESQUISADORA F: é um B.O. a menos, mas... são bolsas a menos então vamos esperar para ver. Já estou enfartando, mas...

Risos

PESQUISADORA F: é só relaxar que vai dar tudo certo.

Risos

Monitora A: aquela coisa não adianta se desesperar pelo que não vai acontecer, ou acontecer de qualquer jeito.

PESQUISADORA F: eu falei errado agora né, eu falei relaxa vamos esperar e depois que estava enfartando. Risos

Monitora A: risos. Mas é só um enfarto.

PESQUISADORA F: passou, mas relaxa mesmo, porque vamos esperar para ver. E aí como que foi? Deu certo sem um integrante e aí com a voluntária na última hora

Monitora A: deu?

PESQUISADORA F: deu.

Monitora A: deu uns problemas, mas nada que compromettesse muito

PESQUISADORA F: problemas técnicos?

Monitora A: foi, mas parou o trequinho.

Monitor B: de fazer o barulhinho lá 11:40.

Monitora A: é parou de funcionar, que estava com um problema no cabo.

PESQUISADORA F: do microfone.

Monitora A: sabe aquele negócio que você não pode encostar no ferrinho, porque senão ele apita

PESQUISADORA F: ah tá

Monitora A: e falei e agora o que que eu faço, eu dou uma de louca aqui e não falo nada para eles, não perceberem e eles perceberam e agora, e eu falei vamos para o próximo gente próximo o grupo.

PESQUISADORA F: risos ... puts

Monitora A: mas eu deixei eles arranjam a solução, e eles falaram que de qualquer jeito ia, então foi isso. A caixa de som também parou de funcionar, é aquela coisa, perspectiva versus realidade.

PESQUISADORA F: e vocês tinham.

Monitora A: na minha cabeça eles iriam ficar mais comportados, mas de boa, foi um salve-se quem puder, mas eu acho que conseguimos.

PESQUISADORA F: eu acho que a atividade tinha mais, salve-se quem puder do que comportados, eu esperava.

Conflito de fala

Monitora A:

Monitora E: era uma disputa né!

PESQUISADORA F: eu esperava agitação.

Monitora A: é né!

PESQUISADORA F: é gera fervor.

Monitora E: a adrenalina já.

Monitor B: adrenalina pura.

Monitora A: é bom esse pirulito?

Monitor B: é, tá gostosinho!

Monitora A: humm tá bom!

Monitora A: tá uma delícia!

Monitora F: vocês conseguiram ler o texto para a aula de hoje, risos para a reunião de hoje

PESQUISADORA F: conseguiram né gente?!

Monitora F: ele está formando exatamente isso, sobre a questão do jogo, que é uma coisa muito difícil de definir.

Monitora E: (risos) essa parte eu li!

Monitora F: que é uma coisa muito difícil de definir no momento que eles estão brincando por eles mesmos.

Monitora E: como separar um amador de um profissional né, de um jogo por exemplo

Monitora F: sim, mas eles fizeram as eles se organizaram sozinhos, estavam fazendo a brincadeira deles, sem as nossas regras, sem as nossas limitações e isso é o brincar, conforme o texto.

Monitor B: a torta do cabelo, que eu pensei que eles não iriam respeitar, mesmo com a monitora A formando, eu achei que eles não iriam respeitar, eles mesmos eh!

Monitora A: Fala não identificada

PESQUISADORA F: o que do cabelo

Monitora A: Fala não identificada.

PESQUISADORA F: o que do cabelo?

Monitora A: é que eu falei gente não pode dar tortada forte, e não pode passar no cabelo das meninas, ah menos que, que elas deixem, senão não pode passar, aí não passaram

PESQUISADORA F: aham etendeu.

Monitor B: e muitos deles falaram não é para

Monitora A: passar no cabelo.

Monitor B: passar no cabelo, não passa no cabelo, não passa no cabelo

Monitora E: tinha menina que tinha o cabelo grande né?!

Monitor B: muitos deles falaram não passa no cabelo!

Monitora E: uma segurava atrás, outra colocava uma mão aqui, juntava um monte de mãos

Monitor B: é (risos)

PESQUISADORA F: mas mesmo assim quiseram levar torta na cara.

Monitora A: é foi .

PESQUISADORA F: eles amam tora na cara gente.

Monitora A: é.

PESQUISADORA F: teve algum que não quis?

Monitora E: uns abriam a boca, e falavam joga aqui, pegava do rosto do outro para comer

PESQUISADORA F: mas muitos não quiseram torta na cara?

Monitora F: é teve uns que, é os que não quiseram foram sempre os mesmos.

Conflito de fala

Monitora A: Acho que foram umas cinco pessoas?

Monitora E: teve um que falou que não gostava de chantili e que iria dar dor de cabeça nele

Monitora F: aquele grandão, ele gostava de jogar nas pessoas não gostava, mas quando foi a vez dele

Monitora E: o Ruan.

Monitor B: o Kauan é o outro.

Monitora E: o Ronan.

Monitora F: a gente perguntou quem queria brincar, e teve gente que não quis brincar, e ficaram olhando, era as meninas quetinhas. E tinha uma que não ia participar depois ela entrou

Monitora E: foi a Ana.

Monitora F: que é loira?

Monitora A: é ela mesma.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: quantos ficaram de fora?

Monitor B: a Monitora F não quis e a Carolina também não

Conflito de fala

Monitora F: (fala não identificada) até quem não estava brincando começou a interagir

PESQUISADORA F: falou antes de conhecer depois que viu, quer brincar né

Monitora A: todos se divertiram de alguma forma, aí teve uma hora que eu falei aí meu Deus o que está acontecendo o que eu falo o que eu falo, aí eu vi que a Monitora F estava filmando, aí falei nossa ela está filmando isso.

PESQUISADORA F: risos

Monitora A: fazendo cara e bocas ali.

PESQUISADORA F: risos

Monitora A: cancela a gravação!

Monitora F: a Monitora A é muito má!

Monitora E: foi muito apresentadora nossa!

Monitor B: eh foi mô risos!

MONITOR C: torta na cara e não vale forte.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: risos

MONITOR C: muito locutora de play center viu.

Monitora A: já têm emprego né na Disney.

PESQUISADORA F: se precisar né. E por que você falou que é muito maldosa?

Monitora F: porque eles estavam muito afobados para bater na mão, aí ela esperava eles saírem correndo e baterem na mão, aí ela falava eu ainda não disse, pode ir

Conflito de fala

Monitora A: não falei valendo

Monitor B: qual o maior animal? Aí um saiu correndo e outro desviava, aí ela falava eu não terminei a pergunta, aí ele voltou, qual o maior animal vivo, aí ele saiu correndo de novo, mas eu não falei preparado já, qual é o animal, aí ele já saiu correndo.

PESQUISADORA F: ele não ia esperar de nenhuma forma.

(não identificado): têm gente que não aguenta né?

PESQUISADORA F: não aí gente. Adulto não aguenta imagina eles, mas foi legal no final né, deu tudo certo, e a discussão de gênero como foi? Aí você levou para o

Monitora A: levei, teve uma hora que eu perguntei quem está anotando os pontos, aí eu falei e agora,

PESQUISADORA F: os alunos não anotaram, não levaram aquele?!

Monitora A: não..não.. não sei, me deu branco não lembrei de pegar, estava tão afobada, ninguém estava cronometrando e agora, porque os brinquedos estavam quebrando, bom vou anotar a pontuação porquê!

PESQUISADORA F: não tinha?

Monitor B: eu anotei, mas tipo assim, mas naquelas porque pararam o tempo, dava pane no brinquedo, mas aí para não paro ninguém falava nada. Aí vou parar aí quando eu parava, voltava, aí eu caramba!

Conflito de falas

PESQUISADORA F: aí que saco!

Monitora A: eu falei para continuar para transparecer que estava tudo sob controle, mas na real não, estava desesperado.

PESQUISADORA F: que era assim mesmo.

Monitor B: estava tudo

Monitora A: eu comecei a anotar os pontos pelas respostas das tortas na cara, aí eu tirei por aquilo, o resto não tinha como anotar, no grupo amarelo que só tinha uma menina

PESQUISADORA F: ninguém reclamou do resultado final?

Monitora A: não!

Conflito de falas

Monitora F: acho que ninguém estava prestando atenção.

MONITOR C: estava todo mundo interessado em comer o chantili.

PESQUISADORA F: então eles brincaram não foi rixa, foi mais para brincar mesmo né?

Monitora A: teve uma hora que eu falei assim gente vai ganhar um prêmio quem ganhar, quem acertar mais respostas, porque eles estavam errando de propósito pra comer a torta, não o meu prêmio é esse chantili.

Risos

Monitor B: verdade!

PESQUISADORA F: oh meu Deus!

Monitora F: foi o menino dos pais né?!

Monitor B: hum

Monitora A: foi quatro meninas?

MONITOR C: eram 3 e uma menina

Monitora A: 3 aí eu entreguei assim, entreguei o dela para ficar a vista, mas ela pegou e escondeu, ela viu que a dos meninos, ah se viu né que a dos meninos eram pequeninhos

Monitora E: ... teve um que colocou o colete amarelo para pegar o docinho, eu falei não você é da equipe vermelha, volta aqui.

Monitor B: sacana, essa parte eu não vi

Conflito de falas

Monitora E: a Maria que é a outra mediadora.

Monitora F: Ah é Maria o nome dela.

PESQUISADORA F: ela é têxtil né?

Monitora E: eu falei não a mediadora do CCA

PESQUISADORA F: ah tá

Monitora F: Conflito de falas

Monitora F: qual o nome dessa menina o que ela faz aqui?

Monitor B: quem é você.

PESQUISADORA F: substituta

Monitora F: teve uma hora que eu comecei a gravar porque eu estava acompanhando a Monitora A. E a gente precisava que alterasse o lugar, deixar muito claro para as crianças que elas não trocassem de lugar e a gente estava tipo

Monitora A: eu estava assim! E a Monitora F.

Risos

Monitora F: moça! moça!

Monitora E: Lorena.

Monitora F: Lorena

Monitora A: aí eu entreguei a dos meninos né.

PESQUISADORA F: o dela era menor

Monitora A: o dela era maior

PESQUISADORA F: ah você fez o contrário, verdade

Monitora A: aí ela escondeu, e eu falei não pode deixar em cima da mesa, aí ela colocou né, aí ele olhou, e falou assim, mas o dela têm mais? E eu falei é, mas você acha certo, acho.

PESQUISADORA F: risos, Aceitou

Monitora A: aceitou super de boa, aí eu falei, mas por que? Aí ele respondeu porque as mulheres lá fora trabalham iguais e ganham menos, então aqui eu acho certo que aqui ela ganhe mais. Aí eu fiquei.

Monitor B: foi um tapa na cara.

Monitora A: e os meus argumentos que eu fiz aqui!

PESQUISADORA F: que eu planejei!

Monitor B: oh seu cretino (risos)

PESQUISADORA F: já resolveu tudo

Monitora A: aí não lembro mais o que a gente falou

Monitora F: a gente perguntou p ela se elas, se elas achavam legal ganhar mais, ela falou que não.

PESQUISADORA F: não

Monitora F: ela não achou legal ganhar mais.

Monitor B: acho que não que ela achou que não, ela falou que não se importava, não ligava

Conflito de falas

Monitora A: porque o menino falou para ela, ah você é maior mulher macho

Monitora E: é a que gosta de jogar futebol?

Monitora F: é, como é que foi que ele falou que ela era um projeto de, (fala não identificada), e o menino ficou meio que revoltado com ela, mas que mulher você é, mas aí ele falou que você é um projeto de homem, projeto de menino, ela deu risada.

PESQUISADORA F: que ela é meia bruta?

Monitora F: ela é meio masculina

MONITOR C: ela gosta de futebol

Monitora E: é ela gosta de futebol

Monitora F: ela tem um jeito meio masculino, além do gostar de futebol, ela não é feminina

PESQUISADORA F: eu nunca fui

Monitor B: até o próprio conceito de feminino é

PESQUISADORA F: nunca brinquei de boneca, eu brincava de carrinho de rolimã

Conflito de fala

Monitora F: sim é (fala não identificada)

Monitor B: mas o Denilson que foi o menino que falou que ele não achava certo, ele até falou no finalzinho, vou me demitir, para a mulher ganha ganhar mais, lembra que ele falou?

Monitora F: a gente perguntou, eu perguntei quando você for crescido e você for trabalhar e aí têm uma mulher que faz a mesma coisa que você, e ganha a menos que você, o que você vai fazer, aí ele falou vou me demitir, aí ele falou vou me demitir para ela ganhar o mesmo que eu.

PESQUISADORA F: vou me demitir? Ah tá bom risos

Monitor B: na hora que a gente saiu da sala, eu e a Monitora F falamos acho que ele só estava formando porque

Monitora A: a gente queria ouvir

PESQUISADORA F: mas essa pergunta é muito difícil para ele responder também né gente, para ele refletir, o que você vai fazer, você como funcionário.

Monitor B: necessitando de um emprego

PESQUISADORA F: é uma questão muito interior né

Conflito de falas

Monitor B: não coloque um plástico bolha na mão de um adulto

PESQUISADORA F: que relaxa

Monitor B: todo adulto com um plástico bolha, vira o quê, vira criança de novo.

Risos

PESQUISADORA F: com certeza

PESQUISADORA F: mas é difícil, ele responder tentando falar que não concorda. Alguém falou que não, que não deveria ganhar?

Monitora F: todos eles concordaram

PESQUISADORA F: eu acho que essa discussão já está tão presente ali, já entendem né.

Monitora F: será?!

Monitor B: talvez ele esteja formando só porque... desculpa gente, foi mal

Monitora F: não pode falar

Monitor B: talvez ele esteja formando isso só porque está com agente.

PESQUISADORA F: mas é isso mesmo que eu estou formando, talvez essa discussão é tão presente que eles já sabem o que a gente quer discutir e o que quer ouvir.

Conflito de falas

Monitora F: não que seja isso, ele falou da mãe dele

PESQUISADORA F: o que ele falou?

Monitora F: eu não lembro exatamente o que ele falou, mas ele trouxe o exemplo da mãe dele, que era diferente para ela, foi esse menino, e foi o que mais falou, que os outros ficaram assim, vocês sentiram isso que eles não falaram, porque ele já tinha falado muita coisa, e ficaram meio assim de falarem algo diferente do que ele estava formado.

PESQUISADORA F: ele falou da injustiça com a mãe?

Monitora F: é

Monitora A: eu não lembro

Monitora F: ele citou a mãe bem no começo, que ele estava formado assim, eu acho.

PESQUISADORA F: vocês gravaram isso

Monitora A: uhum

Monitora F: eu acho, porque ele falou da mãe, e pegou o exemplo da mãe, como se tivesse falado (fala não identificada)

PESQUISADORA F: aí quando falou da mãe já incorporou né, sei lá, já está usando ela como exemplo, de que ela passa por isso, e de que talvez ele não concorde, não sei.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: é que eu não sei o que ele falou exatamente.

Monitora F: não sei até que ponto não foi verdadeiro.

Monitor B: eu não prestei atenção nessa parte, na verdade eu nem lembro disso.

PESQUISADORA F: aí cabe a você, analisar esse vídeo e verificar se na fala e no gesto

Monitora A: eu fiz uma matéria chamada análise de discurso aqui na EACH, não consigo não olha para uma pessoa e não ver a alma dela. A melhor matéria do mundo

PESQUISADORA F: você podia fazer uma aula aqui pra gente, próxima discussão a Monitora A vai organizar

Monitora A: geronto

PESQUISADORA F: é ótimo

Monitora A: eles falam muito que a ideologia ela atravessa um diálogo, então eles falam que ela está formado o que é uma ideologia para ela. Às vezes pode ser, ela acredita naquilo, por isso que ela fala, ah sei lá

Conflito de fala.

PESQUISADORA F: base Maingueneau

Monitora A: é

PESQUISADORA F: Bakhtin

Monitora A: é Bakhtin

PESQUISADORA F: Bakhtin é o autor que fala sobre discurso, na área de discurso, mas é como se fosse

Monitor B: é Bakhtin

PESQUISADORA F: que é conforme o contexto social, tudo que você profere, tudo que você diz, tudo que você fala, têm um contexto social inserido, quando eu dou uma opinião eu dou um opinião conforme eu entendo a respeito daquilo, e tem a questão do contexto aí, eu usei na análise do meu mestrado, a análise de um livro, porque o discurso não está só na fala, está em uma leitura, está em tudo né, e aí você entende por exemplo, eu peguei um livro, e aí quando você vai olhar o contexto social de produção, você entende porque o autor escolheu escrever daquela forma, porque ele escolheu aqueles personagens, porque ela escolheu aquela forma sabe. Depende do contexto. Não é a toa tudo é pensado.

Conflito de fala

Monitora F: nada não existe nada. Super neutro. Só o fato dele ter escolhido aquela coisa para falar e já não é neutro.

PESQUISADORA F: tem uma escolha ali implícita

Conflito de fala

PESQUISADORA F: tendência

Monitora F: políticas públicas, que têm vontades, que têm contextos

PESQUISADORA F: não existe exatamente. Eu estava lendo sobre isso esses tempos, sobre política, que a política trás ideologias. Ideias de quem está criando. E também é conforme o contexto de aplicação. Então não dá para falar que você é neutra, você tenta, mas você tem que ter ética na posição de uma política. Mas ela não é neutra, ela traz ideologias, traz um monte de coisa né.

Monitora F: é que nem o (fala não identificada)

Conflito de fala

MONITOR C: aí vem o Paulo Freire e fala (fala não identificada)

PESQUISADORA F: a parte de uma política pública você analisa o gestor, porque a política tem a ver com isso. Você quer analisar uma gestão pública, vai o PT, você vê as políticas que ele implantou para entender qual é a proposta dele, porque a política carrega o que eles entendem por importante ou por não importante.

Monitora F: na agenda, quando alguma coisa está em pauta na agenda, a gente já consegue ver quais são as prioridades de quem está governando.

PESQUISADORA F: é exatamente

Monitora F: aí você vê que nunca é neutro

PESQUISADORA F: nunca é

Monitor B: no caso do Dória você acredite que ele seja neutro, o cara nunca estava presente em nada, um inútil

PESQUISADORA F: mas é muito legal esse negócio de analisar discurso e tem um livro que é o corpo fala. Que têm aqui na EACH, e ele fala que assim por exemplo, a gente está conversando aqui, aí a gente fala, mas antes da gente falar, a gente pensa em quem são as pessoas que vão ouvir aquilo. Tem coisa que você fala, tem coisas que você não fala, fala de outra forma, dependendo de quem é seu interlocutor. E às vezes o que você está formado, não é o que você está demonstrando. Você fala uma coisa e a partir do seu gesto, você vê que o que aquela pessoa proferiu não é exatamente o que ela pensa. Entenderam?

Monitora F: sim

PESQUISADORA F: esse livro é bem legal para analisar, é bem interessante, é isso aí, nem sei porque a gente chegou nisso. Risos

Monitor B: é muita filosofia, é muito doce, muito doce.

PESQUISADORA F: mas eu acho que a Monitora A podia fazer uma discussão sobre discurso heim, o que você acha heim? Isso é bom para as aplicações.

Monitora A: mas é, o trabalho final a gente teve que fazer uma entrevista com um idoso, porque era uma matéria de geronto, e fazer a análise de discurso do diálogo, nossa achei um trabalho sensacional.

PESQUISADORA F: é bem legal.

Monitora A: eu queria até fazer geronto depois disso.

PESQUISADORA F: ah legal. Não fazer geronto, mas (risos). Então foi sucesso né.

Monitora A: foi.

PESQUISADORA F: Mudanças que você faria?

Conflito de fala

Monitora A: eu não sei.

PESQUISADORA F: e vocês o que vocês acharam.

Monitor B: eu achei as crianças bem agitadas, acho que foi de certa forma o objetivo da brincadeira, não era criar competição, não era nada disso, era simplesmente colocar a diversão e elas se divertiram, aliás nem estavam se importando muito com a competição em si.

Monitora F: achei bem legal, a brincadeira em si tem a proposta da competitividade, e eles não competiram, eles só brincaram, para ver como o próprio indivíduo consegue mudar as regras, da brincadeira, do jogo.

Monitora A: eles não estavam nem aí, se eles eram do time amarelo, verde ou vermelho.

PESQUISADORA F: só queriam brincar.

Monitora A: a resposta é tal, a resposta é tal.

Monitor B: as vezes até o time adversário que estava formado as respostas, nossa, aquela do senhor dos anéis, qual o objeto do senhor, do filme, na trilogia senhor dos anéis que é, que têm que ser destruído. Anel! Anel! Anel! A gente falava não fala a resposta.

PESQUISADORA F: eles não queriam competir eles estavam se divertindo mesmo né.

Conflito de falas

PESQUISADORA F: eles queriam ver torta

MONITOR C: eles querem mostrar que eles sabem, não está competindo entre um e outro

PESQUISADORA F: é ego é ego

Conflito de fala

MONITOR C: eles querem mostrar eu sei. Não, mas eles gostam de mostrar que eles sabem. A Monitora A fazia a pergunta, um que estava do lado ali na mesa, é isso né tio, a resposta certa é essa né.

Conflito de falas

Monitor B: fazer as perguntas sem ter a competição da torta na cara, o meu grupo pelo menos estava o tio é isso a resposta! Quais são as sete cores do arco-íris, teve um que falou sete cores, mas ele repetiu duas.

Risos

PESQUISADORA F: quais são as sete cores do arco íris?

Monitora F: tinha umas perguntas maior difíceis

Conflitos de falas

Monitora A: violeta, azul, anil, amarelo, verde, vermelho

PESQUISADORA F: então esse anil eu iria errar

Monitora A: eu achei que anil fosse azul. Aí falei caramba são cores diferentes

Monitora E: o pessoal do verde estavam reclamando que as perguntas que foram para eles estavam muito difíceis.

Monitora F: mas eu achei bem difícil, eu não sabia responder a maior parte das perguntas, confesso que eu também não sabia.

Monitora A: nem eu.

Risos

Monitora F: foi injusta a pergunta do joelho, quantos joelhos tem um elefante?

Conflito de falas

Monitora A: peguei do site de ciências

PESQUISADORA F: quantos joelhos, quatro

Monitora A: seis

PESQUISADORA F: por que seis?

Monitora A: eu li seis, não é quatro, mas eu li seis

PESQUISADORA F: e os outros dois?

Monitora A: não sei, vamos ver

PESQUISADORA F: quantos joelhos o elefante tem?

Monitor B: eu também achei bizarro essa resposta aí.

Monitora E: mas seis por que? Próxima pergunta

Risos

Monitora A: tipo pesquisa na sua casa.

Conflito de falas

PESQUISADORA F: pensei na tromba na curvinha

Monitora E: ele falou eu acho que é cinco por causa da tromba, aí um achou meio bizarro, aí falou não fala quatro. Ninguém quis falar 5.

Monitor B: próxima pergunta.

Monitora A: o que eu aprendi no teatro se não tem certeza de algo, se você que está errado, mas você tem que passar a verdade, insiste naquilo.

Monitora E: eu tive um professor que falou isso, nunca deixe um achar que você não sabe, então se um aluno perguntar alguma coisa, você tem que responder seja lá o que for.

PESQUISADORA F: nossa gente isso é horrível.

Monitora E: se ele perceber que você não sabe, ele vai te perseguir o resto da vida.

Monitora F: estou assustada. Fala eu não sei te responder isso, a semana que vem eu respondo, eles não respondem a semana que vem.

Risos

PESQUISADORA F: mas ele pelo menos falou que não sabe né! Porque para você lidar com outra pessoa, você está ensinando alguma coisa e você fala, eu sei isso e pronto, e as vezes nem é isso, aí a pessoa vai lá pesquisa e acha, nossa é pior.

Monitora E: eu lembro muito assim, na oitava série, era na aula de ciências, que a professora estava formada de frente fria e frente quente, aí eu perguntei, mas o que acontece se as duas se encontrarem. Ela falou que isso nunca acontecia.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: nossa gente. Tem um monte de gente assim que não fala, a não sei vou pesquisar, ou pesquisa e me conta.

Monitor B: e descobre que é 4 mesmo e que se enganou.

Monitora A: é quanto?

PESQUISADORA F: e o que deu você falar a resposta 6?

Monitora A: no meu

PESQUISADORA F: onde?

Monitora A: gente eu mandei o roteiro para todo mundo, ninguém leu não?!

PESQUISADORA F: não, mas você tirou de onde isso?

Monitora A: não sei, de um site que tinha perguntas de ciência.

PESQUISADORA F: e você não conferiu?

Monitora A: acreditei que fosse verdade.

Risos

Conflito de falas

Monitor B: eu sou a favor que na próxima intervenção a gente traga o chantili para as crianças dar uma torta na cara da Monitora A. Resposta errada.

PESQUISADORA F: mas é bom avisar tá, na próxima semana, né, porque isso marca, leva par vida.

Monitora E: vamos ver se a pessoa que respondeu vai se manifestar.

PESQUISADORA F: bem que eu falei que era 4.

Monitora A: de quem é a próxima intervenção?

PESQUISADORA F: da Monitora F

Conflito de fala

MONITOR C: o elefante é o único animal que têm 4 joelhos.

Monitor B: acho que você inverteu

PESQUISADORA F: esse 6 deveria ser de outra pergunta na hora da pesquisa

MONITOR C: o elefante é o único anima que têm 4 joelhos, os outros não tem 4

PESQUISADORA F: como não, e o viadinho?

Monitor B: e o cachorro?

PESQUISADORA F: e o cachorrinho?

MONITOR C: o cachorro

PESQUISADORA F: o viadinho não, ele até para assim né, ele para assim

Risos

Monitora E: agora estou imaginando o viadinho.

Monitora F: tipo cavalo

PESQUISADORA F: cavalo não assim para frente, assim é o joelho

Monitora E: mas eu acho que o joelho dá a flexibilidade assim, mas o viadinho a pata de trás ele dobra ao contrário. Ele dobra assim a de trás e a da frente ele dobra assim, e o elefante ele dobra as duas para frente.

PESQUISADORA F: ah tá, é

Monitora E: deve ser por isso.

PESQUISADORA F: e o cachorro.

Monitora E: o cachorro também Fabi, a parte de trás é assim e não assim, ele deita assim.

PESQUISADORA F: é, porque a da frente é assim mesmo.

Risos

Conflito de falas

PESQUISADORA F: é que assim a de trás faz assim

Monitora A: o elefante pelo que eu entendi a articulação é p frente

Risos

Conflito de falas

Monitor B: faz, o tronco para definir que o cachorro.

MONITOR C: é que é para trás.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: a de trás, é

MONITOR C: a de trás não é joelho.

Monitora A: vocês podem observar o porquê não fiz arquitetura

PESQUISADORA F: é as de trás.

MONITOR C: só o elefante que conseguem dobrar mesmo

Conflito de fala

Monitora A: ai gente deve

Conflito de falas

Monitora E: eu senti que eles estavam mais próximos, não sei se é porque a gente se viu a semana passada.

Monitora F: a menina veio perguntar do meu cabelo, se eu gosto mais de cabelo curto assim, corte de cabelo, que a expectativa, eu achei um horror

Monitora E: e eles estavam mais próximos

Monitora F: eu acho q ela queria perguntar se eu era lésbica, mas ela ficou com vergonha, ela falou tia deixa eu perguntar uma coisa que eu fiquei curiosa, eu falei pode perguntar você vai cortar o cabelo.

PESQUISADORA F: talvez ele foi obrigada a cortar por causa de piolho, assim curtinho, aí ela perguntou, mas é porque eu já tive uma aluna gente que a mãe cortou, raspou, o cabelo da menina e ela teve que ir de peruca para a escola, ela sofreu bullying assim tremendo, e ela foi obrigada a cortar o cabelo, porque a mãe fez isso. Então talvez, e criança assim de baixa renda, normalmente a mãe, mete a tesoura. Ou talvez alguma hora sofreu com isso e por isso ela te perguntou, você cortou porque quis?

Monitora F: você ééé aí depois que ela direcionou a pergunta, ela ia perguntar se eu era alguma coisa.

PESQUISADORA F: e você respondeu?

Monitora F: respondi, gosto eu gosto dele assim, eu consigo lavar, secar.

PESQUISADORA F: ai ela sacou que era corte.

Monitora A: Fala não identificada.

PESQUISADORA F: o Monitor C a Radassa falou com você?

Monitor C: falou

PESQUISADORA F: ah esqueci me perdoe, essa correria, olha ele está esperando lá, dia 5 a aplicação dele, não, mas sexta feira eu vou, vai dar tempo. Ah se o fablab estiver funcionando.

MONITOR C: na sexta feira agente vai lá vê, e eu estava vendo uns negócios lá no

PESQUISADORA F: laboratório

MONITOR C: na banca, aquelas madeirinhas com furinhos, eu não sei o nome daqueles negócios.

PESQUISADORA F: que eles usam para pendurar as coisas

MONITOR C: eu estava olhando e eu acho que dá para usar isso aqui, se o FabLab não funcionar, que dá para fazer a pecinha e colocar, e prender dentro, ai dava para usar ela, como ele é mais firme, aí se não der certo lá,

PESQUISADORA F: mas vai dar certo

MONITOR C: têm uma segunda opção

PESQUISADORA F: isso daí tem aí só não sei se tem disponível, agente pergunta, aí é só passar lá e pergunta mesmo. E tá vamos falar da aplicação da Monitora F e depois a gente vai par o texto pode ser.

Monitora F: essa era a expectativa gente.

Monitora E: ah mas ficou

PESQUISADORA F: mas ficou total.

Monitora F: a realidade é essa.

Risos

PESQUISADORA F: não foi, não não está reto assim.

Monitor B: ainda assim ficou bonito

Conflito de fala.

PESQUISADORA F: volta na outra, volta na outra

Monitora F: expectativa, realidade

PESQUISADORA F: não, não, não ficou essa realidade, é que está bem desigual o dela né.

Monitora E: eu acho que só aqui na frente, que ficou faltando

PESQUISADORA F: uns repicados, mas o rosto é o mesmo modelinho, pezinho, ficou bem no jeitinho, Monitora A: eu acho que afinou mais seu rosto.

PESQUISADORA F: afinou mais, eu vou cortar o meu assim, para ver se afina (risos)

Monitora E: lembra Demy Moor ele fez um filme com o cabelo bem curtinho, ficou muito parecida com o dela.

Monitora A: eu gostei

PESQUISADORA F: você fica muito bem de cabelo curto

Monitora F: eu prefiro, eu não atraso para vir para as aulas, ainda atraso

PESQUISADORA F: ah melhor coisa, quando eu cortei o meu cabelo também aqui. Mas você fica bem de cabelo curto. O desenho do seu rosto.

Monitora F: é que eu tenho o rosto pequeno, e quando eu usava cabelo comprido, parecia que eu só tinha cabelo, aí agora com o cabelo curto aí eu tenho um rosto, ou quase isso né, mas enfim, algo parecido com um rosto

PESQUISADORA F: Monitora F, vamos lá como vai ser a aplicação? O que você precisa? O que mudou?

Monitora F: estruturalmente não mudou nada, aí estava pensando em não levá-los para a quadra.

PESQUISADORA F: mas lembra novamente porque tem gente que não participou daquela outra conta como que vai ser tudo?

Monitora F: é o que estou pensando é aquele negócio da queimada, aí antes a gente sorteava os bichos, e eles

Monitor B: não identifiquei a fala

Monitora F: têm muitas crianças iguais

PESQUISADORA F: de antes, não mudou a turma?

Monitora F: mudou, mas tem bastante que ainda continua, aquele menino branquinho, o menino Conflito de fala

MONITOR C: da outra vez que veio era só moleque. Tinha alguma menina?

Monitora F: é não tinha.

MONITOR C: agora têm bem mais meninas.

Monitora A: quero tirar uma dúvida de relatório, que quando eu fui na outra aplicação eu fiz um relatório, o que eu faço com ele?

PESQUISADORA F: coloca lá na banca da ciência @ não sei o que, no dia da aplicação, o seu relatório.

Monitora A: ah tá porque eu estava olhando no do CCA direto eu não achava de ninguém, achei estranho

PESQUISADORA F: Põem aí também, frentes temáticas, 2018, aí você acha a pasta do dia, aí voe põem lá dentro

Monitora A: entendi

Monitora E: aqui a Demi Moor

PESQUISADORA F: ah aí parecida, só que o dela é mais comprido quase pega no olho

Monitora F: ai enfim, um jogo de queimada normal, aí quando eles queimam, eles vão sortear um bicho eles têm que falar que qual bioma que o bicho é. Porque a gente não trabalha com bioma, apesar de ser bioma, agente pergunta só de onde é!

Monitor B: não vamos complicar (risos).

Monitora F: é porque tem o mapa e eles vão olhar no mapa e de acordo com o que está no mapa, e as características e as características que ele conhece do bicho, eles colocam o bicho em algum lugar, onde tem que ser

Monitor B: tipo arara azul, floresta Amazônica.

Monitora F: é tipo isso, e aí se eles acertam, eles continuam jogando se eles erram eles saem do jogo, dependendo da importância do bicho, só que agora nós vamos mudar um pouco as regras e aí colocar eles como os bichos, e se ele for queimado na questão da cadeia alimentar, se o coelho for queimado, então vai morrer o coelho e vai ter que ir embora o lobo, porque o lobo precisa do coelho para se alimentar, para eles poderem entender a relevância disso, ah assim eu fui queimada, fui sorteie p bicho errei o lugar que o bicho mora então têm que matar eu e o lobo, entendeu. É assim. Nesse sentido.

MONITOR C: mas não vai ser na quadra, vai ser onde?

Monitora F: estava pensando em fazer no campinho, onde eles gostaram

PESQUISADORA F: e aí o que vocês acham da proposta?

Monitora F: porque tem essa diferença, porque antes a regra era diferente, pra ver se eles conseguem

Monitora E: e eles serão divididos em?

Monitora F: metade, metade.

Fabi: se acha que

Monitora A: aí tem um sorteio com os nomes dos bicho aí eles pegam, eles estão lá posicionados

Monitora E: e tem quem ganha, tem ganhador?

Monitora F: ah tipo até acabar a equipe adversária.

Monitora A: aí tem que seguir essa lógica de que bicho como qual bicho.

Monitora F: isso, aí a gente tem que ver pra começar a se defender

PESQUISADORA F: difícil não

Monitora F: aí tem que aprender a se defender, porque eu sei que se o coelho morrer eu que sou o lobo vou morrer também, então meio que vou tentar proteger o coelho para ele não morrer.

Monitor B: nossa, está parecendo aquele jogo onde a cidade dorme. Desculpa gente.

Monitora F: eu não conheço

Risos

Monitor B: foi mal

Monitora A: fiquei aqui pensando

MONITOR C: ninguém conhece

PESQUISADORA F: como que é, como que é? Qual é o filme?

Ala: não, não é um filme é um jogo

PESQUISADORA F: ah

Monitor B: que chama cidade do ar ou lobo. Têm vários personagens. Cada personagem faz uma coisa, mas enfim continuem. Desculpa.

Monitora F: ah é isso, por exemplo, coelho, ah é um exemplo ruim, vamos então pensar em um sapo.

PESQUISADORA F: porque se tiver o leão lá, ele vai falar também, mas eu como eu como o lobo e agora?

Monitora F: aí morre também.

PESQUISADORA F: aí morre também, porque vai dar conflito, entendeu, porque dependendo da escolha dos animais ali, vai todo mundo embora

Monitora F: mas essa é a ideia, quando eu pensei, eu tinha pensado em rato, na cobra e no gavião. Se o rato morrer

PESQUISADORA F: morre todo mundo.

Monitora F: acaba o jogo.

Monitor B: poderia colocar outras coisas no gavião, ou no caso do leão, poderia colocar zebra

PESQUISADORA F: mais opções, ficaria melhor.

Monitor B: não defenderia só o lobo, se defenderia quando se sentisse ameaçado.

Monitora F: sim.

PESQUISADORA F: é sempre relacionados, mas diversos, mas na horizontal né? Você não acha que está com muita cara de aula ainda?

Monitora F: não sei!

PESQUISADORA F: o que vocês acham?

Monitora F: eu não vou explicar nada disso para eles, eles vão ter na prática, como isso funciona.

PESQUISADORA F: mas vai ter as regras do jogo? Para eles saberem que tem essa relação?

Monitora F: eu pensei em fazer tipo um cartaz assim, que se eu queimar o rato, vai sair o rato, a cobra e o gavião. Se queimar o gavião, então saí a cobra e o gavião.

PESQUISADORA F: é então tipo regrinhas né!

Monitora F: eu queria fazer tipo um quadrinho assim. Com essas relações, para eles verem, mas só para eles se orientarem.

PESQUISADORA F: eu acho legal isso.

MONITOR C: aquele cartaz ainda está aí?

Monitora F: eu espero que esteja porquê?!

MONITOR C: estava aí?

Monitora F: tava, agente levou para o Ricardo, de fato eu espero que esteja, porque se não estiver, vai ter que imprimir de novo.

PESQUISADORA F: dá uma olhada lá hoje pra ver.

Monitora F: sim

PESQUISADORA F: eu acho que se fizerem as cartinhas, vai ser melhor. Porque voltando no texto que a gente iria discutir hoje, é diferente, brincadeira, brinquedo e de jogo.

Monitora F: sim

PESQUISADORA F: e jogo têm regras, e se isso é um jogo, têm que ter as regras estipuladas porque é um jogo. Queimada né? Ela só foi modificada, e se é um jogo as regras tem que ser apresentadas, e quando você mostra essas relações, ele já entra no jogo sabendo quem ele é, quem ele tem que proteger, e como ele vai se ferrar.

Monitora F: mas eu vou só demonstrar eu não vou explicar as relações para eles.

PESQUISADORA F: não, mas se você deixa igual um cartaz, eles vão lá observar, ah vai lá perceber quem você é, e quem perde com você. E coisas do tipo. Porque fica mais complexo né?!

Monitora F: ah sim. Eu não tinha a intenção de falar assim, olha você é o rato, e o outro depende de você para sobreviver, eu não ia falar isso.

PESQUISADORA F: só que perde com você.

Monitora F: eu iria mostrar a relação. Aqui gente é assim que é a regra do jogo, se você é esse e você perde, você vai levar tal pessoa e tal pessoa.

PESQUISADORA F: é isso aí. Já é suficiente né.

Monitora E: um exemplo né para eles.

PESQUISADORA F: um exemplo assim a pessoa entende.

Monitora F: eu não sei se está bom para jogo. Tem conceito.

PESQUISADORA F: tem, mas só que você não está. E que da outra vez no final tinha um debate lembra?

Monitora F: não rolou

PESQUISADORA F: mas é porque não deu tempo, mas na proposta tinha, de ter um debate final e aí, fica parecendo assim, que é jogo para ensinar, diferente de jogar, e a partir do jogo a

pessoa aprendeu né? E se não tem essa discussão, e tem essas regras do jogo, mas que não está dando conteúdo, aí perde a caracterização de.

Monitora F: aí tem o mapa também né, que o mapa que a gente fez (fala não identificada), eles são bem legais porque, eu gostei mais de fazer até com o CCA do que com o arquiteto, porque no arquiteto eles estavam aprendendo biomas, então eles meio que falavam.

PESQUISADORA F: já sabiam.

Monitora F: o que eram, nem pensava.

PESQUISADORA F: nem pensava.

Monitora F: eles falavam a resposta, a partir da construção que eles faziam, guaxinim, ah eu vi um guaxinim na lixeira perto da minha casa, a gente viu o guaxinim perto da minha casa, e a gente mora onde? mora em São Paulo, mata atlântica, entendeu?

PESQUISADORA F: tudo uma

Monitor B: construção

Monitora F: diferente do arquiteto como eles estavam aprendendo, ah eu vi isso em um livro, ah é tal coisa, eles erravam muito, o pessoal do arquiteto errou muito, tipo em comparação aqui com o pessoal do CCA. E eu acho que é por conta disso, por eles não saberem ainda, eles pensam a respeito.

PESQUISADORA F: reflete né. Entendi. Então tá o que você precisa do pessoal? Eu posso atender rapidinho gente.

Reunião 25 de maio de 2018

Coordenador U: espero que estejam todos alegres felizes. Antes da gente começar a falar, que a gente tem bastante assuntos hoje, eu só queria falar uma coisa, eh há muito tempo atrás eu tinha o hábito de fazer as atas do grupo, aí um belo dia eu falei que não podia mais fazer as atas e eu pedi, para uma certa pessoa fazer a ata. E a pessoa não fez. Aí eu pensei, eu vou voltar a fazer as atas, e eu pensei nisso por duas semanas. E eu por duas semanas não fiz as atas. Só que agora que, quando sempre chegam pessoas novas, sempre dá um gás um incentivo né. É a Pesquisadora F,

PESQUISADORA F: é Pesquisadora F.

Coordenador U: não sei se todo mundo conhece, ela vai participar, ela é uma das novas coordenadoras, aqui do grupo, muito legal, super aprovo.

(risos)

PESQUISADORA F: que bom.

Coordenador U: já contei da história da outra lá, o que ela fez, muitas tretas aí, agora paz e amor gente.

PESQUISADORA F: paz e amor gente eu sou legal.

(risos)

Coordenador U: não vão pensar que eu sou treteiro também.

Eu acho que a culpa é do Coordenador U.

Coordenador U: não.

Ela que veio para o lugar da Mestranda V?

Coordenador U: não vai ser a Sis. Mas a Mestranda V ainda vem esse semestre.

PESQUISADORA F: eu que já vim logo.

Coordenador U: Então eu vou meio que instituir agora meio como uma pessoa que eu mando, sabe.

Desculpa Coordenador U, mas olha isso é meio que uma obra de arte, gente olha isso tudo foi a Tais que fez.

É é sério.

Foi ela que fez, isso é uma obra de arte, ela fez tudo na mão, gente é sério, por favor, gente olha, olha, gente.

Sabe que é? Que ao invés de eu fazer a ata eu fiquei fazendo isso!

Conflito de falas.

Olha que ela fez tudo gente. Era tudo branco.

PESQUISADORA F: era tudo branco?

Era. É real.

Coordenador U: eu to chocado, desculpá.

Estou passando mal.

Coordenador U: traz para mim aqui.

Por favor.

Coordenador U: então eu vou instituir então um rodízio, de que toda semana uma pessoa, faça a ata, daquele jeito simples, de postar no face, o que foi principal que a gente discutiu nas reuniões, e as demandas para ficar fácil para todo mundo. Então oh semana que vem. A Susi vai ter que fazer isso, o Coordenador U vai ter que fazer isso, o Felipe vai ter que fazer isso. Tá,

então hoje eu preciso de um voluntário ou voluntária, para fazer a ata, ou vou ter que fazer uni duni te aqui.

Ou a gente pode começar por ordem alfabética.

Por ordem alfabética então né!

PESQUISADORA F: vocês tem dúvida de como fazer a ata?

Um pouco.

Um pouco também.

É aquela que a gente sempre posta no face?

É tipo, é um resumo do que aconteceu.

(conflito de fala)

Desculpa o atraso gente.

Coordenador U: imagina, está desculpada. Ah bonito e não trouxe nada para gente.

PESQUISADORA F: vamos fazer assim então, quer que eu faça?

Coordenador U: pode ser, vamos lá.

Conflito de falas

PESQUISADORA F: eu vou fazer

Eu achei que estava molhado.

Oi tudo bom prazer?!

PESQUISADORA F: Prazer, Pesquisadora F. Então vamos fazer o seguinte, eu faço essa ata, e aí eu vou mostrar o que eu entendo de ata, aí vocês. Depois a gente dividi as próximas. Fica como, não que ela seja o exemplo, porque a gente vai discutir depois, o que, se falta alguma coisa. Porque eu não conheço muita coisa do grupo. Vou anotar o que a gente discutir. Aí depois eu passo para vocês. Blz!

Coordenador U: certo.

A gente já tem a próxima aplicação?

Coordenador U: Calma, calma.

Conflito de falas

Olha estava tomando cerveja.

Conflito de falas

Eu estava no sol, estava quente.

Conflito de falas

E amizade fica como gente.

Não a gente combinou de beber depois.

Não deixa eu explicar, o grupo como pessoas dedicadas que são.

(risos)

Conflito de falas

Monitora F: Na real gente, eu tomei cerveja porque estão vindo para a reunião, e eu comi pão com manteiga, e o Felipe me deu cerveja. Foi só isso.

PESQUISADORA F: ele te deu quantas?

Monitora F: eu estou feliz, vamos gente.

Conflito de falas

Monitora F: que lindo. Cadê o Monitor C?

Coordenador U: Ele foi de manhã, não sei onde ele está. Socorro.

Monitora F: socorro. Vamos. Vamos.

Monitora F: eu tô agitada, eu tô agitada, eu to agitada.

Coordenador U: então é o seguinte pessoal, para a Pesquisadora F conhecer vocês um pouco melhor. A gente vai fazer então uma rodada, onde cada um vai se apresentar. Vai falar um pouquinho do curso, das intenções, o que você gosta mais no MARIA. E vai falar também um pouquinho do (risos).

Conflito de falas

Risos

Monitora F: vamos lá gente, eu sou a Monitora F, sou de LCN.

Coordenador U: Pera!

PESQUISADORA F: deixa eu só, direcionar a conversa.

Monitora F: nossa gente vocês estão pior que as crianças na escola de hoje.

PESQUISADORA F: assim, o que eu gostaria de saber de cada um de vocês. Primeiro fala o nome, porque às vezes eu não vou lembrar, o curso que faz, mas não precisa falar sobre o curso, mas sim sobre porque você está no MARIA, e aí falar sobre o seu projeto no MARIA, porque cada um tem um projeto né!

Coordenador U: Aham

PESQUISADORA F: vocês são, a maioria é bolsista. E aí eu queria conhecer o projeto de cada um de vocês. Beleza? E o que, e o interesse que vocês tem no grupo. Como ela não me conhece, eu vou falar novamente, para ela ficar menos ansiosa, tá. Eu sou aluna do Prof. LP, eu fiz o mestrado com ele, agora eu estou fazendo o doutorado.

Monitora F: aí que legal.

PESQUISADORA F: eu era do LIRA, que é aquele grupo de robótica.

Monitora F: sei, sei.

PESQUISADORA F: fui transferida para o MARIA.

Monitora F: Por que?

PESQUISADORA F: então é tudo novidade, porque para o meu projeto, o MARIA é um grupo mais interessante o LIRA está em formação. Está em construção, para o que eu preciso agora, porque ele está em construção, desde quando eu entrei no LIRA, desde que eu entrei no LIRA, tem uns 4 anos. Aí eu saí que eu tive licença maternidade, e aí voltei agora, e o LIRA ainda está em formação, tem uma coisa muito fechada, o MARIA já tem um tempo mais firme aqui dentro.

Monitora F: mas qual é o seu projeto?

PESQUISADORA F: depois eu falo do meu projeto.

Monitora F: tá bom.

PESQUISADORA F: vamos lá. Com vocês.

Monitora F: eu me chamo Monitora F, eu sou de LCN, mas sou de GPP.

Coordenador U: você viu que já é normal né!

PESQUISADORA F: é.

Monitora F: é enfim, você entendeu a situação, mas faço as disciplinas de GPP, eu interesse em mudar de curso, eu gosto do MARIA porque eu gosto das coisas de brincadeira, eu gosto de ensinar, eu gosto das crianças mais velhas, eu não suporto os pequeninhos, mas gente é real.

PESQUISADORA F: é.

Coordenador U: é gente.

Monitora F: é eu não gosto dos pequeninhos. Eu prefiro os pré- adolescentes, e o meu projeto fala sobre evolução, como o ensino de evolução, tipo a teoria de evolução de Darwin, aplicadas em jogos e brincadeiras.

PESQUISADORA F: mas como que é isso?

Monitora F: a gente, que eu escrevi inicialmente, era uma peça de teatro, não era uma peça de teatro, uma coisa tosca que eu inventei para explicar. (risos) mas é bem tosco. Do ratinho?!

Coordenador U: não é tosco.

Monitora F: eu acho muito tosco. É um jeito meio lúdico, meio bobinho que eu inventei de explicar para as crianças, uma história que eles conseguem pegar, pontos principais sobre a teoria da evolução, e seleção de espécie, e aí dentro disso eles conseguem pegar tópicos, e dessa historinha que eu criei, e a gente brinca meio que de pega- pega, de forma que eles conseguem assimilar, enfim, a história.

PESQUISADORA F: foi um teatro ou um jogo? Você falou teatro e jogo.

Monitora F: é uma explicação, depois um jogo.

PESQUISADORA F: você fez uma encenação, e depois fez o jogo.

Monitora F: é uma coisa bem bestinha assim.

PESQUISADORA F: isso foi aplicado, no início desse ano, foi?

Monitora F: foi no início do ano passado, no início desse ano, a gente sempre vai fazendo.

PESQUISADORA F: sempre vai e volta. E como está a coleta de dados?

Monitora F: meio que não tá né, porque (risos), a gente não tira fotos, a gente já aplicou umas cinco vezes, não foi, foi. Uma vez no Arquiteto.

Coordenador U: duas aqui.

Monitora F: não foram 3 turmas aqui.

Coordenador U: 3?

Monitora F: 3, mas eu acho que a gente só tem foto do Arquiteto.

Coordenador U: do Arquiteto, eu vi essa semana.

Monitora F: é então.

PESQUISADORA F: mas não tem relatório das aplicações e você não tirou fotos?

Monitora F: relatório tem.

PESQUISADORA F: você não tirou fotos. Então tá bom.

Monitora F: vamos lá gente.

Felipe: meu nome é Felipe, eu sou do curso de LCN, eu me inscrevi no projeto de RPG, eu me inscrevo principalmente nesse projeto porque sempre gostei desde pequeno de jogar RPG, e que muitas crianças se comecem a praticar e entenderem esse jogo de imagem e ação, pode aplicar na vida e criar um aprendizado. Eu queria conseguir um projeto que faça com que associe o que eu gosto com e o que as crianças gostam no caso são os adolescentes. Que é o jogo da imaginação e o aprendizado. Acho que pode conciliar os dois ao mesmo tempo. Eu queria montar mais na área da ciência.

PESQUISADORA F: e o seu projeto o RPG é utilizado para que com as crianças?

Felipe: O projeto não lembro está tudo, era aprendizagem das crianças, o que ela poderia, tipo utilizar essa aprendizagem de imaginação na sala de aula.

PESQUISADORA F: mas tem tema específico?

Felipe: não.

PESQUISADORA F: um assunto?

Felipe: não, não tem assunto.

PESQUISADORA F: era usar o RPG para gerar a imaginação, para aprender os conteúdos da aula?

Felipe: é para aprendizagem, é isso. Vou dar um exemplo que, um professor de matemática usava esse jogo, para fazer com que os alunos aprendessem tipo cálculo. E desvendasse um mistério para poder abrir um código, entendeu?!

Coordenador U: matemática.

Felipe: é!

Coordenador U: mas é outra coisa que a gente tem que falar depois.

PESQUISADORA F: eu vou guardar essa:

Coordenador U: guarda essa daí.

PESQUISADORA F: depois você me lembra, desse exemplo.

Felipe: eu tenho a reportagem, eu tirei até foto. Mas eu tenho que dá uma olhada aqui.

PESQUISADORA F: então o que vocês aplicaram dos x mans tem a ver com o seu projeto?

Felipe: é!

PESQUISADORA F: que é trabalhar no caso a diversidade, tem um pouco a ver com o seu projeto e já dá pra usar.

Felipe: já.

PESQUISADORA F: e como que está coleta de dados?

Felipe: ah! A coleta a gente começou faz quanto tempo já?

Coordenador U: Umas três semanas.

Felipe: umas três semanas, e eu já comecei a ter alguns parâmetros...

PESQUISADORA F: está sistematizando.

Felipe: ah. Sim. Toda quarta-feira, eu vou lá e a gente faz a aplicação.

Coordenador U: mas você acha que, as intervenções lá, que a gente tem feito, vai; pode ajudar no seu projeto?

Felipe: com certeza.

Coordenador U: como?

Felipe: com, é porque com o RPG é, a gente tinha planejado de fazer o RPG no joguinho mesmo. Só que era um quantidade grande de crianças então estava meio complicado fazer o jogo. Porque é um jogo um pouquinho difícil. Tem muitas regras, mas eu creio que nesse motivação de tipo, deles, escolherem, quem é o (fala não identificada), Magneto, e ter as opções de entrar no time do Magneto, ou ficar tipo o x man. Eles têm a consciência do que é bem do que é mal, eu acho que isso ajuda.

PESQUISADORA F: beleza.

Julia: eu sou a Julia sou de GPP.

Coordenador U: não vai mudar de curso ainda?

(risos)

Julia: eu já estou quase me formando na verdade, eu acho que eu me formo esse ano, tenho que fazer o TCC, e alguma matérias só, para eu me formar. Quando eu me inscrevi no MARIA, eu não me inscrevi no MARIA, eu me inscrevi em um dos projetos do Prof. LP, mas que já era destinado a outra pessoa, e aí acabei vindo para o MARIA. Eu tinha me inscrito em um projeto de gênero, envolvendo super heroínas e tal, e aí acabei vindo no MARIA. E eu gosto bastante da proposta. Apesar de não conhecer muito ainda sobre o lúdico, e eu não tenho projeto, e eu não sei se eu gosto mais dos pequenininhos ou dos adolescentes.

PESQUISADORA F: você não é bolsista então?

Julia: sou.

PESQUISADORA F: mas você está com qual projeto? Se você é bolsista você tem projeto.

Julia: não quando você se inscreve você não precisa ter projeto.

Não porque eu acho que ela se inscreveu, em um projeto e mudou.

Julia: eu me inscrevi em um projeto e mudou.

Prof. LP Mudou.

Julia: aí eu vim para o MARIA e eles falaram que eu tinha que ter um projeto.

PESQUISADORA F: e aí você não escreveu o projeto?

Julia: não.

PESQUISADORA F: faz tempo?

Monitora F: eu também estou na mesma situação.

Julia: é porque eu me inscrevi em um projeto.

PESQUISADORA F: certo. Das heroínas.

Julia: é. E aí que. É na verdade o projeto era desconstruindo estereótipo de gênero, através das fantasias, super-heroínas e tudo mais. Só que aí eu descobri que já tinha uma outra menina nesse projeto, que era de outra pessoa. E aí o Prof. LP falou ah! Fica no MARIA. E aí um tempo depois falaram que eu tinha que ter um projeto. E aí eu fiquei sem saber o tema, e até agora eu não decidi um tema. O meu grande negócio é que.

Coordenador U: é como se você, desculpa, vocês não tiveram que escrever um projeto. Vocês só se inscreveram. Né.

Monitora F: em um que já estava pronto. No meu caso eu nem me inscrevi nos projetos do Prof. LP.

Coordenador U: então a Monitora F, o Monitor C e a Suzi, eles escreveram né!

PESQUISADORA F: os três escreveram.

Coordenador U: eles chegaram logo depois que os projetos foram aprovados. Que eu tinha pedido um milhão de projetos.

Julia: o PUB na verdade é assim, o professor, o PUB é um programa da USP, que juntou um monte de bolsa em programa só. E aí tem as bolsas de pesquisas, e as bolsas de extensão, e aí geralmente tem os grupos de extensão, dos professores, e tem os de pesquisas que em tese seria grupos de pesquisas abertos onde os alunos podem se inscrever. Na prática o aluno procura o professor, o professor inscreve o projeto do aluno, para o aluno conseguir bolsa.

PESQUISADORA F: uhum. Mas é assim mesmo, mas no final seu projeto era de vestuário, de gênero?

Julia: não eu me inscrevi em um projeto de pesquisa que era de outra pessoa.

PESQUISADORA F: então você teria que escrever um projeto seu.

Julia: a minha maior dificuldade é definir um tema.

PESQUISADORA F: É nesse percurso que você está aí no MARIA, você não conseguiu pensar assim mais ou menos, no que você mais gosta, no que você tem?

Julia: a minha maior dificuldade é, eu penso nas coisas que eu mais gosto, mas é a mesma dificuldade que eu tenho no meu TCC, eu fico pensando em vários temas e fico alucinada. E não consigo definir. Não teve uma orientação, para a escolha do tema.

PESQUISADORA F: entendi.

Coordenador U: você acha que o que você fez hoje lá,

Julia: Bulling? Pode ser só não sei como seria a abordagem.

PESQUISADORA F: ou você pode pensar em alguma coisa da sua área. Para o MARIA.

Coordenador U: é.

PESQUISADORA F: aí você alinha os dois, usa como TCC, e também usa no MARIA. Você não vai ter dois trabalhos.

Coordenador U: tem que ser aqui com a gente.

Julia: só que eu acho que seria mais difícil, porque eu não tenho muita orientação.

PESQUISADORA F: você vai ter sua orientação da sua disciplina. Do seu curso, você não tem sua orientação?

Julia: tenho.

PESQUISADORA F: defina seu tema.

Julia: isso que é difícil, porque o professor teria que me orientar em uma pesquisa que eu estou desenvolvendo em outro grupo.

PESQUISADORA F: não, você só utiliza o espaço do grupo para aplicar o que você acordou com ele.

Coordenador U: é.

PESQUISADORA F: se você definir o tema com o seu professor.

Julia: mas é que não tem quase nenhum professor da área de (educação).

PESQUISADORA F: tá depois a gente conversa melhor sobre isso.

Julia: o tema que eu estava pensando em fazer, era da cidade de São Paulo, lazer, parques, e também elementos da gestão Dória, sobre a privatização.

PESQUISADORA F: entendi, então tá bom.

Julia: mas dá para fazer também uma pesquisa também, eu só não consigo definir um tema.

Monitora A: bom meu nome é Monitora A, a gente já teve uma conversa informal mais sobre o meu curso, então vou falar.

Risos

PESQUISADORA F: você está indo para qual mesmo.

GPP

PESQUISADORA F: GPP.

Monitora A: diferente de todo mundo aqui eu não sou bolsista PUB eu sou PIBID, eu estou acordada com o Prof. LP que a gente teria como foco esse processo de iniciação a docência e não teria nenhum projeto meu, seria só a comunicação com o grupo MARIA e a EMEI. E eu trabalhava mais com a Mestranda V, que fazia os projetos na EMEI, e acho que era isso, o meu era mais comunicação mesmo, de como a gente tinha que abordar, o posicionamento com as crianças.

PESQUISADORA F: então você, ficou acordado que você não teria projeto?

Monitora A: não, nenhuma bolsista PIBID tem projeto. Ele até falou que poderia ter, se a gente quisesse,

PESQUISADORA F: a ajudar.

Monitora A: mas que ele queria que a gente se dedicasse a ajudar o PIBID.

PESQUISADORA F: mas tem algo que você goste no que você está fazendo, que você gostaria de pesquisar mais a fundo? Porque você está o tempo todo lá no fundamental I né? Não é fundamenta I não né é menos ainda. É no infantil né!?

Monitora A: a gente trabalha com criança de 3 anos.

Monitora A: tem algo que te interessa. Que pensa nossa eu queria pesquisar isso? Gostei muito disso. Queria aprofundar?

Monitora A: que tenha a ver com o MARIA?

PESQUISADORA F: não da aplicação. Vai todos os dias eu estou na EMEI, eu gosto muito de tá vendo o que está acontecendo nesse sentido eu gostaria de pesquisar mais.

Monitora A: eu gosto muito dessa temática que a gente conversa com as professoras sobre o preconceito sobre as crianças (negras), é uma questão muito forte, elas se sentem excluídas, por causa do cabelo, por causa da cor, eu acho um negócio bem interessante.

PESQUISADORA F: e dá para trabalhar com o MARIA.

Monitora A: dá?

PESQUISADORA F: oh!

Coordenador U: uhum.

Monitora A: caramba as crianças parecem serem tão boazinha.

só a cara. (risos)

PESQUISADORA F: mas elas são boazinhas, mas elas não, não. Pelo mesmo formado do LIRA tá, que a gente fez a boneca LIRA lá. Para poder discutir isso. E o preconceito não vem com ela, elas passam a adquirir esses preconceitos e a gente tem que quebrar isso né.

Monitora F: é que eu tinha a impressão.... questão de gênero né! Nessa idade, porque hoje lá no CCA, os meninos falaram que tinha a menina chamada Maria Clara, só que ela era negra, e aí ela virou para o Maria escura apaga a luz.

Nossa.

PESQUISADORA F: mas isso aí é que vai ouvindo né!

Conflito de fala

PESQUISADORA F: é igual você vê na escola. Tem um monte de triciclo, tem rosa e tem azul, e a professora fala essa daqui é o seu, esse daqui é o seu. Ali você já está instituindo uma questão de gênero que não existe, porque a cor é feminina e a outra é a masculina.

Eu achei que tivesse mais preconceito de gênero e não de raça.

PESQUISADORA F: acho que tem de tudo, e tudo e coisa que a gente coloca quando fala lápis cor de pele. Quando você fala sobre tudo isso na escola, você está reforçando essas questões. Isso é muito legal discutir com eles pequenininhos, pra vê, porque quando você discuti isso lá no inicio, você já cria lá essa discussão para a vida deles. Isso é bem interessante.

Cali: meu nome é Cali eu faço obstetrícia, e eu entrei no MARIA, na verdade porque eu me interessei pelo grupo em si, como um todo. Eu tinha uma amiga minha que ela participava do grupo, mas agora ela foi para o Banca da Ciência, do MARIA, e ela sempre me falava das aplicações, do grupo e tal. E eu sempre me interessei muito. Só que no, não sei em algum ano, primeiro ano da faculdade eu acho eu me inscrevi em uma bolsa e eu não consegui bolsa. Ai eu fiquei sem bolsa e tal. Aí no segundo ano, eu perdi um dos auxílios, então eu precisava de uma bolsa, e eu tinha me inscrito de novo em dois projetos de obstetrícia, só que como foi o que ela falou, que o aluno, procura um professor. E o professor entrega o projeto para ele, aí eu não consegui bolsa de novo. E tinha pessoas naquele projeto, e aí eu fui em uma das aplicações da Mestranda V, no infantil com o MARIA, convidada pela Maria, e aí eu tipo e aí sei lá eu me encantei com o projeto, e aí queria fazer parte. Só que na verdade eu não entendia o que era sabe. Eu achava que eu estando aqui eu estaria ajudando, as pessoas que pesquisava.

PESQUISADORA F: as pessoas do projeto fazer suas pesquisas.

Cali: tipo o Coordenador U e a Mestranda V, e a Renata, a fazer as pesquisas deles, não que eu tivesse que ter uma pesquisa minha. Mesmo eu recebendo bolsa. Pensei que.

PESQUISADORA F: entendi, entendi.

Cali: faz mais ou menos um mês e pouco atrás, a Mestranda V teve uma conversa com a gente, bem assim, o porque da gente ter um projeto, que o nosso projeto é, quer dizer que a nossa bolsa é de pesquisa, precisa de um projeto, mas eu não consegui pensar em alguma coisa para pesquisar, eu gosto mais do infantil, eu acho, não que eu não goste das crianças maiores.

PESQUISADORA F: pra você.

Cali: é indiferente.

PESQUISADORA F: entendi. Tem preferência mas que não seja excludente.

Cali: e a minha área como é obstetrícia, não tem muito como eu aplicar a minha área no projeto, eu acho, porque e daí como que eu vou ensinar...

Coordenador U: faz uma brincadeira no parto.

Cali: as crianças o que é violência obstetra.

PESQUISADORA F: acho que isso daí não, mas dá para falar de outras curiosidades com certeza nessa área.

Cali: tipo como eles nasceram?

PESQUISADORA F: e usando a brincadeira nesse sentido. Né, dá para fazer muita coisa.

Quê, aí que susto.

Cali: introduzindo a sexualidade (fala não identificada).

PESQUISADORA F: aí o bicho pega. Na sexta série, as mães já enlouquecem, imagina com os pequenininhos.

Coordenador U. Né. Com 3 anos.

Cali: mas eu acho que poderia ser, alguma coisa com gênero. Tipo levar umas bonecas e uns paninhos, e aí ensinarem eles a brincarem com as bonecas, daí tanto os meninos quanto os meninos. Para meio que eles aprenderem que todo mundo cuida do bebê. Tipo tanto os meninos quanto os meninos.

PESQUISADORA F: é isso é legal, bem legal, e mais que isso você vê o que eles entendem de quem cuida do bebê. Você disponibilizar carrinho e bonecas e tudo e vê o que cada um vai pegar. Se as meninas só pegam as cadeirinhas com os bebês. Se os meninos só pegam os carrinhos e fazer uma discussão a respeito disso. É só a mamãe que cuida, e só o papai que anda de carro. Dá para fazer bastante coisa. Beleza. A gente conversa.

Artur: eu sou o Artur, e eu faço Marketing, e eu sou voluntário, da equipe Prof. LP, porque ele é meu professor, e falou sobre o projeto, que poderia substituir algumas notas (risos), e aí né é do meu interesse. E eu vim substituir essas notas pelo projeto, mas também já de olho de uma possível bolsa. Mas acho que saí por agora essa bolsa.

PESQUISADORA F: saí pelo próximo semestre.

Artur: é então.

PESQUISADORA F: você não teve bolsa, não porque não quis, porque não tinha.

Artur: eu acabei de entrar.

PESQUISADORA F: ele não é aquele que foi voluntário e queria outro...?

Coordenador U: não, não.

Artur: olha os podres.

PESQUISADORA F: não só falamos sobre as bolsas. (risos)

Artur: ah eu tenho dúvidas, se eu quiser a bolsa, eu tenho que escrever um projeto, tenho que me inscrever em um projeto que já existe?

PESQUISADORA F: a gente vai falar então! Tá, sobre os próximos projetos. Você já tem, quanto tempo você está no grupo?

Artur: 2 meses.

PESQUISADORA F: tem 2 meses.

Coordenador U: por aí.

PESQUISADORA F: você já tem algo em mente ou ainda não?

Artur: do que eu poderia pesquisar?

PESQUISADORA F: é.

Artur: é então, eu já queria, tipo matar duas coisas, em um tiro só, eu já queria fazer como meu TCC, mas trabalhar bem essa parte de marketing infantil, e marketing acessível para as crianças.

PESQUISADORA F: tá. Não esses dominadores né. Que colocam o brinquedo no lanche, para fazer você querer comprar o lanche por causa do brinquedo.

Coordenador U: eles deviam ser proibidos.

Risos.

Conflito de falas.

Suzane: eu sou a Suzane, na verdade eu tinha feito uma matéria no final de 2015, igual a dele, para substituir notas e tal, e eu fiquei como voluntária,

PESQUISADORA F: Você era de LCN agora é têxtil.

Suzane: eu era de LCN, agora sou têxtil, e aí eu fiz essa matéria também, e fiquei como voluntária por um tempo no MARIA, e aí depois eu fui para a bolsa PIBDI, e aí fiquei por algum tempo também, e aí é o ano passado eu escrevi um projeto por orientação da Mestranda V, um projeto para as crianças, ver os discursos contra hegemônico, por meio das fantasias, eu acho que foi no que ela se inscreveu.

PESQUISADORA F: como é o projeto, os discursos?

Suzana: ver os discursos de gênero das crianças por meio das fantasias.

PESQUISADORA F: por meio de fantasias?

Suzana: por meio de fantasias e de pinturas.

Julia: o que eu me inscrevi, era desconstruindo os discursos hegemônico através de filmes de iniciação científica.

PESQUISADORA F: ah tá!

Suzana: e aí eu me interessei pelo MARIA, desde quando eu era voluntária, porque eu gosto de crianças e eu sempre gostei das aplicações, e eu não sei mais o que aconteceu eu não tenho mais o projeto.

PESQUISADORA F: mas no fim, você está igual, ela né que está assim. Teria que escrever um projeto.

É um novo problema.

É.

Conflito de fala.

PESQUISADORA F: é que eu sou nova no grupo, e eu queria conhecer vocês, e aí cada um fala o nome, o curso que faz, qual o projeto que têm no MARIA.

Monitor C: eu me chamo Monitor C, eu comecei no MARIA do mesmo jeito que o Artur.

PESQUISADORA F: você também começou no EMMA?

Artur: não como voluntário por nota.

PESQUISADORA F: ah tá como voluntário.

Monitor C: eu comecei como voluntário, aí eu fiz um projeto, e um mês depois eu vim pra cá, para o grupo MARIA.

PESQUISADORA F: por escolha?

Monitor C: não foi por orientação do Prof. LP. Deixar o LIRA só com as meninas, ele pediu pra gente, para eu vir pra cá. Aí eu não cheguei a escrever um projeto, eu escrevi um projeto para fazer parte desse último ano, só que eu não peguei bolsa, só que eu inscrevi um projeto e deixei lá, e eu estou participando como voluntário mesmo. Eu estou ajudando o pessoal.

PESQUISADORA F: você deixou lá como assim, você inscreveu o projeto, mas não pediu bolsa?

Monitor C: não.

PESQUISADORA F: mas você deixou lá onde?

Conflito de fala.

Monitor C: para outras pessoas se inscreverem. Não sei se alguém se inscreveu, eu não peguei PUB, eu fui fazer monitoria. Era de jogo, RPG, eu queria fazer agora, só que não estava dando muito certo, eu estou ajudando mais o pessoal a fazer o deles.

Conflito de falas.

PESQUISADORA F: você pretende pegar bolsa, para o próximo semestre ou ficar com monitoria.

Monitor C: voluntário.

PESQUISADORA F: vai continuar como voluntário.

Artur: está na monitoria do que Monitor C?

Monitor C: Conflito de fala

Monitora A: você é de que curso?

Monitor C: marketing.

Conflito de falas

Risos

Agente não vai falar da aplicação.

PESQUISADORA F: eu já vou acabar e a gente vai para a aplicação, era só para conhecer mesmo vocês. Que vocês me contassem dos projetos, para a partir daqui eu conseguir ajudar vocês nos seus projetos particulares, a proposta é que eu traga uma contribuição. Para que vocês façam a pesquisa pessoal de vocês, e que isso seja uma formação pessoal, porque não adianta eu tá em um grupo, eu vejo assim, que não adianta eu tá em um grupo que eu só ajude uma pesquisa de outra pessoa, e que nada me acrescente, e eu tenho que pensar nisso futuramente, logo vocês vão se formar, ganhar algo com meu currículo, já me ajuda no que eu quero atuar, quando eu penso no meu projeto de pesquisa eu já penso em chegar com um olhar diferencial. Na aplicação, eu não vou só para aplicar, o que a gente combinou aqui na sala, com um olhar diferente do que a gente aplicou aqui na sala, então a ideia é que a gente converse daqui pra frente. A respeito dos projetos, aí a gente vai fazendo conversas individuais, já que cada um tem um projeto. Então assim se caso, nas próximas reuniões, a gente vai conversar para não acontecer o que já aconteceu, mas se nas próximas reuniões eu chamar individualmente, é porque cada um tem um projeto, pra gente pensar e conversar, como dar andamento nisso aí. E esse projeto PUB de vocês acaba agora em agosto, né e tem que ser feito um relatório, o Coordenador U Paulo comentou dos anteriores que as pessoas faziam os relatórios, ele falou que a partir de agora, vai ser mais exigente, então ele vai querer um relatório mais organizado. Então para vocês não tomarem um susto na hora de entregar o relatório, a gente já ir pensando, como fazer esses relatórios, e como vai ter pedido de bolsa de próximos, como vai ter novos pedidos de bolsas, então a gente quer saber quem tem interesse, quem tem algum projeto de pesquisa em mente, pra gente já começar a pensar nisso também.

Coordenador U: principalmente porque o grupo anda, e o Prof. LP estava informando pra gente que dessa vez, vão ser mais limitadas, então é ano passado por sorte a gente teve muitas bolsas disponíveis, e que dessa vez vão ser seis por grupo. E que ele quer que tenha mais pessoas que participem daqui do MARIA. Na verdade, o que falta aqui são voluntários né. Tem o Artur que é novo aqui no grupo e o Monitor C. E o semestre que vem a gente vai ter seis bolsas só.

PESQUISADORA F: então não é certeza ainda.

Coordenador U: não é certeza ainda, pode ser que sejam menos. Então é importante que vocês já comecem a pensar em projetos, provavelmente a submissão deles vai ser lá por agosto. E dessa vez vai ter que estar super bem escrito, e tem projeto que ainda tem que entregar o relatório, são dois trabalhos, tem que entregar o relatório do projeto atual do que vocês estão desenvolvendo. Então tem que achar um tema aí rápido e a gente tem que conversar.

Aí tem que entregar junto com o relatório?

Coordenador U: uma coisa é relatório, se você quer continuar e continuar com uma bolsa por mais um ano, você tem que ter um projeto de pesquisa, isso é uma coisa mais simples. Você tem que entregar o relatório.

Não, mas e o projeto de pesquisa?

PESQUISADORA F: no caso dela que ela não tem, a gente tem que sentar, parar e pensar em um projeto para ela.

Coordenador U: ah tá, tá.

PESQUISADORA F: não o projeto tem que ser concluído, você tem um prazo menor porque esse tempo foi passando, e foi deixando, mas você tem que concluir, então tem que passar em algo viável. Isso pode ser um artigo que é mais interessante.

Coordenador U: vamos conversar eu acho que o que a gente fez hoje já dá para sair alguma coisa, vocês tiraram.

Monitora A: e eu que sou PIBID, porque não aparece mais no júpiter, então eu não sei como está essa coisa de data, se eu tenho que fazer alguma coisa.

PESQUISADORA F: ele não falou.

Coordenador U: ele não falou.

São dois anos.

Monitora A: são dois anos.

Conflito de fala.

Monitora A: não é que antes eu era bolsista PUB e valeria por um ano né, mas ele trocou minha bolsa de PUB para PIBID o mês passado e eu não sei se eu tenho que fazer algum procedimento para renovar, o que, que eu faço, porque no sistema júpiter, não é igual o PIBID, então eu não sei como eu tenho que proceder.

PESQUISADORA F: o que ele falou é que PIBID também tem que fazer projeto. Eu só não sei se o prazo é o mesmo, então eu preciso ver o prazo, só que isso não foi comentado.

Coordenador U: entregar um relatório pronto do projeto, igual todos tem aqui, já específico, mas você vai ter que pensar em um projeto de pesquisa para 2017 e 2018, para o futuro.

Monitora A: nessa linha que eu falei aqui.

Coordenador U: sim

Monitora A: ah eu entendi.

PESQUISADORA F: esse projeto a gente pode sentar para conversar, e pensar em um grupo como um todo, o projeto ele tem que ter a ver com você, mas tem que ter a ver com o grupo. Não adianta vocês fazerem projetos pessoais se a gente não pode aplicar no grupo. Então toda

vez que a gente pensar em uma aplicação, tem que pensar em algo que seja viável para todo mundo, e que nem sempre vai ser o projeto tem que ter a ver com o projeto como um todo, com a proposta do grupo. E essa proposta do grupo é o que a gente tem que pensar também.

Coordenador U: eu vou pedir para a Ciça substituir a Mestranda V pra ela vir na próxima reunião, explicar um pouquinho do projeto dela, também com o infantil. O meu projeto acho que vocês já sabem né, a questão dos super heróis, no fundamental 2, isso ainda continua, mas acho que ela formado do infantil, dos interesses ali fique mais voltados, acho que isso pode ajudar bastante, certo? E a gente tem que conversar um pouco mais.

A gente?

Coordenador U: eu, você o Monitor C você vai continuar voluntário né.

Monitor C: uhum.

Coordenador U: tá. Agora

Artur: e eu vou fazer o que da minha vida.

Conflito de fala

PESQUISADORA F: só para concluir o negócio do projeto a princípio são 6 bolsas para o próximo ano né. Essas 6 bolsas serão selecionadas por nós a princípio e depois selecionada por ele. Então assim, o Coordenador U mais que ninguém conhece o grupo e sabe quem participa ativamente, quem gosta, quem está ali, e ele vai pegar os projetos, tipo aqui tem mais que 6 pessoas, ele vai pegar os projetos, vai lê, a gente vai escrever junto, todo mundo se ajudando, vai lê, vai ver quem efetivamente vai participar, na questão também, e aí depois vem o parecer do Prof. LP, né que.

Artur: mas que assim é que tem diferença entre cultura e extensão no PUB ou não?

É que aqui não cabe extensão.

Artur: mas é que tipo assim, eu vi que fez o projeto, e que na hora se inscreveu no projeto, eu quero saber qual a diferença entre isso.

PESQUISADORA F: agora vai ser PUB, e teoricamente cada um escrever seu projeto.

Artur: eu que vou ter que inscrever o projeto.

PESQUISADORA F: não existe mais isso, cada um vai escrever o seu projeto, e ele vai colocar e publicar, os projetos que já estão selecionados, vamos assim dizer, na época que elas se inscreveram e já tinham pessoas, é sempre assim, então se você, vai vocês 4 tem seus projetos e foram selecionados, eles vão ser inscritos, e se tiver bolsa suficiente é seu projeto, pode outras pessoas se inscreverem, mas o projeto é seu, então por isso que tem que ter.

Artur: pensei que tivesse mais de um PUB por projeto, e que outras pessoas de foras poderiam se inscrever naquele projeto.

PESQUISADORA F: eu acho que é mais para facilitar né, para ele não inscrever um monte de projetos, projetos diferentes e aí colocava mais de um por projeto. Acho que era mais por isso.

Coordenador U: certo. Então vamos falar das intervenções de hoje, foi um dia bem corrido, é o último do nosso semestre, o grupo teve que se dividir, vamos começar pelo CCA então, eu gostaria que a dupla aqui querida falasse um pouquinho da proposta o que vocês fizeram quais eram os objetivos que vocês queriam tratar na intervenção e o resultado. Você foi com elas? As duas duplas.

A gente pegou a proposta em um livro que tinha vários jogos envolvendo, tinha sugestão.

Reunião 12 de junho de 2018

Monitora F: Então tudo bem com vocês? Eu estava vendo os relatórios de vocês, vocês têm alguma dúvida, alguma dificuldade, a respeito não do relatório final, mas dos relatórios das aplicações?

Monitora A: Como assim?

Monitora F: é que tipo?!

Monitora A: eu queria vídeo, é você que está com vídeo?

Monitor B: eu não mandei para você o vídeo Monitora F?

Monitora F: da reunião?

Monitor B: é mandou. Você queria o vídeo da reunião?

Monitora A: não! da aplicação.

Monitor B: Ah!

Monitora F: não, está no celular do Monitor C.

Monitora A: Ah! Está com o Monitor C?!

Monitora F: Uhum!

Monitor B: Qual aplicação você está formado?!

Monitora A: eu gravei o dos, dos, dos...

Monitor B: O da torta na cara?

Monitora A: eh!

Monitor B: Qual, foi a sua que a gente foi jogar bola?

Monitora F: é foi a minha.

Monitor B: eu te mandei?

Monitora F: não lembro. Mas é que era mais livre a bola. A sua eu gravei, só que eu gravei com o celular do Monitor C, então está no celular dele.

Monitora A: essa é minha única dúvida mesmo, porque eu preciso deles, para que eu consiga desenvolver, porque para trabalhar em cima das falas, eu já nem me lembro o que as crianças falaram, detalhadamente.

Monitora F: Mas eu digo tipo dos outros relatórios, que você participou de outras aplicações, e você precisava fazer relatório das aplicações que você participou, você teve alguma dúvida, de como, do que ter no relatório, para desenvolver?

Monitora A: eu estou fazendo os relatórios baseados naqueles anteriores, na época do PIBID, introdução, desenvolvimento e conclusão de tudo, eu acho que está completo daquele jeito, mas se não tiver você me fala.

Monitora F: o que não pode deixar de faltar no relatório, são os eventos que te chamaram atenção e a razão desses eventos. Então por exemplo, na sua brincadeira, um evento que te chamou atenção foi, que a menina escondeu a bala quando ela ganhou.

Monitora A: Nem lembrava disso.

Monitor B: se ela não tivesse falado, eu nem tipo, não teria puxado automático da memória, ia ficar lá.

Monitora A: gente não lembro de nada disso!

Monitora F: aí por exemplo, você coloca lá na sua aplicação, aí você coloca que você deu a distribuição e coloca que a menina não se sentiu confortável diante dos demais, porque quando ela recebeu as balinhas, ela escondeu as balas, ela não contestou, você coloca que ela se sente confortável, mas você coloca uma relação causal, por ter se sentido confortável, porque senão você vai estar tirando da sua cabeça, porque ela se sentiu confortável.

Monitora F: exatamente, tipo então, é você olhar para uma coisa e, você fez a ata Monitor B,

Monitor B: não sei estou pensando.

Monitora F: Por favor, obrigada.

Monitor B: estava pensando aqui.

Monitora F: valeu.

Monitora F: é olhar para aquela coisa, e falar o porquê você teve a percepção daquela coisa, isso é análise dos dados, isso é você analisar e interpretar os dados que você coleta, porque muitas vezes as coisa são subjetivas, ela se sentiu confortável, mas o fato dela ter escondido o negócio, e não ter contestado, mostra que ela se sentiu desconfortável, tipo e são coisas que não vai tá no seu relatório, porque não tem vídeo, as pessoas não estavam lá, então tem que meio que falar porque que isso acontece. Porque são meio como minhas crianças, que eu coloquei que elas não estavam muito interessados na discussão, porque eles queriam ficar subindo nas grades das traves, queriam ficar se pendurando no negócio do basquete, e mostrou que eles não estavam afim de discutir porque eles queriam brincar de qualquer outra coisa, do que fazer a proposta que era discutir. Manja e se eu colocar que eles não estão interessados.

Monitora A: fala não identificada

Monitora F: então você não analisa seus dados. O fato de eles não estarem interessados é um dado, manja, o fato dela ter se sentido confortável com aquilo, é um dado que você pode analisar, porque será! Será que está dentro do contexto, e aí analisando a fala dela e dos meninos

aí você consegue, achar, achar isso. Daí nos relatórios de diários de bordo, como a gente está fazendo os relatórios das aplicações que a gente vai, então esses relatórios vão servir para as pessoas, não fizeram por exemplo. Nessas aplicações o meu relatório vai servir, a do Monitor C vai servir, a do Monitor B vai servir, a da Monitora E vai servir, sabe, aí todo mundo vai fazer o relatório, aí você vai ver esses relatórios, e vai ver essa análise, e vai ver, supor que tipo que o Monitor B viu que no grupo dele, que um menino, tomava a frente dos outros, aí por que? Ah! O menino X era mais participativo, porque ele se propunha a fazer as coisas, ele corria mais rápido que os outros na hora de dar a partida, eles estava sempre tentando se colocar na frente do grupo, enquanto a menina não era participativa, porque durante a brincadeira ela não quis brincar, ela ficou sentada, mexendo no celular, ficou sentada olhando o que estava acontecendo, ficou sentada conversando com os outros garotos. Entende?!

Monitora A: Aham!

Monitora F: aí você consegue ter uma visão, um parâmetro do que tá acontecendo a partir, dos outros relatórios, e eu estava vendo isso nos relatórios gerais, assim, que vocês postaram, que não tá tendo esse tipo de análise, está meio que descritivo né. É o relatório, descrevendo o que aconteceu na brincadeira, é importante é. Porque você descreve a partir da sua perspectiva que você teve naquele momento que não é a mesma que eu tenho.

Monitora A: mas, tipo percepções pessoais.

Monitora F: não está sendo dados, e análise de dados é uma coisa importante que vai entrar no nosso relatório final, e é importante a gente fazer esse relatório final, por conta do PUB né! Você vai ter interesse em pedir PUB, para esse próximo semestre?

Monitora A: eu acho que sim.

Monitora F: para qualquer coisa, você precisa, se não for com o Prof. LP, com qualquer outro professor, você precisa entregar esse relatório, e eles tem que tá bem escrito.

Monitora A: esse relatório que estamos fazendo é para chegar no PUB?

Monitora F: em agosto até o dia 10 de agosto, não tenho certeza, mas eu acho.

Monitora A: eu já estava meio que, no que eu fiz em casa mesmo, eu já estou meio que arquitetando, praticamente um PUB, já colocando aquela parte do que é o Maria, do que é o Alice, já estou pensando que é para o PUB, então não estou fazendo um trabalho a toa.

Monitora F: não é no relatório do PUB você vai colocar.

Monitora A: não é porque eu fiz um o ano passado, têm algumas coisa que não muda.

Monitora F: exatamente, é a mesma coisa do ano passado, e a gente tem que tentar melhor, de melhorar mesmo na formação, querendo ou não nós somos um grupo de pesquisa, que pode tornar esses momentos de grupos de pesquisas, um momento de formação, você conseguir sair daqui escrevendo bem, escrevendo um artigo, conseguindo ler, interpretar, divulgar, manja, sabendo entender como que se dá um trabalho científico. Porque a gente não tem isso né na graduação, a gente tem RP1, mas é um a coisa super rasa e as vezes nem é!

Monitora A: eu estava super a afim de ouvir aquela RP só como ouvinte, só para lembrar da estrutura de como fazer (fala não identificada).

Monitora F: e querendo ou não a gente em um grupo de pesquisa trabalha isso, a gente tem nossa formação acadêmica pessoal, o que você quer fazer depois da academia Monitor B?

Monitor B: ah!?

Monitora F: Você tem alguma noção, suas vantagens? Quais são seus planos?

Monitor B: eu penso muito em fazer uma pós graduação, talvez no Canadá com foco mais, alguma coisa mais focada no meio ambiente. Principalmente talvez, a respeito do sistema econômico influenciar no meio ambiente ou ... ainda é muito extenso, mas muito amplo, mais ainda não decide, mas pós graduação fora é uma coisa que eu tenho bastante firme mais para frente.

Monitora F: e você?

Monitora A: é... mercado precário

Monitora F: querendo ou não i

Monitora A: concurso

Monitora F: concurso, tudo que a gente vai fazer depois daqui, vai exigir que a gente escreva bem, que a gente leia bem, que a gente tenha uma boa base, seja no mercado privado que você vai ter que entregar relatório, e você vai ter que ter, tipo, base para dialogar com as pessoas, enfim se colocar né, quanto você monitor B, principalmente né, do que a Monitora A.

Monitor B: sim, eu estou pensando em fazer, em seguir a área acadêmica, em virar professor futuramente, mas no meu caso eu tenho que desenvolver muito essa parte. A pior coisa que eu consigo fazer é escrever texto, ignora (risos).

Monitora F: mas o nosso grupo é um grupo de formação, tipo, a gente está aqui para aprender, para ler, para saber

Monitor B: sim

Monitora F: e usar as referências, para tipo olhar um problema, tipo, e resolver o problema, com base e não só tipo na loca, é um grupo de formação e é muito importante que a gente escreva bem. A parte das análises dos dados, ela entra nos nossos relatórios entende, exatamente participa análise de dados, e essa coisa, de você falar que aconteceu isso por conta disso, ou eu tive essa percepção por conta disso, entra na parte de análise de dados. Manja! Então se a gente tipo, estiver tudo isso bem estruturado em nossos relatórios, na hora de escrever o relatório final, vai ser muito mais rápido, Porque você vai só ali pegar as partes e colocar análise de dados, esse é nosso objetivo com tudo isso é simplificar, pra quando chegar lá na frente ficar um negócio mal feito, e a gente faz no desespero, é a coisa que você colocou da outra vez, que a gente se propõe a fazer uma coisa, tem que fazer um negócio bonitinho. Até mesmo, por conta que, entra no nosso currículo, conta como iniciação científica, a gente eventualmente vai apresentar isso no CICUSP, ou pode usar isso, como o Prof. LP quis usar sua atividade que foi uma das melhores atividades, ela foi pensada, ela foi estruturada, então é uma atividade que foi pensada, que tem muita coisa para gente olhar, pra gente analisar, então é importante.

Monitora A: a única atividade é a minha?

Monitora F: ele estava separando as melhores, as atividades que ele gostou, para ele colocar em um projeto, pra ele enviar e apresentar em algum lugar, e sua foi uma estrutura pensada, organizada, estruturada, assim que se faz a coisa acontecer né?!

Monitora A: vocês não imaginam a dor de cabeça que eu tive?

Monitora F: mas valeu apenas não valeu?!

Monitor B: do relatório?

Monitora A: não para fazer a atividade, para conseguir, os equipamentos.

Monitor B: Ah!

Monitora A: depois eu conto.

Monitora F: deu certo, não deu? Deu super certo!

Monitora A: uhum

Monitora F: aí o que eu senti nos relatórios foi isso, eu não estou sentindo, as análises dos dados, de você ver uma coisa, que te chama atenção e colocar o porquê te chama atenção. E seria interessante a gente começar a pegar mais nisso. E a gente tem que começar a pegar mesmo, porque é para agosto, querendo ou não, inclusive se vocês tiverem, você tem interesse Monitor B de colocar o PUB? De conseguir bolsa PUB?

Monitor B: eu tenho, mas não pelo MARIA, eu vou fazer com o meu professor de ambiente terrestre.

Monitora F: entendi.

Monitor B: não pelo Prof. LP.

Monitora F, já estão abertas as inscrições, até o dia 22, vocês viram a mensagem?

Monitora A: eu vi!

Monitora F: misteriosa.

Monitora A: fala não identificada

Risos

Monitora F: então tem que fazer a inscrição lá no júpiter rapidinho né.

Monitora A: ah não é inscrição para o projeto é inscrição para o PUB.

Monitora F: PUB.

Monitora A: eu estava na dúvida quando olhei aquilo.

Monitora F: faltam 10 dias, então é legal não esquecer.

Monitora A: Agora.

Monitora F: façam o mais rápido possível, porque tem que se inscrever para o PUB, para depois se inscrever para o projeto do PUB.

Monitor B: uma dúvida, aquele negócio do PAFE, você precisa tá inscrito nele, para poder ter o PUB?

Monitora F: sim

Monitor B: eu estou inscrito no PAFE, saiu o resultado eu não solicitei nenhum benefício, solicitei, mas que não era obrigatório solicitar, no registro, no relatório, tinha que registrar um dos benefícios porque se não, você não conseguia avançar.

Monitora F: ah tá porque você queria o PAFE, para poder ter o PUB né?

Monitor B: só que eu não estava interessado em ganhar nada do PAFE, eu não necessito dos benefícios, auxílios, aí queria ter o PUB, só que para ter o PUB, você precisa do PAFE, e eu não fui aceito no PAFE, e eu não sei se eu estou inscrito, mas não estou recebendo.

Monitora F: mas pera, você não foi aceito como?

Monitor B: ehh.

Monitora F: é melhor mesmo (risos), que eu consigo te explicar melhor.

Monitor B: porque tipo, a minha maior dúvida foi a respeito de, eu entrei em contato com a assistente social, que abriu as inscrições, oxe,

Monitora A: fala não identificada.

Monitora F: eu faço aqui para vocês, um acompanhamento.

Monitor B: ah deve ter dado (bug) na senha também, bom depois eu mostro, mas enfim, precisava eu me inscrever no PAFE, não recebi nenhum benefício, mas agora eu posso me inscrever no PUB então?

Monitora F: sim, mas deu erro por que?

Monitor B: ehh!

Monitora F: deu como não qualificado?

Monitora F: não qualificou?

Monitor B: é isso.

Monitora F: eu acho que você tem que fazer o processo para inscrição para o PUB, porque o PUB ele abre para o PUB, tipo o PAFE ele vai te inscrever para o PUB, mas são dois processos diferentes. Tipo é o mesmo, quem já está inscrito no PAFE, não precisa, mas para quem não é o mesmo processo, como entra só com o PUB, você teria que entregar seus documentos agora, manja, aí tem que ver o edital do PUB.

Monitor B: para poder.

Monitora F: os dias que você vai ter que entregar.

Monitor B: a documentação.

Monitora F: mas são dez dias Monitor B, você tem que correr, vê isso logo.

Monitor B: eu vou ver isso, hoje ainda.

Monitora F: então dos relatórios eu senti isso, e também tem as atas. As atas são importantes que elas sejam, que você lê e que você se sente no lugar. Que está acontecendo e que você consiga entender pela ata o que aconteceu na reunião. E as atas elas também são importantes porque ela entra como uma atividade do bolsista né, quando a gente entrega o PUB, está lá as atividades do bolsista, e entre essas definições entra a ata. Então no seu projeto você vai ter que falar sobre as reuniões, e você vai ter que falar sobre a ata, que teve as atas que vocês fizeram, que nós fizemos né! E que, como que é essa ata? E se for uma ata meio vazia, eles vão ler seu relatório e tipo cara, banquei esse bolsista para ele fazer uma ata com meia dúzia de linhas, que

não fala de... sabe! Porque é um método de formação. Então o objetivo do PUB, além da questão financeira, é a formação do aluno, para pesquisa, para o meio acadêmico, e querendo escrever uma ata, faz parte dessa área acadêmica. Então é importante que nossa ata seja bem escrita. Porque eu estava vendo, olhando as atas, as nossas atas, e elas são meios sucintas, meio confusa, tem um modelo que a Pesquisadora F postou, que eu estou procurando aqui, aí eu mando para vocês seguirem o modelo dela, porque está bem definido, bem detalhado mesmo.

Monitora A: eu acho que é confuso mesmo, porque é muita gente quando a gente está fazendo, principalmente, para escrever fulano falou tal coisa. E fulano falou tal e tal coisa.

Monitor B: risos. Ah sim, sim talvez, ah meio.

Monitora A: gente quem é essa daqui, aí não vai entender!

Monitora F: é eu entendo essa necessidade, a gente pode pensar então em um jeito em tentar sistematizar isso.

Monitora A: aí eu lembro que em uma época quando a gente estava decidindo as intervenções, ah tem a intervenção da Monitora F, nome, nome e tal, só que um tempo depois a Fabi falou que tinha que ser texto corrido, aí fica confuso.

Monitor B: tipo

Monitora F: da ata.

Monitor B: e copiar justamente aquilo que fala, é um negócio...

Monitora F: não copiar exatamente o que fala, eu estou pensando aqui agora, que a gente está tendo essa dificuldade, quem está presente na reunião tem que ter, que está aqui na turma, a gente tem que ter, saber quem veio quem não veio, saber com quem conversar né, aí eu vejo que você estava aqui eu vou conversar com você, porque eu vi que você estava presente na ata, é estava pensando aqui da gente estabelecer tipo pautas, antes da gente começar a reunião, a gente vai falar disso e disso e disso, a gente vai falar de ABC e D, e aí quem estiver fazendo a ata coloca A e decorre sobre A, B e decorre sobre B, C e fala sobre C, e porque as vezes a gente cruza muito assunto né!

Monitora A: é!

Monitora F: aí a gente começa em um e depois vai para o outro, é natural porque é um grupo a gente tem uma certa afinidade, não é de todo impessoal, digamos assim, mas talvez se a gente tentasse manter essa organização, não fosse tão difícil de decorrer sobre os assuntos né! Aí já vim e estabelecer o que vai ter e seguir essa linha, para a gente conversar, mas enfim, pensar sobre, e a gente coloca as considerações finais e colocar por esses assuntos, as pautas, ajudasse. A gente pode fazer isso na próxima porque nessa (risos). Mas é isso. Do relatório final, que você começou a escrever, você tem alguma dúvida?

Monitora A: no sentido vai casar com o projeto, por que eu achei, que quando eu peguei aqui, praticamente quando eu escrevi eu peguei toda base, eu aprendi com o uma matéria do professor Alessandro, tipo bibliografia, mas eu aí não sei o que dá para fazer (fala não identificada).

Monitora F: do Alessandro de psicologia.

Monitora A: é a matéria que eu fiz com ele era de política públicas, (fala não identificada), eu apliquei em um projeto que eu fiz, se eu estou indo pelo caminho certo.

Monitora F: entendi. Meu celular, meu e-mail ele não deixa eu logar, com aparelho estranho, toda vez que eu tento logar com um computador que não é o meu, que não é o meu celular ele não deixa, eu tenho que autorizar pelo celular para ele deixar eu logar.

Monitor B: eu tinha problema também, como eu resolvi.

Monitora F: tendo o celular perto é legal. Mas quando ele não está perto é difícil, aqui eu já recebi um alerta de segurança. Que estou conectando meu e-mail em outro computador, não tem, enfim.

Monitor B: as vezes me irrita, a segurança exagerada do Google, coloque seu número de telefone, para colocar o login que você vai receber, assim poderá acessar seu e-mail.

Monitora F: eu tinha logado, no computador dele, e aí ficou, vendo a minha vida por e-mail, a gente se separou, aí eu coloquei.

Conflito de fala

Monitora F: nossa quando eu comia a massinha

Monitora A: humm.

Monitora F: eu não consegui, é que eu não li sei relatório antes, é o documento. É que você falou da massinha!

Monitora A: massinha?! oh meu Deus

Monitora F: é o documento que você me mandou, o relatório da massinha, acho que você me mandou o documento errado. Está aqui o relatório MARIA 2018, que tem o registro do seu projeto.

Monitora A: ai eu mandei o errado.

Monitora F: materiais e equipamentos eletrônicos, mas isso entra no seu relatório, é que esse aqui é o relatório da sua atividade da sua aplicação.

Monitora A: humm ... eu acho que mandei errado mesmo.

Monitora F: da sua aplicação da massinha que a gente fez, lembra?

Monitora A: ah lembro, não.

Monitora F: massinha com cor de rosa, título.

Monitora A: quer dizer... não foi esse que eu fiz, eu mandei errado, vai ficar para a próxima né gente. Ai que ódio. Não acredito, eu mandei errado.

Monitora F: mas é bem legal essa estrutura. Acho que a gente pode conversar, sobre manter essa, é porque tem pouca gente, faltou o Monitor C, a Monitora D e a Pesquisadora F. Ou seja 50% do grupo não está aqui. Ai não dá pra gente tomar decisões. Acho que dá pra gente conversar de manter isso. Que nem está essa estrutura aqui. Que você colocou no PIBID, só alterar os resultados, colocar o que eu acrescentei anteriormente que era que tem faze né, acho que assim fica melhor mesmo, que vocês acham?

Monitora A: eu não sei, eu estou olhando aqui o que eu te mandei.

Monitora F: é o da massinha.

Monitora A: ah! Acho que a Fabi não viu também né?

Monitora F: então por exemplo aqui nos resultados, do da massinha, você fala como seu deu, o processo para você chegar, na sua ideia, daí teria que colocar os resultados, da aplicação.

Monitora A: humm... eu não vou usar esse daqui.

Monitora F: é isso a gente pode ver, quando o Monitor C e Monitora D estiverem aqui, para ver esse tipo de relatório, a gente faz a questão, porque você viu o que? E por que você viu? Mas achei legal. Aí para a semana que vem, teria a aplicação, do Monitor C, que seria nossa última aplicação, no entanto o Monitor C não está aqui, porque a gente tem que pensar para a semana que vem, como é que vai ficar a vida. Se vai ficar se não vai ficar, porque esse dia 19, vai ser uma aplicação a mais. Aí que teria sido a do Monitor B, a gente colocou a do Monitor B no dia que a do Monitor C não pode ser.

Monitor B: fala não identificada.

Monitora F: vocês estão conseguindo casar as referências que a gente leu com o, com o projeto de vocês?

Monitora A: não.

Monitora F: nenhum?!

Monitora A: eu posso colocar, por que foi no susto quando eu mandei, porque eu pensei que fosse até terça feira, depois que eu vi, dá para colocar aquele que fala sobre o brincar, sobre o jogo, é acho que seria mais esse. Os outros... que outros?

Monitora F: a gente teve o Paulo Freire, teve o Brincar com a ação Política, aí teve o, acho que esse três.

Monitora A: ah dá para colocar sim. Do Paulo Freire não sei, mas dos outros dois sim.

Monitora F: acho que Paulo Freire, entra bastante na questão, do grupo que a gente está trabalhando, para falar sobre o grupo, que a gente vai ter que contar né das crianças do CCA quem são, por que essas crianças.

Monitor B: elas aprendem com a gente, e a gente aprende com elas.

Monitora F: hum também. É tem que ver, mas qualquer coisa. Aí tem que falar sobre a próxima aplicação só que aí, tem que esperar o Monitor C chegar gente.

Monitor B: conseguiu mandar mensagem par ele?

Monitora F: ele falou que daqui a 20 minutos ele está aqui. Definir as coisas para a próxima semana.

Monitor C: eu trouxe as histórias, essas são as cientistas que vão nos jogos, nome de cada uma delas, então a gente dá uma estudadinha sobre cada uma delas, caso alguém pergunte alguma coisa.

(Monitor C está explicando a sua atividade, porém devido o áudio não foi possível captar sua fala)

Monitora A: Valentina?!

Monitor C: mais sobre elas, da outra vez aconteceu (risos)

Monitor B: o que?

Monitora F: sim é importante.

Monitor C: seles perguntaram quem é a pessoa

Monitora A: ah tá elas não são brasileiras,

Monitor C: tem brasileiras e estrangeiras.

Monitora A: nossa achei que cosmonauta não existissem.

Monitor B: nossa acabei de ver aqui também. Engenheira e Cosmonauta, foi a primeira mulher do espaço.

Monitora A: Cosmonauta é tipo Astronauta?

Monitor C: é.

Monitora A: mas qual a diferença?

Monitor C: na verdade não é astronauta, ela fez, ela participou dos projetos todos que, do desenvolvimento para levar o homem na lua. Ela era russa, mas ela não chegou a ficar em estação espacial, fazer essas coisas sabe. Ela não era astronauta, ela era cosmonauta.

Monitora F: eu achei importante porque da outra vez, não sabiam mesmo quem elas eram né, aí se perguntassem a gente não saberia responder.

Monitor C: a gente sabia das profissões.

Monitora A: então quando perguntarem da Maria Reis deixa que eu respondo.

Monitor B: risos. Brasileira escritora.

Monitora A: foi a primeira brasileira a publicar romance no Brasil.

Monitor C: eu coloquei 5 brasileiras e 5 estrangeiras.

Monitora F: essa forense, gente que absurdo, a gente aprende isso na faculdade e nem nunca soube quem que descobriu e foi ela.

Monitor B: Foi uma geóloga, educadora dos estados unidos.

Monitora F: tipo a gente sabe que as montanhas se formam através dos movimentos das placas tectônicas, manja, mas da onde veio isso, isso ninguém nunca falou.

Monitor B: foi ela que...

Monitora F: foi ela quem descobriu.

Monitor B: não sabia que era ela. Tá vendo.

Monitora F: importante é uma coisa que mudou totalmente né! A configuração de como a gente enxerga a terra.

Monitor B: essa Cécilia Pinheiros eu já tinha ouvido falar.

Monitor C: fala não identificada.

Monitora F: uhum. Mudou totalmente um dos grandes marcos para a gente poder entender a história da terra.

Monitora A: do que é feita as estrelas?

Monitor B: antigamente achavam que era Deus.

Monitora F: tristeza.

Monitora A: porque não tem quem diz que quando a gente olha para o céu, a gente enxerga uma estrela, a gente vê (fala não identificada) porque na verdade elas já morreram.

Monitor B: sim é porque.

Monitora A: jura! Eu falei, mas nem sei se isso.

Monitor C: risos

Monitor B: mas é verdade, mas é verdade, tipo existe uma frase de (nome não identificado) que diz que olhar para o céu, e olhar para o espaço é uma verdadeira viagem no tempo, porque você consegue ver coisas que já aconteceram a milhares de anos atrás, e que está chegando só agora pra gente. É da hora essa concepção.

Monitora F: e é isso.

Monitor C: eu estava na via cruzis de conseguir fazer o tabuleiro do FabLab, ou no daqui da penha ou da lapa. Eu fui lá na semana passada. Aí eles falaram que iria demorar umas duas semanas para conseguir arrumar, depois do dia 19, então não ia tentar para desenrolar. Aí eu tentei entrar em contato com o de Itaquera, tentei entrar em contato com eles, mas nada de responderem, aí eu fui lá. Aí eu cheguei lá, perguntei das coisas e tal, a menina que coordena lá não tinha visto os e-mails. Não estava nem sabendo do que estava acontecendo. Aí eu expliquei o projeto para ela, como que era, como que tinha que ser feito. Ela ficou meio assim, porque são 12 tabuleiros. Aí ela falou olha não pode fazer produção em série. São só 12 peças e tal. Eu vou usar um material tal e fazer um.

Monitor B: foi uma gráfica que você foi, só para colocar na ata?

Monitora A: Fablab

Monitor B: que?

Monitora F: o Fablab.

Monitora A: o Fablab de Itaquera, ele estava formado do Fablab de Itaquera.

Monitor B: mas o que é isso. Eu não sei o que é isso?

Monitor C: é um laboratório de fabricação digital que é administrado pela prefeitura.

Monitor B: ah!

Monitor C: eles têm diversos, eles são abertos ao público. Tem cursos e você pode desenvolver projetos, tanto de faculdade como pessoais, aí eles têm as máquinas de impressoras 3D, que você pode usar. Eles têm curso de costura, de serralheria, de marcenaria, de desenho, corte a laser. Tem uma de corte a laser e tem uma que é fresa. Que é aquela que faz estrutura, que você coloca o bloquinho lá e ela vai tirando, e montado a escultura pra você.

Monitor B: nossa que louco, não sabia que existia isso.

Monitor C: tem várias unidades espalhadas por São Paulo, tem da Penha, tem de Itaquera, tem na Cidade Tiradentes, no centro. Tem vários lugares e o bacana é que você pode usar de graça, as coisas lá, é só levar seu material, que você conseguiu utilizar, só que você tem que ir, submeter o projeto e tal. Explicar para o quê que serve. É como as coisas lá são de graça, você não pode fazer para vender. Então mais para você ou então algum benefício para a sociedade, mas sem...

Monitor B: sem fins lucrativos.

Monitor C: sem fins lucrativos. Aí ela falou que ia ter que conversar com a coordenação lá. Para ver se rolava de fazer. E que tinha que mandar o projeto de novo para a unidade deles lá. Para ver se eles vão aprovar.

Monitora A: mas dessa vez vocês vão.

Monitor C: aí eu mandei, já mandei, já mandei e-mail para eles de novo, eles não têm telefone então não dá para ligar. O único que tem telefone é o da Penha, mas é o que não está funcionando. O resto não tem. Aí o único dia, eles estão com a agenda tudo cheia essa semana, ela falou só se alguém cancelar. Alguém que já está lá agendado que vai fazer alguma coisa, se cancelar, ter espaço para poder fazer o projeto. Ou então só na segunda-feira, que a agenda está

livre e que aí é por ordem de chegada, tem que ir cedinho para conseguir utilizar. Com certeza não vai dar certo porque né! (risos). Nunca dá.

Monitor B: seja otimista.

Monitor C: desisti de ser otimista (risos).

Monitor B: a vida não deixa.

Monitora F: é bem isso.

Monitor C: vai ter queimando alguma coisa, não vai ter energia, vai dar ruim.

Monitora A: ela vai falar que não recebeu seu e-mail para mandar de novo.

Monitor C: então eu estou pensando em amanhã ir comprar um outro material, que também é mais resistente que aquele que eu tinha usado da última vez. E qualquer coisa eu faço na mão de novo, aí eu faço uns 10, uns 10 tabuleiros.

Monitora F: que material que é?

Monitor C: é um papal Paraná.

Monitora F: tem em papelaria:

Monitor C é um papelão grossinho.

Monitora F: vende em papelaria?

Monitor C: vendi. Na kalunga eu sei que tem. Eee aonde eu compro geralmente é na papelaria universitária.

Monitora F: quando você comprar pega as notinhas, porque eu acho que a gente tem verba para a papelaria. A coordenadora explicou para você como funciona o negócio da verba. Na reunião passada, explicou, vocês lembram?

Monitor B: eu acho que sim, que tem que guardar a notinha.

Monitora F: é que quando vem o projeto são um valor x, para você usar em determinada coisa. Por exemplo, você pode usar 100 reais em papelaria, você pode usar 200 reais em tecnologia,

pra comprar arduínos para as meninas, do Lab das meninas comprar não sei quantos arduínos. Aí tipo vem as verbas definidas certinhos na onde vocês podem gastar, manja, aí se, se enquadra no que a gente compra, a gente consegue ver com o Prof. LP, se não se enquadra na verba do projeto, aí o Prof. LP não tem como fazer o pagamento, porque aí tem que sair do bolso dele, ou nosso.

Monitor C: ah tá. Amanhã eu vou, eu vou lá. Vou ver na semana de quantos eu vou precisar pra poder fazer. Aí qualquer coisa depois, eu vou comprar também os materiais para o Fablab se não rolar, eu revendo (risos).

Monitora F: mas e aí como que vai ser a aplicação? Vai trazer as crianças do CCA pra cá, ou vai para o CCA?

Monitor C: eu acho que lá é melhor.

Givanna: tá então vai ser lá.

Monitor C: igual da outra vez. Eu separo eles diretinho. Eu estava pensando em fazer uma espécie de campeonato. Do tipo separar eles todos em duplas, tem mais ou menos uma 20, 18 por aí. E aí quem vai tipo ganhando os jogos vai passando de fase e jogando com quem está ganhando, até ficar duas pessoas, que ganharam todos, e elas vão disputar a última partida para quem vai ser o campeão. Porquê das outras vezes, a gente ficou jogando, jogando, jogando, aí na terceira vez que eles estavam jogando, eles não estavam mais interessados. Então sei lá, acho que se fizer um esquema mais assim de campeonato. Talvez eles se...

Monitora F: se interessem mais.

Monitor C: se interessem um pouco mais.

Monitora F: daí vai ter prêmio?

Monitor C: vou pensar em um premiozinho. Para quem ficar em primeiro pelo menos, distribuir bala para todo mundo. Eh eu pensei nisso, não sei, o que vocês acham, é uma boa? Não é?

Monitora F: eu acho legal, mas o que você vai precisar? Para fazer os tabuleiros. Você precisa de ajuda?

Monitor C: não eu faço mesmo, eu vou cortar, cortar na mão em casa. Eu já tenho uns materiais lá, e mando bala no final de semana, é isso. Eu vou deixar isso para o final de semana, e na segunda feira, se der errado lá, pelo menos já está pronto alguma coisa, dá pra trazer o que eu fizer.

Monitora F: tudo bem. E para a aplicação, quantas pessoas?

Monitor C: ah!

Monitora F: a Monitora E saiu do grupo.

Monitor C: ela saiu?

Monitora F: estamos desfalcados.

Monitora A: ah é!

(risos)

Monitora A: e aí?

Monitor C: eu estava pensando em ir a galera toda, para filmar, fotografar. Da outra vez lá, a gente nem filmou e nem fotografou.

Monitora F: a Monitora A pode fazer a magia. De filmar e fotografar ao mesmo tempo.

Monitor C: para fotografar e filmar, uma outra para ir anotando o que eles estão falando, porque eu vou ficar correndo nas mesas, para ver se está tudo certinho.

Monitora F: Vai precisar de um em cada mesa.

Monitor C: Não, não vou colocar um em cada mesa não, porque não dá, não tem como. Tem muita gente não dá para colocar.

Monitora F: você pode ficar com a parte da filmagem e da fotografia.

Monitor C: aí vai precisar de uma pessoa para filmar e fotografar, outra para fazer o diário de bordo, ou mesmo já ir anotando se precisar e tal. E é isso.

Monitor B: Eu posso fazer o diário de bordo se quiser.

Monitora A: a Fabi não sabe que a Monitora E saiu.

Monitora F: sabe ela que me contou.

Monitora A: ela marcou aqui a Monitora E.

Monitor B: ela marcou agora.

Monitora A: Monitor C você poderia enviar alguma referência de gênero para quem trabalhou poder utilizar. Ah tá!

Monitora F: é que mesmo que ela tenha saído, sim ela tem que apresentar o relatório. Uma coisa não interfere na outra.

Monitora A: hum você poderia. Por que você tem referência de gênero?

Monitor C: eu tenho uns artigos que fala.

Monitora A: ah tá.

Monitor B: a Monitora E ela ainda está no grupo do Whats ou não?

Monitora F: ela tem que apresentar o relatório final.

Monitor B: ah.

Monitora F: que ela era bolsista. Então mesmo que você não continue com a bolsa, você tem que apresentar um relatório final, para você poder pegar a bolsa eventualmente. Então a Monitora A fica com o vídeo e com a filmagem. Eu posso te ajudar a fazer os tabuleiros se você quiser.

Monitor B: se quiser uma força também.

Monitora F: o Monitor C, vai organizar e coordenar a brincadeira, e o Monitor B fica com as anotações.

Monitor B: ah mas se.

Monitora F: será que a Monitora D vai poder ir.

Monitora A: eu acho que sim.

Monitora F: ela vai né nas aplicações.

Monitora A: não sei.

Monitora F: Tá. O que a Monitora D poderia fazer? Te ajudar a coordenar as crianças?

Monitor C: e, ou anotar o que eles estiverem falando. Ou ficar passando na mesa, para me ajudar a ficar vendo, porque da outra vez deu uma bagunça lá né. Mas é que tinha um monte de moleques na mesma mesa e eles estavam mais interessados em zoar do que, fazer a brincadeira.

Monitor B: você vai fazer o que lá monitora F ou você não vai?

Monitora F: não eu não vou nessa aplicação.

Monitor C: é isso.

Monitora A: é isso.

Monitora F: é para a semana que vem se você precisar de ajuda para essas coisas ou para qualquer outra coisa você me chama.

Monitor C: eu mando no grupo se precisar.

Monitora F: a Monitora A fica com o vídeo e as fotos, o Monitor B vai anotar, fazer as anotações, o Monitor C vai coordenar o grupo, a brincadeira e a Monitora D fica junto com o Monitor B, fazendo as anotações e ajudando o Monitor C no que for necessário como assistente.

Monitora A: Você tem aula hoje?

Monitora F: aí.

Monitora A: isso foi um tenho, mas não sou obrigada. (risos).

(risos)

Monitora F: na real eu sou sim. Tenho, tenho é orçamento, tenho vontade de chorar toda vez que eu penso, na moral. É muito triste, muito difícil, tô com muito medo de pegar DP dela. Planejamento e orçamento.

Monitora A: ela não faz prova, ela só faz esse trabalho?

Monitora F: é mais aí tem a parte do (fala não identificada), que eu não fiz, então vou ter que fazer uma substitutiva.

Monitora A: humm

Monitora F: Tem duas semanas. Para eu tirar um 5. Porque o foco é passar gente, eu não vou conseguir ir bem nessa disciplina.

Monitora A: e o meu foco está sendo micro. Na prova eu nem sei quanto eu tirei, mas eu sei que não fui bem. Porque a prova foi a coisa das listas eu fiquei muito brava com aquilo. Aí a próxima vai ser, semana que vem eu acho.

Monitor B: vocês têm muita coisa de economia?

Monitora A: micro.

Monitora F: macro e introdução.

Monitor B: tipo demanda oferta?

Monitora A: uhum

Monitora F: não isso é introdução.

Monitora A: não isso é em micro.

Monitora F: mas é só a primeira aula, para retomar a parte de introdução.

Monitora A: mas a gente teve isso na prova.

Monitora F: teve?

Monitora A: ah na verdade caiu na demanda. (conflito de fala)

Monitora F: a gente tem introdução a economia, micro, macroeconomia. Eu só quero que acabe logo tudo isso.

Monitora A: ah eu também.

Monitor B: esse semestre está meio estranho, passou rápido, mas tem muita coisa, que não acaba (risos).

Monitora A: teve muita coisa junto, e eu estou sem peso, e estou com medo da hora que vem o peso. Porquê da greve, e ainda está tendo greve ainda dos professores.

Monitora F: é que nem o Fiapi, a gente está na terceira semana adiando a prova, Fiapi vai explodir junto com todas as outras.

Monitor B: é o que:

Monitora F: a nossa disciplina que a professora está de greve, como ela está de greve, ela não está dando prova, é a terceira semana de greve. E que não vai prova, e a gente está meio que tranquilo com o Fiapi, mas por exemplo tem estatística, eu estou fazendo estatística 2. O Prof. A não dá as caras a quatro semanas. Por conta da greve. E aí vai voltar e tipo. Para retomar um negócio que a gente parou de ver a quatro semanas atrás.

Monitor B: alô férias.

Monitora A: Fiapi a gente está com sorte, porque ela terminou o conteúdo.

Monitora F: sim é só a prova e ponto, não vai ter mais aula, mas estatística, planejamento, a Prof. M, eu estou muito nervosa com a Prof. M, nem adianta eu ficar nervosa com ela, mas eu estou muito nervosa com ela.

Monitora A: o problema dela é que, eu não sei como ela passou a nota para o pessoal da noite, porque ela nunca fez isso. Normalmente ela não passa a nota, a gente só sabe a média final. Descubra. Quando eu fiz a matéria com ela de Introdução a Política eu achei que eu fosse pegar DP, porque para mim o trabalho era coisa de outro mundo, porque eu nunca tinha tido contato com GPP, então eu não fazia ideia do que eu estava escrevendo. Mas aí no final eu fechei com 7, mas assim descobri, quando lançou a média. Mas antes disso.

Monitora F: ai mas eu acho, aí às vezes tenho vontade de morrer, ou em sumir porque eu não gosto desses professores, faculdade. Mas eu não sei como esses professores estão tentando formar a gente. Porque eles estão formando pessoas, estão formando recursos humanos e eles que nem o cú deles né. Porque é isso. Ela não dá um retorno, a gente não sabe o que ela espera. Ela não sabe o que quer que a gente faça. Ela não ensinou a fazer o negócio que ela quer que a

gente faça. Eu não sei o que eles querem. O que eles esperam, eu acho que eles pensam, que eles são concursados e que tá fodasse.

Monitora A: é isso, eu quero que eles vão se virar.

Monitora F: a (fala não identificada), deu o retorno pra gente, isso foi legal, porque a gente sabe onde está errando, a gente sabe o que melhorar para a próxima. Mas e aí a gente já fez o quê da Prof. M? Oito, dez resenhas? E a gente não sabe, a gente vai continuar reproduzindo a porra do erro, porque a gente não sabe onde está errado.

Monitora A: o que ela quê.

Monitora F: dá vontade de morrer. Socar a cara dela. Exatamente não tem o que fazer.

Monitora A: (fala não identificada), não que eu pretenda saltar, que eu já estou no bico do corvo. Meu amigo falou que se estivesse tendo aula com ela, eu juro que ia furar os dois pneus dela.

Monitora F: os dois o que?

Monitora A: pneu.

Monitora F: Coloca uma batata no escapamento do carro dela (risos).

Monitora A: quero ver como ela vai embora (fala não identificada).

Monitora F: eu sei que é um absurdo. É um absurdo. Eu não sei que professores são esses. Eu não sei que... eu não sei.

Monitora A: é um absurdo.

Monitora F: é então, olha eu aqui a surtada. Eu fico indignada com isso. É a USP tá ligado. Mesmo que fosse outro lugar, ele como professor. Ele passou em concurso para professor. Como que um professor faz isso.

Monitora A: também acho, como ele existe. Aí vou ter que pegar uma matéria dele o semestre que vem. Não estou preparada.

Monitora F: não estou preparada.

Monitora A: faz dois anos que..

Monitora F: do Prolon?

Monitora A: do..

Monitora F: Prof. I?

Monitora A: eu gosto, eu amo ele.

Monitora F: do Caldas?

Monitora A: eu acho que ele e a Prof. M poderiam das as mãos e ir pro, eu fico formado para minha irmã, eu falo Giseli, fique a vontade, mas não está na hora dele morrer.

Monitor B: credo.

Monitora A: ele é o demônio, dois ou três anos atrás ele teve um AVC, aí ele ficou internado, todo mundo achou que ele iria morrer. Voltou pior do que ele já é.

Monitor B: gente vocês guardam muita mágoa no coração de vocês.

Monitora A: não, não é mágoa.

Monitora F: não, não é não, é um absurdo, porque o país está dessa forma? Olha para a educação. Manja.

Monitor B: a educação, eu concordo plenamente. Mas não adianta você querer ficar desejando a morte.

Monitora A: ah aqui dentro adianta sim. Aqui dentro adianta muita coisa. Teve um dia que ele marcou de recolher o trabalho do pessoas sete horas, o pessoal estava na sala, desde sete horas, ele chegou nove, e ninguém estava lá, ele reprovou todo mundo. E o povo ficou correndo atrás, mas você não marcou esse horário, você marcou tal horário. Ele falou ah é problema de vocês. Vocês tinham que estar lá. E para o final depois de muita briga, muita dor de cabeça, ele acabou...

Monitor B: passando todo mundo.

Monitora A: aceitando.

Monitor B: escuta aqui querido.

Monitora A: eu faltei duas semanas, porque eu preendi minha mão na porta do ônibus, eu fiquei com gesso até aqui. E quando eu voltei ele tinha explicado o trabalho final, aí eu fui falar com ele, ele falou assim, não vou explicar para você, vai perguntar para seus amigos. Você não vem na minha aula aqui, faz muito tempo, não vejo você desde o início do semestre, sendo que eu tinha faltado duas vezes.

Monitor B: nossa parecia a (fala não identificada) de estatística.

Monitora A: aí o que eu fiz, vou ter que fazer a matéria de novo.

Monitora F: qual que é?

Monitora A: RH, sustentabilidade.

Monitora F: eu acho que eu tenho RH. Oh semestre que vem, a gente tem que pegar FIAPI 2, tem que pegar indicadores, porque vai se com a (fala não identificada) e não com o Prof. A, pelo que eu entendi que ela disse. Pegar FIAPI 2, pegar indicadores com a (Cacher), para não perder a oportunidade de ser com ela. O Prof. A também é bom só que o Prof. A também vai por umas contas.

Monitora A: não sem conta.

Monitora F: melhor ler os textões dela né do que fazer a conta dele. Mas ele é muito bom também o Prof. A ele é um ótimo professor. Mas aí a gente pega indicadores e Fiapi 2, para tipo garantir um role.

Monitora A: isso mesmo, e aí vai dar tudo certo.

Monitor B: vocês têm bastante exatas no curso de vocês?

Monitora A: não, mas o que eu tenho é suficiente para me deixar. Gente então é isso né, eu vou indo tchau.

Monitora F: tchau. Você vai usar o computador Monitor B?

Monitor B: não. Pode usar. Eu vou no laboratório de SI, na verdade eu vou na secretária de SI, para saber o que está acontecendo com o meu login. Não sei porque eu não consigo acessar em nada e me internet.

Monitora F: tudo bem, mas não esquece de ir atrás do negócio do PUB não.

Monitor B: ah é verdade, vai até que dia é?

Monitora F: 22.

Monitor B: então daqui.

Monitora F: você vai continuar como? peraí.

Monitor B: até sexta feira que vem.

Monitor C: o PAFE?

Monitora F: o PUB você já se inscreveu? Não vai pegar bolsa?

Monitor C: o segundo semestre não, tem que trabalhar.

Monitora F: conseguiu estágio?

Monitor C: to mandando umas vagas, uns..

ANEXO 3 - Atas das reuniões

Ata da reunião do dia 20/03/2018

Redator: Monitor C

Presentes: Pesquisadora F, Monitora F, Monitora A, Monitora D, Monitora E, Monitor C.

Calendário de atividades: 10/04/2018 24/04/2018 08/05/2018 22/05/2018 05/06/2018
19/06/2018 - a confirmar

A reunião começou as 16h10. Foi feita a apresentação do grupo M.A.R.I.A às novas integrantes. A Fabi explicou como o grupo funciona, quais os objetivos do grupo, como são os dias e horários da reunião. O grupo é focado em brincadeiras e no lúdico e as intervenções são baseadas nos projetos de cada participante. Algumas mudanças estruturais ocorreram no grupo: A coordenadora Ciça saiu do grupo, junto com alguns integrantes, a saber, Felipe, Eloisa e Lara. A Monitora F agora é coordenadora juntamente com a Pesquisadora F. Sobre a logística das aplicações para esse semestre: foi feito o pedido para a mudança de turma no CCA para que alguns projetos possam ser reaplicados. Aos integrantes novos: pensar em como podem adequar seus projetos antigos aos novos objetivos do grupo. Ficou acertado que as novas integrantes vão escrever uma proposta de projeto e postar no grupo do M.A.R.I.A no Facebook para que possamos todos opinar e ajustar os projetos. Os projetos devem ser postados no grupo do Facebook até o dia 28/03/2018. O novo integrante Monitor B irá continuar seu projeto da Horta junto com o nosso grupo. Informações gerais: Regras da bolsa: o número de horas será contado com base na participação das atividades e reuniões e com base nas tarefas semanais. Cada bolsista precisa cumprir 10 horas semanais de trabalho envolvendo a bolsa. O não cumprimento do número de horas necessários acarreta em descontos no valor total da bolsa. Ficou acertado que a Monitora F irá organizar uma planilha que será postada no grupo do M.A.R.I.A no Facebook para controle de horas. Relatórios: todos devem fazer os relatórios. O modelo ainda será discutido, pois o modelo anteriormente usado não obteve sucesso. Atas: seguem no esquema que estamos acostumados a fazer. Vamos revezar por semana quem escreve as atas, com limite para postar nos grupos do M.A.R.I.A online até o domingo após a reunião. Materiais: vamos procurar desenvolver melhor os materiais das aplicações para que eles possam durar mais tempo e ser usados por outros integrantes num futuro. Propostas de atividades para

o semestre Monitora D: Jogo dos privilégios. Os alunos são organizados em fila e respondem a algumas afirmações de acordo com suas vivências. Por exemplo: Dê um passo a frente quem tem televisão a cores em casa. As afirmações podem ser baseadas em acontecimentos históricos e mostrar as diferenças gênero e privilégios. Foram dadas sugestões para aplicar o jogo na forma de amarelinha, tabuleiro ou com as crianças sendo as próprias peças do jogo. Como combinado, a Monitora D irá pensar melhor e detalhar a proposta e postar no grupo do M.A.R.I.A no Facebook. Monitora E: pensar em jogos que envolvam química (brincar com cores) ou o uso de fantasias. A atividade que ela desenvolvia era aplicada a poucas crianças e no CCA temos em torno de 30 crianças. Dessa maneira o que ela havia pensado era inviável. Também ficou combinado que a Monitora E iria pensar melhor em uma atividade que envolva o lúdico para postar no grupo do Facebook do M.A.R.I.A. Monitora A: precisou rever seu projeto, pois ele era direcionado para as crianças da escola infantil. Ela pensou em atividades de competição no estilo Passa ou Repassa, onde as crianças são divididas em grupos e possuem um desafio para cumprir. Os grupos serão avaliados por tempo, no sentido de vencer aquele que fizer as tarefas no menor tempo. Afim de suscitar reflexões sobre as diferenças de gênero na nossa sociedade, a Monitora A propôs que, ao final da atividade, ao grupo vencedor, que deve ser misto, será entregue um prêmio, onde aos meninos será entregue uma quantidade x de prêmio e às meninas uma quantidade significativamente menor do mesmo prêmio entregue aos meninos. A Monitora A também deve colocar a proposta no grupo da Facebook do M.A.R.I.A. Também foi pensada uma tarefa que pode ser usada para a mesma reflexão sobre as desigualdades de gênero da nossa sociedade. A guerra de bolinhas seria uma atividade onde meninos e meninas receberiam bolinhas de gel de água para realizar um confronto entre eles. Porém os meninos iriam receber significativamente mais bolinhas do que as meninas. Após o jogo seria realizada uma discussão sobre as percepções que as crianças tiveram da atividade. Monitora F: também dentro das questões de desigualdade de gênero, a Monitora F pensou numa atividade onde dividiria as crianças em casais e eles iriam procurar pela EACH ou pelo CCA os planetas do sistema solar. Após colocar todos os planetas encontrados em ordem os grupos receberiam recompensas, onde os meninos iriam ganhar mais prêmios do que as meninas. Sobre o jogo da Queimada dos Bichos, mudanças foram propostas: primeiro, diferente do que ocorreu nas aplicações passadas, apenas uma pessoa (aquela que foi queimada) é que deve responder ao questionamento do jogo, para evitar o tumulto das outras aplicações. Segundo, os alunos vão representar bichos, de forma que eles sortearam quais bichos vão ser. A ideia é que eles entendam que existe um equilíbrio na cadeia natural e que se um bicho importante for queimado e sair do jogo, outros bichos

também vão acabar saindo. Eles devem pensar em termos de proteger os bichos mais ameaçados, pois se um bicho em extinção for queimado e sair do jogo, o time todo perde. Monitor C: melhorar a aplicação do jogo Batalha Naval das Cientistas. A ideia é utilizar materiais mais resistentes para criar um tabuleiro que seja durável e que possa ser aplicado em outros momentos. Acrescentar mais informações sobre as cientistas para melhorar o engajamento e curiosidade das crianças e tentar utilizar o FabLab ou uma impressora 3D para montar as peças. A coordenadora deu a sugestão de visitarmos o laboratório para ver os materiais que estão a nossa disposição para uso. Ficou acertado que a aplicação melhor organizada na próxima reunião será a utilizada no dia 10/04/2018. Nossa próxima reunião será dia 03/04/2018, às 16h00. Sem mais para ser tratado, a reunião terminou às 17h30.

Ata reunião 10-04-2018

Redatora: Monitora D

Inicialmente foi falado sobre a aplicação feita no dia (intervenção da Monitora D) e sobre pontos cruciais da atividade, como por exemplo, a reação das meninas perante a separação do material e divisão do espaço, a reação dos garotos que receberão privilégios no primeiro momento da aplicação e sobre a leitura das cartas e reflexões dos pré-adolescentes. Após isto discutimos sobre os relatórios e foi decidido que estão serão feitos na forma de texto discorrido e com o prazo de até o fim da semana para ser postado (domingo). Em um segundo momento a Pesquisadora F nos mandou uma ficha de atividade no grupo do WhatsApp, e explicou que cada responsável pela atividade deverá preenchê-la e enviá-la antes que a aplicação aconteça, esta ficha será enviada para o CCA para eles se inteirarem da atividade. A Monitora D explicou suas ideias para intervenção, explicou os processos de nós nas camisetas, tingimento, de como produzir estampas com giz de cera e lixa, a coordenadora ficou de ver com o Prof. LP sobre o possível financiamento desta atividade para compra das camisetas, ressaltou que alguns materiais já estão disponíveis no laboratório - válido ressaltar que ambas intervenções da Monitora D remetem a processos científicos, a mesma ficou de pesquisar os processos que ocorrem em fazer as estampas. Falamos dos cuidados necessários para realizar a estampa com giz de cera, pois a mesma precisa de um ferro, então seria necessária uma cautela maior com as crianças, e nesta aplicação o mínimo seria de 4 pessoas (e pautado a necessidade de uma extensão para utilizar o ferro). A Fabi nos trouxe cadernos para realizarmos um “diário de bordo”, colocando nossas expressões, críticas, algo que tenha chamado atenção durante a

intervenção e reuniões, aspectos importantes e que julgemos relevantes como dados, falas e etc. O diário será para conferir o andamento da nossa pesquisa, não necessariamente tem que ser descritivo, mas sim como forma de acrescentar coisas ao grupo. A cada um mês os diários serão recolhidos pela Fabi para análise. • Próximas intervenções: Monitora E 24-04, Monitora A 08-04, Monitora F 22-05, Monitor C 05-06, Monitor B 19-06. Foi discutido sobre uma possível atividade na horta, sobre qual a situação dela, segundo o Monitor B ainda estão cuidando da mesma, foi falado sobre uma placa de captação de luz solar na horta, então entrou em pauta se são as crianças que cuidam da horta ou os cuidadores e nisto pensar os impactos gerados nas crianças. O Monitor B ficou de mandar para Pesquisadora F possíveis objetos para colocar na horta e torna-la mais interativa e atrativa para as crianças. Fabi explicou os processos da placa solar e explicou que seria necessária uma parceria com o L.I.R.A para realizarem a programação. A organização da horta seria em um dia que não houver intervenção, o Monitor B explicou que a ideia da horta seria para que se tornasse comunitária para o CCA e comunidade, mas por decorrência dos custos não foi possível ainda, mas a Fabi disse que a ideia pode ser expandida no próximo semestre. O lúdico da horta seria comer a sua “colheita”. A Monitora F acrescentou a ideia do UNO com grupos vegetais no lugar dos números. Para a próxima reunião: discutir sobre as próximas atividades. Será pensado em uma discussão mais formativa sobre o lúdico - Fabi ficou de escolher um texto, todos irão ler o texto, mas cada um irá escolher uma parte específica para focar. E também será pensado um texto sobre análise de dados. Fabi esclareceu que a Monitora F como coordenadora não é necessário que vá obrigatoriamente as aplicações, e encerramos a reunião.

Ata 05-06-2018

Redatora: Monitora D P. de Barros

Hoje foi feita a atividade do Monitor B que se baseou em uma salada com as crianças para descobrir quais vegetais eles gostariam de plantar na horta, ele frisou que as crianças estão se comportando melhor, estão se respeitando mais. Após a salada o Monitor B percebeu que as crianças mantiveram um ambiente descontraído conversando entre si, e sobre a salada.

O Monitor B relatou os materiais que irá precisar para fazer a horta e que algumas coisas irão ser feito por ele mesmo, a Fabi deu a ideia de algumas coisas, como por exemplo, pegar alguns voluntários do CCA, para ajuda-lo e mesmo criar um vínculo afetivo com eles.

A coordenadora pediu para o Monitor B fazer uma lista dos materiais necessários para que ela possa consultar o Prof. LP.

Eu fiquei de consultar pedaços de alumínio para a horta.

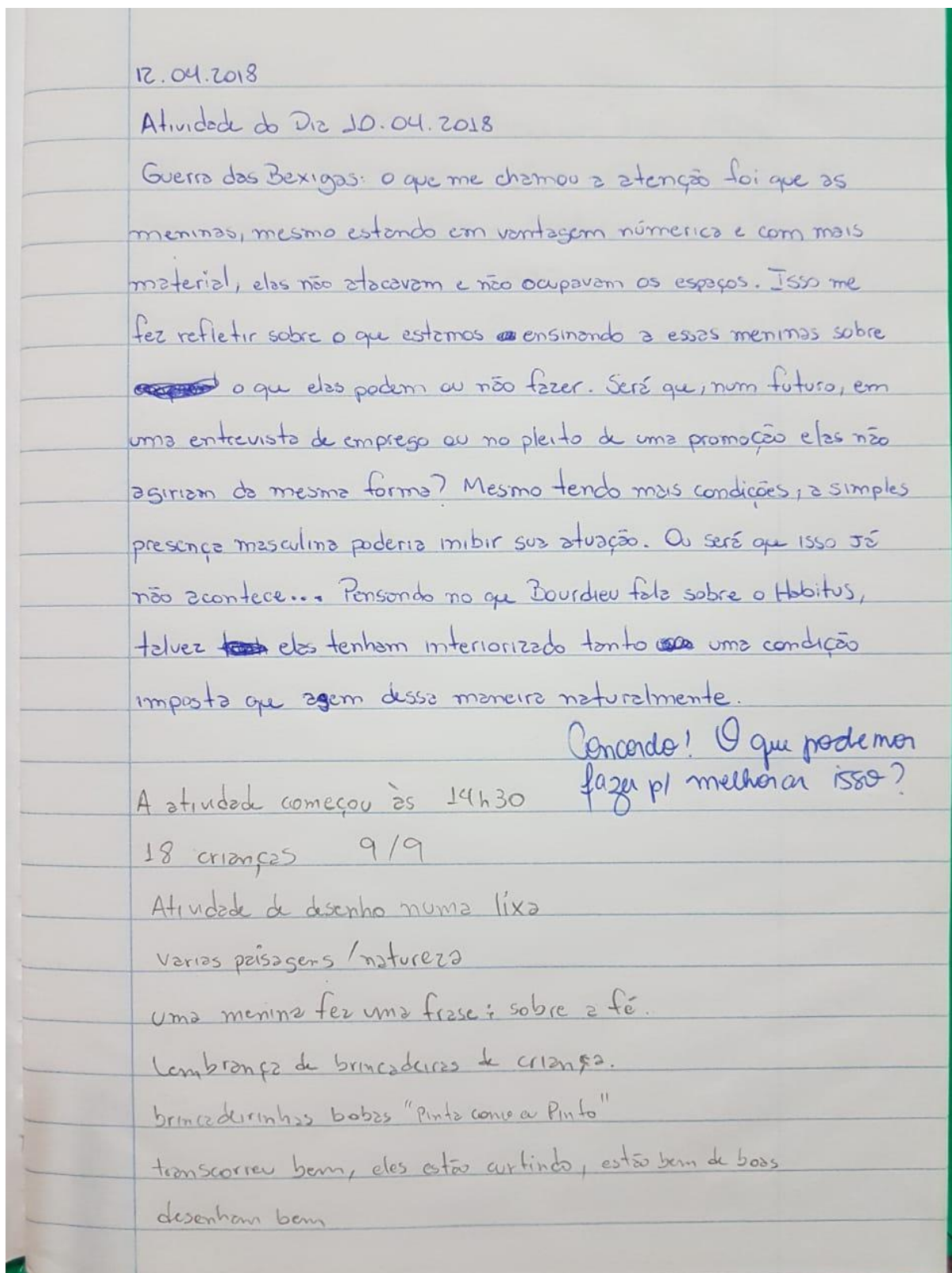
A Monitora F colocou no grupo de darmos atividades mais continuas, em 3 dias da semana, relacionado a moda, ginastica e horta, ela explicou que a logística da atividade seria a seguinte: primeira semana discussões de textos e outra semana aplicações (mas separando os alunos em grupos para cada atividade – não pode fazer mais de uma atividade), e então desenvolveríamos nossos projetos em grupos específicos, estas atividades citadas pela Monitora F seriam semanalmente. A Fabi propôs de pensamos melhor e desenvolvermos melhor essa questão.

Essas atividades precisam serem feitas de forma que estejam vinculadas ao cotidiano deles, com matérias que sejam acessíveis, pensamos em tarefas mais lúdicas e que eles possam levar para casa e refletir e dar continuidade.

A Monitora F ficou de retomar essa proposta na próxima aula.

E então ocorreu a discussão do texto do Paulo Freire – Pedagogia do oprimido, discutimos de como as vezes somos opressores e oprimidos, “a opressão vem de cima para baixo e as vezes somos nós que estamos em cima”, e então falamos de como isso acontece dentro da USP.

ANEXO 4 - Imagens dos diários de bordo



começo da atividade. Elavo que eu, assim
como todos tanto problemas pessoais
podemos e saqui de pro entender
entendamos que divergi, porém eis
meu eu, esse parece mais um certo
"lun com a herança" do que um
rebatido que divergi a impiedade
de compoem antes de começo da
aplicação

Aplicação da Gramma

A vida inicial da cidade, não existe
que ele tanto alcançado o objetivo degado
depois a falta de dados. A vida eu
prego os diálogos de presença te entre os
lugares, porém a que do do estenememti
amplo, portanto com a riqueza dos
lugares, pouco se sabe o que eu de
então se.

A visita na biblioteca acudito que
tanto seide como o degado, apor
da falta do dados da biblioteca

Alto odo que ele tanto dito eu feito
o que se com o intuito de impuções
ao diálogos e de se que a use e um universo
incomum para eles. Acudito que tanto
e do umo quod de dimensão sepa
e que se dito. A biblioteca a acabar
degado que seio esta no use do universo
sepa inglês, e que vindo se quem vindo
para quem se de se enora, mo se dito
semo ferno de inclusão, mas se in de
inclusão, mesmo que sebatendo do a
mo intensional, por seitas locais,
mo se se de que pente e tudo vender
a imagem de um universo de
clássico a toda quando, mo que
damos de dentro sabemos que a
use e um universo de sepa que seio
para quem tem dimensão de sepa um
universo educacional particular.

Eu e A população de estudantes do
cada, no geral, e um de um universo
que tem mais regras de alguns de
sepa particular e de seio seio

Intervenção: 10/04/2018 - Letícia

Desigualdade de Gênero.

⚡ Sugestão: Dar mais poder às mulheres para que os homens entendam que é desigualdade, pois não entendem que suas "vantagens" ou "benefícios" são de um contexto histórico sócio-cultural

→ Fazer o Relatório da Reunião / Usar modelo enviado

Intervenção: 24/04/2018 - Geilza

Atividade de Pintura com giz de cera.

Observação: Crianças falaram sobre ^{seus} desenhos serem mais ou menos bonitos que os dos outros; Um garoto fez um desenho um tanto preocupante (vazismo) ~~mas~~ sei se era mesmo, o Ed falou que não era isso. Maioria dos desenhos foram de paisagens com tons azulados e verdes. Um das meninas fez um texto um tanto filosófico e inspirador.

Houve interesse na hora de passar a cera para o pano.

Sugestão: Cuidado com o cheiro forte da cera.

Plano aplicação do dia 15/05

- Falar com o Paulo
- Ver peças de Bolos e Espuma + Protótipos
- Verificar máquina no laboratório ou pedir no facebook para os funcionários
- Fazer relatório para o CCT
- Fazer relatório da atividade do dia 24/04
- Ler o texto para a próxima reunião

- Fronteiras temáticas - Relatório

Giuliana - Yoko vai tirar foto

Texto clz - Jogo, brinquedo e brincadeira
brinquedo utilizados para manter o jogo

ANEXO 5 - Relatos dos monitores

ANEXO 5.1 – Monitora A

O M.A.R.I.A. exerceu um papel fundamental nas esferas estudantis, trabalhistas e pessoais. O projeto como englobava trabalho em grupo exigia uma certa postura no que tange saber abrir mão em prol do grupo ou em alguns casos tomar a frente, afluindo o espírito de liderança que tinha dentro de cada participante do projeto. Hoje muitos processos seletivos dos quais eu participo, pedem como pré-requisito ter participado de um grupo de pesquisa, extensão ou iniciação científica, ou seja, serve como um abrir de portas. Nas empresas onde eu fui funcionária, tinha que elaborar atas e esse conhecimento adquiri através das reuniões realizadas no grupo.

Agora em uma nova graduação, percebo que meu conhecimento mais técnico voltado para ABNT, por exemplo, é muito mais elevado do que os outros alunos que ingressaram no curso junto comigo, tanto é que a responsabilidade de formatação sempre a encarregada sou eu, uma vez que eles não possuem a mesma facilidade por não terem tido esse contato.

Acredito que a forma como o M.A.R.I.A. funcionava tinha uma eficácia parcial, pois apesar do tema gerador central, o brincar e a ciência, eu sentia que todos, mesmo apesar de ter iniciado o projeto a mais de um ano, possuíam aquele sentimento “o que é o M.A.R.I.A.?” Talvez por essa ausência de definição, muitos não levavam o projeto a sério, faziam ou planejavam algo em cima da hora o que me despertava certo desapontamento pois por vezes eu sentia que era a única que levava o projeto a sério e me debruçava sobre as questões.

Em suma, acredito que o projeto agregou muito, pois nos forçou a ter o contato com pessoas de diferentes personalidades, origens e cursos. Serviu como um experimento de como funcionava o mercado de trabalho e de certa forma nos preparou para lidar com o “mundo lá fora”.

ANEXO 5.2 – Monitor B

As atividades lúdicas da Manifestações da Alegria e Recreação Investigação da Arte-Ciência permitiram que eu desenvolvesse uma perspectiva social. As crianças da região do Jardim Keralux eram animadas, alegres e curiosas sobre todas as brincadeiras realizadas pelo M.A.R.I.A. As brincadeiras que elas mais gostavam eram sempre as que envolviam atividades em grupos, principalmente futebol ou jogos de competição. Essa percepção me fez analisar que as crianças necessitavam ter uma atenção maior, pois, aparentemente, se sentiam animadas e energéticas para entenderem o mundo ao seu redor, mas, devido às questões financeiras e sociais de suas famílias, possivelmente não tinham a chance de se adentrarem no mundo científico ou acadêmico. O que claramente era percebido por todos do M.A.R.I.A. Devido a isso, o grupo sempre tentou aplicar atividades lúdicas que pudessem desenvolver uma análise crítica e um conhecimento para as crianças. Mostrando sempre que a Universidade de São Paulo tentava estar presente, mesmo que de forma precária – devido às regras burocráticas ou mesmo questões orçamentárias – nas regiões menos privilegiadas.

O importante do M.A.R.I.A. na minha vida foi o desenvolvimento de uma análise epistemológica da situação geral na periferia. Uma análise transdisciplinar que pôde me mostrar a real necessidade de ações voltadas aos grupos mais fragilizados da sociedade. Os estudantes e mentores do M.A.R.I.A. se dedicavam a desenvolver atividades que pudessem criar um estímulo e incentivo nas crianças a buscarem um interesse nos eventos científicos, tecnológicos e socioculturais do mundo moderno, além de fornecerem informações sobre sociedades menos favorecidas. Questões envolvendo o machismo, desigualdade, privilégios, meio-ambiente, alimentação, família e racismo também foram levantadas durante as atividades, direta ou indiretamente, essas questões foram percebidas e o M.A.R.I.A. tentou trabalhar de forma lúdica sem que houvesse desrespeito ou ausência de humanidade e consideração. Momentos para as crianças se expressarem e conversarem conosco e entre si sempre eram enriquecedores para o grupo.

No fim, o M.A.R.I.A. é um grupo que merece ter continuidade nas atividades lúdicas realizadas em regiões menos favorecidas, pois garante a quebra da bolha social entre as classes.

ANEXO 5.3 – Monitor C

Comecei a participar do MARIA em 2016, pouco tempo depois de ingressar na graduação. O grupo estudos tinha acabado de ser formado e ainda estávamos em busca de uma identidade próprio para o mesmo. Enquanto outros projetos já estavam mais consolidados, o MARIA ainda carecia de material que pudesse embasar nossos estudos e práticas do dia-a-dia. No início fomos tentando fazer as coisas mais no improviso, sem muita base literária sólida.

Tínhamos algumas atividades que envolviam o brincar e questões de gênero, mas nada muito estruturado. Íamos nas escolas e brincávamos com as crianças, observando seu comportamento diante de algumas situações no mínimo inusitadas.

Com o passar do tempo, e com a chegada de novos integrantes, começamos a buscar mais materiais que pudessem embasar nossos conhecimentos, tanto sobre o brincar, como sobre o ensinar. A princípio o MARIA tinha uma orientação de ensino com brincadeira e, por isso, fomos buscar fontes já consagradas na área, como Piaget, Vigotski e Paulo Freire. Foram esses autores que iniciaram nossa caminhada para a adoção do lúdico como ferramenta de divulgação científica. E foi isso que transformou o grupo tempos depois.

Dessa primeira experiência, o MARIA proporcionou esse contato mais direto com os princípios de uma educação empática, que leva em consideração a transformação do aluno e as trocas entre quem ensina e quem aprende. Acredito que isso tenha sido um dos principais legados que o grupo deixou em minha vida, porque foi a partir dessas experiências, da leitura das obras desses autores, que pude desenvolver uma abordagem de ensino mais empática. Conseguir utilizar não só no MARIA, mas em outros momentos da própria graduação. Como fiz monitoria de algumas disciplinas, o entendimento dessas obras me deu uma capacidade de entender os conflitos e dilemas dos colegas quando estão estudando os mais diversos assuntos.

A partir disso o MARIA se desenvolveu para o lúdico como ferramenta de divulgação e encontramos em Huizinga um dos nossos principais autores. Com ele entendemos como o lúdico pode ser usado para desenvolver as crianças em todos os sentidos, seja para a educação, como para a vida social. Dessa experiência criamos vários jogos criativos cujo objetivo foi incentivar as crianças no entorno da universidade a buscar mais os conhecimentos da ciência, a se desenvolver pessoalmente, a entender regras e a criar soluções criativas para os mais diversos problemas.

O lúdico como ferramenta de transformação foi a segunda coisa que me marcou muito na experiência que tive com o MARIA. Com certeza é uma das coisas que levarei para a vida toda. Já é possível utilizar no trabalho, na família, nas relações sociais diversas. E foi graças ao

MARIA que pude ter contato com essas disciplinas. Como pretendo um dia lecionar, tenho certeza que toda essa experiência já me deu uma certa base para ser um profissional que trabalhe na transformação dos alunos.

Acredito que essas tenham sido as maiores contribuições do grupo na minha vida e na minha trajetória universitária. Hoje, com a graduação finalizada, olho para trás e vejo que o grupo contribuiu muito pra minha formação.

ANEXO 5.4 – Monitora D

Atualmente sou licencianda em educomunicação pela ECA-USP, mas antes de me encontrar neste curso estive durante dois anos na Licenciatura em Ciências da Natureza (EACH - USP) onde tive o contato com os grupos de extensão que são coordenados pelo Prof. LP. Em 2016 quando passei na licenciatura alguns colegas comentavam sobre os projetos de extensão e o alcance que eles tinham no quesito social para crianças e adolescentes que muitas vezes se encontravam em vulnerabilidade social e por também pertencer e residir na periferia de certa forma me senti acolhida e entrei em contato com o Prof. LP pedindo uma vaga em algum de seus projetos. Fui aceita no EMMA (Estudos da Mulher e das Minorias na Arte/Ciência), onde tive o primeiro contato com a pesquisa na prática, nas aplicações, relatórios, elaboração de atividades, era um grupo majoritariamente composto por mulheres em que trabalhávamos as relações/papéis de gênero nos vínculos entre os adolescentes e crianças. Pensando no grupo em si tínhamos uma convivência bem legal, mas era bastante profissional acima de tudo, mais rígida. Em 2017 por conta do corte de bolsas fui remanejada para o M.A.R.I.A onde descobri que trabalharia a brincadeira e infância com as crianças e adolescentes, de primeira confesso que não fiquei muito animada, mas após o meu contato com o grupo durante as reuniões percebi que seria bastante interessante trabalhar ali, havia um elo entre as pessoas que ia além da pesquisa, todos tinham muito empenho nas atividades, para fazerem o melhor possível, e então desenvolvi minha pesquisa sobre as relações de gênero na brincadeira entre meninos e meninas - foi bastante interessante observar os resultados e perceber todo o apoio e ajuda que recebi do grupo. A minha pesquisa no Maria consistiu em elaborar uma brincadeira com as crianças onde elas participaram de uma guerra de bexiga de meninos X meninas, onde eu observei a disposição das crianças em campo, as meninas se posicionavam no fim do campo, se mostravam retraídas, enquanto os meninos avançavam e tentavam acertá-las de todas as formas possíveis. E então eu questioneei dentro da pesquisa as relações e papéis de gênero estabelecidos na infância. Havia pesquisas de colegas muito interessantes como o jogo das mulheres na ciência, esse era um dos que as crianças mais se divertiam e era muito bom ver que elas realmente estavam felizes em participar. O que mais me marcou nesse projeto foi como o grupo se portava, não olhando para aquelas crianças e jovens, como mero objeto de estudo, mas assim como uma relação que precisava ser dual era necessária uma troca sincera. Foi no Maria também que eu percebi que o meu trabalho no grupo iria para além da pesquisa, ali havia uma preocupação de fato de como seria a experiência dos receptores (das crianças e jovens). Um exemplo disso, foi um dia que organizamos um café da tarde para eles, para que

eles conhecessem mais todos nós e se sentisse confortáveis com a nossa presença. Era perceptível que muitas das crianças e jovens estavam em situação de vulnerabilidade social, muitas inclusive achavam que nós pagamos para estudar na USP que aquele espaço era um espaço inalcançável para elas, e então nesses momentos eu trazia a minha própria realidade para eles, explicava que eu também morava em periferia e que aquele espaço precisava ser ocupado por pessoas pobres também! Estimulava eles a estudarem a persistirem em seus sonhos. Me lembro de um menino chamado “Doutorando X” que sempre me fazia perguntas e me contava sobre a rotina dele. O tempo que eu passava ali com aquelas crianças era para além de pesquisa acadêmica, também era um trabalho social, no Maria arrisco dizer que vivíamos a teoria e prática, juntas. Os grupos de extensão em si me ajudaram muito em minha desenvoltura, e com a possibilidade de um dia ser pesquisadora e de um trabalho harmônico em grupo. Em meu primeiro estágio como monitora no museu catavento, por exemplo, eu já possuía familiaridade com o público infantil o que facilitou a minha experiência ali. A (Pesquisadora F) sempre foi muito acolhedora com todo o grupo, mas também era bastante exigente com as nossas atividades e aplicações o que foi bastante positivo para sempre fazermos o melhor para as crianças que trabalhávamos e aprendermos que a pesquisa na universidade precisa devolver para a sociedade algum benefício - fato que aprendei no Maria. Cresci, amadureci e aprendi muito com os projetos de extensão.

ANEXO 5.5 – Monitora E

Meu nome é Monitora E, fui estudante da graduação de Têxtil e Moda da USP- EACH-participei do projeto MARIA durante o ano de 2018. Anteriormente participei do grupo JOANINHA, e durante o ano de projeto, com novas adequações migrei para o grupo de pesquisa MARIA. Durante esse período de projeto participei das atividades realizadas com as crianças do CCA e das reuniões para debates das próximas atividades. O projeto tinha como objetivo, a discussão da aplicação da ciência e a reflexão de gêneros. Todas as atividades foram interessantes e construtivas para mim. Porém durante o contato com as crianças, me sentia mais com o sentimento de uma ajuda humanitária. Também senti que eles não conseguiam sentir que era possível o acesso à universidade, que podia ser diferente, era uma carência de afeto que em alguns momentos me tirava do sentido da aplicação das atividades no projeto. As crianças só queriam pegar a bola e jogar em uma quadra grande. Espaços que ele não tem acesso, no dia que fizemos isso em uma das atividades, foi muito bom ver todos sorrindo correndo.

O projeto me trouxe algumas reflexões e algumas decisões. O quanto a pesquisa é importante, as tantas reflexões possíveis de uma ação observada. E também que não tenho perfil acadêmico, escrevo mal, viajo durante a escrita, fujo do tema. O TCC da outra graduação que concluí foi uma tortura para mim, achava que era cansaço devido a rotina na época de trabalho e faculdade. Mas concluí que não foi, simplesmente não tenho perfil acadêmico, não tenho disciplina para organização e nem cumpro minhas metas, a leitura não é prazerosa para mim e não me desperta interesse. Eu sou mais dinâmica a parte da aplicação das atividades era muito envolvente para mim. Porém quando chegava a parte da escrita do desenvolvimento teórico, confesso que era uma tortura eu criava um bloqueio que fazia sentir-me inferior em conhecimento e desenvolvimento com os demais integrantes da equipe.

Em todas as atividades desenvolvidas dentro do projeto, as crianças sempre interagiram muito bem dentro do contexto da atividade proposta. Sempre respeitamos a decisão da criança quanto a querer interagir ou não na atividade. Algumas no início apresentava uma certa timidez, até mesmo acredito pelo desconhecimento da prática, mas depois que observava como era, se integrava com os demais. Durante o projeto cada integrante da equipe MARIA, tinha como objetivo o desenvolvimento de uma atividade, com o desenvolvimento de ciência ou discussão de gênero.

ANEXO 5.6 – Monitora F

Considerando minha experiência no grupo MARIA após a implementação da pedagogia contribuiu para minha formação no sentido de me ajudar a tomar mais iniciativas, pois, antes do grupo eu não sentia que eu conseguiria propor boas ideias ou tomar a frente de trabalhos e projetos. Ao estar inserida no grupo eu passei a me sentir parte de alguma coisa dentro da faculdade, coisa que eu não sentia antes, pois sempre parecia que a USP não era um ambiente para mim. Neste sentido, minha participação no MARIA foi essencial para que eu continuasse com a graduação, pois as dificuldades mais o sentimento de exclusão me fizeram pensar várias vezes em abandonar a faculdade. O grupo fez com que eu sentisse que eu tinha um espaço e que aquele ambiente universitário poderia sim fazer sentido na minha realidade. Acredito que parte disso se dê por conta da organização do grupo, sobretudo mais ao final da minha participação entre 2017-2018, onde nós tínhamos relações horizontais e projetos próprios que foram propostos por nós mesmo, fora a cooperação, todo mundo se ajudava independentemente da ajuda afetar o meu projeto individual ou o dos meus colegas. O que sempre vou levar do MARIA como aprendizado profissional é o trabalho em grupo e a forma de se relacionar com as pessoas que podem impactar significativamente no clima organizacional e conseqüentemente no desempenho profissional dos atores envolvidos. Ambientes mais horizontais e participativos permitem que as pessoas consigam se expor mais e expor novas ideias, e foi isso que vivi no MARIA. Ademais, o sentimento de pertencimento que o grupo proporcionava foi fundamental para que eu conseguisse me situar na faculdade e pensar possibilidades que antes não se passavam pela minha cabeça, simplesmente por eu não me sentir adequada aos “padrões USP”.

De forma geral, o grupo me ajudou a desenvolver minha autonomia e segurança para tomar iniciativas e decisões. Antes eu não me sentia capaz de fazer “coisas acadêmicas”, como por exemplo passar em um processo seletivo para mudar de curso que há anos eu gostaria de ter prestado. Não tentei porque não me sentia capaz de conseguir passar. Depois que as relações do grupo passaram a ser mais horizontais, depois que passamos a ter uma integração maior entre os membros e a termos espaço para desenvolver nossos próprios projetos, eu me senti mais segura; sobretudo contando com o apoio da equipe e de poder falar as minhas ideias sem muito receio de errar, afinal a gente estava lá para construir algo junto apesar dos interesses individuais.

ANEXO 6 - Transcrição das entrevistas

ANEXO 6.1 – MONITORA A

Tempo: 18:34min

PESQUISADORA F: depois disso acho que eu perguntei como você chegou no projeto. Você fala novamente?

MONITORA A: É, nossa. Eu trabalhava num projeto lá no Escola de Aplicação lá na Faculdade De Educação aí o projeto acabou porque a diretora esqueceu de mandar o projeto para renovar, a aí eu gostava muito de trabalhar com crianças, com sala de aula e aí a Suzi era do Maria e ela falou que tinha o Prof. LP, ele tinha projeto que trabalhava com crianças e que talvez eu pudesse gostar. Só que já tinham fechado o processo de seleção, mas eu falei, pensei, não, eu já tenho, vou mandar e-mail, aí eu mandei e-mail e ele falou vem aqui na minha sala, no laboratório didático. Aí perguntou qual que eu queria, aí a Suzi fali que o M.A.R.I.A. trabalhava com crianças lá da EMEI.

PESQUISADORA F: Mas ele te explicou, te apresentou o projeto ou não?

MONITORA A: Não.

PESQUISADORA F: Só falou qual que você quer e per aí?

MONITORA A: É

PESQUISADORA F: Bem prático né (risos)

MONITORA A: Você sabe o que você quer? Se você não sabe então chora. Aí eu entrei no M.A.R.I.A. porque a Suzi me falou que trabalhava com crianças e ela já era daqui, então ela meio que já me deu as orientações.

PESQUISADORA F: Então sua primeira experiência com crianças foi na escola de aplicação?

MONITORA A: Assim, de forma como bolsista sim, mas antes eu já trabalhava por causa do teatro, porque tinha uma época que a gente tinha a escola de teatro, e a gente tinha que montar grupos e apresentar aonde fosse. Aí a gente escolheu escolas públicas infantis, aí a gente apresentava em escolas estaduais.

PESQUISADORA F: Fazia apresentações, mas não que ensinava

MONITORA A: Não.

PESQUISADORA F: Ensinar foi na Escola de Aplicação?

MONITORA A: Foi.

PESQUISADORA F: Sua primeira experiência?

MONITORA A: Foi.

PESQUISADORA F: Daí você gostou bastante. Quantos anos eles tinham lá?

MONITORA A: Nossa, tinha o Fundamental I, II e o Ensino Médio, mas depois o Ensino Médio saiu e aí ficou só o Fundamental I e II.

PESQUISADORA F: Desde os 7 anos?

MONITORA A: Sim.

PESQUISADORA F: E aí quando você entrou no M.A.R.I.A., você começou a trabalhar com os pequenininhos ou não?

MONITORA A: Foi.

PESQUISADORA F: Você entrou com a bolsa PIBID então?

MONITORA A: Não, eu entrei com a PUB. E aí como eu entrei de paraquedas, eu não estava entendendo nada, era tudo muito confuso, acho que até hoje, quem entra pensa o que está acontecendo?

PESQUISADORA F: E quem era o coordenador? Como que era o grupo antes?

MONITORA A: Era o Luís, a Renata e a Mestranda V e aí acho que o Luís era assim, o mais apaziguador. A Mestranda V era...

PESQUISADORA F: Nossa, era confuso o negócio então. Era briga?

MONITORA A: Era, nossa, os três ali querendo competir poder.

PESQUISADORA F: Nossa, sério. Por isso que ele odeia ela? (risos)

MONITORA A: Nossa, o Luís e a Renata, faíscas, faíscas (risos). Ele com a Mestranda V já se dava bem, porque cada um falava uma hora, e tals, mas a Mestranda V também sempre foi mais pra frente e tomava mais a iniciativa então ela começava a falar, tatatata, desimbestava, aí depois ele falava a parte dele. (risos) aí como ela tinha

PESQUISADORA F: Então tá de boa agora né?

MONITORA A: Agora tá, nossa.

PESQUISADORA F: Eu com o Luís então, a gente se deu muito bem. Não teve briga.

MONITORA A: Sim, vocês conseguiram manter ali, aí a Mestranda V tinha o projeto lá com a EMEI e perguntou se eu queria fazer lá, aí eu falei que sim, só que o projeto dela era de gênero, por isso que hoje eu estou tão ligada com a questão de gênero porque eu comecei ali e não sei mais como ir para outra parte.

PESQUISADORA F: Viciou no negócio.

Vídeo 2

PESQUISADORA F: A primeira pergunta, primeiro me fala seu curso, sua idade, seu nome (risos).

MONITORA A: Tenho vinte quatro anos e onze, quase dozes meses. Eu só de Gestão de Políticas Públicas.

PESQUISADORA F: Então você vai fazer agora né?

MONITORA A: Terça-feira.

PESQUISADORA F: Tem bolo então semana que veem?

MONITORA A: Tô no aguardo.

PESQUISADORA F: Terça-feira. O meu foi na terça também.

MONITORA A: Então é isso né, GPP, vinte e cinco anos.

PESQUISADORA F: Então vamos lá. Como você chegou aqui na USP? Como foi tudo? Lembra que eu te perguntei sua trajetória para chegar na USP.

MONITORA A: Eu estudei em uma escola particular e no último ano eu tinha um cursinho da escola mesmo no período da tarde. Então era meio que integral, a gente estudava de manhã e fazia esse cursinho a tarde. Aí depois eu fiz dois anos de cursinho e eu ia para a UNESP na verdade, porque eu tinha passado em Engenharia.

PESQUISADORA F: Você prestou lá e aqui?

MONITORA A: Não, eu prestei lá só. Só lá.

PESQUISADORA F: Você queria engenharia?

MONITORA A: Eu queria medicina, mas eu prestei engenharia para ver se minha nota batia ou se eu desistia e ria fazer outra coisa.

PESQUISADORA F: Ah, foi um teste então?

MONITORA A: Foi. Aí no final eu passei, mas só que eu não consegui ir porque meu pai acabou ficando doente e aí eu prestei aqui em São Paulo mesmo. Aí eu peguei lá a tabela de cursos e falei, preciso prestar alguma coisa para me validar porque eu tenho tanta coisa, tanto conhecimento e eu preciso de certeza que eu vou passar em alguma coisa na USP né. A USP é aquela coisa de, será que eu vou passar em alguma coisa? Aí eu escolhi LCN.

PESQUISADORA F: Por quê?

MONITORA A: Porque eu gostava de biologia e meu curso tinha uma bagagem muito grande de biologia.

PESQUISADORA F: E você é daqui da região?

MONITORA A: Não, eu sou lá da região Norte.

PESQUISADORA F: Ah, Tucuruvi, aham. E por que você não quis Biologia, quis LCN já que você gostava de Biologia?

MONITORA A: Nota de corte né era bem (movimento com as mãos). Como eu já tinha assado por uma frustração muito grande de não poder ir para a faculdade que eu queria por causa da logística, aí eu não queria passar pela frustração de novo de não conseguir, de ficar sem estudar.

PESQUISADORA F: Prestar e não entrar. Mesmo tendo passado em engenharia?

MONITORA A: É

PESQUISADORA F: E mesmo assim você ficou com receio e falou deixa eu prestar...

MONITORA A: Sim, porque eu não aguentava, porque é desde a escola e aquela pressão para entrar na faculdade e aí como demorou muito tempo também, aí eu já queria entrar logo.

PESQUISADORA F: Por que demorou muito tempo? Com quantos anos você entrou?

MONITORA A: Entrei eu acho que com uns vinte.

PESQUISADORA F: Você terminou com dezessete?

MONITORA A: A escola?

PESQUISADORA F: É.

MONITORA A: Dezesseis.

PESQUISADORA F: Aí você ficou fazendo cursinho esses quatro anos?

MONITORA A: Não, primeiro eu fiz cursinho, depois eu parei porque eu tive que trabalhar quando meu pai ficou doente, aí depois eu prestei a USP de novo.

PESQUISADORA F: Trabalhou quanto tempo?

MONITORA A: Quase quatro anos, de 2011 a 2014.

PESQUISADORA F: Ah, foi esse período todo? Você terminou o Ensino Médio em 2010?

MONITORA A: Foi.

PESQUISADORA F: Aí foi trabalhando e fazendo cursinho?

MONITORA A: Foi, unhun.

PESQUISADORA F: E, você mora com quem?

MONITORA A: Com a minha irmã e meu pai.

PESQUISADORA F: Só vocês três né?

MONITORA A: Só.

PESQUISADORA F: Aí eu lembro de alguma coisa, que seu pai ficou doente. O que ele teve?

MONITORA A: Ele teve um AVC

PESQUISADORA F: Foi, um AVC, verdade.

MONITORA A: e ficou com algumas sequelas.

PESQUISADORA F: Aí sua irmã cuidou né, que largou o emprego.

MONITORA A: Sim. Ai a gente teve que, por isso que eu não fui né. Porque foi praticamente tudo na mesma semana que eu ia e ele ficou doente. Aí minha irmã fazia faculdade na época e teve que parar para cuidar dele e alguém teve que cuidar as pontas financeiras em casa. E aí como ela achou que eu não ia dar conta de ficar com ele em casa, porque era um trabalho muito pesado, eu fiquei encarregada de trabalhar e sustentar a casa.

PESQUISADORA F: E ela ficou em casa cuidando.

MONITORA A: Sim. Aí depois ele foi meio que melhorando na medida do possível e a gente conseguiu contratar uma cuidadora e ela voltou trabalhava e conseguiu se formar e a gente conseguiu ir andando um pouquinho.

PESQUISADORA F: E ele está bem hoje?

MONITORA A: Não. Está é,

PESQUISADORA F: Ele se vira. Você falou que ele estava se virando com algumas coisas né?

MONITORA A: É, ele já não, essa parte cognitiva dele...

PESQUISADORA F: Afetou!

MONITORA A: É, ele é uma criança, afetou. Ele faz birra e tudo mais. A gente esconde fósforo, essas coisas de fogo para ele não mexer.

PESQUISADORA F: Não mexer.

MONITORA A: É, a gente está sempre lá para dar alguma coisa para ele comer, mas assim, ele anda sozinho, ele vai no banheiro agora, mas tem que ficar de olho para limpar, por exemplo, porque ele não limpa.

PESQUISADORA F: Ele virou uma criança?

MONITORA A: Virou.

PESQUISADORA F: É um cuidado especial né.

MONITORA A: Anham.

PESQUISADORA F: E a cuidadora está lá?

MONITORA A: Não, quem está lá é a minha irmã.

PESQUISADORA F: Ela voltou a cuidar dele?

MONITORA A: Anhan, porque a empresa que ela estava trabalhando faliu ano retrasado ou ano passado, aí ela começou a estudar para um concurso e ela estava com o seguro. Aí agora acabou e a gente vai voltar a segurar as coisas aí, mas no final ela passou no concurso, mas a

gente está esperando sair, mas tem uma lei de alguma coisa que não pode aceitar, não pode pegar as pessoas que passaram no concurso antes de eleição. Aí parece que só vai...

PESQUISADORA F: Ah, tem.

MONITORA A: Aí parece que só vai sair agora em janeiro, mas pelo menos ela passou.

PESQUISADORA F: E aí? Aí você pegou e passou no vestibular e entrou em LCN e está em outro curso. Como foi tudo isso?

MONITORA A: Ah, LCN é muito difícil. Eu não sou de exatas (entrevista interrompida por alguém externo). E eu me dava bem na parte biológica e a parte de geologia que eu amava também, mas a parte de exatas que era cálculo, a parte de física, assim. Pior que eu lembro que eu me dava muito bem nessa área, na parte da escola e do cursinho que eu aprendi bastante. Era a parte que eu mais gostava mas quando eu entrei na faculdade, eu não sei, parece que eu criei um bloqueio gigantesco, que eu comparava as duas provas da escola e daqui, que o, porque meio que no primeiro ano faz uma revisão né e eu não conseguia tirar nota boa, não sabia o que estava acontecendo.

PESQUISADORA F: E era a mesma coisa?

MONITORA A: A mesma coisa, acho que eu criei um bloqueio.

PESQUISADORA F: As vezes o momento né.

MONITORA A: É, acho que foi.

PESQUISADORA F: a gente as vezes. Tem horas que a pessoa está falando comigo e eu não estou ouvindo nada, aí eu não estou entendendo nada e eu falou, meu Deus. Esse semestre eu estava fazendo uma disciplina que eu não estava conseguindo entender nada, sabe o que é nada. Aí eu falei, gente, o que está acontecendo? É grego, ou eu estou muito cansada? Mas é o momento n, as vezes não entra na cabeça e sei lá, porque se era a mesma coisa né?

MONITORA A: Então, sim, acho que também porque meu pai havia ficado doente recente e era tudo aquela pressão.

PESQUISADORA F: Abala psicologicamente né?

MONITORA A: Unhun.

PESQUISADORA F: E o que representa para você estar aqui na USP? Você queria? Você falou que queria mais ir para a UNESP né?

MONITORA A: É, na verdade eu queria ir para a UNESP porque era mais fácil, mas acho que o sonho de todo mundo, de todo brasileiro é entrar na USP, vamos ser sincera.

PESQUISADORA F: Você queria uma pública?

MONITORA A: Queria.

PESQUISADORA F: E de preferência a USP?

MONITORA A: Sim, né.

PESQUISADORA F: E estar aqui para você?

MONITORA A: Ah, é uma vitória, uma conquista muito grande porque eu tive várias dificuldades que me impulsionaram a não estudar, a não conseguir estar aqui hoje e eu prestei vestibular escondida, não falei essa parte né, mas eu prestei escondida porque não era para eu prestar porque não tinha jeito, porque eu tinha que trabalhar e tals, mas eu prestei escondido e passei aí a gente conseguiu se mexer para dar um jeito.

PESQUISADORA F: Aí conversou, tá bom, vai lá né.

MONITORA A: Ela falou ah não, agora que você passou vai, mas se eu não tivesse me mexido talvez eu estivesse trabalhando até agora.

PESQUISADORA F: Até agora, porque você estaria segurando as pontas, né!

MONITORA A: sim.

PESQUISADORA F: E aí você falou que para você foi bem complicado o curso de LCN, que você não gostou dessa parte de exatas. Quando você percebeu isso? Demorou quanto tempo e para tomar atitude, porque uma coisa é a gente ver e falar vamos ver e as vezes dá certo, né..

MONITORA A: Eu tentei, acho que o curso em si eu fiz dois anos. No segundo ano eu comecei a perceber que não iria dar certo, que eu não estava conseguindo acompanhar e aí no segundo, foi em 2014, 15? (momento de reflexão).

PESQUISADORA F: Você entrou em 2014?

MONITORA A: Foi. Aí eu fiquei dois anos fazendo o curso e em 2015 eu comecei a puxar umas matérias de GPP, comecei a fazer, comecei a me interessar.

PESQUISADORA F: Você gostou, mas por quê? Você tinha amigos que fazia ou começou a ver o curso?

MONITORA A: Não, eu fui cega assim, eu sabia que eles tratavam dessa parte mais social, essa parte mais [...] que LCN é um curso mais prático né, mais didático e GPP é um curso mais de sociais e eu gostava disso e aí eu comecei a puxar matéria para ver como é que funcionava.

PESQUISADORA F: Como assim sociais, o quê que te interessava?

MONITORA A: Sabe, no sentido de você ver um problema e você conseguir arranjar uma solução para esse problema, aí quando você vê que esse problema é tudo.

PESQUISADORA F: Política.

MONITORA A: Sim, principalmente na parte de saúde pública, por exemplo, meu pai ficou com sequelas porque ficou três dias no corredor do hospital, então, esse curso meio que dá uma

esperança de que eu possa fazer alguma coisa para mudar esse quadro geral. Aí eu falei, nossa, acho que eu me achei.

PESQUISADORA F: E aí você gostou das disciplinas que você começou a cursar?

MONITORA A: Sim.

PESQUISADORA F: Aí você pediu transferência?

MONITORA A: Sim.

PESQUISADORA F: Aquela que você faz uma provinha né. Aí você já mudou né. Faz quanto tempo?

MONITORA A: Eu comecei a puxar matéria em 2016 mas a transferência mesmo eu só passei agora em 2018. Prestei em 2017 e passei em 2018.

PESQUISADORA F: Você passou em 2017?

MONITORA A: Não, prestei em 2017 aí eu passei agora em 2018.

PESQUISADORA F: Mas aí você aproveitou as disciplinas que você fez?

MONITORA A: Se eu fizer tudo certinho o ano que vem eu já estou formada já.

PESQUISADORA F: Oh, que rápida hein. (risos) muito rápido. Como está sendo sua organização como estudante?

MONITORA A: Ah está sendo complicada, está sendo complicada mais assim, por conciliar a situação de casa com a faculdade e agora tem a questão do estágio.

PESQUISADORA F: Mas o estágio de vocês também é obrigatório? Mas é remunerado né?

MONITORA A: Sim.

PESQUISADORA F: O bom é isso (risos).

MONITORA A: Aí eu preciso ver né como é que as coisas vão ficar, e as matérias, tem matérias muito fáceis, mas tem matérias que são um pouquinho mais difíceis, tipo exatas, tipo microeconomia que tem que ler muito, mas aí não tem como fugir. E aí é isso, tem sido um pouco complicado conciliar tudo mas eu tô indo, tô tentando.

PESQUISADORA F: Mas você tá tendo que lidar com o grupo, com a sua família e com o curso, com as aulas. E o estágio começa quando?

MONITORA A: Quando me contratarem. Eu queria um de quatro horas para conseguir conciliar com o M.A.R.I.A mas eu não sei.

PESQUISADORA F: Eu acho que seria ótimo porque a gente não pode te perder, como assim? Mas tem né

MONITORA A: Tem sim, tinha um na secretaria da Educação que eu não consegui. Aí tem outro, mas a maioria assim é de quatro horas. Aí eu estou tentando.

PESQUISADORA F: Dá para você fazer igual a Monitora D né?

MONITORA A: Sim, foi nela que me inspirei, achei que não podia, mas se ela pode eu também posso.

PESQUISADORA F: Sim, porque estágio não tem essas regrinhas, depende da instituição né.

MONITORA A: Sim, na secretaria eles falaram que são bem maleáveis em relação a isso. Tem um outro lugar que eu prestei entrevista também, que foi no instituto de farmácia, eles falaram também, não, a gente é bem maleável em relação a dias que você precise sair mais cedo ou compensar em outro dia, tudo bem.

PESQUISADORA F: É, porque são só quatro horinhas né.

MONITORA A: Então acho que dá, é só alguém me contratar. Mas uma hora vai. Todo mundo me falou que é normal fazer umas dez entrevistas, então eu estou na terceira, então está tudo bem (risos).

PESQUISADORA F: É questão de tempo. As vezes bate na primeira, mas normalmente não. E se caso você conseguir com mais tempo e menos flexibilidade, você vai optar pelo?

MONITORA A: Ah, eu preciso trabalhar, preciso de experiência né. Também não adianta eu conseguir um estágio que seja de seis horas, que normalmente eles pagam R\$800,00, vai R\$600,00 e pouquinho, para mim não compensa. Melhor eu conseguir um de R\$400,00 que eu consiga juntar com o M.A.R.I.A. e dar o valor de R\$800,00.

PESQUISADORA F: Tem que ver o que fica melhor para você, mas aí você dá um toque pra gente. Tenta aí conciliar.

MONITORA A: Minha meta número 1.

PESQUISADORA F: Como você chegou? Você participa de algum outro projeto além do M.A.R.I.A. na USP?

MONITORA A: Não.

PESQUISADORA F: Sei lá, grupos artísticos. Você é da área das artes?

MONITORA A: Eu fazia parte das CheerLeaders, mas agora eu saí. Acho que eu já fiz o meu trabalho lá, já encaminharam, já tem muita gente e vai e segue em frente agora.

PESQUISADORA F: Quanto tempo você ficou lá?

MONITORA A: Na CheerLeaders?

PESQUISADORA F: É, é um grupo de animação dos jogos da USP? Da atlética né

MONITORA A: Não é da atlética não, é um esporte mesmo de animação, mas a gente faz mais para competir no final do ano. São várias competições.

PESQUISADORA F: Ah, então é independente de jogos?

MONITORA A: Sim.

PESQUISADORA F: Não é o pessoal de animação daquele time?

MONITORA A: Não, não, não. É uma modalidade mesmo. Eu entrei com esse propósito, de tirar essa ideia de que as meninas vão para os jogos e ficam lá, não é. A gente vai para praticar o esporte. Eu consegui levar elas para competir e agora elas já entenderam.

PESQUISADORA F: E tem competição aqui dentro?

MONITORA A: Não, tem em São Paulo, tem no Rio, mas são várias equipes que disputam.

Vídeo 3- Tempo: 1:29min

PESQUISADORA F: Que era para ser basquete, que era para ser queimada e no final virou o quê? Nem lembro.

MONITORA A: Brincadeira livre, o pessoal ficava brincando de vôlei, o pessoal ficou lá fora brincando com as mãos.

PESQUISADORA F: Mas não falou nada de animais?

MONITORA A: Não.

PESQUISADORA F: Entendeu? (risos) Então é isso aí.

MONITORA A: Acho que ela queria pegar os discursos, tipo, mas não dava. O lugar era muito amplo, já era barulhento por si só.

PESQUISADORA F: É, mas aí tem que ter essa, né, essa, é isso aí que a gente conversa: o que eu quero? Quero isso? Então que lugar eu vou usar? Né, qual é meu objetivo? Mas eu entendo a MONITORA F: naquela semana, eu até entendo, porque ela está com a tia doente, ela estava bem assim atribulada, ela não conseguia pensar, resolver nada, mas a gente vê que em outras situações não é isso que acontece, né. É diferente de pessoas que sempre faz isso, né. Tem coisas que a gente entende. É igual quando eu falei no início do ano, pessoal, faltou eu vou descontar. Lembra? Eu não descontei de nenhum até agora, porque você fala assim, tem pessoas que não faltam porque querem e sim porque precisam e tem pessoas que a gente fala isso porque sabe que vai rolar. Então no final, a gente acaba, tem pessoas que enrolam a gente mesmo e a gente (risos) acha que não está enrolando mas está né. No final a gente fica de besta, mas beleza. Então é isso. Então está bom. Se eu esqueci alguma coisa, eu posso te perguntar depois?

MONITORA A: Pode.

ANEXO 6.2 – MONITOR B

Tempo: 33min09seg

MONITOR B: Oi, gente

PESQUISADORA F: Ah... Acho que foi. Monitor B, vamos lá. Então, primeiro eu vou começar perguntando, perguntar, sobre sua trajetória aqui na USP, tá?!

MONITOR B: Uhum

PESQUISADORA F: Então... Como que foi para você entrar aqui? O curso que você faz, é o que você queria? Você sempre quis estar na USP? Chegou... Como é que foi a sua chegada aqui na faculdade?

MONITOR B: Bom, eu vou dar uma resumida bem básica assim. Eu me formei em 2008 no ensino médio e aí não sabia o que fazer ainda. Em 2005 ou 2006, minha mãe tinha me colocado para fazer aqueles exames de, de profissão e tudo mais aí eu fiz e deu administração e alguma área focada no meio ambiente.

PESQUISADORA F: Ah... o teste vocacional.

MONITOR B: É, isso. Isso mesmo. É, aí deu administração, porque dá “pa” todo mundo administração

PESQUISADORA F: Pra quem não sabe o que quer, faz isso, independente

MONITOR B: Exato. É, e essa frase é verdade, eu sou a prova viva disso.

PESQUISADORA F: (trecho não audível)

MONITOR B: Eu fiz, eu fiz 6 anos de administração e me arrependo profundamente

PESQUISADORA F: Ele gostou, sorte dele

MONITOR B: E de ter feito, mas tipo assim, não que eu me arrependa, mas... saí de lá da mesma forma que eu entrei, sem saber o que eu queria. E... aí demorei muito, fiquei 1 ano, praticamente, da minha vida de 2015 a 2000 e... não, 2016 inteiro eu fiquei sem fazer nada, pensando no que fazer e aí no final do ano, meu primo me

PESQUISADORA F: Você não queria na área de administração?

MONITOR B: Não, mas também eu não tinha noção do que eu queria.

PESQUISADORA F: Do que você queria

MONITOR B: E aí comecei a fazer horta em casa e achei interessante tal. E aí um dia meu primo ele chegou e falou: “Escuta, tá tendo vestibular na USP e dá uma olhada nos cursos”. Aí eu: “beleza”. Só que meu jeito de olhar os cursos foi: “Não, não, não, gestão ambiental? Ah, o nome é legal e tem a ver com administração, deve ser isso que eu quero. *Puff*. Foi lá

PESQUISADORA F: Gestão? Vou unir o útil ao agradável e cuidar (trecho não audível) do meu ambiente.

MONITOR B: Vou unir o útil ao agradável e foi isso, foi exatamente isso. Ele até me criticou depois formado: “Mano, eu demorei 5 horas para ler a “porra” do edital inteiro, a porcaria do edital inteiro e você me escolhe o curso que você quer fazer em 5 minutos. Cê, cê tem noção que cê é muito perdido? Aí tipo eu conversei depois e tal.

PESQUISADORA F: Foi prático né?!

MONITOR B: É, basicamente. E, só que assim, eu entrei, eu sempre quis estudar na USP, porque primeiro é pública, não tem que pagar, e segundo porque é uma faculdade que eu ainda considero bastante de prestígio, tem, tem nome lá fora e aí pela experiência que eu tive no Mackenzie, tipo é horrível.

PESQUISADORA F: Ah, o seu de administração foi no Mackenzie

MONITOR B: Foi.

PESQUISADORA F: Por que que é horrível?

MONITOR B: Porque um eles não valorizam, eles valorizam o ensino, mas valorizam aquela coisa mais clássica, mais estuda, se vira, poucas formas de reconhecer o aluno, se você foi mal numa prova cê, praticamente, já está de recuperação, DP e tudo mais e o preço era absurdo, eu fazia estágio e o dinheiro todo ia para pagar a faculdade. E aí quando eu entrei na USP, eu sempre... Tinha essa, um amigo meu faz esse aí aqui na USP e aí eu falei com ele e ele disse: “Mano, o curso de GA na EACH é um curso bom, é um dos melhores que tem lá e eu acho que é um curso que você vai gostar, a faculdade é legal e tals. A primeira vez que eu vim aqui, eu achei lindo, só o fato de ter vários campos

PESQUISADORA F: Você é de onde?

MONITOR B: São Caetano

PESQUISADORA F: De ter vários o que? Bancos?

MONITOR B: É. Bancos? Você disse

PESQUISADORA F: Você falou de ter vários bancos

MONITOR B: Não, é campos, campos tipo bastante lugar aberto, verde e tal e eu amo paisagem e coisas naturais e tudo mais. Bom, enfim

PESQUISADORA F: Agora, a Cidade Universitária é bem mais bonita, aqui é meio brega

MONITOR PESQUISADORA F: É aqui, é aqui eu fico pensando tipo bom, o campus é menor em comparado ao Butantã e Cidade Universitária

PESQUISADORA F: Acho que nem cresce muito coisa aqui né?!

MONITOR B: O que?

PESQUISADORA F: Por causa do tipo de solo né?!

MONITOR B: É, é contaminado

PESQUISADORA F: É, por isso é meio brega

MONITOR B: Mas, mas mesmo assim, eu... sei lá, gosto, achei legal. E a forma também como tem a didática, a questão do iCB mesmo, é... Eu me senti muito mais interagindo com a universidade e universidade interagindo comigo do que só estudando. Também tem a questão de fazer atividades comunitárias que eu acho isso bem legal também.

PESQUISADORA F: Ah, tem aqui?

MONITOR B: É, o Maria, o DIAN, o...

PESQUISADORA F: Mas além desses, tem mais algum?

MONITOR B: Ah, Ah, eu acho que deve ter, se eu não me engano tem sim.

PESQUISADORA F: Eu só sei do cursinho pré-vestibular né?! Quem tem, que é comunitário

MONITOR B: Tem, tem esse também. Tem coisas também focadas em música, a própria Flávia de cálculo, matemática e modelagem, ela dá aula de kung fu

PESQUISADORA F: Ah, é?!

MONITOR B: Aqui na EACH tipo eu acho isso muito legal, não tem que pagar nada sabe, eu acho isso muito incrível. E.. enfim, toda a questão do esporte, toda questão também geral. Até hoje, eu acho que o meu primeiro semestre, eu achei incrível, o meu segundo semestre foi meio intenso, porque fique muito ocupado com outras coisas, fique é... De certa forma, eu acho que fiquei um pouco mais preguiçoso também no segundo semestre e agora no terceiro, eu tô percebendo que é realmente o que eu quero, mas ainda não tô totalmente empenhando, mas tô tentando corrigir isso.

PESQUISADORA F: Mas você gosta do curso então? Cê percebeu que é

MONITOR B: Gosto, gosto, gosto. E... eu tenho até um certo sonho, eu não sei pode falar. O sonho que eu tenho é que tipo, meu maior, minha maior crítica hoje em dia é que todo sistema econômico ele é estagnado, ele faz o ser humano ser estagnado. A gente busca a evolução, mas é evolução tecnológica, não é evolução consciente, da consciência, não é evolução do espírito, não é evolução é... de proteção a natureza, nada disso. É só a economia que importa.

PESQUISADORA F: Consumismo. (trecho não audível)

MONITOR B: Consumismo. E eu sou muito crítico a isso. Eu sou, eu sou em muitos aspectos, eu admito que sou hipócrita, tenho celular, tenho, tenho carta

PESQUISADORA F: É... Mas é a geração que você vive, você precisa.

MONITOR B: É... exatamente.

PESQUISADORA F: Tem coisas que não.

MONITOR B: Exatamente, exatamente esse é o ponto.

PESQUISADORA F: Tem que coisas que você pode...

MONITOR B: Tipo, eu acho que a gente hoje, como a gente nasceu num sistema assim, é difícil de sair dele, é complicado.

PESQUISADORA F: É....

MONITOR B: Só que eu tenho, o meu sonho é, futuramente, com todo o que eu aprendi, com tudo o que eu tenho noção de ser humano, de questão social, de também do meio ambiente, é me isolar da civilização, é me isolar completamente, sair dessa bolha e... Existe até uma frase que eu achei muito interessante que fala assim: “Você não pode se curar no mesmo ambiente que adoeceu”, não sei quem escreveu isso, mas acho que descreve bem essa questão. Tem um filósofo também...

PESQUISADORA F: É igual vício.

MONITOR B: Aham?

PESQUISADORA F: É igual vício.

MONITOR B: É igual vício.

PESQUISADORA F: Tem que sair do ambiente.

MONITOR B: Exato. Ele é narcoambientalista, David Attenborough, ele é um francês, mas que viveu nos Estados Unidos e ele é um cara que ele escreveu um livro chamado “Bosque Walden”. Não, desculpa, “Bosque Walden” não, é um livro chamado “Walden” e um livro “Desobediência civil”. Gandhi e Martin Luther King fizeram a luta deles encima desse livro, “Desobediência civil”, que é uma forma totalmente pacífica de você enfrentar o sistema, enfrentar os tiranos no caso de uma forma que não envolve pegar em armas ou algo assim, basicamente, é essa a minha filosofia. Por isso, que eu falo que meu sonho, é a sair dessa droga de sociedade, dessa sociedade hipócrita, dessa sociedade que coloca na nossa cabeça que a gente só vai ser feliz tendo um bom emprego, que não te define, não te transforma num cidadão exemplar e sair dessa droga de consumismo, esses são os dois pontos primordiais. Eu tenho dois pecados na minha vida até hoje, que eu não vou falar aqui, porque eu acho que é uma coisa que realmente me incomoda, eu acho que fazendo uma sociedade longe dessa sociedade que a gente vive hoje, eu acho que meio que vai me dar tranquilidade no coração, na alma.

PESQUISADORA F: Se redimir.

MONITOR B: Me redimir, exato.

PESQUISADORA F: Então não é uma sociedade só para você fugir desse sistema, mas você também vai propor mudanças?

MONITOR B: Sim.

PESQUISADORA F: Né?! Que você fala que gosta muito de social.

MONITOR B: Sim.

PESQUISADORA F: De trabalhos sociais. E já existe isso né?! Sociedades assim...

MONITOR B: Sim, existe uma na Índia que ela é totalmente livre do dinheiro, do capital. Você não tem... Eu falo que anarquismo é diferente do nepotismo. Nepotismo é o que existia antigamente. O anarquismo, na teoria, na prática ou melhor na prática analisando o que ele realmente, ele nunca existiu, porque o anarquismo é ausência de poder e não ausência de leis. Essas leis quem colocariam seriam a própria sociedade, a sociedade não é quem cria o Estado, essa figura autoritária. O anarquismo é justamente isso, essa ausência de autoridade. Então tipo as únicas leis que eu acho que existiria nessa sociedade que eu gostaria de criar, de implementar nesse meu sonho, se fosse possível, seria o respeito para com o próprio e isso envolve tipo... sei lá, não ser preconceituoso, não ofender, não julgar, não matar, não, não abusar, nada e a valorização do seu eu interno, o que que você é realmente na sua essência que é uma questão, talvez, espiritual. Que eu acho que a consciência ela... Até hoje a ciência e a própria psicologia e psiquiatria e tal, até hoje ela não consegue definir o que é consciência, o que que é esse impulso que move a gente. Eu acho que a gente só vai conseguir entender o que é esse impulso, quando a gente realmente se entender, se isolar desse universo que a gente vive.

PESQUISADORA F: Aqui a gente não tem tempo pra pensar.

MONITOR B: A gente não consegue, não dá.

PESQUISADORA F: A gente pega tudo de fora, internaliza e fala: “esse sou eu”.

MONITOR B: Exato e também tem a questão do tipo “Mano, ou eu faço isso ou eu morro de fome”.

PESQUISADORA F: É...

MONITOR B: Você pode viver nesse sistema.

PESQUISADORA F: E conviver com as pessoas.

MONITOR B: E conviver com a pessoas.

PESQUISADORA F: Tem que entrar e dançar conforme o ritmo.

MONITOR B: Então tipo essa é a minha... E aí eu escolhi gestão ambiental por justamente, esse é um dos motivos tipo eu acho que gestão ambiental ela tá me dando uma conexão muito científica do que é a natureza e isso eu acho que é necessário para você viver nela, você precisa

conhecer ela, você precisa entender como ela age, como produz, sei lá, um composto químico o que você pode fazer com aquilo, mas não explorar aquilo, não se utilizar daquilo para ter lucro. É necessário para algum momento, pra, sei lá, curar alguma doença é...

PESQUISADORA F: Pra subsistência.

MONITOR B: Pra subsistência.

PESQUISADORA F: Não para ganhar dinheiro.

MONITOR B: Exato.

PESQUISADORA F: E suas metas como estudante, que cê tá? No início você disse que estava bem, depois deu uma diminuída, depois tá melhorando... Quais são suas metas aqui? Que que cê tem?

MONITOR B: Primeiro, eu tô fazendo iniciação científica, eu gostaria muito de seguir a área acadêmica, se der pra seguir né?! Se eu começar a engrenar mesmo. Mas eu tenho interesse em seguir nessa área, primeiro porque eu acho que eu tenho uma boa capacidade de digamos me expor ao público, eu não tenho problema em explicar alguma coisa tipo na lousa ou apresentar um trabalho ou explicar uma fórmula, sempre tive muita facilidade com isso. Na verdade, me incomoda nem um pouco, eu até prefiro trabalhos assim.

PESQUISADORA F: E sua iniciação é assim. O que você faz na iniciação?

MONITOR B: Minha iniciação ela é com [...] de ambiente terrestre. Ele... a gente trabalha com foraminíferos que eles serão seres vivos que viveram, que ainda vivem hoje, mas que a gente trabalha com o que viveu no período Paleolítico, no início da pós, do pós Maximus Glacial que é um ser vivo que ele, basicamente, consegue concentrar nele, na concha dele, é... questões climáticas, mudanças climáticas.

PESQUISADORA F: Igual anéis de árvore.

MONITOR B: Isso.

PESQUISADORA F: Crescimento.

MONITOR B: Exato. Esse é um dos... os anéis de árvore, os foraminíferos, os estalactite e... tem mais um que eu não lembro.

PESQUISADORA F: Tem rochas, igual aquelas rochas é...

MONITOR B: Sedimentares, metamórficas...

PESQUISADORA F: Tem uma que a gente fez um passeio na faculdade, eu esqueci o nome, que cada cor é um período glacial.

MONITOR B: Ah, é... Eu não vou lembrar o nome também, mas eu sei qual que é.

PESQUISADORA F: Mas tem, não tem?

MONITOR B: Tem. Enfim e aí eu trabalho com foraminíferos, então tipo a gente tá estudando, fazendo estudos dos foraminíferos aqui na América do Sul, porque aqui na América do Sul tem carência dessas informações, na América do Norte tem muita pesquisa sobre isso, mas na América do Sul não tem muita, então surgiu essa oportunidade, eu tô fazendo [...] e é basicamente isso. É legal, tô achando interessante. É um trabalho... Agora eu tô numa etapa de microscópio que é de analisar um por um e escolhendo um por um, cê tem que ficar pegando um a um e separando. É um pouquinho cansativo, pouquinho chato, mas necessário e eu não acho...

PESQUISADORA F: É pequeno?

MONITOR B? É minúsculo

PESQUISADORA F: Ah, é...

MONITOR B? É muito pequeno

PESQUISADORA F: E pega aonde?

MONITOR B: É... o QS [...] ele tem umas amostras do sedimento que ele pegou no início do ano, lá perto do Rio da Prata, na divisa entre Uruguai, Argentina e Brasil.

PESQUISADORA F: Hmm, legal. Ele é de lá?

MONITOR B: Ele? O Cass Não, ele é daqui do Brasil. Quer dizer, não, não sei.

PESQUISADORA F: Quem é de lá é o... Não, não viajei. Tem um professor de [...] que também que eu acho que é argentino.

MONITOR B: Talvez seja o Gerardo

PESQUISADORA F: Mas não tem parceria não né?!

MONITOR B: Não, quer dizer, acho que não. Talvez seja o Gerardo, mas o Gerardo tem parceria com a Lucy que aí sim ela trabalha mais ou menos no mesmo, no mesmo, na mesma área que o Cass. Mas o Gerardo propriamente ele trabalha com cartografia, é diferente.

PESQUISADORA F: E você se inscreveu? Foi um convite? Você procurou? Como que foi?

MONITOR B: Eu procurei ele, eu lembro até hoje: “Professor, você tá com alguma vaga de iniciação científica?”, ele olhou pra mim “Ah, tô sim. Me manda um e-mail pra mim que a gente conversa”; “Ah, firmeza” aí eu mandei pra ele e no dia seguinte ele respondeu formado: “Ah, vai tal dia, falar com tal pessoa lá no laboratório” aí eu fui e já comecei a trabalhar.

PESQUISADORA F: Ah, legal. E você é bolsista?

MONITOR B: Ainda não, vou ser a partir de agosto.

PESQUISADORA F: Ah, legal e aí já.

MONITOR B: Por enquanto, estou trabalhando por conta própria mesmo, voluntário

PESQUISADORA F: Ah, legal. Mas é o início todo projeto é meio que assim né?!

MONITOR B: Sim

PESQUISADORA F: E aí então cê está nesse caminho de seguir carreira acadêmica e começou a fazer essa pesquisa para ver se meio que área que você quer.

MONITOR B: É... a princípio, o meu projeto, pelo menos, eu penso, pelo menos, em fazer um projeto de graduação que envolva essa crítica em relação ao capitalismo e mudanças climáticas, principalmente, mudanças antropogênicas. E esse já tá sendo uma das formas de comprovar isso e aí tem a questão dos anéis das árvores e tudo mais, mas ainda não decidi exatamente sobre o tema tanto que dá para aprofundar bem mais.

PESQUISADORA F: E quando você fala em seguir carreira acadêmica é continuar fazer mestrado, doutorado, por que qual é a sua intenção?

MONITOR B: Eu busco, eu não tenho expectativa de tipo “Ah, eu quero fazer um doutorado que vai me dar, sei lá, tanto de conhecimento assim”, porque eu acho que, não sei, esse tipo de conhecimento eu não sei se tenho tanto interesse. Eu quero seguir a área acadêmica, mas eu quero seguir uma área de pesquisa só que não sei eu ainda não desenvolvi direito a ideia, mas por enquanto está sendo uma coisa que eu tô com foco, porque eu gosto disso, eu gosto da pesquisa e eu gosto acho que de ensinar, eu me sinto bem ensinando, não que eu me ache superior ou me ache... eu gosto, eu tenho prazer de passar o conhecimento pra outra pessoa e ela entender aquilo.

PESQUISADORA F: Legal. Então você pode ser um professor universitário né?! Já que você tem essa facilidade.

MONITOR B: Sim. Eu pretendo ser alguma coisa nesse foco mesmo, eu tenho facilidade com conta, tenho facilidade com a parte da natureza então vou tentar, vou dar um braço a torcer aí.

PESQUISADORA F: É. E pensando em metas pessoais, futuras você me falou de uma que seria né?! Onde você se vê daqui um tempo? Metas pessoais, você pensa no que mais?

MONITOR B: Deixa eu ver...

PESQUISADORA F: Você me contou um monte de coisa, só que eu fiquei meio confusa, entendeu?

MONITOR B: Eu...

PESQUISADORA F: Você se vê professor, você se vê pesquisador

MONITOR B: Eu me vejo professor, eu me vejo pesquisador, mas eu não acho que seria essa uma meta tipo “fim da minha vida” tipo “objetivo final da minha vida”, o objetivo final seria esse que eu comentei do sonho. Mas, não sei, eu acho que auxiliar as pessoas, me forçar mais

em atividades comunitárias, me forçar mais em atividades que envolva a sociedade, que envolva necessitados, que envolvam pessoas que tão precisando de uma atenção maior, de uma compreensão maior, de todos os problemas, de todos os problemas que elas estão dentro, que elas estão afundadas ali. E eu acho que eu comecei bem até, porque eu comecei no DIAN e vim para o MARIA e eu sei que eu tô meio deslocado no Maria, mas no DIAN eu também demorei um pouco para me encontrar, mas é tá sendo uma experiência muito boa. Um amigo meu hoje ele me falou “Meu, tô pensando em sair do DIAN, que eu tô participando lá, porque tá muito corrido, tá muito isso” e aí eu fiquei pensando “Pow, legal. Cê tá tomando essa decisão, você admitindo isso, isso é uma coisa importante, admitir que você tá sobrecarregado, reconhecer isso.

PESQUISADORA F: É...

MONITOR B: Mas, cara... é tão legal fazer isso”. Fiquei pensando assim comigo mesmo, eu realmente devo ser uma coisa muito... Sociedade pra mim e outras pessoas que necessitam desse contato mais próximo e tudo mais deve ser uma coisa que está muito enraizado em mim.

PESQUISADORA F: É... eu tenho isso também.

MONITOR B: E aí, é. E eu, sei lá, tô nessa, num não sei mais elaborar.

PESQUISADORA F: E outros projetos aqui na USP cê tá na iniciação científica e no Maria né?!

MONITOR B: Sim.

PESQUISADORA F: Centro acadêmico e essas coisas assim, nada né?!

MONITOR B: Não... não. Mas eu tenho uma outra vontade de fazer, uma espécie de uma... de outra atividade, não abri um grupo ou coisa assim, talvez, mas não tão formal assim. Já que a escola se chama “Escola de Arte, Ciências e Humanidades”, por que não tem nada de artes aqui? Aí eu fico pensando, eu gosto muito de pintar, quadros, e eu já pintei vários quadros...

PESQUISADORA F: Que beleza hein?!

MONITOR B: Óleo em tela e tinta acrílica. Futuramente, talvez ano que vem ou no outro ano, quando eu já tiver melhor em termos financeiros, tô pensando em trazer algumas coisas aqui e começar a pintar quadros aqui mesmo para ver se a galera se inteira e hoje eu estava vendo até um lugarzinho pra pintar em frente ao Titanic com um sonzinho agradável, pintando e tipo tentando criar uma... chamando a atenção pra pessoas tipo tenta mostrar mais essa questão artística da EACH aqui na EACH.

PESQUISADORA F: Lega. Você pode fazer um convite né?! Tem esses grupos de alunos, não tem?! E-mail geral assim? Que você pode mandar e avisar.

MONITOR B: Tem, acho que tem sim. É que eu acho que o e-mail muito, muito, não sei, é legal de mandar para as pessoas conhecerem, mas... eu pelo menos não sou muito ligado em e-mail e talvez seja por isso que eu não veja tanta conexão tipo de enviar e achar que vai ter pessoas que vão vir, porque eu não me conecto direito dessa forma.

PESQUISADORA F: E eu já vejo tudo pelo e-mail. Então se não mandar no e-mail, só se eu passar e vê e olhe lá e ainda vou achar “não, é fechado, não vou nem me intrometer”. O e-mail eu já é, eu acho que é um convite.

MONITOR B: Sim, sim. Eu acho, particularmente, eu acho que dá muito mais certo mostrar mais PA, um dia qualquer aparece um doido lá, altão, de 1,96 m pintando, ouvindo... sei lá, Zé Ramalho, pintando um quadro da paisagem. Tipo acho que isso dá muito mais impacto do que simplesmente um convite com “Ah, vai ser em tal lugar, tal horário”. Não, mano... “dana-se”.

PESQUISADORA F: Entendi. E como que você chegou na banca? No caso, você no DIAN né?!

MONITOR B: Foi. Eu lembro que no primeiro dia que eu tive aula com o (? – 22:08), ele chegou formado a respeito da matéria dele e aí ele falou que participa da banca da ciência e falou dos grupos. Aí ele falou do primeiro DIAN – Departamento de... como é que é? Discussão e Investigação sobre Animais e Natureza aí eu olhei “Gestão ambiental, animal e natureza, tô dentro”.

PESQUISADORA F: Tem animal, tem natureza, você tá entrando em tudo.

MONITOR B: Tem animal, tem natureza, tô entrando. Aí ele falou “Oh, você vai ter uma reunião dos representantes desse grupo, hoje às 3h” aí eu pensei: “Putz.. Hoje, hoje, às 3 horas, vou ter que ficar até às 3 horas logo no primeiro dia. Ah, tá bom, vamo vai. Tô gostando já do curso, então vamo”. Aí eu conheci a...

PESQUISADORA F: Tânia.

MONITOR B: Não, não foi a Tânia nesse dia.

PESQUISADORA F: Mestranda V?

MONITOR B: Foi... Foi outra pessoa, foi acho que foi a Valesca, se eu não me engano, foi a Valesca, Valesca Vale. Ela... ela tava como representante lá do DIAN aí eu fui e... Eu cheguei lá na sala, não sei se foi meio atrasado, porque eu não lembro se eu me perdi. Aí eu cheguei, o [...] estava explicando...

PESQUISADORA F: Ah, ele que tava explicando?

MONITOR B: É, ele entrou, explicou, só que assim, eu entrei no finalzinho da explicação, eu entrei coloquei a mala, deu 2 min aí ele: “Bom, então... Fulano cuida do DIAN, tal pessoa cuida do Maria, tal pessoa cuida do, do, do outro...

PESQUISADORA F: Já foi pro DIAN.

MONITOR B: Do Lucia [...], “se vire”. Aí eu pensei “Olhei assim para o pessoal do DIAN, será que eu levanto? Será que eu não levanto?” Que vergonha. Aí tipo eu levantei e fui falar com ela. Só que.... é... foi uma coisa muito interessante pra mim, porque no final de 2016, que foi esse ano que eu não fiz nada, no final desse ano, caiu uma ficha na minha cabeça assim, deu um click na minha cabeça, muito grande, muito forte envolvendo coisas do meu pai, envolvendo coisas pessoais, mais internas, um trauma aí que eu sempre carreguei como um negócio a mais e aí eu dei um basta assim e não vou mais ser assim. E desde então, a minha vida tem melhorado de uma forma tão absurda, mais tão absurda...

PESQUISADORA F: Que beleza hein?! Esse basta foi necessário...

MONITOR B: Foi, foi

PESQUISADORA F: E foi uma força interna né?!

MONITOR B: Eu acho que sim, foi uma força interna de.. sei lá, sei lá de onde que veio, eu acredito de verdade que era uma coisa que eu preciso, todo meu passado de bullying, de, de zueira, de, de ausência de questão social, falta de amigo, de... sei lá, relação amorosa e tudo mais, nunca tive isso. Aí... a partir desse dia, eu comecei a ter.

PESQUISADORA F: Talvez porque você mudou

MONITOR B: É

PESQUISADORA F: Você, às vezes, não dava abertura

MONITOR B: Sim. Eu falo que às vezes a energia da gente que tá numa coisa que a gente tá querendo sempre que ela fique aí quando a gente percebe que isso não é mais necessário ela “vulvt”, sobe.

PESQUISADORA F: É... Por isso que [...]

MONITOR B: E é isso. Foi uma mudança muito grande na minha vida, comecei a namorar e... namorei tipo um relacionamento aberto assim, foi meu segundo namoro, mas foi uma coisa tipo muito incrível. E hoje, eu conheço... Mano, eu namoro fechado, mas fico pensando: “Cara, eu não quero mais fechado, sabe?! Por que que as pessoas têm ciúmes, cara? Por que que as pessoas têm ciúmes? Por que que vem essa questão de possessão na cabeça das pessoas? Não entendo isso”.

PESQUISADORA F: Até no trânsito, ninguém quer dar uma vaga, porque a vaga é tua.

MONITOR B: É... tipo

PESQUISADORA F: [...]

MONITOR B: É... é uma coisa muito, muito absurda

PESQUISADORA F: E muito natural né?!

MONITOR B: É... eu não sei

PESQUISADORA F: É difícil uma pessoa [...]

MONITOR B: É... eu não sei, eu acho que é porque meu sagitário brotou de uma forma assim:

“Ah, liberdade pra todo mundo, vai.. agora, agora é pra você e pra todo mundo”. Aí veio.

PESQUISADORA F: É... mas nem todo mundo amadurece assim não

MONITOR B: Nem todo mundo é assim, lógico. Mas... sei lá, eu fico tipo incontestado com essa necessidade das pessoas de tipo “necessito”, sabe?! “preciso disso”, preciso daquilo”, “vou é meu” e isso e aquilo, quer ser feliz? Vai! Minha ex eu lembro que ela, que ela... Todo mundo fica me perguntando: “Mas nossa você namora relacionamento aberto? Legal e tals. Mas... quando vocês saem numa balada e ela... se deixa ela pegar outros caras?” Eu falo: “Por que que eu não posso deixar? Por que eu tenho que deixar? Ela é livre. Não tem essa de deixar ou não deixar, ela é livre. A gente está num relacionamento aberto”. Aí tipo as pessoas ficam até assustadas pensando quando eu falo...

PESQUISADORA F: É difícil entender

MONITOR B: Quando eu falo tipo: “Minha namorada pegava caras e pegava mulheres na minha frente e eu ficava feliz por ela, de verdade, eu ficava. Bem, amor eu queria pegar ele e queria pegar ela, isso é mesmo, você me representou”. Aí as pessoas ficam tipo: “Nossa... que daora. “

PESQUISADORA F: É porque tradicional é diferente né?! E aí é difícil entender o diferente

MONITOR B: É... Eu namorei, todos os meus relacionamentos, paqueras e tudo mais eu sempre tive um ciúmes desgra... tem a ver com esse negócio do meu pai, tinha sempre um ciúmes desgraçado e hoje tipo: “mano, num vou, num vou mais ter isso isso, sabe?!”. Me corroía muito fazer, muito, muito, muito.

PESQUISADORA F: Ah, então... então nesse sentido, você se libertou mesmo.

MONITOR B: Foi uma coisa maravilhosa, maravilhosa mesmo

PESQUISADORA F: De várias coisas. E quando você foi lá conversar com as meninas do DIAN aí você tava formado que

MONITOR B: Então... foi justamente por essa mudança que eu acho que eu não tive receios assim sabe?! Que eu levantei, tipo cheguei lá e falei naturalmente sem... Tava um pouco

envergonhado, mas acho que era aquela vergonha aceitável. Mas... não tava acanhado, não tava me sentindo mal, não tava me sentindo coagido...

PESQUISADORA F: Coagido

MONITOR B: Não tava me sentindo pressionado, nada. Eu simplesmente eu tava lá tipo: “Oi, tudo bem? Então... achei interessante e tal. Desculpa, é que eu ainda estou meio nervoso assim, primeira vez e tal e tal”. Mas... é isso.

PESQUISADORA F: E aí você começou no DIAN. E ficou lá quanto tempo?

MONITOR B: Aí eu fiquei lá... Deixa eu ver, de 2017...Foi

PESQUISADORA F: Que a disciplina acabou né?”

MONITOR B: Foi, foi até o final do ano passado

PESQUISADORA F: Cê, cê... então foi o ano passado inteiro...

MONITOR B: Foi...

PESQUISADORA F: Por que você começou no primeiro semestre né?!

MONITOR B: Sim. Só que aí no ano passado eu não tive tantas... no segundo semestre, eu não tive tanta participação, porque justamente no horário que ia ter as intervenções do DIAN, eu tava tendo aula de DP de tarde. Então... batia justamente no mesmo horário, no mesmo dia aí eu ia mais para as DPs de tarde do que para as reuniões, para as intervenções. Nas reuniões eu ia só que tipo eu chegava nas reuniões e tinha uma hora que eu já não sabia mais o que eles estavam formado, porque eu não sabia o que tinha acontecido aí eu só ficava quieto e escutava ou às vezes eu opinava, dava sugestões.

PESQUISADORA F: E você gostou da proposta do DIAN? Como que é?

MONITOR B: Eu achei legal, porque a Tânia ela tinha um conhecimento, ela tem um conhecimento muito grande em relação a, a...

PESQUISADORA F: Direitos animais

MONITOR B: Direitos animais, ela é extremamente vegana, ela lê bastante coisas sobre o Paulo Freire e tal. Eu nunca li nada sobre o Paulo Freire, admito. Mas... as pessoas ficam formado: “não, porque o Paulo Freire é um comunista, porque ele é um esquerdista, isso, porque aquilo” aí eu fico pensando: “Cara, se ele simplesmente que existe uma coesão entre professor e aluno e tá errado, tipo como você pode dizer que ele está errado?” E eu vejo, eu via isso tipo várias músicas até denunciavam isso, “*Another brick in the wall*” do Pink Floyd, “porra”, maior crítica ao sistema educacional da época e... Ninguém entendia isso, ninguém viu isso, reconheceu isso. E aí... entre outras coisas que também ela fala, outros textos, é... enfim e aí eu gostava porque envolvia sempre essa questão dos animais, ela sempre chegava com um debate de textos que

ela lia e tudo mais, colocava na roda, perguntava o que a gente acha e aí tentava sempre puxar uma intervenção focada nisso, focando nisso. E apesar de não... não acompanhar direito os textos e tudo mais, eu achava legal, porque as intervenções eu achava bacana, sabe?” A participação que a gente tinha, principalmente, aqui na Zona Leste de entidades carentes, na escola aqui atrás mesmo da, da, da USP, eu via tipo as crianças assim... olhava e se apaixonava assim, sabe tipo tinha uma menina da DIAN que chamava Ana que ela... eu a conheci por causa do DIAN, que ela faz TM e tipo fez uma fantasia de tubarão.

PESQUISADORA F: Foi... fiquei sabendo

MONITOR B: Uma fantasia de tubarão. Foi incrível, incrível, incrível... eu ficava tipo “Meu Deus”.

PESQUISADORA F: As crianças piraram né?!

MONITOR B: Nossa... Eu fui nessa, nessa intervenção, eu ficava tipo “caramba, mano... que, que daora”. Aí a gente até compôs, é... tinha feito uma musiquinha que uma das meninas tocava violão aí ela compôs aí a gente cantava junto com as crianças e na semana seguinte, as crianças chegavam para gente e cantavam a música para gente, era muito legal.

PESQUISADORA F: Que legal.

MONITOR B: Aí... é... Só aí que no segundo semestre eu me ausentei e... é isso. Aí eu vim para o MARIA e tô achando legal, tô achando bacana.

PESQUISADORA F: E o que você gostava do DIAN e o que você não gostava?

MONITOR B: O que eu gostava e o que eu não gostava?

PESQUISADORA F: Gostava você falou algumas coisas aí né?!

MONITOR B: O que eu não gostava? Deixa eu ver... Ah, sei lá, num... eu tento evitar de olhar as coisas ruins das coisas

PESQUISADORA F: Mas nem sempre é um lado ruim. É algo que você não gosta, não significa que não é bom.

MONITOR B: Ah, sim, isso é verdade. Mas... não sei, não consegui identificar assim. A única coisa que talvez eu achasse ruim é que, muitas vezes tipo, sei lá, eu tava com sono, porque o dia inteiro fazendo atividade ou estudando enfim e aí sempre chegava sei lá: “5 horas, 5 e meia, 6 horas, 6 e meia, 7 horas” e a gente ainda debatendo, formado...

PESQUISADORA F: Eita...

MONITOR B: Aí às vezes isso me incomodava um pouco, mas tipo nunca foi uma coisa ao ponto de “Ahhh, chega”. Tipo, não... “6 horas... Ah, tá bom vai... vamos continuar, daqui a

pouco eu bandejo mesmo então ‘dane-se’. To com fome agora, mas é melhor esperar mais um pouco, porque aí os 2 reais vão ser mais em conta ainda”.

PESQUISADORA F: Mas quando tinha isso é porque rendia...?

MONITOR B: Eu sentia que rendia.

PESQUISADORA F: É... O pessoal gostava de discutir.

MONITOR B: É... talvez o pessoal não tanto, eu gostava, mas o pessoal acho que às vezes ficavam meio cansado, porque “ah, chega, eu quero comer “ou ah, já fizemos tudo que tinha que fazer”. Às vezes eu sentia... Isso é uma coisa que talvez eu acho que dá para perceber, agora, pensando bem, talvez, seja uma crítica, uma coisa que eu não gostava, eu acho que às vezes o pessoal se sentia, é... se sentia... como que eu posso dizer? Eles queriam fazer o trabalho comunitário, mas... parecia que, às vezes, eles não queriam debater tanto.

Vídeo de 6min58seg

MONITOR B: É... não só isso, mas parecia que eles... meio que chegava um horário, uma hora que eles não queriam mais sabe?! E... se você está fazendo uma coisa comunitária, uma ação comunitária, uma coisa que vai desenvolver futuramente, que vai ter algum, algum resultado positivo de alguma forma né?! Mesmo que seja para uma criança só. Pow, eu acho que você pode dar mais uma hora do seu tempo, sabe?” Você pode dar mais uma, mais duas horas do seu tempo. É... debatendo, discutindo, enfim. É... e é isso, às vezes eu sentia... eu já pensei nisso várias vezes também, eu já, eu já sentia isso várias vezes, mas nunca falei nada, nunca comentei também, porque, sei lá, acho que não vinha ao caso na hora ou...

PESQUISADORA F: Mas era constante ou era de vez em quando?

MONITOR B: Ah... eu acho que era bastante... ocorria várias vezes, mas não era uma coisa...

PESQUISADORA F: Porque quando é de vez em quando, a gente nem liga, beleza. Vamos continuar a discussão, acho que tá rendendo.

MONITOR B: Eu entendo plenamente isso, mas tipo, sei lá, eu acho que acontecida com uma certa, é....

PESQUISADORA F: Frequência

MONITOR B: Frequências, mas não sei, eu acho... Me incomodava às vezes pensar isso, mas aí logo em seguida eu voltava para a discussão e... esquecia, sabe?!

PESQUISADORA F: É porque, no DIAN, é que eu não entendo do DIAN. Ele... A Tânia que meio que orienta...

MONITOR B: Sim.

PESQUISADORA F: Então, ela traz as propostas ou vocês discutem ou as propostas estão prontas?

MONITOR B: Não, ela traz as propostas, só que... só que por ter, por ter mais gente e também pela proposta do DIAN também e o assunto do DIAN, eu acho que discute, debate, desperta mais um interessa na, na, na maioria das pessoas que participam aqui da USP, porque tipo sei lá: “Debate e Investigação de Animais e Natureza”, pow Natureza, LCN e GA tá no meio, Animal também tá no meio aí GA e LCN aí tem, é... tem, sei lá, questão de TM, tipo várias pessoas de TM acabam vindo para esses grupos da banca, porque sei lá tem interesse na bolsa ou coisa assim. A galera de SI eu não vejo muito fazendo isso sabe?! Não vejo muito participando da banca da ciência, dessas atividades mais, mais...

PESQUISADORA F: É difícil. Sociais.

MONITOR B: Mais comunitárias, mais sociais, isso. Aí, sei lá, tem Faculdades, de Educação Física e Saúde tipo eles ficam mais focados em atividades deles então campeonatos, esporte, é... “a bandida” mesmo, a bateria e tudo mais. Então eu acho que o próprio foco do, do, do DIAN já é um pouco mais, já tem um pouco do que a USP oferece sabe?! Então é por isso que eu acho que acaba atraindo mais gente e aí, conseqüentemente, tendo mais gente, acaba tendo mais debate. Eu acho que isso, não sei, tenho essa impressão.

PESQUISADORA F: E você acha que estar no DIAN influenciou na sua formação acadêmica? Foi um algo a mais, mas não interferiu na formação acadêmica ou de alguma forma interferiu?

MONITOR B: Eu acho que na parte acadêmica não interferiu nem positiva nem negativamente, eu acho que interferiu no meu lado pessoal, em reconhecer que é necessário você ter atividades e é legal ter atividades comunitárias, justamente, para você interagir com outras pessoas que vivem numa cultura, num ambiente totalmente diferente do seu. Em termos acadêmicos...? Não, porque via aquilo como voluntário mesmo, num via como sendo algo que iria me dar um grau grande instrução na parte acadêmica. Eu acho que dá, que fornece, mas eu pelo menos não conseguia pensar em colocar isso, por exemplo, em um projeto.

PESQUISADORA F: E essa mudança de grupo? Como que aconteceu? Por que que aconteceu?

MONITOR B: É... Eu tava... No início do ano, eu tava pensando: Beleza, agora – vou falar - que a Valesca ela saiu do DIAN e... ela que tava responsável pelo CCA. Só que ai como ela saiu do DIAN, como ela tava ocupada, cheia de coisa do semestre passado e eu também não tava conseguindo vir direito para as intervenções, acabou meio que ficando afastado esse

negócio do CCA e eu tava querendo dar continuidade da horta só que... não, não batia os horários, não batia tempo, não batia pessoas que pudessem ir comigo lá e tudo mais. Aí eu dei a ideia de, durante a semana, outros dias da semana, eu iria por conta própria lá e... dá continuidade no projeto. E eu falei com a Valesca se podia e ela falou que ia ver com o cara, lá do CCA, só que por conta de tantos afazeres, tantos enfim... raramente eu consegui falar com a Valesca semestre passado, acabou meio que deixando o CCA de lado e... só nesse ano que agora eu tô tendo tempo de novo de voltar com esse projeto da horta. Eu até queria falar com você a respeito disso, de tipo de ir outros dias lá para ver como que tá, para ver se pode, se não pode, como que faz, se tem que solicitar algum tipo de, de autorização, se tem que ter algum tipo de calendário ou algum tipo de agenda, sei lá, não sei como vocês chamam aqui. É... dar continuidade nesse projeto, eu quero, é meu.

PESQUISADORA F: Tá, a gente conversa sim. E... como que tá sendo o MARIA para você?

MONITOR B: Eu tô gostando, eu acho que...

PESQUISADORA F: E aí você veio pro Maria, porque o Maria tava no CCA, certo?

MONITOR B: Isso

PESQUISADORA F: E... como que foi?

MONITOR B: Eu... tô gostando, acho que ainda eu tô meio, meio desfocado ainda to meio, to mais focado, to mais interado agora do que antes, principalmente, porque eu não conseguia ninguém e... é um ambiente bem diferente do DIAN, por exemplo, por tipo no DIAN

PESQUISADORA F: As meninas não eram no DIAN né?! Eram do EMA, a Monitora D e a Monitora E

MONITOR B: É... elas eram do

PESQUISADORA F: É, é verdade. Por isso que você não conhecia as meninas.

MONITOR B: Eu tava até... Logo no início eu pensei: “Meu Deus, vou entrar no MARIA e vai ser tipo, vou entrar no meio de uma intervenção, sem saber o que que aconteceu, o que que tão debatendo, o que que tá... qual que é a discussão que já foi, qual que foi não foi.

PESQUISADORA F: Jogou na jaula né?!

MONITOR B: Ainda mais que tem...

ANEXO 6.3 – MONITOR C

Total dos Vídeos: 15:46 min

Vídeo 1 – 10:46 min

MONITOR C: Dos outros, eu vou embora e vou fazendo...

PESQUISADORA F: E faz né?!

MONITOR C: É...

PESQUISADORA F: O que que cê tá achando da rotina do MARIA? Cê achou que mudou? Como que cê tá vendo o MARIA? Como que era antes? Como que tá agora?

MONITOR C: Eu acho que o M.A.R.I.A. está se encontrando ainda, é... acho que é muito por causa do, da mudança de, de

PESQUISADORA F: De pessoa.

MONITOR C: De liderança bastante. E também é... que o E.M.M.A. eu só tive... dois, duas, dois semestres com ele e aí já são quase seis né?! Então é bem, bem diferente. É... a questão acho que da liderança e mudando bastante muda o... jeito do grupo, se organizar, se mexer e tudo mais. Então é... lá no E.M.M.A., acho que o tempo que eu fiquei lá (trecho não audível) foi da Pati

PESQUISADORA F: Uhum.

MONITOR C: Né?! Aí o resto do pessoal era mais uns auxiliares né?! Aí quando chegou... no M.A.R.I.A. foi o (trecho não audível) que era o coordenador U e a mestranda V, aí tinha o doutorando X né?! Que eram três, mas o doutorando X quase não aparecia então não contava muito.

PESQUISADORA F: O coordenador U foi o que ficou mais tempo né?!

MONITOR C: Foi... acho que dos líderes assim

PESQUISADORA F: Do tempo que você entrou

MONITOR C: Foi o que ficou mais tempo. Aí depois ele saiu e entrou você e a Cis, quer dizer...

PESQUISADORA F: Não, eu...

MONITOR C: Ele saiu não, a mestranda V saiu aí veio você e a Cis, depois a Cis saiu aí ele saiu e ficou só você. E...

PESQUISADORA F: (trecho não audível).

MONITOR C: Então acho que essa, essa, essas mudanças vão... acabam mudando também, vai mudando o jeito do grupo pensar também, não tem jeito. E... acho que com o monte de líderes

que tinha, tinha um pouco mais de confusão, porque ficava aquela coisa é... cada um tava fazendo uma coisa...

PESQUISADORA F: A pesquisa.

MONITOR C: Tava pensando uma coisa diferente e tinha... jeitos diferentes de lidar com as coisas e tal, então... num, num e como cada um, cada integrante do grupo também tava um pouco mais ligado com o líder, é... ficava um pouco... é... tava bem descentralizado e por causa disso, eu acho que tava um pouco... é... tava um pouco mais desorganizado a questão do... do que a gente tava fazendo aqui né?! O que a gente vai pesquisar, o que a gente vai... quais são as atividades...

PESQUISADORA F: Acaba tirando o foco principal

MONITOR C: Sim, porque cada um está fazendo uma coisa. Eu tava com o coordenador U, por exemplo, era eu e a monitora F, eu acho junto com o coordenador U e aí a gente tava pensando em uma coisa para fazer aí tinha as outras meninas que estavam junto com a Cris...

PESQUISADORA F: E aí outro com a mestranda V, por exemplo.

MONITOR C: É, aí outro com a mestranda V, ela tava pensando só nas crianças só para fazer lá. Então acho que essa divisão, tava deixando bem bagunçado nesse sentido né?! Agora eu acho que pode ser que a gente consiga se encontrar melhor, que é uma pessoa a gente tem um... foco maior no que que a gente precisa pesquisar, entender de leituras e tudo mais. É... leitura também é uma outra questão que... agora a gente já está conseguindo fazer, ter as discussões. Nos outros anos, não tinha praticamente. Foi começar a ter... foi começar a ter quando você entrou mesmo, porque a mestranda V eu acho que ela nunca passou assim nada para gente ler e pesquisar nesse sentido e o coordenador U também não. Aí eu acho que quando você entrou que veio um texto ou outro ali, só para...

PESQUISADORA F: tentando né?!

MONITOR C: Para ter alguma coisa né?!

PESQUISADORA F: (trecho não audível).

MONITOR C: Porque no E.M.M.A. era toda semana, toda semana tinha alguma coisa ou era um texto ou era um vídeo que a gente tinha que ver para analisar um filme para assistir...

PESQUISADORA F: Ahh, legal.

MONITOR C: Teve uma época que teve a mestranda W também né?!

PESQUISADORA F: Teve, antes de mim.

MONITOR C: A Renata também, é... participou como líder também.

PESQUISADORA F: Foi quanto tempo, cê sabe?

MONITOR C: Acho que ela deve ter ficado uns seis meses só.

PESQUISADORA F: seis meses né?!

MONITOR C: Foi bem pouco o dela.

PESQUISADORA F: E teve formação?

MONITOR C: Hmm...

PESQUISADORA F: Leitura, essas coisas.

MONITOR C: Hmm... ela tentou também. É... ela... como... como o trabalho dela também era uma coisa diferente

PESQUISADORA F: É... aí ela puxava pro dela.

MONITOR C: Ela trabalhava com os deficientes visuais né?! Então ela passou para gente mais um vídeo falando, teve uma leitura, mas agora...

Vídeo 2 – 5:00min

PESQUISADORA F: Agora vai salvar no celular. Mas pensando assim, porque a gente vê uma certa dificuldade das pessoas em querer ler, tal, é muito difícil essa disciplina. Você acha que é por quê? Por que tem tanta dificuldade nesse sentido?

MONITOR C: Ah, eu acho que se eu for pensar em relação ao E.M.M.A. a gente tinha toda semana e toda semana tinha o tempo dedicado para aquilo, na verdade era pensado como um grupo de estudos. Então para semana que vem a gente tem esse texto aqui, que a gente vai ler e a gente vai trazer as impressões na próxima semana.

PESQUISADORA F: E textos grandes?

MONITOR C: As vezes eram grandes, as vezes pequenos, mudava, não era sempre um super textão e não era sempre um textinho pequenininho. Tinha várias.

PESQUISADORA F: Toda semana tinha.

MONITOR C: Mas toda semana tinha alguma coisa, que a gente sentava e discutia, até para ter mais coisa de teoria né. Isso é uma coisa que eu sinto um pouco mais de falta. Se bem que eu vou atrás, eu pego e vou atrás das questões do que é o lúdico.

PESQUISADORA F: Mas falta mesmo.

MONITOR C: Mas eu acho que nessa parte falta um pouco mais porque pensando nas aplicações que a gente tinha lá no E.M.M.A., elas eram baseadas nessas leituras, nessa teoria. Então a gente já entendia um pouco do que estava acontecendo ali, do que os autores analisavam e a gente tentava replicar, pensar em alguma coisa parecida e até por causa disso, as nossas aplicações

ficam um pouco meio sem rumo direito. Porque a gente ainda não sabe muito bem o que iremos fazer. Ah, vamos fazer uma atividade para brincar com eles, tá mas, e aí?

PESQUISADORA F: Brincar do quê? Fazer o quê?

MONITOR C: É, acho que nesse sentido se as nossas reuniões tiverem mais essa questão de: a gente vai começar a reunião discutindo teoria, a gente vai falar sobre teoria, falar sobre lúdico, a gente vai estudar os autores que falam sobre lúdico, o que eles entendem sobre lúdico e tudo mais para só depois pensar no que vamos fazer de proposta com base nisso que a gente está estudando. Aí acho que é montar um plano, no começo do semestre, como se fosse uma disciplina mesmo, mas não na mesma pegada da disciplina, mas para pelo menos a gente ter mais material teórico, assim, para embasar um pouco mais as atividades, as discussões, para entender melhor essa parte. Senão fica isso só.

PESQUISADORA F: No achismo e na tentativa né

MONITOR C: Na tentativa, só naquela tentativa, naquela tentativa, naquela tentativa e não consegue ter um foco, um direcionamento melhor na hora de fazer as atividades.

PESQUISADORA F: E sempre todo mundo lia ou quando não lia tentava participar da mesma forma?

MONITOR C: Eu lembro que não era toda vez que todo mundo que lia, mas assim, a gente sempre chegava e discutia o texto. Pedia para o pessoal, tem dúvida? Se não tiver dúvida vamos falar sobre ele aqui agora, mas se não tinha dava um comentário geral sobre o texto, sobre por que escolheu aquele texto, o que ele estava falando e depois partia para a parte de agora a gente vai pensar no que nós vamos fazer para a próxima semana. Porque lá era na época em que toda semana tinha uma aplicação, toda semana tinha que fazer alguma coisa e eram em dia diferentes, não era no mesmo dia da reunião. Então a gente fazia a reunião na segunda-feira e ela aplicava na quinta-feira.

PESQUISADORA F: Ah tá, isso é bom.

MONITOR C: Segunda e quinta-feira, segunda e quinta-feira, mas era sempre assim. Aí na segunda a gente definia o que ia fazer na quinta-feira. Aí aplicava na quinta-feira e chegava na segunda, tinha a discussão da teoria, tinha a discussão do que aconteceu na aplicação passada e pensava na próxima, era sempre assim.

PESQUISADORA F: Então, isso é uma coisa que eu tento. Estou tentando (risos) mas aos trancos e barrancos. Eu estou tentando um pouco trazer essas discussões para a gente poder pensar exatamente nisso, em como preparar as atividades, mas eu estou sentindo dificuldades de as pessoas lerem, realmente lerem. Eu percebo que poucos leram, poucos, mas isso é uma

cultura também, demora para as pessoas se acostumarem. A ideia é que isso vá melhorando e no próximo semestre a gente consiga uma coisa mais firme.

MONITOR C: E mudou o pessoal também. Eu e a monitora F acho que somos os mais velhos agora. A monitora A tem um ano e pouquinho, mas os outros três entraram agora.

PESQUISADORA F: Aí tem de novo essa questão de formar uma unidade. Aí agora, que está se familiarizando.

MONITOR C: Sim, mas isso é uma questão de todos os grupos também. Todos os grupos tem essas mudanças, não tem jeito. Todo semestre vai mudar.

PESQUISADORA F: Nossa, é um saco né. Mudou aí agora a gente conseguiu mudar a rotina de aplicação, á ajuda. Já consegue pensar um pouco mais nas leituras, então, por exemplo, semana que vem não tem aplicação, então mandar uma leitura para a gente fazer.

MONITOR C: Unhrum

PESQUISADORA F: Para semana que vem. Eu estou até pensando em adiantar uma reunião, porque não vai ter a outra reunião, então, talvez a gente fazer as duas, mas, é uma proposta mesmo, eu achei ótimo o que você falou porque é uma coisa que estou tentando. E é bom ouvir porque vai ajudando né para poder a gente melhorar nesse sentido.

MONITOR C: É, acho que para o próximo dá para gente planejar assim, ó vamos ter tantas leituras para o próximo semestre e já deixar definido, serão essas aqui.

PESQUISADORA F: Isso, definido o quê!

MONITOR C: Já deixa para pessoal e fala, já vão se planejando aí para ir lendo conforme a gente for, no dia da reunião que tiver aquela leitura, a gente pode começar a reunião discutindo o texto. Aí depois vem avisos, as outras coisas e tudo mais.

PESQUISADORA F: É igual planejar as aplicações, lembra. Vamos já pensar em todas. A gente já pensou em todas, quando chega no dia o negócio sai errado. (risos) Eu fico assim, mas o que aconteceu? Por que a gente pensou em todas essas, fez o cronograma, a pessoa pode se organizar o tempo todo e mesmo assim, na hora o negócio sai errado.

MONITOR C: Sai errado (risos)

PESQUISADORA F: Aí a gente fica, mas o que está acontecendo. É da pessoa, porque como o M.A.R.I.A. mudou, eu não sei se você sente dessa forma, agora cada um tem a sua obrigação, é seu projeto.

MONITOR C: Unhum.

PESQUISADORA F: Então, não adianta eu ficar no seu pé se você não vê a importância daquilo. Meio que eu estou pensando assim: eu dou uma liberdade para a pessoa se organizar,

pensar e a minha cobrança é pontual: e aí, o que você precisa para a próxima semana? Está indo bem? Está correndo? Mas só que não funciona porque tem gente que precisamos falar, porque tem coisa que não vai.

MONITOR C: É, tem que conhecer o pessoal primeiro né, tem coisas que não tem jeito.

PESQUISADORA F: É, tem coisa que não sai e é complicado, mas a gente vai se ajeitando. Uma coisa que eu acho que seria legal é você sugerirem textos. Então por exemplo, a monitora F falou que a monitora D trabalha com gênero também. Esse seu gosto seu por gênero surgiu no E.M.M.A. e também no projeto da sua orientadora lá, e ela trabalha sobre feminismo. Ah, a gente poderia debater um texto sobre feminismo, a monitora F sugeriu.

MONITOR C: Ela veio do E.M.M.A. também, a monitora D.

PESQUISADORA F: Sim, veio e aí a gente podia debater, a monitora D podia falar um pouquinho sobre o que ela fazia, era uma proposta da gente socializar. Mas ao mesmo tempo, a gente quase não falou de lúdico, a gente não falou de coleta de dados, sabe assim, e está chegando entrega de relatório e a gente tem que terminar. Então eu tento, eu fico ouvindo as sugestões e fico tentando me organizar, mas assim, não dá tempo. Aí eu fico tentando conversar com ela, com todo mundo para tentar por tudo ali, porque é uma coisa que a gente tem que discutir coleta de dados. Tem um monte de gente que já fez e tem que analisar tudo isso e como analisar né. E é muito difícil isso, cada um tem uma forma de analisar, de coletar, cada um vai analisar de uma forma. Então a monitora A por exemplo, falou de análise do discurso, então, seria uma boa a gente discutir isso porque vai ajudar na análise do discurso dos alunos nas aplicações. Então, aí se você quiser sugerir textos também, você manda lá no grupo, que vai ser muito legal. E a gente vai se organizando sim, eu vou começar a organizar mais essa questão da leitura porque estamos atrasados nisso. Eu nem sei se você pegou a monitora F falando, da gente começar a olhar os relatórios, o que está escrito, porque senão vai entrar as férias, depois já volta e já tem que entregar. Então não vai dar tempo da gente ajudar.

MONITOR C: É, tem que ser em agosto, enfim

PESQUISADORA F: É, em agosto. Eu falei para a monitora F passar lá um recadinho, da gente olhar a introdução, justificativa. Tem gente que já tem isso pronto e aí depois a gente vai para a análise de dados, mas a gente tem que fazer uma leitura antes né. Mas é isso monitor C. De sugestões, críticas, fale agora, conte o que você acha que não está dando certo, seja bem transparente. Você sabe que eu sou bem aberta, eu acho né (risos).

MONITOR C: Eu tô tranquilo em relação ao grupo, eu não tenho.

PESQUISADORA F: Você acha que está indo de boa?

MONITOR C: Eu não tenho estresse nem nada. Acho que está indo (risos).

PESQUISADORA F: Então beleza, mas se tiver, anote lá o caderninho para a gente poder melhorar, beleza. Porque a intenção é que a gente converse.

Observação: parte da entrevista dele não ficou gravada por erro no aparelho de celular e solicitamos que respon

ANEXO 6.4 – MONITORA D

Duração: 25min10seg

PESQUISADORA F: Até a pessoa entender... Deixa eu... Você consegue vir mais para cá um pouquinho?

MONITORA D: Consigo.

PESQUISADORA F: AEEE. Finge que nem tá aí, bele?!

MONITORA D: Tá bom.

PESQUISADORA F: Aí vamos começar assim então. Você me conta um pouquinho, é... da sua trajetória até entrar aqui na USP. Como que foi? Se era uma coisa que você queria muito? Como que aconteceu isso?

MONITORA D: Ah, eu tipo sempre quis estudar em faculdade pública, porque tipo é onde tem a melhor, é a melhor né?! E... não ter que pegar já é tipo um bom adiantamento.

PESQUISADORA F: Oooo

MONITORA D: E daí eu comecei a estudar para passar no vestibular quando eu tava no terceiro ano do ensino médio, sempre estudei em escola pública então tipo, não tinha acesso ao cursinho popular, não sabia desse tipo de coisa. Aí eu comecei a trabalhar, fazer estágio na escola que eu estudava, que era pública, naquela época tinha o negócio chamado (trecho não audível).

PESQUISADORA F: Sei...

MONITORA D: Não sei se você sabe daí comecei a estagiar lá. Aí eu pagava cursinho, eu fiz 1 ano de objetivo. Aí eu pres... Nossa, na época, eu acho que prestei engenharia química.

PESQUISADORA F: Aham... E nem imaginava o que era

MONITORA D: Não... bem isso. Falei: “Ah, vou ficar rica, vou prestar”.

PESQUISADORA F: Normal. É... o pai fala: “faz engenharia...”, a mãe fala, né?!

MONITORA D: Isso... foi isso mesmo. Aí eu não passei. Aí eu fui fazer mais 1 ano de cursinho.

PESQUISADORA F: Você prestou só USP?

MONITORA D: Só, prestei... foi, nesse ano prestei só USP. E daí... fui fazer mais 1 ano de cursinho e fiz um cursinho popular que um amigo meu tinha indicado aí eu fiz um cursinho popular do Butantã, da USP de lá e de lá comecei a ter mais contato com as coisas, com as outras universidades, tipo com o campus né da USP saber mais dos outros cursos e aí eu fiz no Emancipa 1 ano de cursinho popular. Daí eu prestei para...

PESQUISADORA F: Cê é daqui de SP né?!

MONITORA D: Sou de SP, sou de Itaquaquecetuba tipo uma parte... não é... parte

PESQUISADORA F: Município?

MONITORA D: É, município

PESQUISADORA F: É o município.

MONITORA D: De SP. E daí eu prestei... Gestão de Políticas, não, não foi Gestão de Políticas Públicas, nessa eu prestei Ciências Sociais aí eu prestei Ciências Sociais e... não passei. Aí eu falei: “Poxa, mas eu não vou enfrentar mais 1 ano de cursinho”. Aí eu fui vendo os cursos que estavam com vagas na reescolha e aí tinha alguns cursos da EACH outros cursos Letras, História, Geografia.

PESQUISADORA F: Como assim reescolha? No mesmo processo seletivo?

MONITORA D: Tem... quando...

PESQUISADORA F: Se você não passa em um, você pode transferir para uma outra?

MONITORA D: Cê pode

PESQUISADORA F: Ah é?!

MONITORA D: Aham

PESQUISADORA F: Isso é novo?

MONITORA D: Não, é antigo.

PESQUISADORA F: Sempre teve?

MONITORA D: Sempre.

PESQUISADORA F: Sério? Nossa, não sabia disso.

MONITORA D: É porquê... tipo é como se fosse a 7ª e 8ª chamada da USP.

PESQUISADORA F: Ahhh...

MONITORA D: Aí você entra por reescolha.

PESQUISADORA F: Não sabia que isso existia, acredita? Menina... A gente, às vezes, perde tanta oportunidade, porque não tem ideia né das coisas.

MONITORA D: Na primeira vez que eu fiz, não, não sabia...

PESQUISADORA F: Se não, você já tinha tentando as vezes...

MONITORA D: É... Sim

PESQUISADORA F: Eu não tinha ideia disso.

MONITORA D: Mas então... aí tem esse processo. Aí eu prestei para LCN, fui olhar a grade do curso, falei: “Ah, curso legal”. Tipo apesar de ser um pouco distante do que eu tinha pensado do que era Ciências Sociais, eu falei: “Ah, é licenciatura. Licenciatura já é tipo algo mais

humanas que eu gosto. Apesar de... Ciências da Natureza ser algo mais voltado para área de biológicas e exatas”.

PESQUISADORA F: Cê tinha ideia disso?

MONITORA D: Que o curso era...

PESQUISADORA F: Ou você só olhou Licenciatura?

MONITORA D: Não, tinha, porque eu fui procurar o curso. Aí eu prestei aí eu passei e entrei aqui na 7^a chamada. E daí eu fui ficando no curso, eu tô gostando mais tipo da parte de licenciatura mesmo eu pretendo mudar para uma parte de educação, esse ano acho que vou prestar FUVEST de novo.

PESQUISADORA F: Cê tá em que ano?

MONITORA D: Terceiro

PESQUISADORA F: 3^o ano de LCN né?!

MONITORA D: Isso.

PESQUISADORA F: Aí cê tá querendo prestar FUVEST para?

MONITORA D: Pedago.

PESQUISADORA F: Pedagogia.

MONITORA D: Pedagogia.

PESQUISADORA F: Você não quer Ciências... Cê quer ainda na educação

MONITORA D: Não, é, eu quero educação. Porque aí eu consigo eliminar matéria na pedago né?! E tipo, acho que eu já entro no segundo ano, então não vou perder tanta coisa. E as matérias que eu cursei de ciências, eu posso usar como optativa, etc.

PESQUISADORA F: É... aí já aproveita tudo.

MONITORA D: Sim, aproveito. Mas é isso, assim do curso. Mas, eu gosto da EACH, o curso de LCN é muito legal, é muito fantástico, mas é que é um curso... puxado.

PESQUISADORA F: Tenso.

MONITORA D: É... muito tenso.

PESQUISADORA F: É difícil sair dele né?!

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: É... Eu tenho muitos amigos que... que foi tenso. É porque é muito diverso né?! A gente faz disciplinas que tipo uma não tem nada a ver com a outra.

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Não tem... É bem complicado.

MONITORA D: No meio do semestre você está fazendo educação, está fazendo cálculo.

PESQUISADORA F: É...

MONITORA D: É complicado.

PESQUISADORA F: E bem no início né?!

MONITORA D: Aham.

PESQUISADORA F: E... quais são as suas metas aqui como estudante? Então agora você quer mudar de curso

MONITORA D: É... As minhas metas é mudar de curso e assim que eu mudar, conseguir uma iniciação científica ou continuar em algum projeto voltado para educação, pro lúdico, porque eu gosto de trabalhar com criança.

PESQUISADORA F: Ah, legal

MONITORA D: Então, eu quero continuar assim... tipo... algo do tipo.

PESQUISADORA F: Mas se você for para pedagogia, cê sabe que é lá no Butantã né?!

MONITORA D: Lá no Butantã, sim.

PESQUISADORA F: E... metas pessoais? Como você se vê?

MONITORA D: Aí... eu preciso ficar rica.

PESQUISADORA F: É... né?! A gente precisa né, mas...

MONITORA D: Não, brincadeira. Ah, agora eu tô num momento estável assim da minha vida, eu tô trabalhando, tô estudando, tô com um emprego maleável, graças a Deus eu consigo deixar terça-feira, terça-feira que tiver aplicação eu posso trabalhar de casa, terça que não tiver eu entro um pouquinho mais cedo e saio mais cedo para chegar na reunião a tempo. Então... tipo foi bem, foi bem legal, porque, por exemplo, eu tinha conseguido estágio antes que era no Catavento e tipo assim, a remuneração era um pouco baixa e tinha tipo semana que trabalhava de terça a domingo então tipo assim, ficava muito puxado, ficava muito exausta...

PESQUISADORA F: É...

MONITORA D: E... era complicado. E esse eu consigo ter tipo mais um... um...uma abertura sabe?! Para fazer minha rotina.

PESQUISADORA F: Esse é do... dispositivo... absorvente lá né?!

MONITORA D: Isso, do copinho.

PESQUISADORA F: Aí você vai trabalhar e cê conseguiu deixar todas as terças livres?

MONITORA D: Isso. Uma terça eu tô livre, tô em casa e na outra, eu tô trabalhando lá, mas eu saio mais cedo para conseguir chegar na reunião (trecho não audível)

PESQUISADORA F: (trecho não audível)

MONITORA D: Não, na aplicação eu consigo.

PESQUISADORA F: Ah, consegue. Consegue chegar as 2 então

MONITORA D: Não, eu nem vou, fico em casa trabalhando, porque eu trabalho com atendimento é... postagem essas coisas, sabe?!

PESQUISADORA F: ahh, tá

MONITORA D: E daí eu fico em casa fazendo, ai tipo da meio dia e meio, eu almoço – que hoje não deu tempo de almoçar -, mas eu almoço, posso tomar banho e vir para EACH para a aplicação às 2.

PESQUISADORA F: Ahh, entendi.

MONITORA D: Aí não vai comprometer o projeto.

PESQUISADORA F: Legal.

MONITORA D. Sim, tô bem feliz que consegui isso.

PESQUISADORA F: E... tá ganhando?

MONITORA D: Tô...

PESQUISADORA F: É melhor...?

MONITORA D: É... é melhor

PESQUISADORA F: Ah, que bom.

MONITORA D: Graças a Deus, é melhor. E daí...

PESQUISADORA F: Mas tipo, não tem nada a vê com o curso né?!

MONITORA D: Com o curso, não.

PESQUISADORA F: Foi... uma oportunidade que surgiu do nada?

MONITORA D: Foi, foi sorte sim, foi sorte. Eu conheci uma moça que trabalhava lá e ela me propôs e eu falei ótimo...

PESQUISADORA F: Demoro

MONITORA D: Sim, demoro. E aí... Eu... pretendo continuar lá por enquanto né até acha... tipo mudar de curso, encontrar algo na área, porque tipo, igual eu tenho essa facilidade com educação, gosto de educação, mas tipo já com ciências eu não tenho então eu não quero me aventurar na sala de aula. Então eu pretendo ficar lá por enquanto até eu mudar para pedago, se Deus quiser, e tipo ir para minha área. É... como pretensão pessoal, acho que é isso mesmo e eu pretendo... sair da casa dos meus pais também (áudio não audível)

PESQUISADORA F: Cê mora com os seus pais?

MONITORA D: Moro, moro e eu quero ter meu cantinho, ter a minha a casa

PESQUISADORA F: Como é o nome do lugar é...?

MONITORA D: Itaquaquetuba.

PESQUISADORA F: Itaqua, Itaqua... Aí cê quer morar aqui perto? Ou lá perto se você mudar?

MONITORA D: Eu queria... acho que sim, um lugar intermediário para mim seria Tatuapé, então seria um lugar bom, porque eu não dependeria de trem, porque eu não queria depender de trem, porque essa linha é muito ruim, muito ruim.

PESQUISADORA F: É... É... tenso. E você quer sair da casa dos seus pais por isso ou é por outros motivos?

MONITORA D: Ah, é porque eu quero ter mais liberdade e tal, eu gosto de ficar sozinha, eu tenho 4 irmãos então a minha é muito agitada.

PESQUISADORA F: São mais novos?

MONITORA D: São.

PESQUISADORA F: É... Quantos anos você tem?

MONITORA D: Eu tenho 20.

PESQUISADORA F: Ah, 20....

MONITORA D: Aí minha casa é muito agitada pipipopo

PESQUISADORA F: Para estudar nada né?!

MONITORA D: É... Não dá, é muito complicado.

PESQUISADORA F: E eles são de boa cê morar... sozinha já?

MONITORA D: Ah, meu pai é... Não, minha mãe é: “quer ir? Vai, sabe?!”. Mas meu pai, a gente é mais apegado então eu acho que ele vai ficar mais tipo “Ann”.

PESQUISADORA F: É... eu imagino. Quando o pai é apegado com filha tem um medo né?!

MONITORA D: É....

PESQUISADORA F: Ah, mas é bom né?! Seu crescimento né?!

MONITORA D: É....

PESQUISADORA F: E... Cê participa de outros projetos além do MARIA aqui?

MONITORA D: Não, não só MARIA.

PESQUISADORA F: Só MARIA né?!

MONITORA D: Só MARIA.

PESQUISADORA F: Não faz pesquisa...?

MONITORA D: Não, ainda não. Eu tava pensando em procurar alguma pesquisa de educação com as professoras de LCN. Só que aquilo né?! Eu preciso dar conta de tudo, não adianta eu pegar um monte de coisa e não conseguir...

PESQUISADORA F: É, É...

MONITORA D: Conseguir... conciliar.

PESQUISADORA F: Trabalho, pesquisa aqui....

MONITORA D: E a faculdade ainda e o MARIA. Aí é complicado.

PESQUISADORA F: Mas você já participou ou não? MARIA foi o primeiro projeto que cê entrou?

MONITORA D: Não, o Ema. Eu tava no EMA...

PESQUISADORA F: Ah, é verdade.

MONITORA D: Eu vim do EMA aí vim pro MARIA.

PESQUISADORA F: Depois você veio para o MARIA.

MONITORA D: Isso.

PESQUISADORA F: E... você quer mudar para pedagogia, por quê? É por causa também do público? Porque pedagogia só... os pequenininhos né?! Cê gosta mais? Você percebeu isso no EMA...? Você trabalha com os pequenininhos no EMA?

MONITORA D: Trabalhava, sim.

PESQUISADORA F: É...

MONITORA D: Então... É... eu gosto tanto de pequenininhos quanto dos pré-adolescentes-adolescentes iguais a gente trabalha no MARIA, não tenho muito essa distinção de público. Mas... é... eu acho que tipo pedago abriria mais portas, por enquanto e se tipo se um dia eu quisesse fazer letras... sei lá... letras, por exemplo para dar aula para adolescentes eu poderia já eliminar com pedagogia ou qualquer outro curso, entendeu?

PESQUISADORA F: Ah, entendi

MONITORA D: Tipo uma estratégia, começar com pedagogo e....

PESQUISADORA F: Tá certo, entendi. Não é tão específico quanto ciências. E... como cê chegou, no EMA?

MONITORA D: No EMA? Aí... deixa eu lem... Ah, uma amiga começou acho que no LUCIA aí ela começou a falar: “Ah, projeto com criança que não sei o que”. Aí eu falei: “Ah, é?!”. Aí ela falou: “É... vai falar com o Prof. LP.

PESQUISADORA F: Ela era também LCN?

MONITORA D: É... aí eu falei

PESQUISADORA F: Todo mundo: “vai lá conhecer o Prof. LP”

MONITORA D: Isso... Todo mundo falava desse Prof. LP aí eu ficava tipo: “Quem é esse Prof. LP? Quem é esse homem?”

PESQUISADORA F: Prof. LP famoso.

MONITORA D: Aí eu mandei uma mensagem para ele aí ela me indicou um grupo, ela falou assim: “Oh, tem um grupo que trabalha gênero, eu acho que você vai gostar”, porque eu gosto de trabalhar gênero também.

PESQUISADORA F: Ah, é?! Cê já fazia isso?

MONITORA D: Então... eu trabalho, eu “trabalho” numa página de feminismo, não sei se você já viu, “Todas Fridas”.

PESQUISADORA F: Ah, acho que já ouvi falar.

MONITORA D: Então... eu que administro lá.

PESQUISADORA F: Hmm... é uma página?

MONITORA D: Isso, é uma página, tem blog e tal. Aí eu peguei... e... ela falou que tinha um grupo que tratava de mais gênero aí eu falei: “Ah, que legal, vou tentar”. Aí ele falou para eu ir falar com a Mestranda T, aí eu fui falar com a Mestranda T e a Mestranda T falou para eu começar vir nas reuniões, na mesma semana ela falou para eu ir em aplicações aí eu fiquei “Ai, meu Deus”.

PESQUISADORA F: É sempre assim...

MONITORA D: Aham.

PESQUISADORA F: É igual MARIA, no outro dia já tava...

MONITORA D: Sim. Aí eu comecei, foi bem legal. Aí eu fiquei lá um tempo, era, era diferente do MARIA, para ser sincera assim, tipo não o contexto que a gente trabalhava, porque era com criança também, só que tipo, por exemplo

PESQUISADORA F: Lá era adolescen... Não, lá era o pequenininho né?!

MONITORA D: Era todos. Trabalhava com EMEI, trabalhava com um arquiteto e no CCA também.

PESQUISADORA F: MARIA era assim também, mudou esse ano.

MONITORA D: Aí a gente trabalhou... Eu, eu, na verdade, eu ia mais nas aplicações do arquiteto.

PESQUISADORA F: Uhum.

MONITORA D: E aí era bem legais, eu gostava de trabalhar com eles lá, eles eram bem tranquilos, acho que até por ser uma escola modelo, sabe?! Tipo... era bacana

PESQUISADORA F: É, lá é o outro nível

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: 8 crianças só...

MONITORA D: Sim...

PESQUISADORA F: Bem diferente

MONITORA D: Sim, é bem diferente.

PESQUISADORA F: Mas o que que você vê de diferente do EMA e do MARIA?

MONITORA D: É porque aqui a gente tem mais autonomia né?! E a gente tem que ter responsabilidade tipo “Ah Monitora D, eu preciso que você faça sua aplicação e me entregue dia 20”. Minha aplicação precisa tá pronta até o dia 20. Lá no Maria... a gente tava formado com as meninas...

PESQUISADORA F: No EMA.

MONITORA D: Ou no EMA, a gente era... tipo a mão de obra, a Mestranda T chegava com a proposta pronta ou a gente até discutia uma proposta, mas ela já dava pronta para a gente tipo, por exemplo: “Olha gente, vocês vão lá e vocês vão pedir para eles desenharem super-heroínas” é porque elas desenvolveram as pesquisas delas e a gente não tinha pesquisa assim, a gente fazia o que elas falavam e tipo...

PESQUISADORA F: E executavam.

MONITORA D: Isso. Elas eram o cérebro e a gente a mão de obra. E aí era isso. Aqui no MARIA não, a gente tem que fazer nossa pesquisa, inventar uma, uma... aplicação e fazer a pesquisa direitinho.

PESQUISADORA F: Hmm...

MONITORA D: Essas coisas...

PESQUISADORA F: E você acha isso bom ou ruim?

MONITORA D: Olha... quando eu...

PESQUISADORA F: Pode falar os dois lados, fique à vontade.

MONITORA D: Aham. Quando eu cheguei, eu fiquei tipo: “Nossaaa, que diferente”.

PESQUISADORA F: Lascou

MONITORA D: Fiquei chocada, falei: “Eita, e agora?”. Mas foi legal, porque tipo eu não tinha pensando na intervenção que eu tive, foi uma ideia que eu tive na hora e eu gostei de trabalhar assim tipo de ter a autonomia de falar tipo: “Olha criança, agora vocês vão comigo e a gente vai fazer as coisas do meu jeito assim, a minha intervenção”. Eu gostei, foi bacana.

PESQUISADORA F: É... é um projeto seu né?! É diferente de fazer o projeto dos outros né?!

MONITORA D: Aham. Sim, sim.

PESQUISADORA F: É uma autonomia. Como que é esse blog, me fala. E é um grupo de pessoas...?

MONITORA D: É, sou eu e outras minas. É... nós somos em 7, agora uma tá afastada então a gente tá em 6 e daí são mulheres de diferentes regiões do Brasil. Eu criei a página em 2015, foi em 2015 e daí tipo... era página

PESQUISADORA F: Você que convidou?

MONITORA D: É eu fui convidando assim, conhecendo as pessoas e fui convidando. E daí tipo... a gente foi ficando muito amiga e a gente criou um blog também, mas assim, a página era pequena tinha tipo no máximo 2000 likes. Aí um dia a gente postou um videozinho que tava rolando e a página explodiu aí tipo amanheceu e a página tava com 30 mil likes aí eu fiquei tipo: “Nossaa”. E agora tem quase 1 milhão.

PESQUISADORA F: Nossaaa

MONITORA D: Então tá bem grande. Aham

PESQUISADORA F: E é sobre o que?

MONITORA D: Feminismo...

PESQUISADORA F: Discussão

MONITORA D: Sobre... questões sociais, sobre política, a gente abrange bastante coisa lá.

PESQUISADORA F: Sempre tem alguma notícia, alguma discussão.

MONITORA D: Isso. A gente produz texto também. Ultimamente a gente não têm escrito, porque a gente abriu para outras mulheres mesmo da página escreverem também então a gente está dando espaço para elas, por exemplo, então quase toda semana tem texto novo. Aí é bem legal, assim...

PESQUISADORA F: Ah, legal.

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: E você acha que, porque o EMA é isso né?! Um pouco de discussão sobre gênero mais que o MARIA, que o MARIA é muito mais amplo né?!

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: O foco é o brincar... E te ajudou de alguma forma nisso ou...?

MONITORA D: O EMA?

PESQUISADORA F: É... ou foi algo assim mais independente?

MONITORA D: Eu acho que foi algo mais independente assim, porque, por exemplo, a gente ia esperando uma resposta das crianças e elas davam outras. Então foi algo mais... foi mais tranquilo assim, mas foi bacana de ver alguns discursos dos meninos e das meninas.

PESQUISADORA F: É, e dependendo do público é mais difícil esperar né?!

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: Os pequeninos é mais difícil, eu lembro que a... que a Monitora A fez uma atividade com eles e passou... a Pantera Cor de Rosa para esperar para ver o que eles iam falar. E aí falavam: “Ah, mas é menino ou menina a pantera?”; “Ah, é menino”; “Mas ela é rosa”. Então assim, começou uma discussão de gênero assim do nada, mas é difícil ouvir deles isso, porque eles não têm ainda muito né?!

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: É mais do que vem imposto para eles né?!

MONITORA D: Sim...

PESQUISADORA F: E... e agora? É.... Ah, pensando do EMA ainda, você acha que influenciou na sua formação acadêmica aí no seu curso de licenciatura de alguma forma ou não? Era uma coisa a parte mesmo...

MONITORA D: Olha... foi bacana, porque eu não tinha tido contando com criança ainda, ainda que, não tinha sido em sala de aula, o EMA não tem proporcionado dar aula, era as aplicações, me ajudou sim, porque tipo eu tive contato com criança para sacar que era aquilo que eu queria fazer...

PESQUISADORA F: Aham...

MONITORA D: Porque não ti...

PESQUISADORA F: Antes do estágio né?!

MONITORA D: Isso, eu não tinha tido isso ainda e daí foi bom.

PESQUISADORA F: Eu quando cheguei no estágio, eu quase infartei. Eu falei: “Meu Deus do céu, esse estágio deveria ter sido no primeiro ano.... que merda que eu fiz?” E aí eu lembro que não queria dar aula quando eu terminei, eu não quis dar aula, foi... um tempão para eu começar a dar aula. Aí eu entrei no mestrado por isso, já para eu fazer outra coisa e não ir para a sala de aula e aí depois a bolsa acabou e eu tive que ir para sala de aula. E aí depois que eu me vi como professora. Então... esse negócio de estágio mais para frente, a gente precisa estar preparado

MONITORA D: Sim...

PESQUISADORA F: Mas ao mesmo tempo, a gente se lasca, porque não tem ideia de como que é.

MONITORA D: É... verdade.

PESQUISADORA F: A gente tem, a gente faz leitura e é bem diferente de tá ali né?!

MONITORA D: Sim...

PESQUISADORA F: E aí cê toma um choque, você fala: “Putzz, vei... e agora? Já passaram 3 anos e aí né!?” Às vezes fica nessa crise.

MONITORA D: Aham... toma um choque de realidade.

PESQUISADORA F: É...E agora no MARIA, como que tá sendo? Bem diferente né?!

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: Aí como que foi assim? Você veio por que pro MARIA? Primeiro... só para lembrar

MONITORA D: Foi assim, é... Quando teve a realocação de bolsas aí eu lembro que o Prof. LP cortou algumas e aí teve que realocar os... os – não é estagiários-

PESQUISADORA F: Os monitores.

MONITORA D: Os monitores. E daí na época, a Mestranda T veio falar comigo onde que eu queria ficar. Aí tinha o grupo dela... porque aí desmanchou né?! O EMA, ficou no labi das minas e o grupo que a Lívia...

PESQUISADORA F: É... EMA LUCIA

MONITORA D: EMA LUCIA que a Lívia está administrando e o MARIA. Aí no primeiro momento, eu falei assim: “Ah, eu posso ficar com o Lab das minas”.

PESQUISADORA F: Uham.

MONITORA D: Só que o horário não batia com o que... eu podia, porque na época eu tava na trabalhando no Catavento, trabalhei 1 mês lá

PESQUISADORA F: Hmm...

MONITORA D: Aí tipo, a aplicação deles começava 1h e 1h eu estava saindo de lá.

PESQUISADORA F: Entendi.

MONITORA D: Aí eu peguei e fiquei lá com o... Aí ela falou assim: “Ah, eu vou falar com o Prof. LP para ver o que a gente faz”; eu falei: “Ok”; ai ela falou assim: “Ah, tem o MARIA”; aí eu perguntei o que que era e eu falei: “Ah, pode ser”.

PESQUISADORA F: Foi te jogando assim...

MONITORA D: Isso.

PESQUISADORA F: Onde cabe.

MONITORA D: Ela falou assim: “Tem lúdico”, aí eu falei assim: “Ah, acho que dá para trabalhar o lúdico em gênero” que era o que eu fazia no EMA. Aí eu falei: “Pode ser”.

PESQUISADORA F: Vou lá ver o que faz nesse grupo né?!

MONITORA D: É.

PESQUISADORA F: Aí veio você e a Monitora E e ela também estava lá no Lab das minas?

MONITORA D: Tav... Eu não sei... Ela tava no EMA só

PESQUISADORA F: Do EMA ela já veio direto, eu acho né?!

MONITORA D: Isso.

PESQUISADORA F: Ah, entendi. E como que foi para você chegar no MARIA?

MONITORA D: Foi diferente... porque assim... porque tipo a Mestranda T ela fazia outra graduação então acho que...

PESQUISADORA F: Acho que é pedagogia né?!

MONITORA D: Letras, acho.

PESQUISADORA F: Letras, é...

MONITORA D: Então tipo a gente era bem mais... – não era descompromissado – tinha compromisso, mas era mais... maleável assim. Ela falava: “Gentee, tô fazendo aplicação aqui”, um dia antes sabe?! Aí ela mandava para gente então tinha jogo de cintura assim com ela. E daí tipo... era... como ela, a gente não tinha essa responsabilidade de fazer aplicação.

PESQUISADORA F: Ela era que criava né?!

MONITORA D: É, isso. Aqui a gente tem que ter essa responsabilidade, porque tipo os dados que a gente coletava, era para a pesquisa dela. Então tipo, não tinha: “Ah meu Deus, eu preciso fazer o meu projeto para poder... para poder tipo ter dados igual agora”. Então... eu acho que foi diferente assim, mas eu tô gostando da proposta da MARIA, mas de primeira foi um choque tanto que na minha aplicação, eu falei para a Gi: “Ferrou, ferrou. Não tem bolinha”; aí eu falei assim: “Pode ser bexiga?”. Aí eu falei para ela, eu pedi para ela decidir.

PESQUISADORA F: Me ajuda aí

MONITORA D: Me ajuda. Eu quase falei para ela: “Você que sabe...” – não eu mandei para ela – “Você que sabe, o que que você acha que a gente faz?; ela falou assim: “Mas a aplicação é sua.”; aí eu fiquei tipo: “Mano, mas como assim é minha?”

PESQUISADORA F: É... sua e aí você decide.

MONITORA D: Aí falei: “Ah, já que é minha, eu vou fazer do meu jeito então”. Aí eu acabei cobrando as bexigas, porque as bolinhas incharam tipo muito e não renderam, comprei 4 pacotes e deu tipo um potinho assim...

PESQUISADORA F: É...Não funciona né?! Deu algum pro...

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: Porque elas incham mais né?!

MONITORA D: Elas incham muito

PESQUISADORA F: Era bem Paraguai as bolinhas que você comprou.

MONITORA D: Aham... Só tinha na casa de 1 real perto de casa, eu fui lá comprar.

PESQUISADORA F: Então, mas é essa mesmo. Mas essa daí deu azar né?! Porque o negócio não funcionou.

MONITORA D: E daí tinha... E aí comprei bexigas e fui legal, fui bacana tem essa experiência tipo organizar tudo do começo, desde a escrita até a aplicação.

PESQUISADORA F: E cê foi logo uma das primeiras né?!

MONITORA D: Fui...

PESQUISADORA F: Foi bem... bem rápido assim a de vocês.

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Mas você sentiu um pressãozinha então?

MONITORA D: Senti, senti

PESQUISADORA F: E... A Mestranda T ela trazia a atividade, mas ela cobrava a coleta de dados direitinho? Porque... ela...

MONITORA D: Tinha relatório.

PESQUISADORA F: Ou não? Era bem sossegado?

MONITORA D: Não, tinha que fazer o relatório, o relatório ela cobrava. A gente tinha que fazer o relatório com os dados ou então pegar o relatório com o dado e descrever foto, por exemplo, nas fotos você escolhia aquele momento que você lembrava e descrevia ele como é que foi.

PESQUISADORA F: É... isso é importante que a gente não está fazendo, isso é ótimo né?!

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: Para lembrar mais ou menos o que...

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Deixa eu anotar, porque isso uma boa sugestão. Hm... descrever a foto. E... hoje, aqui no MARIA, que características que você acha que te ajudam no MARIA e que te atrapalham no MARIA? Cê consegue pensar assim em alguma coisa?

MONITORA D: Característica que me ajuda e que me atrapalha.... Olha, eu acho que a organização que a gente tem ajuda, porque, por exemplo, igual de terça-feira, como eu disse, eu já sei que eu tenho uma terça-feira que vir e uma terça-feira que eu posso trabalhar e vir cedo então isso é bom tipo eu ter esse compromisso, sabe?! Eu acho que me ajuda até como pessoa.

PESQUISADORA F: Na organização.

MONITORA D: Sim. A ter responsabilidade. Agora o que atrapalha... Eu já não sei, porque tipo eu acho que o grupo está indo bem, tá dando certo.

PESQUISADORA F: É, com trancos e barrancos...

MONITORA D: É...

PESQUISADORA F: Mas tá indo, mas é normal né?!

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Sempre tem. E características suas?

MONITORA D: Minhas que ajudam e que atrapalham no MARIA? Deixa eu ver...que me ajuda é que eu gosto de tomar a frente igual tipo, no dia que eu fui fazer a aplicação era assim... tipo, eu tinha acabado de chegar, mas assim, eu fiquei preocupada porque eu nunca tinha feito intervenção minha. Mas assim, se tem que fazer, vamos meter as caras e vamos fazer direito.

PESQUISADORA F: Cê gostou...?

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Desse momento seu?

MONITORA D: Sim, sim. Eu não tenho problema com isso. Se você fala: “Monitora D, faça isso.”, eu faço, eu tomo a frente e faço. Agora, o que atrapalha a MARIA, WhatsApp que eu não respondo sempre no grupo... para ser sincera.

PESQUISADORA F: Cê viu que deu B.O dá última vez né?!

MONITORA D: Aham. Agora eu tento, eu tento mandar um “ok” assim, pelo menos um “ok” para confirmar.

PESQUISADORA F: É... a gente fica feliz. Tá.

MONITORA D: Acho que é isso.

PESQUISADORA F: E cê tem alguma sugestão? Queria saber assim, agora que você tá no MARIA, viu um pouco, porque tem pessoas novas e tem só dois antigos né?! Que é o Ed... – não 3 – o Ed, a Gi e a Monitora A e os 3 novos, você, a Monitora E e o Monitor B. Agora que você já tão se conhecendo mais, já tem uns 3 meses, 4 aí e que a gente já tá... andando junto. Que sugestões você acha que...

MONITORA D: Seria legal para o MARIA?

PESQUISADORA F: É... pro MARIA. Críticas, sugestões e elogios. É para você falar à vontade, tá?!

MONITORA D: Tá, deixa eu pensar.

PESQUISADORA F: De boa, sem problema nenhum.

MONITORA D: Ok. Ah, deixa eu ver... Crítica, crítica... Deixa eu pensar.

PESQUISADORA F: Coisas que te incomodam, que você vê que não dá certo...

MONITORA D: Hmm... Não sei, acho que não pegou nada ainda que fala: “Ah, isso aqui está errado, não estou gostando assim”.

PESQUISADORA F: Tá...

MONITORA D: O grupo em si é tranquilo, eu acho que a gente pode se familiarizar melhor assim, se conhecer... para não ficar algo do tipo pesquisa, pesquisa, pesquisa.

PESQUISADORA F: Eu também acho. Isso daí, eu tô tentando sabe?! É, mas eu acho que a gente tem que trabalhar mais disso.

MONITORA D: Sim. É... A monitora F até sugeriu da gente tipo tentar fazer uma dinâmica entre a gente que eu achei legal.

PESQUISADORA F: Uham. Isso a gente já fazia no ano passado e a gente acabou não conseguindo fazer esse ano. Então, por exemplo, ia ter um jogo, a gente jogava antes, ia ter um yoga, a gente fazia antes. Então a gente pegava o dia que não tinha atividade para ficar fazendo isso, entendeu?

MONITORA D: Aham.

PESQUISADORA F: Aí... igual a feira desse ano, teve uma feira, a gente foi para a feira para poder sair um pouco dessa rotina de estar aqui, conhecer um lugar novo, conhecer propostas novas. Então eu acho que seria legal, todo mundo começar... sabe?! Viu alguma coisa interessante? Joga para a gente pode combinar, marcar de ir, para fazer coisas diferente. Então... pra a gente poder sair dessa rotina né?!

MONITORA D: Aham, sim.

PESQUISADORA F: E isso vai criando mais vínculo né?!

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Porque a gente tá um pouco afastado. Tá unido, mas tá afastado. Não sei se você tem essa impressão...

MONITORA D: Sim.

PESQUISADORA F: Eu sinto que é uma coisa que assim, a gente tenta se aproximar, mas ainda tá longe.

MONITORA D: É, sim.

PESQUISADORA F: E aí como fazer essa união? O que que você sugere?

MONITORA D: Ah, eu acho que a gente pode tentar fazer essas dinâmicas, sei lá, sei lá, fazer um piquenique na reunião para a gente se conhecer, cada um traz uma coisinha.

PESQUISADORA F: É... A Gi falou do piquenique.

MONITORA D: A gente pode... sei lá, brincar das brincadeiras que a gente faz

PESQUISADORA F: Aham.

MONITORA D: Pensar numa reunião mais dinâmica. Não, tipo te jogando a reunião de lado, sabe?! Mas pensar numa dinâmica para a reunião, alguma coisa assim ou então sei lá, uma vez no mês fazer uma coisa diferente na reunião.

PESQUISADORA F: Aham.

MONITORA D: Para não ficar sempre... porque a gente tem coisa para discutir, tem que ter dado, mas a gente pode fazer isso também.

PESQUISADORA F: Beleza. Então tá. Então, é... Monitora D, brigada tá?!

MONITORA D: De nada.

PESQUISADORA F: Aquela, aquele caderninho que eu entreguei para vocês, é mais para vocês falarem tudo isso. Então se você não lembrou de alguma e quiser anotar lá...

MONITORA D: Tá bom, pode deixar.

PESQUISADORA F: Você anota que depois eu vou ler e aí eu já pego como sugestão, crítica, tá?!

MONITORA D: Tá bom.

PESQUISADORA F: E... espero que você goste aí do MARIA, tá bom?!

MONITORA D: Tá bom, brigada.

PESQUISADORA F: Brigada você.

MONITORA D: Tchauzinho.

ANEXO 6.5 – MONITORA E

Duração: 22min

PESQUISADORA F: Então, é bem simples, você pode ficar bem a vontade, é mais para eu te conhecer mesmo. Vamos começar me contando um pouquinho sobre a sua história. Como que você veio para a USP, como que foi essa história? Conta aí para a gente.

MONITORA E: Bom, para a USP eu vim foi bem rápido, na verdade não foi uma coisa que eu planejei e tudo mais. Em dezembro de 2015 eu estava meio confusa, enfim, meio revoltada na verdade, (risos).

PESQUISADORA F: Ah é, por quê?

MONITORA E: Eu estava trabalhando em uma área que eu não queria mais investir nisso, não queria dar continuidade.

PESQUISADORA F: De química?

MONITORA E: Isso, de química. Eu já estava a seis anos na empresa. A empresa estava com uma proposta diferente pra mim, mas eu já não sentia mais para zer naquilo, entendeu. Eu queria utilizar meu tempo de uma forma mais produtiva, não financeiramente, mas psicologicamente formado.

PESQUISADORA F: Era puxado?

MONITORA E: Era puxado, era em outra cidade, então, eu saía de casa cinco horas da manhã e chegava sete e meia, oito da noite.

PESQUISADORA F: Vivia para isso né

MONITORA E: É, vivia para isso, eu chegava em casa, isso quando acabou a faculdade. Porque quando eu estava na faculdade ia direto para faculdade e chegava em casa meia noite, meia noite e meia então dormia quatro horinhas e já ia para o batente de novo. Então eu queria algo diferente. A costura já era uma coisa que eu tinha de final de semana.

PESQUISADORA F: Sempre fez?

MONITORA E: Sempre fiz, desde os meus dezoito anos meu irmão me deu uma máquina domésticazinha de presente.

PESQUISADORA F: Ele que costurava?

MONITORA E: não é que ele me viu costurando na mão e aí ele resolveu investir ponto inclusive falta eu dar esse retorno para ele.

PESQUISADORA F: ele mora aqui com você?

MONITORA E: não ele mora no interior de São Paulo. eu sou nascida no nordeste em Alagoas, aí vim para São Paulo com 11 anos e morei por um ano e meio aqui na capital mesmo e depois a gente foi para o interior e aí só vivi lá. uns 8 anos no interior e agora que eu vim para cá.

PESQUISADORA F: E a faculdade você fez lá?

MONITORA E: Fiz lá fiz na PUC de Campinas.

PESQUISADORA F: Então você ficava perto de Campinas?

MONITORA E: É, eu trabalhava estudava em Campinas , perto de Monte Mor e Hortolândia. Ah tá Hortolândia Eu já ouvi falar, Monte Mor não. Ah é, Monte Mor agora que apareceu na novela ficou mais conhecida. na novela que tem o reino de Montemor. O vídeo Show chegou aí fazer uma reportagem lá e ficou conhecida. Quando eu estava trabalhando e morando em Campinas e eu falava que era de Montemor, eu tinha muita dificuldade em arrumar emprego, porque a cidade ficava do lado de Hortolândia, mas como a passagem era mais cara era muito mais difícil arrumar emprego. Eu falava meu Deus por que meu pai foi decidir morar nessa cidade? Tanto é que minhas irmãs desde que a gente se mudou para lá. Nunca consegui arrumar emprego, só quando se mudaram para São Paulo. porque lá não conseguia, por causa da distância, passagem cara, os custos. Em dezembro de 2015 e digitei na internet faculdade de moda e na época eu nem sabia de USP Tinha faculdade de moda, e lá mesmo no interior tinha em Americana, mas acabava sendo um custo alto para mim também. E aí em dezembro eu descobri o curso na USP e vi o edital para graduados que eu nem sabia que existia.

PESQUISADORA F: Ah eu também não. E é outro edital, você entra de outra forma?

MONITORA E: É isso, você faz uma prova de conhecimentos específicos. Aí eu vi que estava dentro do prazo para inscrição, entrei em contato no site também liguei aqui para saber como era, para tirar as dúvidas do processo e em dezembro é descobrir isso, em janeiro eu me inscrevi para prova, em fevereiro eu fiz a prova. Já em fevereiro eu comuniquei a empresa queria sair ir E aí em março eu estava aqui em São Paulo.

PESQUISADORA F: procurou achou e já veio.

MONITORA E: é, minha irmã morava em São Paulo mora em São Paulo então a princípio eu vim morar com ela uns seis meses. a minha saída da empresa foi bem tranquila, eles conseguiram fazer a minha demissão, também eu já estava lá. Fazia tempo então foi bem tranquila a saída. Cumpri aviso prévio e eu entrei aqui um mês atrasada porque eu tive que ficar lá cumprindo aviso prévio. aí eu vim para cá.

PESQUISADORA F: Era empresa de quê?

MONITORA E: De alimentos, produtos esterilizados e pasteurizado.

PESQUISADORA F: é que meu marido trabalha em uma empresa de equipamentos de laboratório. chamada X, não sei se você já ouviu falar. Lá tem muito químico, quem vende as máquinas São químicos.

MONITORA E: e seu marido é químico?

PESQUISADORA F: não, ele trabalha na logística da empresa.

MONITORA E: e assim, entrevistadora, hoje o que eu ganho, meu financeiro não é nem metade do que eu ganhava lá, mas a minha paz espiritual e o meu tempo que eu acabo utilizando para viver compensa. compensa bastante.

PESQUISADORA F: então não é algo de infância um desejo de que você queria entrar na USP? já foi a segunda graduação que você encontrou aqui por causa do curso que você queria? Não era a universidade que você queria, era o curso.

MONITORA E: Exatamente. E aí coincidiam de ser na USP deu tudo certo (risos).

PESQUISADORA F: Quais são suas metas como estudante, a rotina é diferente da outra faculdade, como que é? O que você sentiu de diferença? Quais são suas metas dentro da universidade agora no seu curso?

MONITORA E: é diferente, a rotina é diferente porque acabava que na minha primeira graduação tinha muita coisa que ficava para casa, de estudo, mas na USP Eu sinto que a Exigência é bem maior. Suas horas dedicadas fora da Universidade, existe bastante. Tanto é que no primeiro ano eu peguei todas as matérias tudo certinho, mas no segundo, para poder conciliar com o trabalho, com algo externo, eu precisei diminuir a carga horário por quê quando entra o trabalho. tem pessoas Que Como estão fazendo a primeira graduação se exigem mais do que eu me exigiria hoje, do que eu me exijo hoje. Dá para fazer da, mas não precisa se matar, eu acredito que o resultado 10 em um trabalho não é exatamente você se matar para ter um 10. Você pode ter um 10 com tranquilidade.

PESQUISADORA F: isso é amadurecimento? Você sente que por que você já teve uma graduação?

MONITORA E: Eu acredito que sim porque eu participo de grupos das meninas e vejo que algumas das dificuldades que eu tive é relacionada com a diferença de idade. na minha sala por exemplo o pessoal em sobrinha de maioria tem 17 anos, são bem jovens, eles falam de música que eu nunca ouvi falar de bandas e séries que eu nunca vi.
a deslocada né?

MONITORA E: Então assim eu sou uma pessoa que não tem grupos, então tipo assim, quando o professor diz que iremos fazer um trabalho de seis alunos eu saio procurando, olhando, nunca

formei grupinho. e eu falo que hoje as meninas me procuram perguntando se eu quero participar porque o professor coloca um grupo de 6 alunos, e quando uma ou mais pessoas saem e elas me convidam, e pergunta a monitora E você quer participar porque está faltando aluno. e eu falo nossa, nunca tive isso.

PESQUISADORA F: porque você é mais na sua né. Outra Geração.

MONITORA E: Isso, e adaptação conta nisso e eu senti. Vou confessar que eu senti bastante. assim eu acho que dá para ter um bom resultado, sim, dá para chegar, dá tempo. não que você fique jogando tudo para última hora, mas você não precisa. eles têm uma pressão psicológica muito grande, eu acredito que quando eu fiz a primeira graduação que eu me cobrava mais e que essa minha mudança seja um amadurecimento.

PESQUISADORA F: Mas hoje você trabalha?

MONITORA E: :Eu trabalho em casa, eu tenho um atelier de costura e eu faço Consertos em casa.

PESQUISADORA F: Então, será que isso não interfere? Porque eles estão procurando, (não sei, só a gente conversando aqui). Eles estão ainda atrás de uma profissão, você já teve uma profissão, já tem experiência de vida, já está trabalhando com isso. E aí para você talvez a formação não é algo tão imediatista. Eu Preciso disso para entrar numa empresa né.

MONITORA E: Sim, sim. Eles querem realmente cumprir o currículo em tempo ideal, eles querem realmente mostrar muito trabalho. Eu fico abismada com os trabalhos que eles apresentam. Eu digo: gente, que tecnologia é essa, eles fazem umas coisas muito, muito top. Eu falo gente se eu tivesse a idade de vocês, Nossa é uma coisa assim que eu admiro bastante neles. Eles têm muita força de vontade quanto a isso.

PESQUISADORA F: É uma geração muito tecnológica né. Direto eu fico descobrindo algumas coisas, que eu falo sério que tem esse recurso que dá para fazer isso, e super simples que eu nem tinha ideia.

MONITORA E: Tem umas coisas super legais que eles fazem, eu fico admirada Como talento deles. Assim, formado de perspectiva, tem uma menina na minha sala que eu não sei, ela faz tudo certinho, ela já tinha trocado de curso de farmácia, 2 anos de farmácia e ela mudou para moda. E ela fala ai monitora F, eu não sei o que eu quero fazer, se eu continuo ou se eu não continuo e eu falo se você não tem certeza, continua e vai fazendo, porque ela tem bom currículo, as notas ela se dedica, então vai fazendo, e ela está no terceiro ano também.

PESQUISADORA F: o nome do curso mudou, não é? Antes era têxtil e indumentária?

MONITORA E: Desde quando eu entrei já era Têxtil e moda.

PESQUISADORA F: Têxtil e moda, ah é. para mim tinha indumentária, alguma coisa assim no nome. Acho que não né?

MONITORA E: Tem uma matéria que é de indumentária. Acho que no passado eu li alguma coisa sobre, que era outro nome.

PESQUISADORA F: Mas o curso de vocês É voltado não para moda, né?

MONITORA E: Não é tanto de design estilo, Tem a parte Têxtil, de tecnologia Têxtil e tem a parte de criação também. Tenho os dois

PESQUISADORA F: Eu acho que antes era muito focado em empresa, em produção, em tecnologia. Eu acho que por isso que mudou o nome, porque mudou o foco, eu não tenho certeza, mas acho que alguma coisa que eu já ouvi e por isso que eu te perguntei. E você faz o curso porquê? Primeiro porque você já gostava, mas tem uma intenção aí por trás? você quer trabalhar na área ou você quer ficar no seu particular, ou abrir uma empresa? É porque você gosta, é porque você quer ter essa profissão, é um hobby?

MONITORA E: então, quando eu entrei na USP eu fiquei bem interessada pelo nome USP, mas aí quando eu entrei que eu vi o ritmo da faculdade, eu vi que eu não iria conseguir chegar nessa exigência toda Que o curso acaba exigindo de tempo. E aí eu fui dando uma aliviada e aquele desejo de ter um currículo USP acabou dá uma esfriada, até pelo ritmo, sabe, você começa a ver umas coisas, que tem como você também chegar lá por outros meios. Não por dedicação, mas eu acho que o curso de moda é um curso bom, mas eu achava que eu fosse ter mais retorno na parte de desenvolvimento mais da Universidade, na parte de desenvolvimento de material, que exige muito custo do aluno.

PESQUISADORA F: se vira né!

MONITORA E: Exige muito custo do aluno, tipo eu já fiz técnico em Treinamentos do Senai e eu precisava de um jaleco apenas.

PESQUISADORA F: E tudo eles disponibilizavam.

MONITORA E: Era tudo de lá. Tem meninas que estão fazendo o curso e ou estão fazendo técnico em vestuário para complementar porque aqui realmente acaba faltando, ou tem meninas que já fizeram. E lá no SENAI não precisa levar nada, aqui a gente precisa comprar Agulha, a sapatilha da máquina, todo material, tipo tem a máquina lá, mas se você não trazer as sapatilhas você não usa máquina.

PESQUISADORA F: igual a escola pública né tem a professora e não tem recurso.

PESQUISADORA F: E eu fiquei absurdada que depois quando eu fiquei sabendo que as máquinas que tem no laboratório é de uma professora que ganhou uma premiação, e ela acabou

comprando as máquinas, aí hoje a professora Tita conseguiu outras doações de máquinas e tudo mais, mas é doação, tipo assim então, a gente por exemplo, tem uma matéria que haja desenvolvimento de processos de acessórios e era para desenvolver um sapato. A forma do sapato a universidade não tinha, a gente teve que comprar, E aí juntou dois alunos para comprar, e a forma usada é R\$ 40,00 o par e cada não ficava com pé porque só precisava desenvolver um e eu paguei 20 E a outra menina pagou 20. então assim, a minha decepção maior é quanto a isso porque se eu não tiver recurso,

PESQUISADORA F: você esperava outra coisa da USP?

MONITORA E: eu esperava, realmente eu esperava, eu esperava que assim,

PESQUISADORA F: que tivesse estrutura, recursos materiais melhores né?

MONITORA E: Exatamente, então assim, eu esperava esse retorno maior. Os profissionais são muitos, tem algumas que eu acho que poderiam se esforçar mais, por exemplo, aula de desenho para mim foi uma decepção, porque tinha muita gente que manjava para caramba de desenho, ou que já fez curso ou por aptidão mesmo. Mas eu sei que tem pessoas que não têm facilidade com uma técnica de desenho, conseguem desenvolver. Aí Eu vi o curso no SENAI, que me indicaram, mas meu, quase r\$ 2000,00 em um curso e aí você tem que se virar com que tem.

Eram quatro aulas E aí a professora fazia desenho de observação, mas ela não ensinava uma técnica por exemplo, já no curso do Senai existe uma técnica que você consegue desenvolver um croqui E a gente não teve, teve desenho 1 e desenho 2

PESQUISADORA F: e não avançou?

MONITORA E: não porque não tinha técnica.

PESQUISADORA F: Aí complica, mas eu acho que isso é geral de vários cursos, porque depende dos profissionais têm profissionais bons e profissionais ruins e às vezes a gente acaba mesmo dentro de uma universidade reconhecida, de nome, achando maus profissionais. eu tive isso também, professor que a gente ia para laboratório de física para ficar sei lá, fazendo o quê.

MONITORA E: Mas profissionalmente eu tenho vontade de desenvolver sei lá, uma empresa mesmo ou com prestação de serviço porque desenvolvimento de marca é complicada Que exige muita Dinda que eu não tenho. Então meu objetivo é trabalhar de início com prestação de serviço mesmo, que é o que eu faço, já peguei corte com oficina de costura, faço consertos.

PESQUISADORA F: Melhorar nisso. Então O curso está te ajudando nisso?

16:56 PESQUISADORA F: quando você vai em palestras e outras coisas você vai vendo que o mercado é bem diversificado. E em São Paulo o mercado Têxtil é muito forte. Mas na verdade São Paulo eu vim para ter experiência, eu não penso em ficar aqui em São Paulo.

PESQUISADORA F: você quer voltar?

MONITORA E: eu quero voltar ou para o interior em Monte Mor ou para Alagoas. por que assim, eu sempre tive vontade de ter um projeto social lá e é que lá tem muita mão de obra, tem muitas mulheres trabalhadoras e eu quero realmente trabalhar com as mulheres porque lá elas tomam conta de casa, elas tomam conta de roça, elas trazem o financeiro e sustente para dentro de casa mas elas não enxergam isso né.

PESQUISADORA F: como profissão né?

MONITORA E: não, elas vivem uma submissão muito grande ao masculino, Então essa é uma das vontades que eu tenho, e aqui na USP me abriu esse meu horizonte de possibilidades, de apoio com professores que eu posso buscar futuramente.

PESQUISADORA F: ah, legal, isso é interessante né.

MONITORA E: Mas eu tenho muita vontade de ter um projeto social para desenvolver tanto projeto artesanal Que seja como a questão de conversa mesmo, mostrar para elas que existem outras possibilidades, porque lá realmente tem muita gente que é esquecido, que esquece de querer saber que existe um outro mundo fora.

PESQUISADORA F: que vive naquela rotina né,

MONITORA E: E que lá tem a possibilidade de ter um crescimento.

PESQUISADORA F: e ganhar dinheiro com o trabalho deles.

MONITORA E: sim sim, então eu tenho muita vontade de desenvolver um projeto social lá, principalmente pegando a parte das crianças e a parte das mulheres.

PESQUISADORA F: e essa questão das mulheres, você sempre teve ou foi porque você acabou entrando no grupo e tem um pouco do trabalho com as mulheres?

MONITORA E: eu tinha, mas assim o fato de aqui eu começar a ver muitos temas relacionados a isso, de empoderamento feminino, você vive uma coisa, mas você não vê.

PESQUISADORA F: não entende como empoderamento.

MONITORA E: Exatamente, a universidade e principalmente a parte desse trabalho que, que eu entrei nesse projeto que, eu uma das coisas era sobre empoderamento feminina, então assim eu comecei a ver muita, por exemplo, minha avó foi abandonada pelo meu avô e ele deixou ela com quatro adolescentes. mas ela achou um absurdo quando eu falei que vinha para São Paulo

morar sozinha e ela falou: monitora E você não pode morar sozinha, por que na casa dos pais dela você tem que sair com homem

PESQUISADORA F: casada

MONITORA E: não precisa nem casar, que lá eles usam termos que a mancebo, o que é juntar. Mas sabe quando você vai assim abrindo a mente. Porque realmente lá também existe uma violência feminina muito grande.

PESQUISADORA F: sério?

MONITORA E: Existe, Existe. Só que é visto como algo normal.

PESQUISADORA F: sério, forte assim?

MONITORA E: sim, sim, bem absurdo.

PESQUISADORA F: isso dentro de família, o mesmo de abuso sexual, nas ruas, algo geral?

MONITORA E: geral, geral.

PESQUISADORA F: um desrespeito com sexo feminino

MONITORA E: sim, sim, a gente acha que é um absurdo, mas lá é realmente uma coisa muito, muito forte.

PESQUISADORA F: e você é de que região de lá?

20:44 MONITORA E: Inhapi em Alagoas, no sertão.

PESQUISADORA F: E é lá que você sente isso ou é do estado?

MONITORA E: É do estado

PESQUISADORA F: aqui você sente menos isso?

MONITORA E: Eu sinto menos, mas é uma questão bem regional, também de pessoas que são da mesma cidade, mesma região também compartilha da mesma ideia

PESQUISADORA F: compartilham a mesma ideia?

MONITORA E: Compartilham a mesma ideia

PESQUISADORA F: de que a mulher é subjugada e tem essa agressão?

MONITORA E: Então, só que as mulheres não enxergam isso

PESQUISADORA F: É mais forte ainda, porque elas estão em um contexto machista e aceitam

MONITORA E: e aceitam, exatamente

PESQUISADORA F: e você aqui está em mais de um projeto ou em um só?

MONITORA E: em um só.

PESQUISADORA F: e aí você estuda, tem seu trabalho e está no projeto banca da ciência?

MONITORA E: isso

PESQUISADORA F: em outros projetos do seu curso, coisa do tipo, você não está?

MONITORA E: não, só os trabalhos de disciplina normal.

PESQUISADORA F: você já participou de algum projeto?

MONITORA E: eu já Participei de um projeto que uma professora Tita no curso de Têxtil, que é de patchwork, para desenvolvimento de, utilizando resíduo Têxtil, sobra de corte e propor Novos Produtos.

PESQUISADORA F: mas que tipo de projeto seria é esse, é como o PUB?

MONITORA E: Sim era PUB, a proposta que eu desenvolvesse novos produtos utilizando o resíduo Têxtil

PESQUISADORA F: aí você saiu desse e se inscrever no da banca da ciência?

MONITORA E: É porque assim ela perdeu o prazo, porque a gente devia dar continuidade Por que faltava muito levantamento de dados. em São Paulo tem muita oficina, principalmente clandestina e eu queria estar em uma oficina para acompanhar e levantar dados e tudo mais, só que aí a professora era uma professora muito, ela tem muita responsabilidade, ela é coordenadora do curso, aí tem os alunos dela de pós, estava em um monte de projetos. A proposta era bem interessante porque isso iria se aplicar em uma ONG de moradores de rua para que ele desenvolver sem produtos para vender, para eles mesmo e para a própria ONG e tudo mais, só que essa professora tinha muita coisa, e aí eu acho, por exemplo igual a você, se ela tivesse essa proposta é igual o Luís, tem de deixar a outra pessoa te coordenando, a gente teria tido um projeto muito legal.

PESQUISADORA F: Ela não, ela pegava tudo para ela

MONITORA E: tudo, tudo era diretamente com ela, então para marcar reunião era com ela era difícil de achar. E às vezes a gente precisa de um apoio, do professor para falar, tem muita coisa que é muito competitivo então às vezes eles não deixam, se tem uma coisinha errada e aí ela acabou perder o prazo e a gente não deu continuidade, mas era muito legal.

PESQUISADORA F: e aí como você chegou na banca?

MONITORA E: na banca eu procurei projetos que tivesse relação com a parte Têxtil e tinha esse que era do piá se de desenvolvimento de fantasias e uma das exigências era que tivesse conhecimento em modelagem e costura.

PESQUISADORA F: então era bem para o curso de vocês!

MONITORA E: exatamente Por que um dos Tópicos era que se tivesse conhecimento Têxtil, E aí eu acabei escrevendo nele e fiz a entrevista com a Mestranda V

PESQUISADORA F: foi quando isso?

MONITORA E: foi em agosto setembro, foi em setembro do ano passado, 2017.

PESQUISADORA F: A Mestranda V que trabalha com os pequenininhos?

MONITORA E: isso, esqueci o sobrenome dela. Signioli

PESQUISADORA F: Mas aí você entrou em qual grupo?

MONITORA E: eu participava do E.M.M.A, mas no Ema tinha joaninha. e eu participava do Joaninha do Ema.

PESQUISADORA F: Ah então a Mestranda V era do E.M.M.A.?!

MONITORA E: sim,

PESQUISADORA F: aí você passou na entrevista e...

MONITORA E: aí ela falou que tinha duas candidatas para esse projeto, que uma era autora do projeto Que eu não sei quem é e acabou que neste projeto entro eu e a Lorena. a Lorena está nos animais lá que ...

PESQUISADORA F: D.I.A.N.

MONITORA E: isso, não sei se com toda a mudança ela foi para lá mas ela estava junto comigo e a Mestranda V no projeto.

PESQUISADORA F: e como era no projeto?

MONITORA E: No Ema era assim, isso é uma coisa que quando eu voltasse de férias eu ia conversar com a Mestranda V como ia ser o Desenvolvimento do individual por quê no pub que eu tinha feito anterior era um projeto só meu, eu que coordenava, eu que...

PESQUISADORA F: sua pesquisa

MONITORA E: isso, exatamente. mas como no Ema era um grupo eu não saberia como eu ia fazer a minha parte de desenvolvimento Porque eu tinha me inscrito em um projeto e na verdade eu estava desenvolvendo outro

PESQUISADORA F: era outra coisa que você fazia?

MONITORA E: é

PESQUISADORA F: e foi o ano inteiro fazendo outra coisa?

MONITORA E: É, o ano inteiro a gente trabalhou com fantasias, mas para os pequenininhos, mas na parte da questão de super-herói e depois futuramente A ideia era trabalhar com as crianças sobre a questão de empoderamento feminino, só que a gente não estava tendo nas atividades muito retorno deles com isso, porque eles são muito pequenininhos.

PESQUISADORA F: difícil né?

MONITORA E: como a gente ia fazer? então a nossa discussão estava nisso. Como fazer para trabalhar as atividades

PESQUISADORA F: conseguir esse objetivo.

MONITORA E: exatamente, chegar nesse objetivo.

PESQUISADORA F: e esse não era o objetivo do trabalho que você entrou, era só para confecção de fantasias?

MONITORA E: e isso, era só para confecção de fantasia de animais que estavam em processo de extinção ou animais que são colocados em desenhos animados como, por exemplo o tubarão é mau.

PESQUISADORA F: Sim, estereótipos

MONITORA E: é, esses estereótipos, era assim o projeto, e...

PESQUISADORA F: e você queria ver o quê? se era possível mudar para ser uma coisa, um projeto seu?

MONITORA E: a minha dúvida era como eu iria fazer esse trabalho de pesquisa final.

PESQUISADORA F: ah, terminar o relatório!

MONITORA E: terminar o relatório e aí acabou que eu mudei para o para o Maria.

PESQUISADORA F: você nem fez então, nem finalizou, já mudou de grupo?

27: 49 MONITORA E: fiu, E aí eu estou aqui no Maria.

PESQUISADORA F: mudou totalmente de novo.

MONITORA E: foi

PESQUISADORA F: E aí, como foi sua chegada no Maria, que você achou, Como foi o susto?

MONITORA E: eu achei que vocês têm uma pegada um pouco diferente, acho que é um pouco mais dinâmico,

PESQUISADORA F: me conta a diferença que você sentiu...

MONITORA E: acho que vocês são mais dinâmicos mesmo e cada reunião tem que ter realmente o objetivo, tem que ter um objetivo e tem que ter um retorno da gente, Inclusive eu nem li o texto, Ai meu Deus kkkk. e tem uma pegada bacana sim, porque cada um....

PESQUISADORA F: seja verdadeira

MONITORA E: porque cada um tem que realmente participar lá entendeu. Porque ali quando você está em grupo dividindo uma tarefa única. De aplicação, então por exemplo, eu e a Lorena, eu comprei o material, a Lorena fez a parte da pesquisa do material e a gente desenvolveu as fantasias só que eu levei uma parte de para desenvolver e ela levou outra parte para desenvolver e a gente finalizou com a Mestranda V e com a Bia Que eram agentes da aplicação. Mas assim não que não der para dividir no Maria, não que não dá para dividir com outros integrantes do grupo, mas como você é a produtora da atividade você tem que se responsabilizar pelo material, a exigência eu acho que é maior, não que seja ruim, mas é exigência acaba sendo maior.

PESQUISADORA F: E você acha isso bom ou ruim?

MONITORA E: eu acho isso bom, não é ruim porque de certa forma você começa a ter uma realidade do que que é realmente, do quanto se exige para o desenvolvimento de uma atividade que é de 1 hora né, mais que exige muito.

PESQUISADORA F: é, a preparação...

29:40 MONITORA E: Exige você conseguir liberação do laboratório, exige você conseguir os materiais, ver preço porque aqui infelizmente não tem tudo, então assim, é uma exigência maior porque a atividade é sua. Lá no Joaquina as atividades, a gente dividir as tarefas para atividade em grupo.

PESQUISADORA F: é como se a atividade fosse da Mestranda V?

MONITORA E: é

PESQUISADORA F: cada um ajudava com um pouco, você não era, você não tinha essa responsabilidade de carregar atividade né

MONITORA E: isso, de carregar atividade não.

PESQUISADORA F: entendi, É diferente. E no outro grupo que você estava você acha que alguma forma influenciou na sua formação, no seu curso de texto?

MONITORA E: e o participar no Ema?

PESQUISADORA F: Isso, influenciou de alguma forma?

MONITORA E: sim, nas reuniões a gente tinha algumas discussões, que assim tipo, eu não lembro ah, eu não lembro o nome dela. (pausa para pensar) Mestranda T?

PESQUISADORA F: Mestranda T

MONITORA E: isso, E tinha outra menina lá, tem cabelo curto e tem óculos, que eu não lembro o nome dela, que trabalhava com pesquisa com as heroínas e com as fadas.

PESQUISADORA F: Acho que é a Livia

MONITORA E: é, não lembro o nome dela. que assim, elas falavam algumas coisas que cara, nunca prestei atenção nisso. e como a Mestranda T falava, olha, hoje eu vou destruir tal conto de fadas de vocês, tipo assim você assiste o desenho lá da Frozen e, tipo assim,,eu assistia, vi a minha sobrinha assistindo, acompanhava mas nunca tinha parado para pensar que tipo a Elsa é a má história, Por que as meninas se vestem ver acham bonito, colocam trança, mas ela não é legal. quando ela congelou reino (risos) então tipo assim, elas falavam umas paradas de desenho animado e colocaram em discussão umas coisas assim que eu...

PESQUISADORA F: Que você acha bem legal...

MONITORA E: achava bem legal, abre a cabeça

PESQUISADORA F: é uma análise semiótica, crítica de um contexto de um desenho, de uma arte, que seja, que você não faz no dia a dia, que você assiste normalmente.

MONITORA E: Sim, como quando coloca uma heroína dentro do filme, por exemplo, uma heroína para ela ser sensual, ela tem que estar no salto, ela tem que ter decote,

PESQUISADORA F: curvas...magrinha

MONITORA E: curvas. Se é uma heroína que a pegada dela é mais, eles constroem baseado no estereótipo

PESQUISADORA F: Sim, padrão da Disney. Esse eu não sei se é mas a Disney tem um modelinho. Agora os desenhos estão vindo mais diferentes, com mulheres mais empoderadas, mas sempre é a princesa esperando o príncipe.

MONITORA E: sim

PESQUISADORA F: e agora não, começou aquela Pocahontas e começou a mudar um pouco né

MONITORA E: começou

PESQUISADORA F: e agora tem lá a descabelada

MONITORA E: é uma das últimas né, esqueci o nome. A questão feminina que eu nunca tinha parado para observar e para ter essa visão.

PESQUISADORA F: E você acha que isso interfere na sua formação?

MONITORA E: Eu acredito que sim. Por exemplo, hoje eu acabo fazendo um estudo de observação mesmo quando estou na sala de aula, aí eu sempre lembro daquela música do Legião Urbana, que fala: gente estranha com roupas esquisitas, eu não tô legal, (risos)rs

PESQUISADORA F: Você fica só analisando!

MONITORA E: E aí, eu vejo assim que, tipo assim, os grupos permitem uma discussão de uma coisa que o pessoal que está muito focado só na conclusão do curso, e acabam perdendo muita coisa sabe.

PESQUISADORA F: Não enriquece né, não participa e não vê.

MONITORA E: Não. Uma menina chegou em mim assim: (sussurrou) você tem absorvente?

PESQUISADORA F: Sério

MONITORA E: É, só um absorvente. Então tem algumas construções que eu vejo assim, que talvez seja por conta da idade, mas acredito que se as pessoas se permitissem a participar mais dos grupos que tem, das discussões.

PESQUISADORA F: Isso não seria tão tabu né!

MONITORA E: Não seria tão tabu

PESQUISADORA F: E acho, não sei como é no seu curso, mas não tem tanto espaço para isso né. Para essas discussões, disso.

MONITORA E: Não, e quando tem rola mesmo uma discussão (risos). Até mesmo no grupo assim, eu fico vendo e penso, gente, se coloca como tema, mas não rola. Mas acredito que seja realmente da idade, porque existe uma competição, existe uma cobrança deles, uma cobrança dos pais profissionalmente.

PESQUISADORA F: É, acho que deve ter mesmo. Isso interfere em tudo né?

MONITORA E: Sim

PESQUISADORA F: Aí o foco vira outro, terminar, tirar nota.

MONITORA E: Teve duas meninas que eu conheci no curso e elas saíram do curso porque elas falaram que não se encontraram dentro, com as pessoas. Nem era o curso, eram as pessoas. E aí elas acabaram saindo do curso.

PESQUISADORA F: Vamos falar do M.A.R.I.A. um pouquinho. Pensando no M.A.R.I.A. que mudou totalmente seu foco. Agora é o lúdico, a gente está tentando ainda em alguma forma de colocar o têxtil ali no meio e fazer seu projeto de pesquisa aí. Como está sendo pra você?

MONITORA E: Eu acho assim, que para eu desenvolver um projeto, eu queria participar mais com as crianças, eu queria observar elas.

PESQUISADORA F: E mudou a idade também né, você não lidava com adolescentes né

MONITORA E: Não, eram criancinhas, muito amor. Chegava perto delas e elas grudavam em você. Cada uma pegava uma perna

PESQUISADORA F: Você já teve experiência antes com crianças e adolescentes?

MONITORA E: Não, só com meus sobrinhos

Só com a família só com a família Lá a primeira com crianças em grande Quantidade mas é Muito gostosinho assim era uma hora que a gente sair botada Ah por que suga né mas é maravilhoso É mas era muito gostoso Porque você viu uma confiança e como os adolescentes eu sinto Algo mais difícil que realmente a gente tem que conquistar É realmente aquilo que você colocou na última reunião A gente precisa conquistar mais

E:A confiança deles é a proximidade. É que os pequenininhos dão amor de graça porque eles estão querendo já os maiores Ele já tem receios precauções E aí é mais difícil essa aproximação

MONITORA E: Exatamente e atividade para se retornar mais calorosa, precisa dessa proximidade acho que maior tempo de dedicação Aí eles mesmos

PESQUISADORA F: e essa temática o que mudou totalmente o que você acha? você está meio perdida? Está gostando?

MONITORA E: eu estou gostando, mas estou meio perdida Eu tô me ajustando tô pensando em como eu posso Vindo da parte têxtil propor atividades para Que eu tenha o retorno das crianças

PESQUISADORA F: Mas acho que a última foi super legal Foi uma mistura de química com um pouco de Têxtil

Sim dá para fazer muita coisa, mas exige material assim eu pensei em trabalhar com patchwork Que usa resíduos Têxtil que eu consigo de doação Mas assim tem que pensar na logística E controlar isso e vê se pode utilizar agulha entendeu

PESQUISADORA F: Mas deixa eu te fazer uma pergunta a última que você fez você utilizou as lixas né você me deu a nota?

MONITORA E: Dei

PESQUISADORA F: Deu né (risos). Então eu falei acho que a Monitora E me deu a nota e falei meu Deus do céu eu preciso mostrar essa nota para o Prof. LP. Você lembra o valor?

MONITORA E: Era 20 alguma coisa 20 e alguns centavos

6:11 PESQUISADORA F: Eu vou trazer tá na verdade agora que você falou que deu porque eu falei não ela me deu essa nota. Eu acho que eu vi ela no meio do caderno e achei que era minha. Acho que eu misturei ela na bolsa e devo ter. Mas depois a gente resolve isso. mas assim se você tiver uma ideia qualquer coisa fala comigo antes de descartar mesmo que você acha que não seja possível comprar fala comigo porque eu vejo com ele se é possível porque ele não tem tanta restrição assim, sabe ele é bem aberto para compras, tanto é que eu tinha comentado sobre esse material e ele falou que poderia comprar, ver se tinha no laboratório, e com a correria eu acabei esquecendo de falar o valor sobre isso com você. Mas quando tiver algo assim, traz sim para gente poder ver, e se você acha que é possível ou não fazer algo me diga que eu pergunto para o pessoal de lá do laboratório. Igual sobre o alimento que a gente perguntou e aí antes de você descartar a gente se vê se é possível. agulha eu acho bem, não sei se tem atividade com os pequenininhos para mexer com agulha, você já viu algo assim?

MONITORA E: Não.

PESQUISADORA F: Porque eles são adolescentes e não sei até que ponto eles são responsáveis em mexer com agulha.

MONITORA E: e eles são um pouco grandes né

PESQUISADORA F: grandes, tem que pensar em uma proposta pensando nessa quantidade.

MONITORA E: sim sim. porque assim se fosse algo do tipo vamos juntar 5 pessoas e eu vou explicando e vocês vão junto acompanhando comigo seria mais viável. Na minha última

atividade eu fiquei meio assim de não estar participando tanto, porque eu estava com ferro, então eu não queria largar o ferro lá quente, porque assim eu esperei eles desenhar, quando eu vi que já tinha bastante gente com desenho concluído eu fui desliguei o ferro. E quando estava todo mundo distribuído nas atividades e eu fiquei responsável de ficar com ferro, fiquei do lado do ferro.

PESQUISADORA F: Talvez fosse bom se outra pessoa ficasse com ferro né, para você ver como tudo estava, ficar circulando e tirando dúvidas.

MONITORA E: É que estávamos com a falta de um integrante também né,

PESQUISADORA F: Aí dificultou né

MONITORA E: É, eu fiquei meio assim realmente porque eu acredito que eu fiquei um pouco afastada. No final, depois que o Monitor B explicou a atividade, eu dei uma fala, mas assim, em participar junto com eles e ver mais o desenvolvimento deles eu acho que faltou.

PESQUISADORA F: entendi, mas é bom você colocar isso no seu relatório para a gente tomar dados e pensar e mudanças exatamente nesse sentido. Por isso que é bom aplicação porque a gente tenta, igual hoje na aplicação ao ar Livre, a gente não pensou na chuva e se tivesse ouvido teria miado a aplicação. a gente faz todo um planejamento, mas não sabe o que vai dar certo. Porque tem fatores que acabam interferindo E você tem que ter um segundo plano. No caso a falta de uma pessoa já interferiu no seu envolvimento ali com eles. Quando a gente faz uma reflexão sobre atividade é bom que você pensa melhor, porque pessoas irão ler o seu trabalho e irão querer reproduzir. E aí já tem um detalhamento disso, de pensar em tudo isso e isso é bom. Só com a prática que a gente sabe o que pode melhorar.

MONITORA E: eu vejo que tem muitas possibilidades do que eu possa fazer com eles. Desenvolver produtos com tecido Têxtil, não dá para fazer um monte de coisa, nessa pegada de explicar para eles que tem como aproveitarem coisas que seriam lixo e utilizá-las.

PESQUISADORA F: E que deve ser de fácil acesso por que são produtos para se reutilizar.

MONITORA E: Sim, podemos desenvolver um produto feito de guardanapo, ou trabalho com colcha, ou trabalho com tapete.

PESQUISADORA F: eu iria Querer participar.

MONITORA E: fazer tiaras, tem muita coisa legal, mas são coisas que existem que você...

PESQUISADORA F: mas aí, tenha tempo para correr atrás de tudo isso.

MONITORA E: sim, tem que ser gradual. Apresentar como que é uma costura, e depois você apresentar a construção de um objeto.

PESQUISADORA F: E aí já foge um pouco do que a gente tem né, que são atividades pontuais em pouco tempo.

MONITORA E: Isso, aplicação e resultado.

PESQUISADORA F: não é uma sequência igual que tinha antes, agora são projetos individuais. Pode ser feita uma sequência, pode, mas aí eu não sei. mas aí a gente precisa ter um planejamento prévio com todo mundo, sobre o que a gente pode fazer junto.

PESQUISADORA F: Eu pensei em continuar nessa parte de utilização de estampas porque dá para mostrar para eles pintura em tecido de forma manual mesmo, com utilização de estêncil. Então eu estou pensando em alguma coisa assim, de continuar com essa parte de estampas mesmo.

PESQUISADORA F: entendi, legal. e pensando nas suas características, tendo em vista o foco do grupo, você acha que facilita está nesse grupo que tem esse outro Foco, ou tem características suas que você acha que estão te atrapalhando, que não está dando certo. Por exemplo, imagina que eu sou super tímida e eu não consigo falar com adolescentes, é uma característica minha que não vai contribuir, mas ao mesmo tempo pode ser uma característica que nesse grupo de certo. Você sente alguma coisa assim? Você sente alguma diferença do outro grupo para esse em relação ao foco e as suas características?

MONITORA E: Eu sempre tive muita dificuldade de falar com muita gente, isso é uma coisa que eu melhorei para caramba. Quando é com as criancinhas a gente fica mais à vontade com ela porque elas estão ali querendo uma novidade, com eles você já tem o receio porque eles já vão como conhecimento de certa forma e um julgamento de certa forma também. então isso acaba me deixando um pouco apreensiva sim, mas não que eu tenho medo de ir para uma próxima aplicação. Eu achei legal

PESQUISADORA F: você gostou da aplicação?

MONITORA E: Eu gostei porque eu estava com medo realmente de não conseguir lidar com a turma, mas o Ricardo, muito atencioso, gostei bastante disso aí você já vai se acalmando. mas eu gostei bastante da forma como foi.

PESQUISADORA F: mas você sentiu pressão antes kkk?

MONITORA E: Senti, kkkk

PESQUISADORA F: você acha que eu pressionei?

MONITORA E: Sim, mas faz parte, Você tem uma responsabilidade e você tem que cobrar também.

PESQUISADORA F: mas como você acha que foi essa pressão, pesada ou natural, Porque é para a gente conversar, entendeu! Quero saber a Sua percepção.

MONITORA E: então, eu senti a pressão, mas não senti que foi pesado. Senti que eu estava sendo pressionada, mas não que foi pesado. diferente se você tivesse ficado assim me cutucando.

PESQUISADORA F: Que bom senão aí eu tenho que dar uma melhorada.

MONITORA E: Se você ficasse me cutucando dizendo E aí já fez, E aí Vermelho e aí. mas não, você passou a informação e esperou o retorno. Acredito que se eu não tivesse dado o retorno, você iria ficar me cutucando. Porque às vezes você trava de fazer alguma coisa de tanto a pessoa ficar te cutucando, trava de vez.

PESQUISADORA F: meu marido é assim, sobre pressão o negócio não sai e eu já funciono muito bem sobre pressão. sobre pressão eu já funciona o melhor, porque tem alguém no meu pé então eu me dedico e ele não se pressionar ferrou. Então, quando a gente está no grupo é muito difícil isso porque as pessoas são diferentes, e você pensa será que funciona, será que não funciona!?! alguns textos eu dividi as partes outros e já vamos dividir. Então a gente tem que achar melhor forma para que todo mundo participe e tenha bons resultados, mas, mas nunca vai fórmula porque as pessoas são diferentes. por isso quando eu pergunto é mais para saber mesmo, para eu melhorar, para que o grupo ande, para que todo mundo se sintam bem. porque às vezes a gente faz coisas que não tem ideia do resultado né.

MONITORA E: mas a mudança de grupo eu não achei ruim não, viu, porque isso é uma forma de crescimento, eu acho que foi bom porque te permite conhecer novas pessoas, novos pontos de vista, que uma vez eu coloquei no grupo, que eu vejo muito na minha sala, mas que eu já fui no nocauteada, foi a importância de se permitir conhecer novas pessoas novos pontos de vista, eu acho. você cresce como pessoa no pessoal, no psicológico, vai muito além. O pessoal se fecha muito em grupos determinados para fazer o trabalho, o mesmo grupo faz trabalho, sempre o mesmo grupo vai passeio mesmo grupo vai na festa, sabe, sempre aquelas rodinhas fechadas. Quando você vai para uma empresa, no meu ponto de vista, quando você vai para minha empresa você fica chocada.

PESQUISADORA F: Por que não sabe lidar com o outro, com outros pontos de vista.

16:05 MONITORA E: Você não ter o mesmo ponto de vista não te torna menor ou maior que a outra pessoa, só ponto de vista diferente.

PESQUISADORA F: Esse crescimento.

MONITORA E: Sim,

PESQUISADORA F: E isso é difícil né

MONITORA E: É.

PESQUISADORA F: porque o cômodo é você não sair do lugar muito mais prático. Quando você sai você já dá uma desestruturada. Eu também sou nova no grupo, eu era de outro grupo e aí eu tive que mudar de grupo e é um choque. até você se acostumar, entender a lógica do grupo, aquilo passar será sua identidade, tem todo um percurso aí que a gente...

MONITORA E: eu estava preocupada porque a gente já está em maio, e em agosto ou setembro a gente já tem que entregar né o relatório.

PESQUISADORA F: Então você entrou em agosto do ano passado?

MONITORA E: foi, acabou um PUB e eu já entrei no outro então aí.

PESQUISADORA F: então a Monitora E, é o que eu te falei, não tem importância nenhuma. Você tem entrado em um projeto e finalizar o seu relatório de outra forma. O que você precisa é contar sua trajetória, contar que você começou participando e fazendo algumas coisas mas que você mudou seu foco voltar o que você faz. E aí no caso a gente pode ficar nessa aplicação que você fez para poder fechar o seu relatório e como você mudou de foco, por isso que eu tenho feito essas discussões sobre lúdico porque você tem um outro foco agora, então você tem que referenciar tudo isso. isso é mais para que você tenha esse contexto, para a gente ter bons para você poder fazer relatórios e também pensar nas atividades. Porque aí a gente consegue entender o que é brincadeira, o que é lúdico e quando eu for fazer o relatório e contar que aquilo é uma brincadeira eu vou conseguir explicar. por que que é uma brincadeira, mas aí você já pode relaxar porque se você quiser contar essa trajetória sobre o que você fazia, suas funções, é um trabalho mesmo, quantas vezes por semana, e depois conta porque você mudou de grupo, o que você começou a fazer, só mudança de foco, que você falou, que agora você tem uma atividade, como que ela foi feita e contar os resultados dela. E aí, depois disso a gente pensa em um projeto seu, que é o que a gente tinha conversado antes, de pensar em uma coisa sua. E aí você pode ir pensando para a gente já começar a escrever para próxima inscrição do PUB. Nesse meio tempo você já vai pensando no que é o lúdico, no que é o Maria E aí você já vai construindo seu projeto.

MONITORA E: Hum, o projeto já está com a proposta.

19:13 PESQUISADORA F: Foi bom você entrar no meio porque aí você teve um tempo para já ir conhecendo e escrever uma coisa sua né.

MONITORA E: colocar identidade no meu projeto né?

PESQUISADORA F: Isso, colocar identidade. Eu não sei se você acha isso bom ou ruim, mas é a proposta do Maria, das pessoas terem projetos pessoais. é diferente de outras, tem vários grupos aqui né, tem mas tem grupos que é igual você falou, o EMMA, você fazia coisas que não eram projeto seu, executava. O Maria tinha isso também, aí mudou se o foco, de você ter, ser o protagonista.

PESQUISADORA F: é porque assim, uma coisa que eu até fiquei de conversar com a Mestranda V quando eu voltasse de férias, porque o outro projeto era realmente individual, e no final teve um projeto com introdução todo um processo de produção de pesquisa com referência e tudo mais. E aí minha dúvida era, como que eu irei fazer isso dentro da proposta que está tendo. Qual era o objetivo dela (Pesquisadora F) ver o conceito na verdade da proposta do Maria

MONITORA E: então é como eu te disse, aquele está todo construídinho, então você vai finalizar a partir do que você fez, concluir lá, e contar que você entrou e o novo grupo como mudança de foco, E aí você vai contextualizar também da mesma forma, então eu acho que o seu projeto é como se fosse uma trajetória e não só a busca do resultado da proposta Inicial. Se fosse só a proposta inicial, você iria analisar, então tem lá a coleta de dados resultou nisso. Mas não você irá contextualizar que começou de uma forma, terminou e apresentar os resultados e contextualizar a fase e mostrar os resultados também. Então tem dois aí.

mas só que nesse nesses mesmos moldes da ABNT, com conclusão, introdução, etc. Eu não quero falar que é simples porque não é, mas também não é tão complexo. é para você contar mesmo essa trajetória. Mas se você tiver dúvida pergunta para mim em relação as referências, eu mandei algumas lá e se você precisar que eu te ajude na análise dos dados você vai me perguntando. Então é isso, obrigada tá Monitora E.

ANEXO 6.6 – MONITORA F

Tempo: 18:34min

MONITORA F: Eu estou com vontade de escrever porque eu quero aprender a escrever, porque eu acho que me falta. Tipo, eu não acho que eu não escrevo muito bem. Sei lá, eu tenho um pouco de dificuldade ainda. Aí eu queria aprender uma coisa científica mesmo, sabe, estruturada, bonitinha, com metodologia.

PESQUISADORA F: Então, por que você não pega aqui... Você já tinha dado um monte de ideias de coisas para você... Mas você já terminou o seu? Já fechou aquele relatório lá?

MONITORA F: Já. O relatório eu mandei até para você. Antes do Coordenador U sair que você pediu para gente fazer.

PESQUISADORA F: Não, mas você reaplicou e ia finalizar né? E Terminar agora.

MONITORA F: Não, é que tinha essa última aplicação, mas antes dessa daqui eu já tinha feito as outras duas e essa última não virou.

PESQUISADORA F: Então no final não vai ter? Ele já está finalizado? Resultados, tudo.

MONITORA F: Sim. A introdução eu estava pensando em fazer com a que eu mandei para o projeto.

PESQUISADORA F: A que já estava?

MONITORA F: É

PESQUISADORA F: Mas ele já está terminado, com resultados?

MONITORA F: Sim, os resultados tipo eu já falei, e já te mandei lembra?

PESQUISADORA F: Não, faz muito tempo (risos)

MONITORA F: Quando a gente foi falar da bolsa do PUB você falou para a gente mandar.

PESQUISADORA F: Lembro. E aí eu não falei nada de coisas que precisava fazer?

MONITORA F: Ah, você deu sugestões do que mudar, do que aplicar, que iria ser nessa última aplicação que acabou não acontecendo.

F: É, porque tinha algumas mudanças, né para aplicar novamente.

MONITORA F: Tinha, a mudança do jogo em si.

PESQUISADORA F: Estava muito conceitual, alguma coisa assim?

MONITORA F: É que parece que não pegou, a ideia do conceito.

PESQUISADORA F: É, eu não lembro, faz tanto tempo.

MONITORA F: Mas nesse aí eu escrevi os resultados, tem que escrever a conclusão. Aí eu pensei que na hora dos resultados eu tenho que pautar em referência.

PESQUISADORA F: Não.

MONITORA F: Não precisa? Tudo bem.

PESQUISADORA F: Não. Resultados não. A referência...

MONITORA F: Eu peguei meus resultados e aí a introdução.

PESQUISADORA F: Os resultados, se você for analisar usando alguma referência que você precisa. Porque por exemplo, eu vi que você colocou lá na sua metodologia que você ia analisar as falas dos alunos usando análise do discurso.

MONITORA F: Entendi.

PESQUISADORA F: Aí você vai nos resultados você vai utilizar a referência que você colocou na metodologia.

MONITORA F: Mas eu não coloquei na metodologia. Na metodologia eu só coloquei o jogo, tipo, como ia se dar a brincadeira, qual era o objetivo da brincadeira e ponto. A metodologia está assim já tenho os resultados e só falta escrever a conclusão e a introdução.

PESQUISADORA F: O objetivo era qual?

MONITORA F: O objetivo era a questão da divulgação científica com ênfase nos biomas.

PESQUISADORA F: O que você queria verificar?

MONITORA F: Verificar se eles tinham. Ah esse texto ficou bonitinho. Verificar se ia gerar uma reflexão a respeito dos biomas e dos animais que vivem dentro deles e de certa forma acabou gerando.

PESQUISADORA F: Então, se esse era seu objetivo: Verificar se haveria uma reflexão a partir das atividades, aí você vai pegar as falas deles e ver se isso aconteceu. Você falou que aconteceu.

MONITORA F: Aconteceu, naquele negócio dos guaxinins que eles falaram deles.

PESQUISADORA F: Que está ali próximo da realidade. Aí, o que você pode fazer, você pode pegar essas falas e transcrever nos resultados: percebemos que isso realmente aconteceu.

MONITORA F: Mas eu transcrevi, coloquei o aluno lá falou tal coisa e tal coisa.

PESQUISADORA F: Então é isso daí, fechou. Então eu vou fazer a entrevista e quando eu terminar a gente pensa no projeto para a gente começar a conversar.

MONITORA F: Tudo bem, porque eu quero muito mesmo aprender a escrever mesmo, porque faz cinco anos que estou aqui nessa faculdade (risos), sabe cinco anos, tá certo que eu estou

começando o curso agora, mas faz cinco anos de EACH, é um tempo bom né, quase um doutorado.

PESQUISADORA F: Se acostume, se acostume. Você vai ficar, por que você quer seguir carreira acadêmica não quer?

MONITORA F: Quero.

PESQUISADORA F: Então, se acostume que você vai ficar. (risos)

MONITORA F: Mas é tão triste essa história de seguir carreira acadêmica.

PESQUISADORA F: Por quê? (risos)

MONITORA F: Porque eu acho que é muito triste. Não, porque por exemplo, agora eu estou com as professoras de GPP, porque eu mudei para o curso de GPP e tem um programa de mestrado aqui na EACH. Só não tem doutorado porque o mestrado não tem nota boa.

PESQUISADORA F: Sério. Está ruim assim.

MONITORA F: É, eles abriram um curso de pós-graduação pago, tipo, para os funcionários, para eles conseguirem dinheiro para o mestrado daqui. Mas é tipo alguma coisa a parte que os professores se organizaram para conseguir dinheiro para o mestrado deles, por aí você já vê que a coisa está bem falida. Enfim, aí, o pessoal até se inscreve, normalmente não se inscreve para o tanto de vaga que tem. Aí tem uma galera que não passa porque não tem preparo para passar e aí fica várias vagas ociosas e o mestrado é assim, só que os professores são muito difíceis.

PESQUISADORA F: Entendi, aí quem entra desiste por causa do professor.

MONITORA F: Que nem ela, ela está credenciada no mestrado, mas você não tem abertura. E eu fico pensando na questão do país. Nós estamos em um momento bem difícil e quem tem muita formação não tem emprego, porque é caro, é um profissional muito caro.

PESQUISADORA F: É, eu te contei da minha experiência?

MONITORA F: Não.

PESQUISADORA F: Eu terminei o mestrado toda feliz e falei agora vou dar aula em faculdade. Com o mestrado na mão eu já posso dar aula em faculdade, aí comecei a entregar currículo, pouco, entreguei pouco na verdade. Aí eu fui na Faculdades Anhanguera, sabe. Porque eu estava fazendo um curso lá e na época eu fui pelo estado e aproveitei e falei: deixa eu deixar o currículo, porque eu ia voltar no outro dia. Aí fui na sessão de RH deixar o currículo, aí entreguei meu currículo e a moça olhou para o meu currículo assim: Ah, você tem mestrado! E eu falei: como assim? Tipo, tinha que ser Eh, você tem mestrado (risos). Falei tenho. Ela: nossa, muito bom, na USP né? Eu falei: é. É, mas a gente já tem mestre na universidade.

MONITORA F: Tem um número né que eles contratam porque é muito caro.

PESQUISADORA F: É, eles só colocam o mínimo.

MONITORA F: É, só para dizer que tem mestrado na propaganda da faculdade, mas eles não contratam um número grande.

PESQUISADORA F: Você tem noção de como meu mundo caiu? Porque a gente não tem essa ideia até levar o currículo. Aí ela: se você tivesse pós já estava aqui, mas como você tem mestrado é mais difícil eles te contratarem porque é mais caro para pagar o seu salário do que pagar alguém que tem uma pós. E fora que sabe quanto, vinte e oito reais a hora aula. Vou ficar na prefeitura que eu trabalho que eu recebo quase isso. Então assim, é um estresse danado, porque você vai dar aula em universidade, para adulto, é puxado, é preparação de atividades, conteúdo muito mais puxado que no fundamental para ganhar uma coisa praticamente... é status. E você ainda por cima tem uma formação que você deveria ser chamada por isso, mas não, você é negada.

MONITORA F: É, então. Eu estava até conversando justamente isso com o Gabriel, porque o Coelho, nosso professor até falou que se a gente quisesse usar, como a gente fez muitas iniciações científicas durante a graduação, a gente podia abater no estágio.

PESQUISADORA F: Ah é? No de você porque em LCN não.

MONITORA F: Não fazer o estágio, porque aí a gente teria que mandar um relatório que a gente seria liberado do estágio. Aí eu falei, não faz sentido. Você não vai estagiar, não ter experiência profissional e ninguém vai te contratar. Aí você vai para o mestrado, que seja, aí você vai ficar dois anos no mestrado, querendo ou não você consegue uma bolsa de R\$1.800,00 reais, mas aí você já vai estar com quantos anos, 21, 22, 23, 24. Pense no período ideal.

PESQUISADORA F: Você fala para quem entrou com 18? Uns 22, 23 anos.

MONITORA F: Aí você vai até os 25, 26 anos ganhando R\$ 1.200,00. O que você faz com R\$ 1.200,00?

PESQUISADORA F: Se você quiser ficar só estudando, mas você pode já atuar na sua primeira profissão né

MONITORA F: Pode? Achei que para ter bolsa você não podia trabalhar?

PESQUISADORA F: Par ter bolsa, assim por exemplo, eu tenho bolsa Capes. Eu tenho um limite de horas, então eu não posso trabalhar mais de 20 horas, então eu, só pode na Educação e na Saúde. Então na Educação e na Saúde você pode. Então eu posso por que? Por que minha pesquisa é na educação e da saúde é lá na área da saúde, agora as outras áreas, se quiser bolsa é só bolsa. Aí é uma escolha, uma ou outra.

MONITORA F: Aí você vai estar lá com 24 anos, vai ficar dois anos da sua vida sem ter uma experiência profissional porque você não fez estágio, então é mais difícil de te contratar porque você não tem experiência, você é formada, mas não tem experiência.

PESQUISADORA F: É, mas quem faz um mestrado está querendo uma carreira acadêmica, quem quer uma carreira empresarial faz uma pós, igual meu marido fez, na sua área e vai já para o mercado de trabalho.

MONITORA F: Ah, então eu vou fazer justamente nesse sentido, aí você consegue bolsa de R\$ 1.800,00, é uma escolha que você faz e aí depende dessas condições também e aí você sai do mestrado e piora tudo. Aí agora você é mestre e você custa o dobro do que você custava antes e aí o que te resta, o doutorado que você passa mais quatro anos sem direito trabalhista, sem fundo de garantia, sem nada, ganhando sei lá, dois e pouco. Quanto que é?

PESQUISADORA F: R\$ 2.400,00.

MONITORA F: R\$ 2.400,00 até os seus trinta anos de idade e aí é assim (risos).

PESQUISADORA F: Nossa, que trágico. Então, eu olho de uma outra fora. Você está olhando de uma forma muito pesada. É, uma pessoa que quer seguir carreira acadêmica, ter uma bolsa de estudos é importante para o seu currículo.

MONITORA F: Sério? Eu achei que não tinha diferença.

PESQUISADORA F: É muito importante, tanto é que quando eu entrei no mestrado, eu me formei em 2009 aí em 2010 eu já entrei no mestrado, aí eu já entrei com bolsa porque eu escrevi o projeto antes para poder já entrar com bolsa, então eu peguei bolsa logo no início. E eu passei no concurso da prefeitura de São Paulo em 2009 e em março eu recebi a cartinha falando que eu tinha que ir até lá para escolher as aulas e tal. Aí o Luís Paulo falou que não podia trabalhar e estudar naquela época. Aí ele olhou para mim e falou você vai querer o quê? Você vai querer a bolsa ou vai querer o trabalho? E aí você ter uma bolsa no seu currículo é importantíssimo quando você pensa em área acadêmica porque significa que o seu projeto é bem visto pelas instituições fomentadoras, financeiras que irão pagar para você. Se você não tem uma bolsa ou você não tentou ou você não conseguiu. Então uma pessoa que faz mestrado e doutorado sem uma bolsa ou é porque ela não quis ou não conseguiu, então é importante você ter. Aí eu fiquei pensando, e agora: Eu vou dar aula? Eu não queria dar aula, porque eu saí da licenciatura e fiz o estágio e fiquei meio em choque e não queria dar aula. E eu falei, e agora, eu vou dar aula ou não vou? Mas é um concurso público, e eu vou largar? Aí eu fiquei pensando, mas se eu vou seguir carreira acadêmica que é o que eu quero, porque eu não vou ficar dando aula para os pirralhos, porque eu não queria, entendeu. Depois que eu fiz o estágio, eu não queria. Aí eu

falei, vou pegar a bolsa e vou. Aí eu casei em janeiro e larguei, não peguei. E foi assim, em março que eu tinha que escolher as aulas, entrar para a prefeitura, aí eu não peguei e em abril liberaram para trabalhar e ter bolsa ao mesmo tempo, acredita. Eu quase infartei depois, acabou que eu não peguei o trabalho e peguei a bolsa. Aí peguei a bolsa, só que ela dura dois anos e o seu mestrado não, dura mais tempo. E aí quando terminou a bolsa eu fui para a sala de aula. Aí eu tinha que ir né, porque eu tinha que trabalhar. E aí eu fui, foi um choque bem menor do que eu tinha antes. Foi quando eu gostei e foi quando eu vi que gostava da licenciatura e fui para o Estado e o Estado é terrível. A escola do Estado que eu fui era maravilhosa e eu fiquei quatro anos na mesma escola e eu amei e foi quando eu comecei a querer ser professora, que foi depois disso, depois que eu já estava fazendo o mestrado. Eu estava muito com essa ideia de continuar, continuar e não ter experiência nenhuma e depois lá na frente, ensinar as pessoas a ir para a sala de aula, sabe assim, porque eu não queria ir para a sala de aula. E aí eu peguei e fui para a sala de aula e amei, e gosto, mas agora eu estou na prefeitura de Barueri. Eu passei lá, no concurso de lá, mas senão eu não teria tido essa experiência. Aí eu terminei o mestrado e falei e agora? Evolução salarial é tipo nada com mestrado, deveria ser muito né, mas é tipo nada. Aí eu falei, trabalhar em uma particular, com essas limitações de que uma pessoa quem tem mestrado é mais cara do que uma pessoa que tem pós, era melhor eu continuar. Eu queria seguir, mas eu já estava cansada, porque você vai ver se você seguir carreira acadêmica chega uma hora que você já está cansada, vai cansando de estudar, porque você produz conhecimento. Igual aqui no grupo, você tem que orientar, é um monte de coisa que tem que fazer que vai sobrecarregando e aí eu queria descansar. Aí eu peguei e falei: vou ficar dois anos sem fazer nada, aí eu fiquei dois anos sem fazer nada. Foi quando eu engravidei. Aí eu pensei, agora eu vou engravidar porque senão, né, até eu terminar o doutorado, vou fazer igual a xxx e ter filho vó já. Aí foi quando eu engravidei e depois eu entrei no doutorado e na prova de doutorado eu já estava grávida de seis meses e eles não perceberam porque se tivessem percebido, talvez eles teriam questionado né. E aí eu entrei e abolsa eu peguei só agora, a pouco tempo. O bom da educação é que você consegue pegar os dois, trabalhar. Eu poderia trabalhar em uma particular com uma salário melhor e ter a bolsa, mas é isso aí, esse valor mais o seu salário.

MONITORA F: Você fez mestrado em educação também?

PESQUISADORA F: Fiz mestrado em Ensino de Ciências lá na Física.

MONITORA F: Ai é cruel (risos).

PESQUISADORA F: Si, é cruel. E eu fiz em física, porque lá chama Interunidades o programa. Tem física, biologia e química. Só que o Luís Paulo era da Física e como eu já estava em uma

linha de pesquisa com ele, eu falei, eu vou prestar o mestrado onde ele está. E aí eu não prestei na Educação, eu prestei lá. Acho que ele não estava lá. Aí entrou eu, o X, o Y e o Z, sabe?

MONITORA F: Conheço.

PESQUISADORA F: Aí a gente fez junto na época, acho que o Z fez um pouco antes. Eu sei que eu terminei, terminei primeiro, mas só que eu fiquei dois anos parada e o X já engatou e o Y também, por isso que eles já terminaram. Eu não, eu parei.

MONITORA F: Gente, que não me conformo como o X conseguiu terminar o mestrado porque ele é muito devagar. Eu olho assim para a cara dele e falo: se ele consegue eu consigo.

PESQUISADORA F: É| o jeito dele assim, mas ele é muito inteligente.

MONITORA F: Sim, ele faz umas ligações, umas análises muito bem arrebatadas.

PESQUISADORA F: É que ele tem um jeito muito calmo, sabe, assim, né

MONITORA F: Parece aquelas pessoas que está faltando uma hora para entregar um negócio e ele tem uma hora.

PESQUISADORA F: E ele que me ajudava nas aulas de física porque a física que eu tive aqui era pouca e chega lá...Tipo, aqui você fala de relatividade e lá você vai falar de relatividade ao cubo.

Lá são teorias mesmo, grandes discussões, mas passei, sobrevivi, fiz todas as aulas, mas agora eu não queria mais física no meu diploma, eu queria só ensino de ciências, aí eu prestei na Educação, então eu vou ter um doutorado em Ensino de Ciências, Ciências, Tecnologia e Matemática parece que é a concentração do programa. Então não tem mais essa física porque eu não queria dar aula de física na universidade, não queria continuar lá por isso. Os meninos continuaram, o X, o X não, foi para a Educação, mas o Y e o Z continuaram lá.

MONITORA F: O Y passou uma vez pelo M.A.R.I.A. Acho que eu lembro dele nas reuniões. Acho que queriam que ele ficasse, mas ele acabou não ficando.

PESQUISADORA F: O Y é de quadrinhos, acho que ele foi mais do E.M.M.A.

MONITORA F: Acho que ele chegou no M.A.R.I.A. mais por conta do Coordenador U e do Monitor C.

PESQUISADORA F: O Y terminou a pouco tempo, qualificou e já está prestando concurso.

MONITORA F: Então, você continua na intenção de entrar em uma universidade pública, porque a pública não tem tanto essa questão de que só tem um doutor, só um mestre e é outra coisa, é um ambiente em que você pode fazer pesquisa, você vai se desenvolver muito mais, você tem liberdade para fazer tudo aquilo que você aprendeu. Quando eu vou para a sala de aula em Barueri, eu não uso muito o que eu aprendi, eu não tenho essa oportunidade porque as

peças não veem importância nisso, então eu debato muitas coisas com eles que eles não aproveitam, entendeu. As pessoas não dão valor à educação, então, ainda mais no ensino público oferecido pelo município, pelo Estado. E quando você entra em uma universidade, você tem chances de continuar, fazer uma discussão bem mais legal, estudar mais e mostrar o que você estudou e em outros ambientes não tanto. Mas aí foi meio que por isso. Então assim, a área acadêmica, é uma área que demora muito para você ter retorno, então, por exemplo, se você fizer seu curso e você já entra para o mercado de trabalho, não sei, a perspectiva de salário, mas tem cursos que rapidinho você está ganhando muito bem. Na área acadêmica você demora 10 anos no mínimo para poder terminar, mas a sua perspectiva de ganho é alto, e você ainda vai tentar. Agora nas outras profissões em quatro anos você termina e as vezes já engata em uma e já consegue crescer na empresa, mas são escolhas e quando você entra na licenciatura você meio que já está nisso. Foi uma escolha, mas não sei na sua área se você pretende, aí você tem que ver, se você quer carreira acadêmica, você tem que ver, é isso, é ficar um tempo, é estudar, é produzir conhecimento e isso demanda tempo.

MONITORA F: É, eu quero sim, então, eu tenho muita vontade de fazer mestrado e doutorado, mas em relação a bolsa eu não acho que vou conseguir bolsa, assim, eu nunca tinha, eu tinha pensado na carreira acadêmica como alguma coisa que eu gosto e que eu tenho vontade, mas eu preciso de dinheiro também, eu preciso trabalhar também, então eu tenho pensado na carreira acadêmica junto com o trabalho.

PESQUISADORA F: Mas você já quer sair da casa dos seus pais?

MONITORA F: Eu sim, faz tempo.

PESQUISADORA F: Mas você não saiu ainda né?

MONITORA F: Não.

PESQUISADORA F: Aí, o mestrado, se você conseguir uma bolsa, é R\$ 1.200,00 reais. Dá para você se manter? Se der, tem um monte de gente que se mantém aqui assim. Tem auxílio, aqui é o quê, R\$2,00 o bandeirão. Eu me mantinha super bem porque eu tinha meu marido, então ele está bem no trabalho dele e ele levava as contas da casa, tanto é que quando acabou minha bolsa eu entrei na particular e na pública ao mesmo tempo porque eu queria um carro. Então eu corri, trabalhei um ano na particular foi quando eu meio que dei uma parada no mestrado e ia fazendo algumas coisinhas e corri e trabalhei um ano e foi quando eu comprei meu carro, mas assim, eu tinha alguém que me dava suporte. Eu não tinha que pagar conta, mas se você irá viver sozinha, R\$ 1.200,00 é dinheiro, mas é pouco para alguém viver só e né.

MONITORA F: Sim, é nisso que eu penso, aí eu queria fazer mestrado junto com o trabalho. Fazer o estágio né, que nesse semestre que vem já posso fazer o estágio, fazer o estágio e tentar casar com a iniciação científica para poder fazer um projeto de mestrado, entrar com o mestrado.

Vídeo 2 - Tempo: 05:00

PESQUISADORA F: Então a Bolsa é super importante para você?

MONITORA F: É, então, a bolsa que eu ganho aqui eu faço mercado, porque ela paga as contas, sabe. É uma coisa que ajuda muito. Inclusive eu falei na primeira reunião que se eu não tivesse com a bolsa eu teria que estar trabalhando. Quando eu trabalhava eu ajudava, agora com a bolsa, o mercado é meu, a conta de internet, coisas assim, eu pago.

PESQUISADORA F: Eu lembro que quando eu fiz IC, eu só tinha isso. E aí eu lembro que meu marido, que na época era meu namorado. Porque a gente se casou só depois que eu terminei a faculdade. Ele me dava o cartão alimentação dele. Então eu usava o cartão alimentação para comer, para vir para a faculdade porque eu só tinha a bolsa. Quanto é? R\$400,00?

MONITORA F: Anham

PESQUISADORA F: A bolsa era menos. Sei lá, era trezentos ou duzentos e pouco na época. Então a gente passa por uns perrengues mas depois é sucesso.

MONITORA F: Aí nesse sentido a bolsa é muito boa e eu gosto muito do M.AR.I.A.

PESQUISADORA F: Então calma aí, que a gente vai chegar lá. Tá, então você não está em nenhum outro projeto, só no M.AR.I.A. Como você chegou no M.AR.I.A.?

MONITORA F: Então, foi pelo R.I.T.A. porque eu estava precisando de dinheiro e já tinha se passado um ano. Eu vejo, ela não fala, mas você vê que precisa de ajuda, sabe.

PESQUISADORA F: Que está puxado para uma pessoa né

PESQUISADORA F: Sim. E aí eu queria conseguir as bolsas porque eu não queria ter que trabalhar porque eu moro em Mauá e se eu fosse trabalhar ia ficar uma coisa muito absurda.

PESQUISADORA F: Difícil. Aí sua nota ó (aponta para baixo)

MONITORA F: Como você trabalham oito horas, pega mais duas horas de trem e não dá. Se eu morasse perto e estudasse perto.

PESQUISADORA F: Isso aqui é para quem não trabalha.

MONITORA F: A gente tenta, mas sem trabalhar não dá. Aí eu peguei e falei com a Olga, que era do R.I.T.A. e ela falou que o Prof. LP era uma pessoa legal e que se você gostasse...

PESQUISADORA F: Ela é do quê? Do curso de LCN?

MONITORA F: Isso. Aí ela falou que se você se empenhasse ele te dava bolsa. Aí eu falei: legal. Aí conheci o projeto dele e caí no R.I.T.A.

PESQUISADORA F: Aí você foi atrás dele?

MONITORA F: É, eu mandei mensagem fMonitor Ddo: oi professor, eu gostaria de participar do seu projeto R.I.T.A. porque era o projeto que a Olga participava, que era minha colega. E eu gostei do R.I.T.A.

PESQUISADORA F: Ela era do R.I.T.A.?

MONITORA F: Era. Eu gostei do R.I.T.A. principalmente por causa do doutorando Z. Quando eu crescer, eu quero ser igual a ele (risos).

PESQUISADORA F: Eu também quero.

MONITORA F: Tipo, sério, ele foi muito bom orientador assim, sabe. Aquela pessoa líder que você olha e fala, nossa, cara. Que inspira o grupo.

PESQUISADORA F: E o que você sentia nele?

MONITORA F: No doutorando Z?

PESQUISADORA F: Sim. Por que ele era bom assim?

MONITORA F: Não sei. Ele orientava e dava atenção para gente e ele falava as coisas e ele participava, se colocava a disposição.

PESQUISADORA F: Ele é muito da paz né.

MONITORA F: Ele não era tipo, eu e vocês. Ele falava nós vamos fazer tal coisa. Tanto é que eu pensei, hoje eu não tenho esse perfil. Eu fui na defesa dele e na do doutorando X. Na defesa do doutorando Z ele sempre colocava a gente ali, agradecendo a gente como protagonistas, porque lelé não teria conseguido sem o grupo, sabe. O doutorando X já não, esses são os alunos que participavam do negócio, sabe. Manja, meio que separava.

PESQUISADORA F: Pesquisa mesmo né

MONITORA F: E a minha história foi muito essa coisa, de não sei, ele é leonino né.

PESQUISADORA F: Ah é?

MONITORA F: Não sei. Eu tô chutando. Mas ele tem muito essa cosia de liderança, sabe.

PESQUISADORA F: É nato dele né

MONITORA F: Não é essa coisa do chefe, sabe, que você é subordinada. Ele é a pessoa que inspira os outros e eu gostava muito do doutorando Z. E aí, todo mundo gostava muito dele e o grupo trabalhava muito bem, o R.I.T.A. funcionava muito bem. O M.A.R.I.A. demorou muito para funcionar, pensando nesse sentido.

PESQUISADORA F: Porque ele já conseguia essa unidade, né.

MONITORA F: Sim, e a gente se reconhecia como grupo, enfim. Aí foi pelo R.I.T.A. e eu gostava muito do R.I.T.A. mas eu não tinha essa identificação que eu tenho pelo M.A.R.I.A.

PESQUISADORA F: Você entrou quando lá?

MONITORA F: 2015.

PESQUISADORA F: Primeiro semestre?

MONITORA F: Acho que foi no segundo. Não lembro. Era música de rock, eu gosto de rock mas eu não tenho a base, de ver no rock o que o doutorando Z via. E o M.A.R.I.A. eu caí de paraquedas, porque o Prof. LP me realocou do R.I.T.A. porque por mim eu tinha continuado no R.I.T.A.

PESQUISADORA F: Ele que te mudou?

MONITORA F: Foi, porque ele queria criar o M.A.R.I.A e precisava de bolsistas.

(interrupção externa)

Vídeo 3 - Tempo: 33:12

PESQUISADORA F: Como você chegou no M.A.R.I.A.?

MONITORA F: Foi pelo R.I.T.A, mas aí o Prof. LP me tirou do R.I.T.A. porque ele queria fazer o M.A.R.I.A. e ele precisava de duas bolsistas. Aí ele pegou eu do M.A.R.I.A. e a Maria do R.I.T.A.

PESQUISADORA F: Ah, foi por isso?

MONITORA F: Foi. Porque cada grupo tinha dois bolsistas PIBIDs e aí ele precisava de dois para o M.A.R.I.A. e aí ele pegou eu e a Maria. Me pegou não sei porque, acho que foi: essa menina aí é nova no R.I.T.A., tira ela que é mais recente. Não, mas eu fiquei chateada real. Eu fiquei durante muito tempo.

PESQUISADORA F: Todo mundo sofre.

PESQUISADORA F: Eu pensei nossa, mas por que que ele escolheu eu, por que ele não escolheu qualquer outra pessoa para sair do R.I.T.A.?

PESQUISADORA F: Mas todo mundo passa por isso e todo mundo sofre e depois acaba se adaptando. Eu fui jogada no M.A.R.I.A. Eu fui realmente tirada e foi um choque para mim. Você vem bem mas você vem assim, mas por quê? Tava tão bom, minha pesquisa estava rendendo, mas depois você percebe porque, você vai entendendo e ele tem outra visão né.

MONITORA F: Eu fiquei me questionando durante muito tempo: Nossa, mas será que eu sou tão ruim assim no R.I.T.A.? Será que eu não contribuo no grupo? Eu fiquei me sentindo

perseguida, real. Aí ele não falou nada dos motivos dele e ele esperava que eu fosse trocar. Teve uma reunião que ele falou assim: bom, se vocês querem trocar de grupo o momento é agora e aí ele ficou tipo olhando assim para mim.

PESQUISADORA F: (risos) Ficou esperando você ir de livre e espontânea vontade.

MONITORA F: Aí eu fiquei quieta. Aí ele falou: você não quer trocar? Eu falei, não. Aí ele falou, então ta bom.

PESQUISADORA F: Então eu te troco (risos).

MONITORA F: Já pensou. Mas o M.A.R.I.A. foi diferente do R.I.T.A. na questão da afinidade com o tema. Eu me identifico muito mais com o brincar, com o lúdico do que com a música. Com essa coisa da música que a gente trabalhava com o Z. Então, apesar de todas as dificuldades do M.A.R.I.A. que era muito estresse, eu fiquei muito mais nervosa com as coisas do M.A.R.I.A. do que com as coisas do R.I.T.A. É, no sentido de grupo, de organização, eu ficava muito nervosa com essas coisas que acontecem, eu fico estressada. Mas enfim, eu tive muita afinidade com o tema, com essa coisa do brincar porque é um negócio que está ali desde criança, e é uma coisa que eu acredito que funciona, uma coisa sabe de lúdico que você acredita que muda a vida da pessoa.

PESQUISADORA F: Você acredita na proposta do M.A.R.I.A. né?

MONITORA F: É, que transforma. É diferente do R.I.T.A. que eu gostava, mas não é aquela coisa que toca assim, sabe. Não dá o “feeling” e o M.A.R.I.A. tem esse “feeling”. Eu tentei ir para o D.I.A.N. também certa vez.

PESQUISADORA F: Antes de ir para o M.A.R.I.A.?

MONITORA F: É, eu estava no R.I.T.A., depois fui para o M.A.R.I.A. aí eu ficava as vezes no D.I.A.N. mas não vingou, aí eu fiquei no M.A.R.I.A. mesmo porque foi onde eu mantinha afinidade.

PESQUISADORA F: E quem coordenava na época?

MONITORA F: O X.

PESQUISADORA F: Era sobre o riso né? Gerar riso.

MONITORA F: Isso.

PESQUISADORA F: Quantas pessoas tinham?

MONITORA F: nossa, muito. Era muita gente. A primeira reunião do M.A.R.I.A. efetivamente tinha umas vinte e três pessoas. Era muita gente

PESQUISADORA F: Nossa, tudo voluntário?

MONITORA F: Sim. Só dois bolsistas. Ai que ódio desses voluntários porque eles eram voluntários e estavam no grupo aí chegava no dia e dava preguiça e aí: ai, não vou, não vou, e ninguém ia e ficava só eu e a Maria na aplicação. É, a gente e lascou muito.

PESQUISADORA F: Por isso que vocês se estressavam. E o PUB como foi? Você entrou como voluntária no R.I.T.A. aí você passou a ter bolsa quando? No R.I.T.A. ainda?

MONITORA F: Isso.

PESQUISADORA F: Então você ficou quanto tempo como voluntária?

MONITORA F: Acho que um semestre.

PESQUISADORA F: E no outro você pegou bolsa?

MONITORA F: Foi

PESQUISADORA F: Então deve ter sido o primeiro né, porque em agosto teve o processo aí você deve ter se inscrito.

MONITORA F: Sim, porque foi o Cultura e Extensão aí depois o Prof. LP, por eu ser de LCN me transferiu para PIBID, fez a troca das bolsas, aí eu fiquei com PIBID por um bom tempo, aí ele me tirou do PIBID e me colocou no PUB e aí estou aí no PUB.

PESQUISADORA F: Isso foi 2015 quando você entrou no R.I.T.A. né?

MONITORA F: É.

PESQUISADORA F: E essa bolsa, o que ela significa para você?

MONITORA F: Como assim?

PESQUISADORA F: Ela é algo a mais, ela é importantíssimo? Como que é? Quando você entrou, logo você pediu porque você só podia ficar se tivesse a bolsa ou só?

MONITORA F: No caso eu só poderia ficar se tivesse a bolsa porque é igual eu estava fMonitor Ddo da questão de casa, porque eu trabalhava e ajudava e saí do emprego por conta da faculdade e apesar da minha mãe nunca me cobrar assim e falar: vai trabalhar porque eu preciso de ajuda. Nunca teve isso, mas você vê que tem a necessidade de ajuda, não precisa pedir, você está vendo que precisa. E eu ia ter que trabalhar, aí eu fui procurar um jeito de ficar na faculdade, aí eu encontrei a Olga que por meio dela eu conheci o R.I.T.A. e acabei chegando no M.A.R.I.A. e se eu não tivesse a bolsa eu não teria ficado, eu teria ido trabalhar. E eu acho que teria sido totalmente diferente. Eu acho que eu não estaria em GPP, acho que eu nem estaria mais na EACH.

PESQUISADORA F: Não dá nem para imaginar né.

MONITORA F: Não, assim, eu consigo.

PESQUISADORA F: Mudaria totalmente a sua rotina.

MONITORA F: Sim, porque na quela época eu queria ir para Biologia então muito provavelmente eu teria parado de vir para a EACH porque era um curso que eu não estava gostando. Já era uma coisa que eu não me identificava, que eu não estava gostando, que eu estava mal e eu já estaria trabalhando, então eu teria renda, provavelmente eu ia estudar em casa, ia fazer um cursinho e ir para Biologia e eu teria largado a Biologia.

PESQUISADORA F: Teria largado?

MONITORA F: Teria largado. Eu tenho certeza por conta das aulas lá no segundo, terceiro ano, começa a ter as disciplinas de Biologia aqui e você começa a ver que a Biologia não é o O Jubilô te ensinam na internet, no youtube. (risos) E aí quando eu tive a aula de zoologia eu fiquei: gente eu não quero isso para a minha vida, eu abria os bichos e começava a chorar em cima dos bichos. Sério, escorria lágrimas. Tipo, cara o bicho está morto só para gente abrir ele, que coisa horrível, como é que vocês fazem isso? (risos)

PESQUISADORA F: Você tem uma propensão grande para ser vegana.

MONITORA F: Tenho, pior que eu tenho. Em casa eu evito comer carne.

PESQUISADORA F: E você sofre. Só não decidiu ainda.

MONITORA F: É o que você estava fMonitor Ddo. Tipo, eu cozinho e a minha mãe come carne e ela não vai parar de comer carne porque ela gosta de comer carne, ela não tem essa mesma coisa de tipo, e eu fico muito triste. E eu fiquei pensando, nossa, ainda bem que eu não fui para Biologia, porque eu cheguei a pagar a prova de transferência externa para tentar ir para o IB e eu não fui fazer a prova porque logo antes da prova eu tive essa aula de zoologia.

PESQUISADORA F: Ah, e você já se ligou.

MONITORA F: E aí eu já vi os bichinhos ali e eu já comecei a me sentir muito mal em relação a isso e aí nem cheguei a fazer a prova de transferência, mas foi um momento bem difícil em que o meu mundo caiu. Porque eu tinha tudo muito fixo na minha cabeça, porque meu plano era, com 17 anos de idade. Expectativa versus realidade. Vou me formar em LCN, vou ter um salário e poder me bancar no Butantã, e aí eu vou fazer Biologia e fazer mestrado em Zoologia. Eu queria Zoologia

PESQUISADORA F: Ainda com animais.

MONITORA F: Exatamente. Ai eu faço mestrado em Zoologia. Doutorado em Zoologia ou alguma coisa em Ecologia, mas eu não quero Ecologia porque (inaudível). Esse é o meu critério, meu plano, expectativa aos 17 anos. (risos)

PESQUISADORA F: Aí, primeira aula de Zoologia, acabou.

MONITORA F: Sim, mas caiu literalmente porque se não fosse LCN, seria Biologia e eu estava certa disso.

PESQUISADORA F: Ta vendo, foi importante para você se definir.

MONITORA F: Foi, porque já pensou, eu ia largar Biologia também e vou largando e não é legal.

PESQUISADORA F: E você se achou, você gosta muito do curso.

MONITORA F: Gosto mesmo de GPP.

E você acha que está no grupo certo?

MONITORA F: Do M.A.R.I.A.? Ah sim, eu gosto muito, sabe aquela coisa do “feeling”. É uma coisa do acreditar, que você vê que aquilo transforma e que pode ser uma ferramenta transformadora. E se a gente tivesse um pouco mais de sensibilidade em relação ao lúdico. Se ele não fosse tão considerado da infância, se não fosse tão infantilizado, as coisas poderiam ser diferentes, as percepções, a empatia poderia ser diferente de um para com o outro. A formação do ser humano como humano eu acho muito importante. Mas eu acho que eu também seria uma boa aquisição para o D.I.A.N. (risos) Mas eu não sei não, eu acho que eu ia ficar muito deprimida.

PESQUISADORA F: e você acha que o grupo, o R.I.T.A. como o M.A.R.I.A. influencia na sua formação de alguma forma?

MONITORA F: Influencia bastante porque o R.I.T.A., eu comecei a ouvir muito mais David eu comecei a gostar dessas músicas que eu não conhecia. Eu vim conhecer com o Z, com o R.I.T.A., (citou alguns nomes de bandas ou cantores de rock) enfim, essa galera aí que eu não conhecia, a galera não é da minha geração, então tipo, eu comecei a escutar essas músicas, e eu escuto, eu limpo a casa ouvindo de boa, nesse sentido mudou a minha percepção em relação à música, porque antes eu era uma coisa mais, ainda é, só para entretenimento mas com a vida acadêmica, procurar divulgação científica em trecho de música eu não faço. Eu tenho um olhar um pouco, não sei se é por conta do, já da minha vida social, um pouco mais enraizada, do que a questão de ciência em mim, eu consigo ouvir música e pensar o que ela socialmente significa.

PESQUISADORA F: Unhum, fazer uma análise né. Não escuta por escutar.

MONITORA F: Isso, Exatamente. Já o rock pensado em uma questão para ciência como o Z fazia, não, não vingou, não para mim.

PESQUISADORA F: E o M.A.R.I.A., você acha que de alguma forma influenciou na sua formação?

MONITORA F: Ah sim, eu acho que pesquisar, principalmente porque a gente precisa de ideias e querendo ou não no R.I.T.A. a gente não pesquisava, a gente trazia o que o Z pedia para a gente trazer. Essa questão de pesquisa, de você ter um problema e ter que resolver esse problema, e de você ter que ter uma proposta dessa coisa da criatividade que as vezes a gente tem que estar ali em algumas coisas, e fazer acontecer. Aprendi mais tipo, fortemente com o M.A.R.I.A. a questão até de escrever porque o primeiro projeto que eu escrevi foi para o M.A.R.I.A. Eu nunca escrevi nada para o R.I.T.A.

PESQUISADORA F: Unhum, foi no ano passado né? Aquele que eu li

MONITORA F: Não, teve outro. Teve um com os PIBIDs, que eu escrevi junto com os PIBIDs, aí teve um PUB e outro PUB. A questão de escrever, eu também nunca escrevi nada com o R.I.T.A., tipo eu só escrevi com o M.A.R.I.A., apesar de não ser aquela coisa, de ser uma coisa, não séria, mas uma coisa mais não sei se é estruturada.

PESQUISADORA F: Organizada?

MONITORA F: Acho que talvez seja isso, com mais cara de acadêmica, sabe.

PESQUISADORA F: Entendi.

MONITORA F: Porque o que eu costumo fazer são os relatórios né. Relatório é uma coisa mais...

PESQUISADORA F: Então, isso é uma coisa que a gente tem que melhorar porque já era para ter essa percepção de que é. Acho que as pessoas não estão tendo, do jeito que você não está tendo, de que não é ainda.

Esses dias eu estava conversando com a Monitora D e com a Monitora A, com o Monitor C. O Monitor C ele já sabe escrever bem, mas é porque ele já tem uma graduação, ele é formado em Designer, então meio que ele já traz essa carga da outra graduação dele para o grupo. Mas o Monitor C escreve e desenvolve bem, agora a gente não, primeira graduação.

PESQUISADORA F: Talvez fosse interessante a gente fazer uma discussão sobre os tópicos, o que escrever em cada um. Pegar as normas e discutir porque assim, eu não sei se essa ideia. Sabe o que eu acho que é isso aí, herança. A herança dos outros projetos era no final entregar só um relatório.

MONITORA F: É, a gente sempre fiz isso. O que eu sempre falo também é de saber olhar para aquilo, por exemplo, a criança falou uma coisa que eu achei interessante, e aí olhar para aquilo e saber analisar aquilo e referenciar aquilo e ter uma base para entender o que está acontecendo, sabe. Conseguir vincular a teoria dentro de uma prática. Por isso quando você falou da proposta

do artigo, eu falei, seria interessante ler Baktin porque ele faz análise do discurso e é uma coisa bem mais profunda e mais difícil, mais completa.

PESQUISADORA F: Então Gi, você só vai fazer isso quando você tiver várias leituras e isso extrapola do projeto. Então assim, eu estou pesquisando pessoas, então eu vou ler aquilo que eu acho que pode ser interessante para a pesquisa. Porque eu e o Luís Paulo por exemplo, eu estou pesquisando pessoas. Ele não me fala como eu vou analisar isso. Pesquisadora F procura, Pesquisadora F o que você acha que é interessante. Ele me dá sugestões, mas é muito fora do que a gente quer que seria: essa pessoa faz isso, sabe assim. Então assim, isso não existe mesmo. Não sinta que você está tendo ausência disso porque não é. É porque não tem e todo mundo erra.

MONITORA F: Entendi, e eu me sinto até mal, porque é tipo culpa minha, porque eu sou muito burra, eu deveria estar lendo mais, deveria saber ver isso.

PESQUISADORA F: E não, sabe como a gente chega nisso? Eu falo por mim. Você lê os trabalhos que fazem mais ou menos o que você faz e vê como a pessoa analisou e vê se aquilo cabe para você. Se couber você vai atrás da referência e utiliza aquela forma de analisar. No mestrado eu fiz análise do discurso dentro do livro. Então eu usei duas formas de analisar, a semiótica e a análise do discurso de Baktin, que eu usei muito Maingueneau porque tem várias pessoas que falam sobre análise do discurso. Mas para chegar nisso o Luís Paulo fez diversas aulas sobre alguns assuntos e outras não, tipo lê, pesquisa, acha o que você acha interessante. Então, por exemplo aqui no grupo eu estou tentando fazer na prática aquilo do texto, o primeiro texto que eu trouxe sobre pedagogia participativa. Era um texto que todo mundo tinha voz, todo mundo falava. Era uma proposta de uma pesquisa em que todos falam, todos participam e eu fico o tempo todo (pega o diário de bordo) coloquem aqui o que vocês querem, de sugestão.

MONITORA F: Eu acho que rolou um mal estar no grupo.

PESQUISADORA F: Ah é, calma aí e você me fala. Coloquem o que vocês querem de sugestões, de críticas e falem e aquela reunião em que a Monitora A ficou super irritada e falou, aquilo foi ótimo, porque você percebe que..

MONITORA F: Foi, a Monitora A nunca se colocou.

PESQUISADORA F: Sim, e você era a única que se colocava. E quando acontece isso você percebe que esse ambiente foi criado porque a pessoa se sentiu a vontade e isso é uma proposta que eu li em uma disciplina que eu fiz e que o Luís Paulo não me falou como eu deveria organizar isso. Ele não me falou, foi assim, Pesquisadora F vai lá e vê.

Então você tem que fazer leituras, quando eu te falo assim, para você ter calma no que você vai escrever como projeto, vai lendo sobre. Lembra que eu te mandei artigos de empoderamento.

MONITORA F: Anhan.

PESQUISADORA F: Então quando você lê sobre isso, você começa a achar ideias do que pesquisar. Ah, lê sobre Baktin, que você teve curiosidade. Você vai lendo e já tem uma forma de analisar, dependendo. Então é assim que você vai construindo, você não vai achar em mim alguém que vai te falar sempre, ou no Luís, por que você já percebeu né. Alguém que vai falar assim, é isso, porque a pesquisa é sua. E eu acho legal a pedagogia em participação e o Luís acha que é a pesquisa-ação e o outro acha que não sei o quê. Então você vai ter o seu olhar sobre o que é legal para o seu projeto. Entendeu?

MONITORA F: Entendi.

PESQUISADORA F: Então você tem que se acalmar nesse sentido e falar: calma aí, o que eu quero fazer?

MONITORA F: É, eu me desespero (risos)

PESQUISADORA F: É, eu sinto isso. O quê que eu acho e eu fico o tempo todo tentando te dar uma ideia de pesquisa, mas você precisa primeiro achar o que você quer fazer dentro do grupo. Porque para mim está claro. Você agora é coordenadora, você vai analisar pessoas, você vai contribuir nessa posição de coordenadora, então a sua pesquisa poderia ser nesse sentido, por isso que eu falei de empoderamento, de analisar pessoas, inclusive o Luís até comentou isso comigo, que você não foi, que não era da minha pesquisa, mas que seria interessante para você. (leitura de anotações) Geovana, um artigo sobre a mudança de perspectiva do grupo, proximidade de trazer para a USP um espaço de todos. Lembra que eu comecei a comentar sobre a gente fazer uma proximidade com os alunos porque vocês falaram que eles não davam muita bola, tal, e aí vocês começaram a falar que eles começaram a ficar mais próximos. Então isso aqui é uma forma de fazer um artigo. O quanto as pessoas aqui do grupo perceberam essa necessidade e as mudanças que geraram. E como eu posso analisar isso. Ah, a Monitora D se sentiu obrigada a falar que o que aquela mulher falou estava errado porque ela se sente próxima deles agora. Então essas coisinhas são resultados, e é uma forma de escrever um artigo por exemplo, que não dá para eu fazer porque estou com outro tópico. E a outra parte que foi, foi sobre o quanto trazer pessoas para atividades na USP traz mudanças na vida dos graduandos. Então, essa importância que a gente está discutindo, a pessoa realmente vê isso e por isso que ela quer propor. Então na hora que a gente está fazendo uma reunião aqui você faz questionamentos.

MONITORA F: É, no caso da Monitora D, que ela mesmo falou assim: eu acho que seria legal a gente trazer eles e mostrar para eles verem o que é e como eles podem estar aqui dentro. Foi uma coisa que ela.

PESQUISADORA F: Ela está vendo essa importância. Então essa fala. Essas gravações que eu faço por exemplo, servem também para você, se você tem um objetivo como esse. E você como coordenadora, é isso que você precisa ter no olhar. Você quer trabalhar o lúdico, mas dentro do grupo de lúdico, que olhar eu tenho. Então essas coisas são importantíssimas, e é projeto, é artigo, são coisas que você pode produzir antes de ter que escrever o projeto mesmo. Porque você está se pegando muito em ter que escrever um projeto, só que você pode publicar muita coisa sem escrever projeto. Você pode fazer uma análise pontual. Tem duas análises aqui que dá para você fazer e coletar dados esse semestre e analisar e discutir e propor coisas nas reuniões que você vai tirar dados. Então é nisso que você tem que focar, não em escrever um projeto, mas em pensar em que problema você quer analisar e começar a escrever. Eu vou te ajudando, a gente vá analisando. Então eu estou fMonitor Ddo sobre empoderamento agora no meu trabalho e isso tem a ver com, e a gente discutir. Aqueles textos que eu te mandei eu estou escrevendo agora. São sobre saúde, mas tem tudo a ver e é mais nesse sentido, entendeu, para te acalmar. Porque não tem, é difícil você achar alguém que vai falar, vai lá, agora você lê isso. Porque aí não é sua pesquisa e sim a pesquisa do seu orientador. E você tem que ter esse protagonismo.

MONITORA F: As vezes eu me desespero um pouco, porque, sabe algo que você quer muito, mas você não sabe o que fazer.

PESQUISADORA F: Anhan, todo mundo sente isso.

MONITORA F: E aí eu acabo me desesperando um pouquinho.

PESQUISADORA F: Mas você conseguiu captar isso de você agora tentar pensar. (mexe no caderno de anotações). Não sei se você gostou dessas ideias.

MONITORA F: Gostei, a segunda eu já tinha pensado a respeito dela. É uma coisa que passou pela minha cabeça.

PESQUISADORA F: E aí quando você pensa nisso, sobre as mudanças na percepção do graduando. O que eu vou ler para me ajudar nisso? Participação em grupo, empoderamento, como analisar as falas deles, o que eu vou perguntar nas reuniões para suscitar, para que eles falem essas coisas, entendeu. Porque assim, é sempre acerto e erro. Porque você falou que o livrinho levantou alguns questionamentos, mas você joga, será que vai dar certo? Pode ser que sim e pode ser que não.

MONITORA F: Ele gerou um mal estar.

PESQUISADORA F: Então depende da situação. Mas essas coisas de mal estar ao mesmo tempo são necessárias. Então quando você fala para mim assim: eu acho que deveria ter mais cara de projeto. Isso é deixar o grupo menos de acordo como que você propunha, de deixar mais dinâmico, de conversa, algo mais impessoal para algo mais pessoal. Então agora a gente vai discutir objetivos. E quando você consegue chegar em um ambiente que está mais dinâmico, você pode fazer tudo isso, dá para fazer tudo isso e não perder a cara de pesquisa. É isso que eu estava tentando, mas eu percebo que isso não é nem por causa do jeito que a gente estava levando as reuniões. Acho que é cultural, de que o projeto não tem essas obrigações no final, porque lembra, era um relatóriozinho simples, o pessoal não tinha que se preocupar. Então quando eu perdi para eles trazerem, e não trouxeram, os que estavam aqui e os outros provavelmente não fizeram, essa cobrança mais imperativa foi para ó, tem que fazer, com introdução, objetivos, papapá senão não dá tempo. E quando você faz isso que é um saco, mas é necessário, você está organizando seu espaço de pesquisa, que não é só ir lá e pronto e acabou. Por isso que essas coisas tem que acontecer. E aí tira um pouco dessa ideia de que não tem tanto cara de pesquisa, mas tem, tem mas não tem. E esse negócio da atividade, lembra quando a Monitora A, acho que foi a Monitora A que reclamou, que estava pressionando, e aí, quem está aí, mas, por exemplo, conversando não só com você, mas com outras pessoas principalmente, que eu conversei nessas reuniões, eu percebi que as pessoas estão percebendo que as coisas estão sendo feitas de qualquer jeito. Eu estou o tempo todo perguntando e deixando a reunião exatamente para que as coisas saiam bem feitas e não está acontecendo.

MONITORA F: Isso que eu ia falar para você. Exatamente isso, e eu estou sentindo isso e isso é diferente e não foi assim semestre passado e nem no outro semestre. Eu não sei se foi essa mudança do grupo, que entrou o Monitor D, a Monitora D e a Monitora E e saiu a Natália e o Felipe.

PESQUISADORA F: Eu acho que foi a cobrança, a falta de cobrança. Por isso que eu pedi para você olhar os relatórios e ver se estava tudo ok senão o pessoal tinha que fazer. Lembra no semestre passado que eu peguei a ata e comecei a falar o que estava certo e errado e as pessoas percebem que elas têm que fazer direito quando alguém está ledor e eu não estou lendo porque aquilo para mim não tem uma importância. Ela tem importância para você, para o Monitor C, e tinha importância para o Luís, porque a pesquisa dele era com base no que vocês aplicavam, mas mesmo assim eu peguei.

MONITORA F: A gente não levava o Luís a sério (risos) nem era por mal, mas acho que não dava, aquela. Eu gostava muito dele, a gente se ajudava bastante, mas no sentido acadêmico, de feedback não.

PESQUISADORA F: Então, e aí eu peguei por isso, para voltar esse ritmo de organização, de escrita e esse semestre eu não peguei porque os três são do semestre passado e os outros três são novos e acabei não pegando. É por isso também que essa proximidade e resposta que você falou é diferente da tua. Você tem uma proximidade maior com eles e o fato de eu ficar dando ordens acaba me colocando em uma posição diferente. Só que é a posição que você tem que ter e ao mesmo tempo essa proximidade que é meio que o que você tanto acha legal no Z.

MONITORA F: É, eu tento trazer a questão do Z. Sempre que eu vou falar alguma coisa com eles eu tento colocar como nós iremos dizer, são coisas que eu penso antes de falar por conta do Z.

PESQUISADORA F: E eu também tento, mas acho que as pessoas tem formas diferentes. Eu tento ser assim mais maleável, mas ao mesmo tempo eu tenho que ser quem cobra.

MONITORA F: Mas o Coordenador U ele não tinha essa questão da proximidade. Um dia eu estava conversando com a Monitora A, a gente estava saindo da EACH e, a gente gostava dele, o Coordenador U é legal, mas ele também ia falar dos namorados, ele também ia beber no bar com a gente, é de boa.

PESQUISADORA F: E eu já não tenho isso porque eu já saiu correndo, já tenho filho, é uma outra rotina.

MONITORA F: Ah sim, com certeza.

PESQUISADORA F: Mas não significa que eu não poderia ter, mas o meu jeito, eu tento, mas não sei.

MONITORA F: Mas é uma questão de jeito. No seu primeiro dia no M.A.R.I.A. eu não gostei de você. (risos) É sério, eu não gostei mesmo.

PESQUISADORA F: Você falou (risos).

MONITORA F: Eu falei. Por conta da mesa. Como você é uma pessoa nova eu não sabia que você era uma aluna do Prof. LP fazia tempo, para mim você era uma pessoa nova. E a gente está no grupo desde sempre e aí eu falei: Ah, oi, qual seu nome? E você falou: Entrevistadora. E a gente: o que você faz? E você falou: o que você faz? E aí eu tipo, o quê? Ela não vai me responder o que ela faz.

PESQUISADORA F: Foi, foi mais ou menos assim (risos). Eu acho que eu lembro, que é porque eu não queria contar porque eu ia pesquisar vocês.

MONITORA F: Você falou assim: eu vou perguntar para vocês o que vocês fazem e depois eu falo o que eu faço. Aí eu fiquei tipo assim: mas eu perguntei agora o que você faz.

PESQUISADORA F: Chata (risos)

MONITORA F: aí eu fiquei tipo assim, mas eu perguntei agora o que você faz.

PESQUISADORA F: Ai monitora F, e você não gosta (risos).

MONITORA F: Nãooooo, tipo, eu perguntei agora o que você faz. Como assim você não vai me responder? Você vai fazer eu falar primeiro, tipo o quê?

PESQUISADORA F: Eu lembro disso, agora que você falou eu lembrei.

MONITORA F: Aí eu fiquei um pouco incomodada nesse sentido.

PESQUISADORA F: Depois melhorou ou não?

MONITORA F: Melhorou (risos) depois melhora.

PESQUISADORA F: Mas é complicado. São perfis né.

MONITORA F: Mas é que nem a W. O coordenador U queria morrer com a W.

PESQUISADORA F: Ele não suportava ela, meu Deus do céu.

MONITORA F: As vezes a gente também queria morrer com a W porque ela chega do nada e já começa colocar um monte de coisa e não é assim. Você tem que criar seu espaço dentro do grupo e ela não deu tempo para criar o espaço dela aqui no grupo. Ela queria tomar o espaço.

PESQUISADORA F: É, ela foi bem impositiva pelo que ele conta.

MONITORA F: É, e ela queria tomar o espaço e isso me incomodava, incomodava ele principalmente porque eles disputavam o mesmo espaço. Eles não disputavam espaço comigo, mas...

PESQUISADORA F: Eu acho que eu não disputei espaço com o Coordenador U, acho que foi bem legal, a gente foi. Tanto é que muitas vezes eu...

MONITORA F: A V também, ela disputava espaço comigo. No começo eu tive muito atrito com a V, agora eu adoro a V, mas quando ela entrou no M.A.R.I.A. essa questão da disputa do espaço, eu fiquei incomodada com ela e ela também ficou incomodada comigo. E eram as duas ali o tempo inteiro (risos).

PESQUISADORA F: Entendi. É muito complexo né, esse negócio de liderança agora você vai ver. Agora você é líder, então você vai ver como que é, é muito complexo porque ao mesmo tempo que você está querendo ser a pessoa que está ali próxima deles, você também tem que ter uma postura mais rígida. Então você tem que cobrar, estar ali e isso é muito chato, mas necessário. E é difícil para você manter esse ambiente tão agradável, é possível, mas tem que ter um jogo de cintura que nem todo mundo tem.

MONITORA F: É o Z, a gente precisa ter umas aulas com o Z.

PESQUISADORA F: Mas isso é o natural dele.

PESQUISADORA F: Sim, e a gente só fazia as coisas porque a gente gostava do Z e com quem a gente se identificava dentro do grupo. Era uma coisa muito fluida, assim, não tinha. Não sei se ele já teve esses problemas.

PESQUISADORA F: Mas são perfis Gi, e você não precisa se preocupar se seu perfil for esse se seu perfil for bom para o grupo. Se está bom, a gente se espelha, a gente quer né, mas se o perfil está bom para o grupo, beleza, se não, a gente tem que mudar mesmo. Mas as pessoas são diferentes né, e é isso que é legal, que faz o grupo crescer. Nem sei por que chegamos nisso? Acho que estávamos falando do projeto, mas tenta pensar mais nisso de tentar escrever um artigo, mais sobre, de pensar em coisas para fazer aqui nas reuniões para você ter esse retorno, então isso é legal. E aí a outra pergunta é: Características pessoais que você acha que te ajudam e que te atrapalham no grupo.

MONITORA F: Eu acho que o que me ajuda muito é que sou criativa, eu consigo achar soluções rápidas para problemas imediatos. Igual o negócio da bolacha que eu fiz isso porque acabou o granulado (risos).

PESQUISADORA F: E ficou top (risos).

MONITORA F: A minha mãe me viu triturando a bolacha e falou o que você está fazendo e eu falei: acabou o granulado e eu estou usando bolacha. Ela falou, nossa eu nunca ia pensar em fazer isso.

PESQUISADORA F: Nem eu.

MONITORA F: Tipo, olhar para a bolacha e ver que aquilo pode servir para ser... enfim. Eu acho que nesse sentido de ser criativa, de ter uma questão ali imediata para ser resolvida e me ajuda no grupo. Ajudava bastante nas aplicações, as coisas terem que mudar e na hora eu conseguia contornar a situação de um jeito que não se perdesse. Ahn, ultimamente eu estou muito insegura, eu não sei o que se passa. Eu sempre fui um tanto insegura, mas parece que eu estou muito mais do que antes e isso está atrapalhando. Porque as vezes eu quero falar alguma coisa e acabo não falando porque eu acho que vou falar besteira ou eu vejo que tem uma necessidade e eu acabo não suprimindo a necessidade porque eu não sei se eu posso. Hoje por exemplo, o Prof. LP mandou no grupo se alguém poderia ir no evento. Aí eu fiquei pensando, ah hoje eu iria no evento, mas aí eu fiquei pensando. Mas eu não vou falar né, as vezes ele quer que outra pessoa vá e não eu.

PESQUISADORA F: Não, você está no grupo, então você faz parte e tem a mesma... É isso que você tem que incorporar, agora você é coordenadora entendeu?

MONITORA F: Aí eu fiquei pensando, mas tipo não faz sentido, a Pesquisadora F trabalha, a Amanda trabalha, a mestranda T trabalha e Taís trabalha e a maioria do grupo trabalha e como é que eles irão sair de casa, de tarde, para vir em um evento na EACH? Eu tenho mais tempo porque eu já estou aqui e eu já ia ir no evento de qualquer forma.